

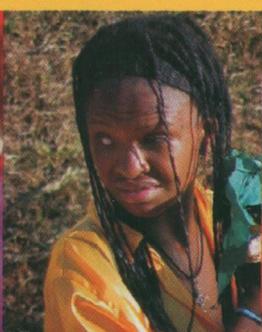


ANUÁRIO DO

39º Festival do Folclore



9 a 17 de agosto



Olímpia mostra a cara do Brasil!



Colaboração:



Bradesco

www.olimpia.sp.gov.br

2003
ANO DO CENTENÁRIO
DE OLÍMPIA / SP



O CENTENÁRIO DA CAPITAL DO FOLCLORE

"Cidade Menina Moça", "Noiva Sertaneja", e atualmente "Capital do Folclore" graças à consagração de seus festivais de folclore, Olímpia comemora neste ano seu centenário.

Trata-se de uma efeméride que há de ser amplamente festejada pelos olímpenses, numa confraternização digna dos mais esufziantes aplausos. Há de ser uma comemoração levada a efeito com toda a força interior daqueles que amam a terra que habitam.

Parece incrível, mas cem anos já se passaram desde o sucesso das instâncias do engenheiro escocês John Robert Reid junto aos condôminos do "Sertão dos Olhos D'água" _ as terras que viriam a ser denominadas olímpenses _ na ocasião em que havia sido convidado para demarcá-las, em 1897. Reid os convenceu então sobre a possibilidade de ali se fundar um povoado que prosperaria rapidamente.

Seu nome deriva de "Maria Olímpia", filha de um importante político da região e afilhada do engenheiro Reid, a quem este quis homenagear.

Merecem ser lembrados os nomes que constam da escritura pública lavrada em 2 de março de 1903, na cidade de Barretos/SP, nomes que fazem parte da história de Olímpia, nomes dos doadores das terras das quais hoje sentimos jubiloso orgulho. São estes: João Francisco dos Reis e sua mulher Inácia Eva de Jesus, Miguel Antônio dos Reis e sua mulher Carolina Luísa de Jesus, Mariana Francisca do Carmo, Mariana Inácia de Jesus, Francisco Miguel dos Santos, Antônio Miguel dos Santos, João Antônio dos Santos, João Inácio de Sousa e sua mulher Francisca Flausina de Jesus, João Bonifácio da Freiria, Jerônimo Bonifácio dos Santos, Davi Osório dos Santos, Gabriel Garcia dos Santos, Jerônimo Antonio dos Santos e sua mulher Isabel Maria de Jesus, Miguel Viríssimo dos Santos, Marcolina Frausina da Freiria, Antonio Felisberto dos Santos, Joaquim Miguel dos Santos e sua mulher Querubina Maria de Jesus, Inês Rita de Jesus e Maria Generosa de Jesus.

Muitos de seus descendentes conosco ainda convivem.

Com efeito, Olímpia foi privilegiada, desde seus primórdios. Inicialmente, pelos mencionados doadores, e, no decorrer de sua história, pelo heróico esforço de seus desbravadores e pela plêiade de seres humanos íntegros e valorosos que se lhes seguiram.

São 100 anos de uma trajetória que, a despeito dos percalços e das adversidades que inevitavelmente se nos deparam, foi sempre auspiciosa e ascensional, marcada por inúmeros e felizes êxitos, e que, por isso, ostenta, para os tempos vindouros perspectivas ainda mais otimistas.

O Município de Olímpia foi se revelando muito superior às mais promissoras expectativas e impressões do eng. Robert John Reid, que, hoje, se possível fosse, extasiar-se-ia na contemplação do resultado de suas proféticas argumentações, tal qual se daria com os abnegados doadores das terras, aos quais já aludimos.

Embora tenha seu marco inicial situado na base de um grande vale, Olímpia se sobreleva em muitos aspectos. É uma cidade que se distingue pelo vigor de seu solo e pela pujança dos seus habitantes, sejam eles olímpenses nativos ou adotivos.

Milagres _ efeitos sem causa _ estão naturalmente fora dos domínios da perseverança humana, mas as conquistas possíveis não. E é exatamente para isso que todos nós, juntos, se Deus quiser, empenharemos nossos maiores esforços para tornarmos a nossa "Capital do Folclore" cada vez melhor.

Dr. Luiz Fernando Carneiro
Prefeito Municipal



JUBILEU DE CREPE

Denominam-se *bodas* os festejos relacionados a aniversários de casamentos, e *jubileu*, os demais. Não são representados apenas por pedras preciosas, mas também por vegetais, metais, tecidos, entre outros.

Quando se comemoram os trinta e nove anos de um evento, por exemplo, como é o caso do 39º Festival do Folclore, o Jubileu é de Crepe ("tecido fino, transparente ou não, de aspecto ondulado, feito com fio, muito torcido, de seda ou lã natural ou sintética", segundo o Dicionário "Folha/Aurélio").

ANO CIVIL DE 2003

511.º Ano do Descobrimento da América

503.º Ano do Descobrimento do Brasil

181.º Ano da Independência do Brasil

114.º Ano da Proclamação da República

100.º Ano da Fundação de Olímpia

85.º Ano da Emancipação Política de Olímpia

39.º Ano do Festival do Folclore de Olímpia

66.º Ano do nascimento do folclorista José Sant'anna

* A arte das peças de publicidade impressa foram desenvolvidas por Fernando Haines e Sergio Magri, editoração, Carlos Rudge Luppi, Impressão e Acabamento final Centrograf Artes Gráficas e Editoriais Ltda.



PREFEITURA MUNICIPAL DE OLÍMPIA
ESTADO DE SÃO PAULO



ANUÁRIO DO

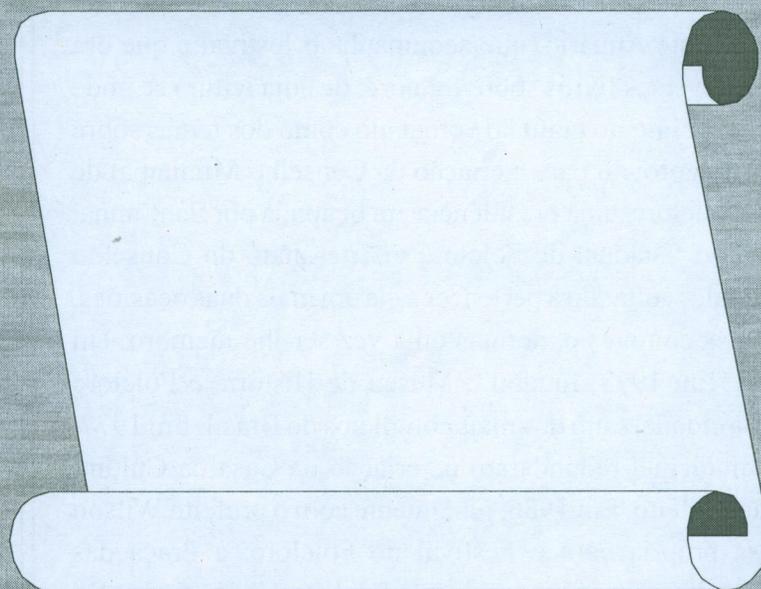
39º Festival do Folclore



**OLÍMPIA
CAPITAL
DO FOLCLORE**



ANO XXX - N.º 33
22 DE AGOSTO DE 2003



EXPEDIENTE

Rua David de Oliveira, 420 - Cx. P. 60
Patrimônio de São João Batista
15400-000 - Olímpia - SP
Telefone (17) 281-6786
Fax (17) 281-6941

Diretor:
José Sant'anna
(in memorian)

Diretor Executivo e de Edição:
André Luiz Nakamura

Assessores:
Patrícia Alves Rodrigues Lopes, Ana
Lúcia da Silva Thereza, Matheus
Nakamura Pereira, Marta Aurélio de
Oliveira, Maria Isabel dos Anjos,
Célio José Franzin e José Antonio
Azevedo de la Iglesias y Muñoz

Fotos:
Wellington Cudinoto

As fotos dos Grupos Folclóricos e
Parafolclóricos utilizadas no "Panorama
Folclórico" foram gentilmente cedidas
pelos Jornais Olímpienses "Tablóide da
Nova Paulista" e "Planeta News".

Editoração Eletrônica:
Carlos Rudge Luppi (Centrograf)

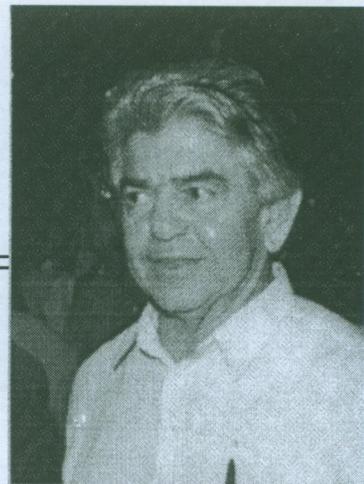
Impressão e acabamento:
CENTROGRAF
Praça Rui Barbosa, n.º 47
Patrimônio de São João Batista
Fone (17) 281-7060
Olímpia/SP

Edição do Departamento de Folclore do
Museu de História e Folclore "Maria
Olímpia" da Prefeitura Municipal de
Olímpia. Todo trabalho de redação
assinado é de total responsabilidade do
autor. Quaisquer artigos ou ilustrações
podem ser reproduzidos, desde que
citada a fonte.

SUMÁRIO

O MUNDO MÁGICO DO FOLCLORE INFANTO-JUVENIL.....	03
O SÍMBOLO QUATRO NAS CULTURAS POPULAR E FOLCLÓRICA.....	27
NOVA NOMENCLATURA DO FOLCLORE.....	43
SABOR DE AMENDOIM.....	48
O FOLCLORE DO PARTO E DA AMAMENTAÇÃO.....	57
CONTOS TRADICIONAIS DO BRASIL.....	60
ARTE POPULAR E ARTESANATO.....	63
MÊS DE AGOSTO - MÊS DO FOLCLORE.....	66
A VIOLA NAS TROVAS.....	70
DIZERES EM CAMINHÕES.....	72
SETE CAUSOS DO DIABO.....	77
FOLCLORE DO AMOR E DO CASAMENTO.....	88
OLÍMPIA.....	94
PANORAMA FOLCLÓRICO.....	99

José Sant'anna - o criador do Festival do Folclore de Olímpia - SP



Filho de João Joaquim de Sant'anna e de Hypólita Theodora da Silveira Sant'anna, José Sant'anna nasceu a 8 de julho de 1937, em Olímpia, onde fez os cursos científico, magistério e de contabilidade, antes de tornar-se bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais e professor de Língua Portuguesa, disciplina esta que ministrou até aposentar-se no ensino de 1.º e 2.º graus do magistério oficial de Olímpia. A propósito, foi durante sua atividade pedagógica, em meados da década de 50, que ele se descobriu vocacionado ao estudo do folclore brasileiro, tornando-se, desde então, um atuante e denodado folclorólogo. Nesses mesmos entretimentos, ao elaborar pesquisas e exposições acerca do referido assunto, empreendidas com o auxílio de seu alunado e restritas ao âmbito escolar, o professor as transcendeu às ruas olimpienses, realizando, assim, em 1965, o 1.º Festival do Folclore de Olímpia, evento que é hoje detentor de alto prestígio e de nacional projeção, e que, em razão de tais méritos, ensejou o já consagrado título "Capital do Folclore" à sua cidade natal. Era diretor deste Anuário, que acompanha o festival e que ora chega a seu número 32, além de publicar diversos livros sobre folclore, de cuja leitura se pode deduzir que detém o autor profundo conhecimento tanto do vernáculo como dos temas sobre os quais discorre. Em 1967, apresentou anteprojeto para a criação do Conselho Municipal de Cultura, do qual faz parte a Comissão de Folclore, cuja presidência era ocupada por Sant'anna. Nesse mesmo ano integrou a 1ª Comissão Estadual de Folclore e Artesanato do Conselho Estadual de Cultura do governo de São Paulo, voltando a pertencer a ela em mais duas ocasiões, na década de 80, e declinando de recentes convites para mais uma vez ser-lhe membro, em virtude de muitos afazeres em Olímpia. Em 1973, fundou o Museu de História e Folclore "Maria Olímpia", ponto turístico de nossa cidade, e um dos mais completos do Brasil. Em 1977, suas instâncias junto à administração municipal redundaram na criação da Casa da Cultura "Álvaro Marreta Cassiano Ayusso, então prefeito. Em 1986, juntamente com o prefeito Wilson Zangirolami, propugnou por uma casa própria para o Festival do Folclore: a Praça das Atividades Folclóricas que hoje ostenta seu nome. Ao pesquisar o folclore pátrio, percorreu inúmeras cidades do Brasil, ressaltando-se que de várias delas era cidadão honorário, e, bem assim, possuinte de muitos troféus, medalhas e comendas. Produziu dois discos intitulados "Olímpia e seu folclore musical", entre outros de Inezita Barroso e de artistas olimpienses, ressaltando-se, ainda, que Sant'anna é o autor da letra do Hino a Olímpia. Foi o primeiro Secretário da Educação, Cultura, Esportes, Turismo e Lazer do município. Era membro da Comissão Paulista de Folclore. Exerceu a vereança por vários mandatos em Olímpia, tendo sido, inclusive, presidente da Câmara Municipal. Excelso e vanguardeiro folclorista, que primava pela didática e pela excelência em tudo a que se dedicava em prol da cultura popular brasileira, José Sant'anna, a quem já chamaram de "taumaturgo", "mago", era, na realidade, um exemplar e denodado cristão, amigo de inúmeros amigos, querido e admirado por todos os que habitam sua Capital do Folclore. Dizem _ com o enfadonho sabor das frases prontas _ que ninguém é insubstituível, mas José Sant'anna é.

O MUNDO MÁGICO DO FOLCLORE INFANTO-JUVENIL

ANDRÉ LUIZ NAKAMURA
DEPARTAMENTO DE FOLCLORE – OLÍMPIA/SP

Sob o título “Folclore Infantil” costumam-se designar as manifestações folclóricas relacionadas às crianças.

Trata-se de uma classificação que tem escopo didático, visto que não se pode traçar uma nítida demarcação para o folclore infantil, o juvenil e o de adultos.

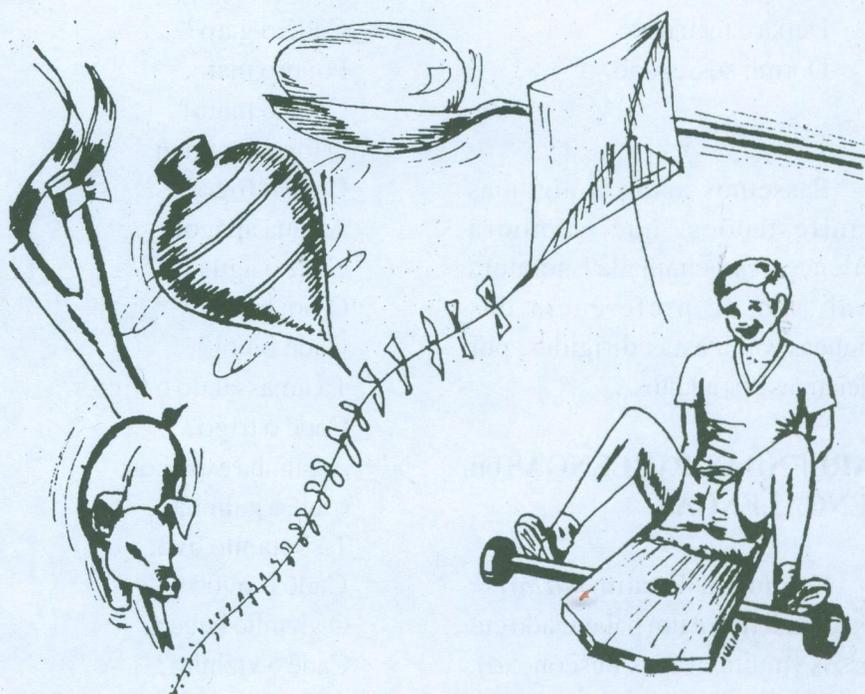
No caso das brincadeiras, por exemplo, sabemos que estas não são manifestações exclusivamente verificadas no âmbito dos infantes. Adultos também brincam, inclusive com brincadeiras de crianças.

Temos observado também que tais modalidades lúdicas vêm sendo muito frequentes entre os chamados grupos da terceira idade.

Preferimos, então, a denominação folclore infanto-juvenil, para maior alcance, recordando a criança e o adolescente que de alguma maneira sempre vivem na alma de todos os adultos, especialmente dos idosos. Ouvimos um deles dizer, certa feita, que eles “não se tornam novamente crianças nem são de ‘espírito jovem’”; eles têm “todas as idades”.

ACALANTOS

Iniciemos com os **ACALANTOS** ou **cantigas de ninar** fazendo aqui apenas uma breve menção ao assunto, pois daremos



ênfase ao folclore lúdico e a outras manifestações folclóricas preferencialmente utilizadas pelas crianças e adolescentes, mormente as recreativas.

As cantigas de ninar são incluídas pelos folcloristas no compartimento “folclore infantil”. Elas representam um dos primeiros contatos do ser humano com o universo da cultura popular. São usadas para ajudar a fazer com que os bebês adormeçam.

A grande curiosidade que os acalantos despertam é a referência a monstros e assombrações que na maior parte deles se encontram.

Deífilo Gurgel diz que os “acalantos agem de duas formas:

como uma espécie de intimidação para o menino dormir, pela invocação de seres sobrenaturais (...) ou de uma forma diametralmente oposta, apelando-se para personagens bíblicos e outros semelhantes” (“Espaço e Tempo do Folclore Potiguar” p. 179).

J. Gerardo M. Guimarães, sobre o conteúdo assustador de inúmeros acalantos, pondera:

“Na verdade, considerando a idade das crianças que ouvem os acalantos, podemos supor que elas nem sequer entendem aquilo que está sendo cantado. É exatamente a monotonia da música (...) que faz com que a criança relaxe e durma” (“Repensando o Folclore”, p. 20).

Vejamos estes dois bem conhecidos:

“Boi, boi, boi
boi da cara preta
pega essa criança
que tem medo de careta”

“Dorme, nenê,
Que a Cuca vem pegar,
Papai foi na roça,
Mamãe foi trabalhar.
Bicho-papão,
Sai de cima do telhado
Deixa o meu nenê
Dormir sossegado.

Passemos agora a algumas manifestações que, embora pertencentes à chamada Literatura Oral, são da preferência das crianças, ou a estas dirigidas, por iniciativas dos adultos.

PARLENDAS, PARLENGAS ou LENGALENGAS

Originária do latim *parlare* = falar, **parlenda** é um palavreado em versos (muitas vezes desconexo), sem música, mas com cadência rítmica, que se usa para distrair ou acalmar crianças.

Lengalenga é o termo mais conhecido, o qual se tornou inclusive sinônimo de “enrolação”, conversa enfadonha, comprida, não convincente.

Câmara Cascudo informa que acompanham algumas parlendas “movimento de bolandas, de vaivém à criança que a ouve, ou simplesmente levando-lhe os braços para um e outro lado, num ritmo dos versos”, a exemplo destas:

“Seira, serra, serrador
Quantos papos já serrou
Serrei um,
Serrei dois,

Serrei três,
Serrei quatro,
Serra, serra, serrador
Serra o papo do vovô
Serra um,
Serra dois, etc.”

Vejamos este outro exemplo, destinado a crianças que já aprenderam a falar:

_ Cadê o biscoito que tava aqui?
_ O gato comeu.
_ Cadê o gato?
_ Foi pro mato.
_ Cadê o mato?
_ O fogo queimou.
_ Cadê o fogo?
_ A água apagou.
_ Cadê a água?
_ O boi bebeu?
_ Cadê o boi?
_ Tá amassando o trigo.
_ Cadê o trigo?
_ A galinha espalhou.
_ Cadê a galinha?
_ Tá botando ovo.
_ Cadê o ovo?
_ O vizinho bebeu.
_ Cadê o vizinho?
_ A vizinha chamou.
_ Cadê a vizinha?
_ Ela foi por aqui, por aqui, por aqui... (diz-se repetidas vezes, provocando cócegas e risos).

Mais um exemplo (de iniciativa das próprias crianças):

“Hoje é Domingo.
Pede cachimbo.
O cachimbo é de barro,
Bate no jarro.
O jarro é de ouro,
Bate no touro.
O touro é valente,
Bate na gente.
A gente é fraco,
Cai no buraco,
O buraco é fundo,

Acabou-se o mundo.”

PARLENDAS MNEMÔNICAS

(*Mnemônica* = “relativo à memória; (...) fácil de reter na memória; que ajuda a memória”)

São aquelas cujo objetivo é transmitir às crianças as primeiras noções sobre números, meses, dias da semana, etc., valendo-se do ritmo e da rima para facilitar a memorização.

“Um, dois,
Feijão com arroz;
Três, quatro,
Feijão no prato;
Cinco, seis,
Macarrão inglês;
Sete, oito,
Café biscoito;
Nove, dez,
Fritar pastéis.”

Lembremos esta outra, bastante útil:

“Trinta dias tem novembro,
Abril, junho e setembro;
Vinte e oito só tem um,
Os demais tem trinta e um.”

LINGUAGEM CRIPTOLÓGICA ou LINGUAGEM SECRETA

É uma espécie de linguagem cifrada que crianças e adolescentes utilizam quando pretendem dificultar ou prejudicar a imediata decodificação de algumas mensagens, evitando que seu conteúdo seja descoberto por pessoas que não podem dele tomar conhecimento.

Essa variedade de linguagem exige prévia convenção entre seus utilitários, além de grande familiaridade e prática com o código que se irá adotar.

A codificação da mensagem pode se dar de várias formas:

_ pela substituição de fonemas (*Vimis imbirí* – “Vamos embora” - troca de todas as vogais pela vogal “i”);

_ pela inversão das sílabas das palavras (*Laca a cabo* – “Cala a boca”);

_ pela introdução de fonemas entre as palavras, antes ou depois das respectivas sílabas. Tomemos como exemplo a conhecida “Língua do Pê”:

_ (Pê)a (pê)me(pê)ni(pê)na (pê)bo(pê)ni(pê)ta (pê)che(pê)gou (A menina bonita chegou).

_ Vá(pê) cha(pê)mar(pê) e(pê)la(pê) pra(pê) dan(pê)çar(pê) (“Vá chamar ela pra dançar”).

Há também a língua do *gê*, do *cê*, do *guê*, do *tô*, etc.

O dinamismo é a grande característica dessa linguagem, pois se a mensagem deixar de ser cifrada porque o tipo de expediente que se usa para codificá-la for se tornando muito conhecido, cria-se outra fórmula. A inventividade infantil não tem limites.

RÉPLICAS

São agrupadas sob esse título as “respostas prontas”, as “respostas feitas”. Podem ser usadas como contra-ataques ou como apartes jocosos em conversações. Conforme o tom, podem ser ofensivas, desconcertantes ou simplesmente galhofeiras. Em algumas delas, verifica-se apenas uma busca pela rima, independentemente de seu sentido lógico. Muitas são espirituosas, interessantes; outras, nem tanto.

- _ O que é isso?
- _ Chouriço.

_ Quem cochicha o rabo espicha.

_ Quem reclama o rabo inflama.

_ Bem feito!

_ Vai dizer pro prefeito.

_ Onde é que eles estão?

_ Pescando, pra fazer pirão.

_ Não, obrigado.

_ Não é obrigado, não. Pegue se quiser.

_ Fulano morreu...

_ Antes ele do que eu.

_ Coitado!

_ Coitado é filho de rato que nasce pelado.

Ou:

_ Coitado é de “coito”.

_ Que horas são?

_ Oração? Ave-Maria cheia de graça...

_ Isso é palhaçada!

_ Não, é “milho cozido” (contra “palha assada”).

_ Deixa eu ver.

_ Não vai chover.

_ Obrigado. Não mereço mas agradeço (contra algum xingamento).

_ O que é que a gente faz?!

_ Não faz, compra feito.

_ Tô de mal!

_ Come sal, na panela com mingau, e deixa um pouco pro Natal.

_ O negócio é o seguinte...

_ O preço da égua é cento e vinte.

_ O que foi?

_ Um carro de boi.

_ Não é da sua conta.

_ Seu nariz de sete pontas.

(Coletamos em Olímpia/SP)

Vejam os mais alguns exemplos, citados por Antônio Henrique Weitzel (“Folclore Literário e Lingüístico”) segundo o qual, nas réplicas, se pode estudar “os fenômenos da analogia, os efeitos da rima, a associação de idéias”:

_ O que há de novo?

_ Muita galinha e pouco ovo.

_ O que você deseja?

_ Cachaça com cerveja.

_ Nada.

_ Quem nada é peixe.

_ Quer mais? Pega e faz.

_ Burro!

_ E você é égua. Eu te amonto, você me carrega.

_ O que é que houve?

_ Ouvido

ou

_ Muita verdura e pouca couve.

_ Qual é a graça?

_ O palhaço lá na praça.

DESCRIÇÕES DE GIROLA

Assim o Prof. José Sant’anna qualificou, em “Estroinices” (Anuário do 30º Festival do Folclore), as “historietas mentirosas”, preferidas pelos adolescentes, nas quais se exageram qualidades ou defeitos:

_ era um avarento, tão avarento, que olhava por sobre seus óculos para não gastar as lentes;

_ era um preguiçoso, tão preguiçoso, que não sabia se ficava dormindo até mais tarde ou se levantava mais cedo para ficar mais tempo sem fazer nada;

_ era um rapaz tão desligado, mas tão desligado, que, só depois de socorrido, quando estava morrendo afogado, é que se lembrou que sabia nadar;

_ era uma senhora tão míope, mas tão míope, que não dormia sem seus óculos, para enxergar se acaso sonhasse.

ADIVINHAS

*Pra desvendá-las lutamos
E depois de desvendadas
Aos outros nós perguntamos
Entre chacotas e risadas?*

Resposta: As Adivinhas

(Esse é um exemplo de formulação de uma adivinha por meio de quadras _ as chamadas quadras adivinhas de que logo falaremos _ cuja resposta são elas próprias.)

Do latim clássico *dius* = Deus, derivando para *divus* e *divinus* = pertencente a Deus; o adjetivo *divinus* se torna substantivo, daí advindo o verbo *divinare* = prever, adivinhar.

Aliás, a origem desse vocábulo coincide, de certa forma, com seu uso mais vinculado a cultos religiosos em tempos distantes.

O deus Apolo, por exemplo, se manifestava no oráculo de Delfos, na Grécia antiga, por enigmas de difícil decodificação, na voz de suas sacerdotisas, as pitonisas.

“A mais antiga registrada”, conforme nos informa Maria de Lourdes Borges Ribeiro, em “Folclore”, é a pergunta da esfinge a Édipo. “*Quem não a respondia era sacrificado; quem acertasse casar-se-ia com a rainha: `Que é que é, que de manhã anda de quatro pés, de tarde com dois e à noite com três?*” Édipo respondeu: “*é o homem, que engatinha quando pequeno, anda normalmente quando adulto e*

apoiado em uma bengala quando velho”.

As adivinhas representam um instrutivo e divertido passatempo que exige atenção, raciocínio hábil, rápido, e, em alguns casos, conhecimento de alguns aspectos das matérias que aprendemos na escola, como Geografia ou Matemática. Por exemplo, a pessoa que não conhece Geografia, não saberá responder a esta adivinha:

“Qual o Estado Brasileiro que ama uma ferramenta? Resposta: Amapá”

Iniciemos com alguns exemplos de adivinhas que requerem tal espécie de conhecimento, recolhidas pelo Prof. José Sant’anna, publicadas em “O que é, o que é”:

GEOGRÁFICAS

_ Quais as três capitais de Estados brasileiros mais pronunciadas no mês de dezembro?.

Resposta: Belém, Natal e Salvador.

_ Qual o nome do Estado Brasileiro que se escreve com dez letras diferentes?

Resposta: Pernambuco.

_ Que país tem o nome de uma ave?

Resposta: Peru.

_ Qual a capital de um país sul-americano que tem nome de fruta e de instrumento para amolar.

_ Lima.

_ Qual o Estado brasileiro que é azedo?

_ Acre.

_ Qual a cidade paulista que é a mais sincera?

_ Franca.

_ Quem é que vai do Estado

de São Paulo ao Estado do Paraná, não volta a São Paulo, mas não sai de lá?

_ Rio Tietê.

MATEMÁTICAS

_ Quando é que 10 e 10 não são 20 e faltam 50 para fazer 11?

_ Quando são dez horas e dez minutos.

Variante:

_ Quando é que 10 e 50 não são 60 e com mais 10 ficam 11?

_ Quando são 10h 50 min.

_ O que é que sozinho já é um par?

_ O número 2.

_ Duas mães e duas filhas pediram 4 frangos. Cada uma comeu um e ainda sobrou um. Por quê?

_ Porque eram só três pessoas: avó, mãe e filha.

_ Uma sala tem quatro cantos. Cada canto tem um gato. Cada gato vê três gatos. Quantos gatos são?

_ Quatro.

_ Era uma boiada de 100 bois. No caminho morreram quarenta. Quantos ficaram?

_ Os quarenta que morreram.

_ Qual a metade de 2, mais 2?

_ Três.

Note-se que a vírgula (pausa) é decisiva para o acerto da resposta.

_ O que é que pesa mais: um quilo de chumbo ou um quilo de algodão?

_ O peso é o mesmo.

_ O que pesa mais: um boi de 20 arrobas ou um boi de 300 quilogramas?

_ Os dois têm o mesmo peso.

_ Que número aumenta metade de seu valor quando fica de cabeça para baixo?

_ Seis (6/9).

GRAMATICAIS

_ Antigamente escrevia-se farmácia com ph. Hoje como se escreve?

_ Com h.

_ O que é que tem quatro sílabas, mas se escreve com três letras?

_ Etc.

_ Que verbo lido às avessas é o mesmo?

_ Reviver.

Acrescente-se que, embora a resposta para essas adivinhações requiera algum conhecimento das mencionadas matérias, tais exemplos dessa manifestação não fazem com que eles deixem de pertencer ao domínio da cultura popular, pois não são eles decorrência de influência direta dos meios educacionais; surgiram conforme se processa a cultura espontânea, isto é, "informalmente".

LETRAS

_ O que está no meio do ovo?

_ A letra v.

_ O que é que começa com a mulher e termina com o homem?

_ A letra m.

_ O que está aqui e ali e não está acolá?

_ A letra i.

_ O que se diz uma vez num minuto e duas num momento?

_ A letra m.

As adivinhas, como dissemos, exigem atenção. Algumas são chamadas "pegas", porque a resposta já se encontra na pergunta. Os mais distraídos não percebem. Três clássicos exemplos (devem ser ditos com alguma rapidez):

_ O que é o que é: perna de pau, boca de fogo, espingarda, seu bobo?

_ Qual a cor do cavalo branco de Napoleão?

_ Na metade de uma careca há 2000 fios de cabelo. Quanto há numa careca toda?

Nota-se na formulação das adivinhas o uso de diversos recursos retóricos. São inúmeros os exemplos em que os enigmas se valem da alegoria, da linguagem figurada, de metáforas e da polissemia dos vocábulos, ou seja, dos muitos sentidos que uma palavra pode ter. Tomemos esta como exemplo: _ O que tem 6 letras e em média 40 assentos? (Um ônibus). Observe-se o artifício utilizado com as homófonas *assento* e *acento* (palavras que têm o mesmo som quando pronunciadas, mas são diferentes na escrita e têm significado diverso; assento (banco) e acento (sinal gráfico)). Como a adivinha é feita oralmente, o interlocutor pode ser confundido.

Tema já há alguns anos ausente deste Anuário, recordemos mais uma série de exemplos, todos recolhidos pelo Prof. José Sant'anna (as respostas estão entre parênteses):

_ O que consegue encher uma casa mas não consegue encher uma colher? (fumaça) / _ O que se põe na mesa, é cortado, mas não se come? (baralho) / _ O que a mulher tem, dá aos outros, mas não dá ao marido? (o filho para batizar) / _ O que nasce grande e morre pequeno? (cigarro, lápis) / _ O que é, o que é: quanto maior, menos se vê?

(escuridão) / _ O que é que a gente compra pra comer, mas não come? (talheres) / _ pra beber, mas não bebe? (copos) / _ O que é que entra em casa amarrado? (botão) / _ O que é que quando a gente está em pé, está deitado?; quando a gente está deitado, está em pé? (o pé) / _ O que é que tem folhas, mas não é planta, tem lombo e usa capa? (livro) / _ O que é que mais pesa no mundo? (balança) / _ Que só trabalha se apanhar? (o prego) / _ Qual o pai que não tem filhos? (O que só tem filhas) / _ O que vem a ser mãe da sogra da mulher de seu irmão? (sua avó) / _ Minha tia tem uma irmã que não é minha tia. Quem é? (Minha mãe) / _ O que é que nós matamos com mais vontade? (A fome) / _ Como tiraríamos um cachorro caído num poço? (Molhado) / _ O que é que quanto maior menos se vê? (A distância) / _ O que é que quando vai para dentro de casa fica de fora? (Botão) / _ O que é que é vermelha e nós chamamos de verde? (Carne) / _ O que é que anda, mesmo pregado na parede? (Relógio) / _ O que é que vai sempre ao céu mas não fica lá? (A língua, "céu" da boca) / _ O que é que roda sem ter rodas, sai do lugar e canta até acabar? (O disco, o antigo vinil, o LP) / _ O que é que tem pé e não anda, mãos e não trabalha, olhos e não vê, orelha e não ouve e tem boca mas não fala? (Uma estátua) / _ O que é que rodam, rodam e não saem de onde estão? (Os ponteiros do relógio) / _ O que é que quem não tem não quer ter e quem tem não quer perder? (Briga) / _ O que é que não fala e nos conta tudo? (O livro) / _ O que é que é feito para cozinhar e não se cozinha nunca? (O fogão) / _ O que é que é mais alto sem cabeça do que com ela? (O travesseiro) / _ O que é que sobe morro, desse morro e não sai do lugar? (A cerca) / _ O que é que quanto mais se bate maior fica? (A

clara de ovo)/ _ O que é preciso para abrir uma mala? (Que ela esteja fechada)/ _ O que é que a formiga tem maior que o leão? (O nome)/ _ O que é que queima com água e não com fogo? (A cal)/ _ O que é que todos vêem, mas nunca alcançam? (O horizonte)/ _ O que é que vai andando e deixa a tripa no caminho? (A agulha com linha, quando se costura)/ _ O que é que tem asas e não voa, tem barba e não é homem, tem dente e não come, tem pé e não caminha? (Pé de milho)/ _ O que é que cresce com as raízes para cima? (Os dentes superiores)/ _ O que é mais fino que o buraco de uma agulha? (A linha)/ _ O que é que entra pela porta e sai pela janela? (O vento)/ _ O que é que no jardim é flor, no prato é doce e no coração é sentimento? (Suspiro)/ _ O que é que tem asa, mas não voa e bico, mas não belisca? (O bule)/ _ O que é que mata os vivos e conserva os mortos? (O álcool)/ _ O que é que se põe no pé e machuca na barriga? (A espora)/ _ O que é que sai de casa, bate com a cabeça na parede e morre queimado? (O fósforo)/ _ O que é que nasce e não morre? (O que nasce morto)/ _ O que é que dá um pulo e se veste de noiva? (A pipoca)/ _ O que é que tem asa como ave, voa como ave, não põe ovos e dá leite? (O morcego)/ _ O que é que de boca para cima está vazio e de boca para baixo está cheio? (O Chapéu)/ _ O que é que vê no escuro e não é gato, tem lanterna e não é guarda? (Vaga-lume)/ _ O que é que passa na água e não deixa rastro? (O peixe, a sombra)/ _ O que é que nasce e se cria no mato, mas morre de parto dando a primeira cria? (A bananeira)/ _ O que é preciso para matar uma vaca? (que ela esteja viva)/ _ O que está na cozinha, na orquestra e no automóvel? (A bateria)/ _ O que é que, sendo inteira, tem nome de metade? (Meia)/ _ O

que é que tem ponta para cima e cabeça para baixo? (Prego de botina)/ _ Quem é que dá trabalho a muita gente e não paga ninguém? (O defunto)/ _ O que é que anda deitado e dorme em pé? (Os pés)/ _ Qual a fruta que se carrega no paletó? (Manga)/ _ Qual a fruta cujas sementes estão do lado de fora? (Morango)/ _ Qual o sobrenome que é fruta apreciada? (Lima)/ _ Qual o peixe que os militares usam? (Espada)/ _ Qual o caminho mais triste que existe? (Aquele que a lágrima traça)/ _ Qual o pão que não foi feito por padeiro, não foi amassado e não é para comer? (O Pão-de-Açúcar, Rio de Janeiro)/ _ Qual o animal que se perder uma letra do nome vira metal precioso? (Touro, sem o *t*)/ _ Qual a diferença entre o rádio e o penico? (É que o rádio não vê nada e fala tudo, o penico vê tudo e não fala nada)/ _ Qual é a primeira coisa que uma pessoa faz quando acorda? (Abre os olhos)/ _ Qual é primeira coisa que um gato faz de manhã quando sai o sol? (sombra)/ _ Qual o homem que quando trabalha deixa a gente com a boca aberta? (O dentista)/ _ Qual o homem que vive do pão que os outro comem? (O padeiro)/ _ Qual o carro que todos sabem guiar? (Carrinho de mão)/ _ Qual o menino que pula mais alto que uma casa? (qualquer menino, pois casa não pula)/ _ Qual a ave que não tem penas? (Ave-Maria)/ _ Qual o animal que anda sobre a barriga? (A cobra)/ _ Qual a semente que tem bico? (Grão-de-bico)/ _ Qual o Estado brasileiro que se tirarmos uma sílaba se transforma noutro Estado maior? (Paraná, suprimindo-se a última sílaba = Pará)/ _ Qual a cidade do Tocantins que está em nossas mãos? (Palmas)/ _ Qual o Estado brasileiro que tem um veículo no nome? (Sergipe)/ _ Qual o Estado brasileiro que vai cear? (Ceará)/ _ Onde a

cascavel carrega a casca? (No nome)/ _ Em que lugar o padeiro amassa o pão com os joelhos? (Em qualquer lugar, pois ninguém tira os joelhos para amassar pão)/ _ Segue uma boiada com dez bois. O da frente olha para trás e conta o número de chifres. Quantos chifres há? (Nenhum, pois boi não sabe contar)/ _ Quantos lados tem uma xícara? (Dois lados, o de fora e o de dentro)/ _ Por que o boi baba? (Por que ele não sabe cuspir)/ _ Quais os são os dormentes que nunca se acordam? (Os dormentes da estrada de ferro)/ _ Qual o correto: Oito e sete são catorze ou quatorze? (São quinze)/ _ Qual a semelhança entre o dinheiro e o segredo? (Os dois são difíceis de guardar)/ _ Quem tem boca no rabo? (Fogão de lenha)/ _ Quem anda de barriga para trás? (A perna)/ _ Por que a mulher não pode ser eletricista? (porque leva nove meses para dar à luz)/ _ Por que o alfinete vive aborrecido? (Porque só dá furo)/ _ O que o disco tem, o violino tem, uma revista musical tem, mas o maestro não? (A letra "i")/ _ O que possui barriga de vidro e cabeça de ferro? (A lâmpada elétrica)/ _ O que a galinha faz e o homem usa? (Bota)/ _ O que acontece quando um bando de fora-da-lei cai na praia? (Uma onda de crime)/ _ O que tem dentro do ovo? (A letra *vê*)/ _ Quando dois porcos-espinhos se abraçam, o que um diz para o outro? (Ai, ai, aiii!)/ _ O que a pulga macho disse à sua companheira? (Vamos de pé ou de cachorro?)/ _ O que a zebra disse para o mosca? (Você está na minha lista negra)/ _ O que a chave falou para fechadura? (Vamos dar uma voltinha?)/ _ O que o cachimbo disse à boca? (Você acha pouco o fogo que me queima numa ponta e ainda me morde na outra?)/ _ O que o prego disse para o martelo? (Pare de me bater na cabeça)/ _ O que é, o que é: Janelinha preta e branca,

abre e se fecha sem retranca? (O olho)/ _ O que é, o que é: duas caixinhas de bom parecer, abrem-se e se fecham sem ninguém nelas mexer? (Os olhos)/ _ O que existe no meio da lua? (A letra “u”)/ _ Está no começo do meio e no meio do começo? (A letra “m”)/ _ Qual a letra que não é cega? (A letra “vê”)/ _ O que vive no meio do mar e não se afoga? (A letra “a”)/ _ O que é que se macho cai e se fêmea faz cair? (O pingo (de água) e a pinga (cachaça)/ _ O que está debaixo da calçada? (A cedilha)/ _ O que é que sentado fica mais alto do que em pé? (Cachorro)/ _ Qual o animal que carrega a casa nas costas? (Caramujo)/ _ O que é que tem cabeça, mas não tem cabelo; é comprido, mas não é alto; anda, mas não tem pé? (Cobra)/ _ O nome do dono é o nome da casa. O que é? (Cupim)/ _ Onde é que passa um boi, mas um mosquito não consegue passar? (Teia de aranha)/ _ Tem corpo de gato, tem cara de gato, mia como gato, mas não é gato. O que é? (A gata)/ _ Qual o bicho que disse que já valeu muito? (Javali)/ _ Qual o bicho que anda com patas? (O pato)/ _ O que é que põe os pés na cabeça para andar? (O piolho)/ _ Por que cavalo pintado não morre? (Porque é apenas um desenho)/ _ Por que, ao chegar o inverno as aves voam para longe? (Porque não podem ir a pé)/ _ Quando é que se nega que o cão é o melhor amigo do homem? (Quando se chama alguém de cachorro)/ _ Que animal tem osso por fora e a carne por dentro? (Siri)/ _ Cinco cachorros entraram na igreja. Por que não saíram mais? (Porque só entraram cinco)/ _ Dois pedreiros construíram uma casa em oito dias. Em quantos dias 4 pedreiros construirão a mesma casa? (Em nenhum dia. A casa já foi construída)/ _ O que é que passa na água e não se molha e passa no fogo

e não se queima? (A sombra)/ _ Qual o mês do ano que termina diferente dos outros? (Abril - os demais terminam em “o”)/ _ O que é que eu faço com os olhos fechados e você não faz com os olhos abertos? (Esfregá-los)/ _ O que é que a um metro de altura tem um nome e no chão tem outro? (Chuva - água)/ _ O que é que não se quebra com um machado, mas se quebra com um ovo? (O jejum)/ _ Qual o transporte coletivo que não faz curva? (Elevador)/ _ Por que é que o marido de uma viúva não pode casar com sua cunhada? (Porque ele já morreu)/ _ O que é que nasce verde, cresce vermelho e morre preto? (Café)/ _ Como pode um homem ganhar a vida sem trabalhar em nenhum dia? (Sendo guardanoturno)/ _ O que resulta do cruzamento de cobra com porco-espinho? (Arame farpado)/ _ O que resulta do cruzamento da girafa com papagaio? (Alto-falante)/ _ O que foi feita para andar, mas não anda? (A rua)/ _ O que vive casando, mas não se casa? (O padre)/ _ O que o cachorro disse para a cachorra? (Você me fez uma cachorrada!)/ _ O que a banana disse para a maçã? (Eu tiro a roupa e você é que fica vermelha)/ _ O que a panela disse para a pipoca? (Minha bunda é que queima e você é que pula)/ _ O que uma parede disse para a outra? (Eu te encontro lá no canto)/ _ O que um fantasma disse para o outro? (Você acredita em gente?)/ _ O que o chão disse para a mesa? (Fecha as pernas que eu estou vendo tudo)/ _ O que a zabumba falou para a guitarra? (Eu que apanho e você é quem grita)/ _ O que tem bico, mas não belisca? (Chaleira)/ _ O que é que solta carvão, anda na linha, mas não pára no ponto? (O lápis)/ _ Como fica uma parede se for jogada na mar vermelho? (Fica molhada)/ _ Como você faria para soletrar água

dura somente com quatro letras? (Gelo)/ _ Por que faz frio no Brasil? (porque ele foi descoberto)/ _ Por que o cachorro rói o osso? (Porque não consegue engoli-lo)/ _ Por que quando o cachorro chega ao poste, levanta uma perna traseira para urinar? (Porque se levantar as duas ele cairá)/ _ Qual a palavra que tem 23 letras? (Alfabeto)/ _ Qual a boca que não tem dentes? (A boca da noite)/ _ Qual a fruta que não amadurece? (A manga da camisa)/ _ Qual a piada do fotógrafo? (Ainda não foi revelada)/ _ Qual o pé que não tem chulé? (Pé de alface)/ _ Qual a diferença entre o comprimido e a montanha? (O comprimido é difícil de descer e a montanha é difícil de subir)/ _ Qual a diferença entre o elefante e a pulga? (A pulga pode subir no elefante e o elefante não pode subir na pulga)/ _ Qual a diferença entre o bêbado e o balão? (Quando o bêbado se enche, ele cai; quando se enche o balão, ele sobe)/ _ Qual a diferença entre uma mulher e um leão? (A mulher usa batom e o leão ruge)/ _ Qual o cúmulo da vaidade? (Passar batom na boca do estômago)/ _ Num fio de telefone havia 10 passarinhos. Um homem deu um tiro e matou 1. Quantos sobraram no fio? (Nenhum. Os outros voaram espantados)/ _ O que é que é cheio de buraco, mas segura a água? (A esponja)/ _ O que é que sem entrar água, sem entrar vento, tem um poço de água dentro? (O coco)/ _ O que é que somos obrigado a usar sobre o pé? (O acento agudo)/ _ O que é, o que é, tem pé, mas não anda, tem olhos, mas não vê, tem cabelo, mas não penteia? (Espiga de milho)/ _ O que é que gasta sapatos, mas não tem pés? (A terra)/ _ O que é o que é: pula, mas não é bola, tem bolsa mas não é mulher? (Canguru)/ _ O que é o que é: entra no palácio do rei sem pedir licença e sem bater na porta?

(O raio de sol)/ _ O que é que pode ser grande ou pequeno mas sempre terá o comprimento de um pé? (Sapato)/ _ O que é que só usamos em lugar apertado? (Parafuso)/ _ Qual a cidade mais explosiva do mundo? (Granada, interior de SP)/ _ Qual a primeira coisa que o jardineiro põe no jardim? (Os dois pés)/ _ Qual é o pé que leva mais poeira? (O pé de vento)/ _ Qual é o pé mais apreciado pelas crianças? (O pé-de-moleque)/ _ O que o frango disse para a faca? (Você pode me cortar, mas não vai comer nenhum pedacinho)/ _ O que um o bombeiro disse para o outro? (É fogo!)/ _ O que um cigarro disse para o outro? (Triste sina, companheiro, só sair de casa para morrer queimado)/ _ O que o pneu dianteiro da bicicleta disse ao traseiro? (Por mais que corra, não me alcança)/ _ O que o papel disse para o empacotador? (Vivo em embrulhadas)/ _ O que a tripa falou para o açougueiro? (Você vive me enchendo)/ _ O que é que dois homens fazem, um homem com uma mulher faz também, mas duas mulheres não fazem? (Confessar; Quem está no confessionário, não é padre?)/ _ São Luís tem na frente, São Miguel tem atrás, nas donzelas já no fim e as casadas não tem mais? (A letra "L")/ _ Qual o vivente que andou em dois ventres? (Jonas, o profeta. No da mãe dele e no da baleia)/ _ Quando a mulher se deita, onde é que ela dorme com as mãos? (Na munheca - pulso)/ _ O que é branco por fora, preto por dentro e vermelho na cabeça? (O cigarro, aceso)/ _ Qual o vivente que, para nascer, primeiro trabalha? (O pinto, que bica a casca do ovo para poder sair)/ _ O que é que tem chapéu mas não tem cabeça, que tem boca mas não fala, tem asa mas não voa, tem bico mas não belisca? (O bule)/ _ O que é que cai em pé e corre deitado?

(Chuva)/ _ O que é uma coisa que se quebra só com palavras? (segredo)/ Qual é a carta que não leva recado? (A carta de baralho).

QUADRAS- ADIVINHAS

Quadras são pequenas composições representadas por estrofes de quatro versos, em que o segundo rima com o quarto.

Encontramos também adivinhas versificadas.

Vejamos alguns exemplos das chamadas "Quadras-Adivinhas" extraídas do livro homônimo do Prof. José Sant'anna:

Nasce no mato
Morre no mar;
Corre do alto;
Sem se cansar.
_ Rio.

Fui ao mercado,
Comprei um negrinho
Que junto ao fogo
Ficou vermelhinho.
_ O carvão.

No campo me criaram,
Metida em verde laços;
Choram por minha causa
Os que me fazem em pedaços.
_ A cebola.

Uma meia, meia feita,
Outra meia por fazer,
Diga lá, ó meu menino,
Quantas meias vem a ser.
_ Uma meia.

Este tipo de pergunta
É um pouco deferente:
Tem coroa, não é rei,
Tem cara, mas não é gente.
_ A moeda.

Tem cabeça e não pensa,
Tem os dentes e não come,

Tem o pé e não caminha,
Tem barba e não é "home".
_ Alho.

Sou uma ave imponente,
Tente meu nome escrever;
Leia de trás para frente
E o mesmo nome irão ver.
_ Arara.

Mais de vinte senhoritas
São mudas quando isoladas,
Mas dizem todas as coisas
Se acaso estão de mãos
dadas.
_ As letras do alfabeto.

Sou o choque entre dois
carros,
Um aperitivo fino,
Sou sondagem de polícia
E até tanger do sino.
_ Batida.

Tem chifre e não é boi,
É preto e não é carvão;
Tem asas e não é pássaro,
Ronca e não é avião.
_ Besouro.

Tenho asa e tenho bico,
Sou cego, surdo e calado,
Só ando se me levarem
De um para o outro lado.
_ Bule.

Diz bem rápido o que é:
Tem pé, mas nunca andou;
Tem olho, mas nunca viu,
Tem barba e nunca cortou.
_ Cana.

Pense e diga a resposta
Duas vezes Deus nos dá;
A terceira, se quisermos
Temos, então, que pagar.
_ Dentes.

Ela é fruta gostosa,
Parte da roupa também;
É chuva forte e breve,

E até zomba de alguém.
_ Manga.

Observe-se o recurso ao vários sentidos de “manga”, ressaltando-se que no interior de São Paulo e de Minas Gerais, costuma-se chamar “manga” a chuva súbita, forte e de pouca duração, e que, em algumas localidades, principalmente no Nordeste, usa-se o verbo “mangar” como sinônimo de zombar: “Ela está mangando de mim”.

Qual o nome de bebida
Tão gostosa de tomar,
Mas de nome perigoso
Que dá ordem pra matar.
_ Mate.

É necessário à vida
E a alimenta também,
Quanto mais a gente perde
Tanto mais a gente tem.
_ Sono.

Qual é o seu parentesco
Nesta grande confusão,
Co’ a senhora mãe da sogra
Da mulher do seu irmão?
_ Sua avó.

Usada em qualquer casa
O que vê joga adiante,
É também um bom recurso
Pra despachar visitante.
_ Vassoura.

Essa quadra adivinha também faz referência a uma simpatia segundo a qual para se apressar a partida de uma visita indesejada, deve-se colocar uma vassoura atrás da porta, sem que a visita veja.

Qual o pássaro
Que voa para trás,
O serviço que faz
É o nome de traz.
_ Beija-flor.

Todo o pássaro voa,

Mas há um que não,
Acerte seu nome
E mate a questão.
_ Ema.

À meia-noite se levanta o francês,
Conta as horas, mas não conta o mês,
Traz esporas, não é boiadeiro,
Tem serra, não é marceneiro.
_ Galo.

BRINQUEDOS, BRINCADEIRAS, JOGOS ...

O termo *brinquedo* pressupõe o uso de algum objeto (concreto, palpável, finito) indispensável para uma determinada prática recreativa; *brincadeira* e *jogo*, não, visto que estes últimos se expressam com mais evidência por meio de movimento, ação, do que por um objeto, ressaltando-se que, havendo disputa, se trataria de jogo.

No entanto, brinquedo, brincadeira e jogos são usados como sinônimos. O próprio Luís da Câmara Cascudo, em seu “Dicionário do Folclore Brasileiro”, já pontificava que “*brinquedo, brincadeira – são sinônimos de jogos, rondas, divertimentos tradicionais infantis, cantados, declamados, ritmados ou não, de movimento, etc. Brinquedo á ainda o objeto material para brincar, carro, arco, boneca, soldados. Também dirá a própria ação de brincar*”.

Nesta modesta abordagem do assunto, utilizaremos um termo pelo outro, indistintamente, pois, mesmo havendo disputa, esta, no geral, é também “de brincadeira”.

O termo *passatempo* será também utilizado.

As manifestações de que

trataremos a seguir, cuja função principal é entreter, são de autoria desconhecida, transmitidas oralmente de geração a geração, e aprendidas de modo informal, pela observação, pela imitação, apresentando variações de uma região para outra, além de ampla aceitação.

Sendo assim, estão presentes nelas todas as características do fato folclórico, tanto as essenciais, como as secundárias (empirismo, espontaneidade, aceitação coletiva, oralidade, tradicionalidade, funcionalidade, dinamicidade).

Um típico exemplo utilizado para se referir ao modo como se processa o aprendizado empírico referente à cultura folclórica (adquirida espontaneamente, sem horário obrigatório, sem lição de casa) **é o das brincadeiras infantis**, a partir do qual se verifica que **as crianças aprendem a brincar, brincando** entre si.

As brincadeiras de que trataremos podem até ser aprendidas na escola (onde também se brinca, no recreio), mas não através de livros ou de professores (podemos até aprender alguma brincadeira com estes, mas será também informalmente _ fora do programa oficial das disciplinas por eles ministradas).

Folclore Lúdico é o título sob o qual muitos folcloristas tratam do tema.

Sua importância é indiscutível, pois é por meio do “faz-de-conta”, dos brinquedos e das brincadeiras que a criança, mesmo que inicialmente sozinha, expressa seu modo peculiar de interpretar o mundo, exercendo dessa forma suas capacidades físicas e intelectuais. Os brinquedos “caros”, industrializados, não oferecem o risco de impedir esse desenvolvimento da cultura popular, visto que as crianças _ sempre imaginosas _ a eles também podem

atribuir funcionalidade diversa daquela a que originalmente se propunham.

Posteriormente, à medida que as brincadeiras se vão desenvolvendo em grupo, a criança tem o primeiro contato com a cultura de seu povo, tomando conhecimento de seus modos de pensar, sentir, agir e reagir.

Os brinquedos estimulam o raciocínio e a atividade física das crianças, favorecem a socialização, preparam-nas para o convívio com as regras sociais com que se defrontarão no futuro (as regras das brincadeiras são levadas a sério; aqueles “que não sabem perder” tratam logo de ficar sabendo, para não acabarem excluídos).

Costuma-se dizer que um adulto, que brincou bastante quando criança, tem maior possibilidade de ser uma pessoa mais alegre.

Ao procedermos a essa pesquisa, tivemos a grata oportunidade de constatar que, apesar do *videogame*, da *internet*, enfim, da evolução tecnológica, as brincadeiras que veremos a seguir, persistem.

FÓRMULAS DE ESCOLHA

Antes das brincadeiras, é preciso escolher quem, ou que grupo, vai começá-la ou nela exercer determinada função _ por exemplo, quem irá “bater cara” enquanto os outros se escondem (esconde-esconde), quem representará o “Gato e o Rato” ou a “Mãe da rua”, etc.

Para tanto, dentre outras formas e critérios de seleção, se encontram as chamadas “fórmulas de escolha”, que assim se processam:

Algum dos participantes, a cada sílaba da fórmula, vai apontando o dedo para os outros (inclusive para

si próprio). Se necessário, dependendo do número dos participantes, a fórmula é repetida, ou outra é escolhida e imediatamente utilizada a seguir.

A pessoa contra quem o dedo estiver sendo apontado no momento da última sílaba proferida, será, conforme o caso, escolhida ou eliminada (nesta hipótese, o procedimento recomeça, até o último, que, em “esconde-esconde”, por exemplo, será o que vai “bater cara”, isto é, vai ficar diante de uma parede, ocultando-lhe as vistas com as mãos, enquanto os outros se esconderão).

“Uni, du-ni, Trê
Sa-la-mê, min-güê,
Um sor-ve-te co-lo-ri-do
Para vo...cê”.

“Lá em ci-ma do pi-a-no
Tem um co-põ de ve-ne-no
Quem be-beu mor-reu
Quem sa-iu fui... eu”

Às vezes, conforme a rapidez com que a fórmula é pronunciada, nem sempre corresponderá uma sílaba a cada participante.

“Um, tibum!, cada vez sai ...
um”

“Um, tibum!, cada tiro mata ...
um”

“Lá em cima daquele morro
Tem um velho fogueteiro
Que só gosta de mulher
Que usa fita no ca...be...lo”

“A galinha do vizinho
Bota ovo amarelinho
Bota um, bota dois, bota três
Bota quatro, bota cinco, bota
seis
Bota sete, bota oito, bota nove
Bo...ta...dez.”

“Uma velha muito velha
Que pitava no cachimbo
Foi dizê pra minha mãe
Que eu pitava no cigarro
Minha mãe me deu uma surra
Me jogou no taquará
Lá havia muito bicho
Me mordeu no *cal...ca...nhá*”

Naturalmente, há outras formas de escolha (“dois ou um”, terminando no tradicional “par ou ímpar”, por exemplo).

O Prof. José Sant’anna nos lembra de outra:

“As crianças se reúnem, a escolha é feita em grupos de dois. Cada criança pode adotar um, dentre os quatro símbolos:

1 – uma das mãos aberta, em qualquer posição, simboliza o papel;
2 – Uma mão fechada simboliza a pedra;
3 – O dedo indicador apontado, significa a agulha e 4 – os dedos médio e indicador apontados, de qualquer mão, a tesoura.

Papel embrulha a pedra, então o papel ganha.

Tesoura com papel, tesoura ganha.

Agulha fura papel, agulha ganha.

Agulha não fura pedra, pedra ganha, etc.” (“Folclore de Criança – Fórmulas de Escolha”, Anuário do 29º Festival do folclore”).

TRAVALÍNGUAS

São expressões de difícil articulação, especialmente se ditas com rapidez, usadas como recreação/disputa, para ver quem não “trava a língua” (ou quantas vezes é capaz de dizê-las, sem “travar”) pronunciando-as repetidas vezes, e rapidamente.

“É um fraseado usado com sentido lógico, porém estruturado de tal maneira que se torna difícil sua

articulação. Espera-se que a pessoa repita a fórmula depressa, o que dificulta ou estimula o desafio” (Américo Pellegrini Filho, “Literatura Folclórica”, p. 38).

Além de modalidade lúdica, os trava-línguas representam um bom exercício para aperfeiçoamento da pronúncia.

José Sant’anna, em “Trava-línguas”, pontificava que *“quando pronunciamos uma frase, todos os elementos que a compõem existem na nossa consciência; mas o pensamento é mais rápido que a palavra. Daqui resulta que os sons ainda não emitidos podem influenciar as palavras ou sons já emitidos (...) ressoam ao mesmo tempo em nossa consciência tanto os sons que devem ser pronunciados imediatamente, como os que não de ser pronunciados mais tarde, de modo que estes elementos troquem entre si o seu lugar.”*

Para esse grande lingüista e folclorista, *“aos dislâlicos (pessoas que têm dificuldade em articular as palavras) e aos que têm a língua presa, não há melhor remédio que uma boa dosagem de trava-línguas”.*

Destarte, os **trava-línguas**, curiosamente, também servem para **“destravar”** as línguas.

Muito popular, esse recurso foi inclusive utilizado recentemente em uma propaganda de televisão, de um refrigerante, protagonizada pela atriz Regina Casé: “Um quat, dois quat, três quat, quatro quat”.

_ Um tigre, dois tigres, três tigres.

_ Tire o trigo dos três tigres, traga os tigres e o trigo três vezes.

_ O peito do pé do Padre Pedro é preto.

_ Trazei três pratos de trigo para três tigres tristes.

_ Troque o trinco e traga o troco. Traga o troco e troque o trinco.

_ O cozinheiro cochichou que cozinhou chuchu chocho num tacho sujo.

_ Tu tagarelarias, vós tagarelariéis, elas tagarelariam.

_ Debaixo daquela pia tem um pinto; pia o pinto, pinga a pipa; a pipa pinga, o pinto pia.

_ Um ninho de mafaguifos, com sete mafaguifinhos, quem tirar um mafaguifinho bom desmafaguifador será.

BRINCADEIRAS DE RODA

(Alguns também as chamam “Brinquedos de Roda”, “Rodas Infantis”, “Brinquedos Cantados”, entre outros)

Brincadeira que envolve tradição, ritmo, música, movimento, é, por isso mesmo, um forte elemento de socialização.

É preferencialmente praticada entre as meninas, até o antigo ciclo básico do primeiro grau, ou seja, entre meninas de 4 a 10 anos. Mas nem sempre. Outras meninas, de mais idade, também podem brincar de roda. Meninos, inclusive (mas nesse último caso, isso é muito esporádico).

É milenar essa prática de dança de roda, em suas várias modalidades. Os indígenas já a conheciam. Os demais elementos étnicos que contribuíram para a nossa formação cultural, os portugueses e africanos, também trouxeram as suas, assim como outros imigrantes, até que as rodas infantis, transmitidas de uma geração a outra, com todas essas influências, foram se abasileirando.

Mãos dadas, forma-se um

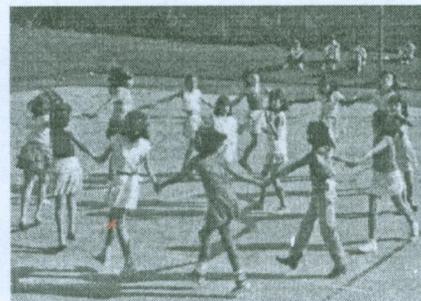
círculo. Gira-se para um lado e para o outro. Cantam-se tradicionais músicas. Encena-se às vezes. Uma criança ou duas ou mais dançam no meio da roda. Uma retorna para a roda. Outra vai para o centro dela. E muito mais.

As brincadeiras de roda, no entanto, estão se tornando cada vez menos freqüentes.

Pudemos observar, porém, que em pequenas cidades do interior são ainda praticadas.

Alguns educadores chegam a propor que tais brincadeiras sejam “estimuladas” no âmbito escolar, numa tarefa conjunta integrada por professores de Educação Artística, Educação Física e de outras disciplinas afins.

São inúmeras tais brincadeiras. Vejamos algumas.



CIRANDA CIRANDINHA

(Esta não podia faltar.)

Ciranda, cirandinha
Vamos todos cirandar,
Vamos dar a meia volta,
Volta e meia vamos dar.

O anel que tu me deste
Era vidro e se quebrou
O amor que tu me tinhas
Era pouco e se acabou.

Por isso, Dona (nome da pessoa)

Faz favor de entrar na roda
Diga um verso bem bonito
Diga adeus e vá-se embora.

SAMBALELÊ



1 - SambaLelê está doente,
Está com a cabeça quebrada
SambaLelê precisava
É de umas boas palmadas.

Estrilho

Samba! Samba! Samba! O
Lelê
Samba na barra da saia, o Lelê
Samba! Samba! Samba! O
Lelê
Samba na barra da saia.

2 _ Diga, ó menina bonita,
Como é que é que se namora?
_ Põe o lencinho no bolso,
Deixa a pontinha de fora.

Estrilho

Uma menina fica ao centro da
roda e as outras, de mãos dadas. A
roda gira cantando a primeira
quadrinha. Ao terminá-la, pára e
canta o estrilho, batendo palmas no
ritmo da melodia, enquanto a menina
que está no centro executa os
movimentos, isto é, samba.

Ao cantar a 2.^a estrofe, os dois
primeiros versos: “Diga, ó menina
bonita? Como é que é que se
namora?” são cantados pelas
meninas da roda e há uma pequena
parada para ouvir o canto dos dois
últimos versos: “Põe o lencinho no
bolso, deixa a pontinha de fora”, os

quais são cantados somente pela
menina do centro da roda, fazendo
a mímica correspondente. O canto é
repetido umas três vezes, depois é
escolhida outra menina, e brincam até
se cansarem.

(Coletada na então E.E.P.G.
“Theodomiro as Silva Melo”, Jardim
Silva Melo, Olímpia/SP, 1996.
Publicada em “O Folclore do
Namoro – O povo falando de amor”,
André L. Nakamura, Anuário do 33.^o
Festival do Folclore de Olímpia)

EU ENTREI NA RODA



Estrilho

Ai, eu entrei na roda
Para ver como se dança
Eu entrei na contradança
Eu não sei dançar.

1 - Sete e sete são catorze,
Três “vez” sete, vinte e um
Tenho sete namorados,
Mas não gosto de nenhum.

2 - Namorei um garotinho
Do colégio militar,
O danado do garoto
Só queria me beijar.

Essa brincadeira de roda,
quando a registramos, na então
E.E.P.G. “Santo Seno”, Olímpia/SP,
em 1996, não observamos nenhum
tipo de encenação em torno da letra
da música.

Começava-se cantando o
estrilho. A roda girava. Duas

meninas iam para o meio da roda,
revezando-se depois. Davam-se
ambas as mãos, braços esticados,
giravam mais rapidamente dentro da
roda. As estrofes eram cantadas.
Voltava-se ao estrilho, etc.

MARIQUINHA RIFOFÓ

1 - Mariquinha rifofó, rifofó
Arrasta a saia pela lama, rifófó
Ela, ela, ela, ela é meu bem,
Se morrer fico sem seu amor.

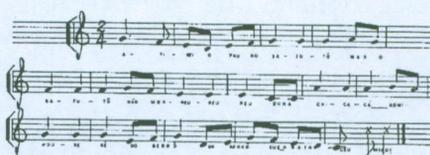
2 - Mariquinha sacode a saia,
Mariquinha levanta o braço,
Mariquinha tem dó de mim,
Mariquinha me dá um abraço.



A “Mariquinha” é escolhida.
Faz-se a roda em torno dela. Ao
cantarem “Mariquinha rifofó...”, ela
requebra. “Arrasta a saia...”, ela se
abaixa, arrastando a saia. “Ela, ela...”
e “Se morrer...”, ela põe as mãos no
peito, dramatiza. “Mariquinha
sacode a saia”, seguindo a letra, com
as mãos à altura dos joelhos, sacode
a saia, e assim vai...

Quando cantam “Mariquinha
me dá um abraço”, ela abraça uma
das meninas da roda. A escolhida
assume então o papel de Mariquinha.

ATIREI O PAU NO GATO



Atirei o pau no gato-tô
 Mas o gato-tô não morreu-reu-
 reu
 Dona Chica-cá admirou-se-se
 Do berrô, do berrô que o gato
 deu:
 Miau!

As crianças cantam e saltitam em roda. Ao dizerem “Miau”, param, pulam e abaixam-se (mais praticada entre crianças do pré-primário).

FUI NO ITORORÓ

Fui no Itororó
 Beber água não achei
 Encontrei bela morena
 Que no Itororó deixei.

Aproveita, minha gente,
 Que uma noite não é nada,
 Se não dormir agora,
 Dormirás de madrugada.

Ó Mariazinha (o nome de uma participante)

Ó Mariazinha
 Entrarás na roda,
 Ficarás sozinha!

_ Sozinha eu não fico,
 Nem eu hei de ficar,
 Porque tenho (nome da pessoa)
 Para ser meu par.



Forma-se a roda, uma criança

no centro. A roda gira. Todas cantam as três primeiras quadras e param. A que está no centro, cujo nome se mencionou, canta, sozinha, a quarta quadra e, ao citar o nome de uma amiguinha, posiciona-se diante dela, estende-lhe as mãos. A escolhida a substitui.

TEREZINHA DE JESUS

Brincadeiras de roda é para meninas. Sim, mas às vezes, instados pelo encanto feminino das garotinhas _ sempre divididos entre dizer não a elas (é difícil!) e o medo das chacotas dos outros garotos que nunca dizem sim _ há meninos que participam de algumas rodas, especialmente de TEREZINHA DE JESUS, querendo ganhar o beijo e o abraço das meninas.



Terezinha de Jesus
 De uma queda foi ao chão
 Acudiram três cavalheiros
 Todos os três, chapéu na mão.

O primeiro foi seu pai
 O segundo, seu irmão,
 O terceiro foi aquele
 Que a Tereza deu a mão.

Da laranja, quero um gomo
 Do limão, quero um pedaço
 Da menina mais bonita
 Quero um beijo e um abraço.
 (Se estiver uma menina no meio da roda, e meninos participando desta, ela canta: “Do menino mais bonito quero um beijo e um abraço”).

Quando terminam de cantar os

dois últimos versos, quem estiver no meio da roda dirige-se até a pessoa que escolher, para o beijo e o abraço. Conforme a timidez dos participante, às vezes é só o abraço, ou então, nem isso: uma menina dirige-se a outra, frustrando as expectativas dos meninos que participaram.

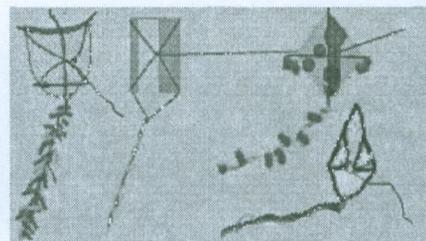
BRINQUEDOS

Começemos por estes, em que um objeto é indispensável para a brincadeira.

Bonecas de milho, barcos e aviões de papel, carrinhos de rolemã, petecas, pernas de pau, bolas de gude, piões, estilingues, são grandes exemplos de brinquedos infantis. Tomemos os seguintes:

PAPAGAIO

Tenho rabo, mas não sou cão,
 Sem asas eu sei voar,
 Se me largam eu não subo,
 Saio ao vento para brincar?
 _ Papagaio (brinquedo)



Segundo o Aurélio, é “brinquedo que consiste em uma armação de varetas de bambu, ou de madeira leve, coberto de papel fino, e que, por meio de uma linha, se empina, mantendo-se no ar”. É dos mais populares, tendo vários sinônimos pelo Brasil afora (pipa, pandorga, cartola, morcego, cafifa, arraia, etc.). Vale lembrar que o papagaio serviu a Benjamin Franklin para desenvolver o para-raios.

PIÃO



Pião “é brinquedo de madeira, piriforme (forma de pera), com uma ponta de ferro por onde gira, graças ao impulso do cordão enrolado na outra extremidade e puxado com violência e destreza”, informa Câmara Cascudo.

Os piões usados podem ser os fabricados para comércio ou os produzidos artesanalmente (feito com madeira, que é lixada em forma de um balão com um prego na extremidade, lixado na ponta para ficar bem fino). Impulsionado por um barbante, é ele lançado, para “girar”.

Uma das modalidades de brincadeira com o pião é aquela em que se risca um círculo com cerca de um metro de diâmetro, que funciona como baliza do jogo. Quem jogar o pião dentro do círculo, marca ponto; quem não o fizer, perde ponto.

Outro exemplo é o pião no braço, em que o jogador, demonstrando habilidade, pega na palma da mão o pião que já está girando e o traz com movimentos leves até o antebraço. Alguns mais habilidosos fazem o pião girar até na unha.

Esse brinquedo está ficando cada vez mais raro.

BITOS

Também chamados “cinco marias”, *bitos* são como que almofadas ou travesseiros em miniatura, medindo em torno de 3 cm por 2,5 cm, aproximadamente. Pode-se com eles brincar individualmente ou em disputa com uma ou mais crianças.



Há diversas formas de se brincar com eles. Uma delas é a seguinte: o jogo se inicia com o arremesso dos 5 bits pela mão direita, por cima da outra mão que estará apoiada em “chave” (as pontas do polegar e do indicador da mão esquerda são apoiados em uma mesa ou outra superfície lisa de modo a formar como que uma “entrada de uma caverna”). Um bito é escolhido pelos adversários para ser jogado ao alto a cada vez que o jogador passar (com um tapa, empurrando-os) cada um dos outros bits pela referida “entrada”. Depois dos quatro bits terem atravessado essa “entrada”, o competidor, então, amontoa os 5 bits nas costas da mão e os arremessa ao alto para tentar pegá-los antes que estes caiam no chão. Cada bito pego equivale a dez pontos. Vence quem os fizer em maior número. Esse jogo é mais para meninas.

BOLINHA-DE-GUDE (ou Bolinha-de-vidro)

Pode-se brincar com elas livremente, como passatempo, ou em disputa, em que as próprias bolinhas serão os prêmios.



Exemplifiquemos com o jogo da casinha ou da biroca, em que os participantes fazem um buraco na terra, mais ou menos com a dimensão da borda de uma xícara de chá, em lugar mais ou menos plano. A uma distância de aproximadamente três ou quatro metros da biroca (o pequeno buraco), o jogador que fizer com que uma de suas bolinhas mais se aproxime da biroca, tem direito a mais uma jogada, tentando fazer com que suas bolinhas caiam no buraco. O que fizer mais pontos vence.

BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS “DE GINCANAS”

Faremos neste trabalho apenas breve referência a algumas brincadeiras que são típicas das chamadas “gincanas”, ou seja, brincadeiras que geralmente se realizam apenas em eventos promovidos pelas escolas, clubes, associações, etc., em que haja competições, público e premiação para os vencedores (onde não só as crianças participam; adultos às vezes as disputam também).

Papagaios, bits, “pular corda”, corrida de carrinho de rolemã, por exemplo, embora também possam ser prova em tais eventos, são eles brincados, “descompromissadamente”, ao contrário de outras, que, na quase totalidade das vezes, só se realizam nos mencionados torneios, como o **cabo-de-guerra** (duas equipes medem forças puxando uma corda);

corrida de perna-de-pau; **corrida-do-saco** (os competidores se introduzem em um saco cuja boca devem segurar com ambas as mãos. O movimento das pernas pode se dar com passos curtos ou saltos mais longos. Vence aquele que primeiro chegar ao lugar marcado, independentemente de eventuais quedas); **corrida-do-ovo-na-colher** (crianças segurando uma colher em que há um ovo disputam uma corrida. O competidor que apoiar o ovo com os dedos ou usar outro meio para manter o ovo na colher será desclassificado. Vence a que primeiro chegar ao determinado lugar sem deixar cair o ovo); **corrida-de-três-pernas** (corrida de duplas, a perna esquerda de uma criança e a direita de outra são atadas); **pôr-o-rabo-no-burro** (um alvo, com alguns pontos, sendo o central o que enseja maior pontuação, no qual a criança, de olhos vendados, o tenta furar com uma espécie de dardo, só que sem lançá-lo a distância; faz-se diretamente com a mão, próximo ao “burro”) ou **quebra-pote** (em que se tenta, também com os olhos vendados, bater com um pedaço de pau em bexigas contendo balas e bombons, substituindo-se os potes para maior segurança dos participantes. Em Pernambuco, por exemplo, é “quebra-panela”, utilizando-se uma panela de barro).

Dissemos “na quase totalidade das vezes”, mas, na realidade, nunca vimos, particularmente, brincadeiras como essas “acontecerem”, de modo espontâneo, na rua, ou no ambiente escolar, durante o recreio.

Não há que se negar, no entanto, a importância de tais eventos, que fomentam, sem dúvida, as tradições lúdicas.

No Festival do Folclore de Olímpia, por exemplo, com grande sucesso se realizam a **FOLCLORANÇA** e a



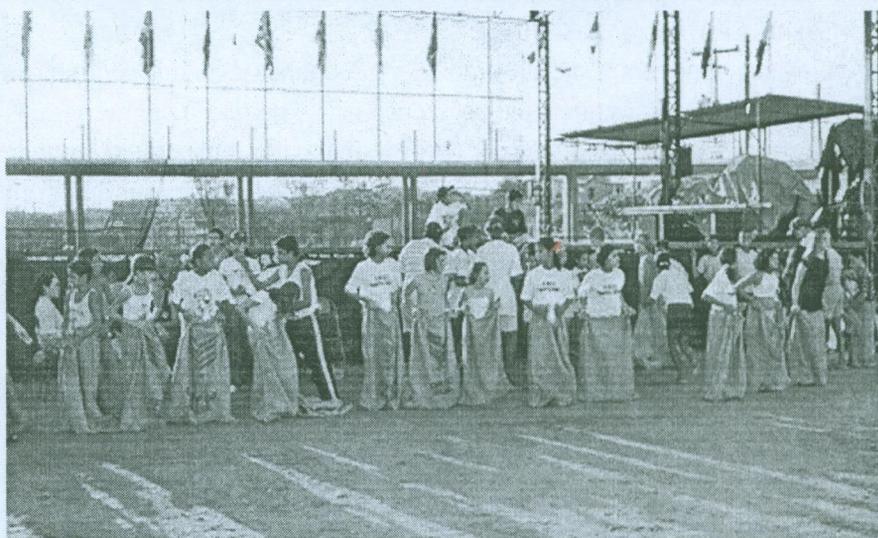
Perna-de-pau



Cabo-de-guerra



Pôr-o-rabo-no-burro



Corrida-do-saco

GINCANA DE BRINQUEDOS TRADICIONAIS INFANTIS.

Esta última, neste 39º Festival do Folclore, completa sua 38ª etapa. Um concorrido evento, de que participa grande número de crianças, cujos objetivos, dentre outros, são: preservar e/ou reativar o prazer pelos brinquedos infantis; reunir crianças de todos os níveis sociais em saudáveis competições; proporcionar aos infantes momentos de salutar aproveitamento das horas

de lazer.

A “Folclorança” (Folclore – Herança – Criança – Confiança - 9ª etapa neste 39º FEFOL), em supletório consórcio com a referida Gincana, é uma oficina de brinquedos tradicionais infantis em que a criatividade das crianças é exercitada mediante a confecção de máscaras, fantasias e outras figuras, de motivos folclóricos, a partir de variado material (madeira, sucata, retalhos de tecido, papelão, etc.). Na

“Folclorança” os participantes também produzem papagaios, estilingues, bitos, vivenciando, assim, os tempos em que essa atividade antecedia o prazer de brincar, haja vista não existir ainda o comércio de produtos daquele jaez.

Neste trabalho, daremos preferência a brincadeiras que podem se realizar “de repente”, sem a necessidade de nenhum objeto, ou que, mesmo sendo necessário, seja ele de fácil acesso ou de costumeiro uso:

“BRINCAR DE MÊS”

Um determinado grupo de crianças se senta, enquanto duas (selecionadas por algum meio) se dirigem a um canto, reservado, escolhem um mês qualquer, retornam e vão perguntando aos outros participantes “Que mês?”, até que um deles acerte qual o mês que aquelas escolheram. À criança que acertar, perguntam: “O que quer do mundo?”. “Carro”, suponhamos. As duas que haviam escolhido o mês novamente se afastam para confabular. Uma delas será, por exemplo, um “Vectra”. A outra, um “Astra”. Retornam e perguntam à criança que acertara o mês qual dos dois ela quer. Se disser Vectra, irá então com a que representava essa marca escolher outro mês. A “Astra” se sentará com as demais, e assim sucessivamente, até cansarem e resolverem mudar de brincadeira.

PASSA-ANEL

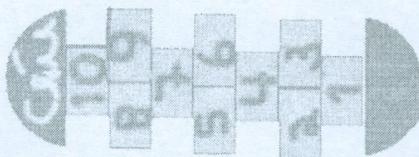


Um anel mesmo, ou uma

pequena pedra na falta de um anel, é passado de mão em mão entre os participantes. O que estiver passando, segura o anel entre suas mãos, espalmadas; os demais, posicionam suas mãos, da mesma forma, abrindo-as em forma de concha, quando o passador o “visitar”, para que este com suas mãos juntas e espalmadas simule deixar-lhe o anel. Quem descobrir com quem foi deixado o anel será o próximo a passar.

AMARELINHA

Risca-se com um giz a figura abaixo:



A criança joga uma pedrinha na casa n.º 1, pega-a e segue para as próximas casas, em pequenos pulos, colocando os dois pés nas áreas em que houver duas casas (quadrados 2 e 3, 5 e 6, 8 e 9) e com apenas um pé nos demais (quadrados 4, 7 e 10). Depois de pisar os dois pés no “céu”, retorna e coloca a pedra na casa n.º 2, e repete a operação, depois de concluí-la, joga a pedra sobre o n.º 3, e assim segue. Na área em que a pedra for colocada não se pisa. Também não se pode pisar fora das dimensões da casa.

LENÇO-ATRÁS

Forma-se um círculo, com o maior número de participantes possível. De pé ou sentados, todos devem ficar atentos. Não se pode olhar para trás.

Um deles percorre o círculo e, disfarçadamente, solta o lenço (ou outro objeto qualquer, leve, que não faça barulho) atrás de alguém e corre.

Enquanto isso:

- _ Lenço na mão _ diz a criança que está a percorrer o círculo.
- _ Caiu no chão _ responde a roda.
- _ Da mão de quem? _ torna a criança.
- _ Da minha mão _ respondem os demais.
- _ Posso jogar?.
- _ Pode.
- _ Ninguém vai olhar?.
- _ Não.
- _ Posso correr?...

Essa pergunta é a dica de que foi jogado o lenço (ou outro objeto qualquer, desde que seja leve, na falta de um lenço). Cada participante deve rapidamente verificar se o lenço não foi jogado atrás de si.

A criança, atrás da qual foi o lenço jogado, deve, conforme o combinado, alcançar e segurar, ou, então, apenas tocar quem deixou o lenço cair antes que este chegue ao lugar em que estava posicionada a “vítima”. Se não conseguir, será sua vez de jogar o lenço.



Segundo uma variante que recolhemos junto às crianças do GODAP – Grupo Olimpiense de Danças Parafolclóricas “Cidade Menina Moça”, a brincadeira se inicia com esses versos, ditos em coro pelos participantes:

- “Corre, cotia, na casa da tia.
- Corre, cipó, na casa da avó.
- Moça bonita do meu coração.
- Galo que canta, corocócó.
- Chupa cana com um dente só”.
- Aí a criança que vai deixar cair o lenço atrás de alguém, pergunta:
- _ Posso jogar? Ninguém vai olhar...

CABRA-CEGA

Reúne-se um grupo de crianças. Uma é escolhida para ser a “cabra-cega”. Seus olhos são vendados. Giram-na algumas vezes para que perca a noção de espaço. As outras crianças “mexem” com a cabra, que deve tentar tocar alguma delas. A que for tocada a substitui.



ELEFANTE COLORIDO

O escolhido anuncia:

– “Elefante colorido”!

– “Que cor?”, perguntam as outras crianças.

Diz-se uma cor, todos os participantes devem correr ao encontro de algum objeto que seja da cor que o “elefante” escolheu e ficar segurando-o ou nele tocando. O “elefante” persegue os que ainda não conseguiram tocar tal objeto. Pegando alguém, é substituído. Se não conseguir, continua como elefante.

Em uma variante que presenciámos, em vez de “Elefante Colorido”, dizia-se “Leão”.

GATO E RATO

Forma-se a roda. Os integrantes posicionam-se de mãos dadas. Um deles, que faz o papel do “Relógio”, gira de costas para o centro da roda, em cujo interior se localiza o “Rato”. A roda gira. De fora dela circula o “Gato”, que pergunta ao “Relógio”:

– Que horas são?

– Uma hora – responde o “Relógio”.

– Que horas são?

– Duas horas.

– Que horas são?

– Três horas.

– O Rato está? – pergunta o Gato.

– Não.

– A que horas ele vai chegar?

– Às seis horas.

A roda gira.

– Que horas são?

– Quatro horas.

– O Rato está?

– Não.

– Que horas são?

– Cinco horas.

Continua a roda girando.

– Que horas são?

– Seis horas.

– O Rato já chegou?

– Já!

Nesse momento a roda se fecha. Os braços, que até então estavam esticados, se entrecruzam. Os integrantes da roda se ajuntam fortemente, fechando a passagem ao Gato. Este, para “pegar” o Rato, tenta romper o “cordão de isolamento” de alguma forma, para ingressar no meio da roda, mas sem usar de violência ou de força exagerada; pode, por exemplo, (se for convencionalizado) fazer cócegas em algum dos integrantes do cordão ou valer-se de outros expedientes astuciosos; os demais dificultam suas tentativas. Se acaso o perseguidor conseguir penetrar a roda, os componentes desta abrem passagem ao Rato, o qual, então, foge, para fora do cordão, que agora se fecha novamente ao intruso, dificultando-lhe a “captura” do Rato. Obtendo êxito, o perseguidor passa a integrar a roda, o Rato se torna então o Gato perseguidor, e outro é escolhido para representar o Rato.



Apenas para exemplificar que as brincadeiras infantis apresentam grande dinamismo. Já presenciámos uma variante em que não há o “Relógio” (toda a roda faz seu papel). Lembremos também que no Rio Grande do Norte, em vez de Gato e Rato, diz-se “Touro-Passa”, conforme informação de Deífilo Gurgel, em “Espaço e Tempo do folclore Potiguar”.

ALERTA!

As crianças reunidas para essa brincadeira serão identificadas por nomes de frutas ou animal ou o que quer que se combine. Assim ela se inicia: Uma delas joga a bola para o alto e grita, por exemplo, “Banana!”. Todos correm. A pessoa identificada por esse código deve voltar, e, no momento em que pegar a bola, gritar “Alerta!”. Os participantes devem parar onde se encontrarem no instante do grito, permanecendo imóveis. O “alertante” tem direito a três saltos para ficar o mais próximo possível do “alvo” que escolher, contra o qual deve atirar a bola. Se acertar, a brincadeira recomeça. É então a vez daquele que foi “alvo” jogar a bola ao alto, referindo-se a alguém, como já descrevemos. Se errar, deve correr atrás da bola, pegá-la e, novamente, enquanto os outros tornam a correr, gritar “Alerta!” e tentar outra vez acertar um deles, até conseguir. Essa brincadeira tem muitas variantes. Conforme o combinado, se a pessoa erra mais de três vezes, paga algum

castigo (certa quantidade de abdominais, peixinhos, cangurus, etc.), e o jogo recomeça.



QUEIMADA

Ou “Bola-queimada”, ou “Queima”. Fixam-se dois pontos extremos, em cada um dos quais se posiciona um jogador. Dentre eles, ficam os demais participantes da brincadeira, que serão atingidos (“queimados”) pelas bolas lançadas, alternadamente, pelos jogadores posicionados em cada uma das extremidades do espaço delimitado. As possíveis vítimas correm para o lado oposto do “queimador”, tentando esquivar-se dos lançamentos. Os que conseguirem segurar a bola que contra si foi jogada, ganha uma “vida”, isto é, podem ser “queimados” e ainda permanecem em mais um lance. Os que não conseguirem são automaticamente eliminados. Vence o que ficar por último.

MÃE DA RUA

Escolhe-se, por algum meio, a “Mãe da Rua”, a qual deve se posicionar no meio da rua. Os outros

participantes ficam numa calçada e devem tentar a travessar a rua, rapidamente, em direção à outra calçada. Delimita-se uma área. Pode essa brincadeira ser realizada também em outros locais amplos; a travessia será, então, de um a outro pontos, a serem estabelecidos. A “Mãe da Rua” intercepta o caminho. Quem ela tocar se torna também “Mãe da Rua”, passando a exercer mencionada função. Quem ameaçar atravessar, puser o pé na calçada, deve ir em frente; se voltar, vai também para o meio da rua. O vencedor é o que ficar por último sem ter sido “pego” pelas Mães da Rua.



ROUBA-OURO

Dois times são formados (mais ou menos seis de cada lado, mas pode haver mais). Dois campos são divididos por um risco no meio da rua (ou então se valem de alguma marca de uma quadra esportiva, no recreio escolar). Um objeto qualquer representa os “ouros”. Na extremidade de cada um dos campos fica o “ouro” de cada equipe. Dentro de sua área, “na defesa”, os jogadores têm o poder de “paralisar” seus adversários, batendo-lhe duas vezes em qualquer parte do corpo. Para se desfazer o “encanto”, basta que alguém do mesmo time toque o “encantado” (no campo adversário, os jogadores detêm a prerrogativa de “desparalisar” seus colegas). A equipe que conseguir roubar o ouro da oponente vence a partida. Várias situações podem acontecer, inclusive a de ficar quase todos “estátuas”, à exceção de alguns poucos membros

de cada lado, um dos quais, na corrida, ou na astúcia, retornando rapidamente a seu campo e paralisando o adversário, rouba o ouro.

SALVA



Formam-se duas equipes, com o mesmo número de componentes cada. Uma, de “perseguidores”; outra, de “fugitivos”. Estabelece-se um local para o “pique” - o ponto de concentração dos “capturados” (uma árvore ou uma parede, por exemplo). Para distinguir os componentes de cada time, os membros de um deles ficam sem camisa. É delimitado certo espaço. Quem ultrapassá-lo, durante as perseguições, é considerado “pego”, e deve ir para o “cativeiro”. A correria começa. Os perseguidores devem bater três vezes nas costas dos fugitivos (“Fulano, pego, um, dois, três”), que, capturados, vão para o “tronco”. O primeiro fica com a mão encostada no ponto escolhido (árvore, poste, muro, etc.). Chegando os próximos, vai se formando uma fila lateral, com seus integrantes de mãos dadas, braços esticados (“cordão”, como alguns a chamam). Os demais perseguidos podem, no entanto, “salvar” os já capturados: basta-lhes tocar, mesmo que às carreiras, o último da fila (obtendo êxito, toda a correria recomeça, do “zero”). Para facilitar o socorro, o “cordão” pode se movimentar, contanto que não se soltem as mãos. Os perseguidores tentam impedir o salvamento. Alguns

ficam de “guardiães”, enquanto os demais partem no encalço dos outros fugitivos. A duração desse “corre-corre-pega-pega” é convencionalizada pelos participantes. Os perseguidores vencem se capturarem todos os fugitivos. Mais brincadeira por meninos.

RICO-TRICO-PÉ-NA-LATA



Uma variante de esconde-esconde.

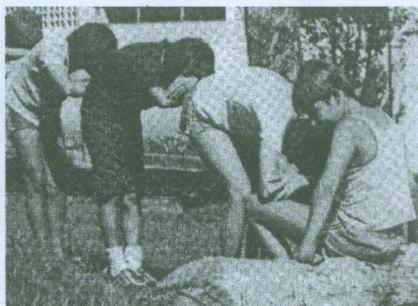
Escolhe-se, por algum meio, quem vai ficar no pique (ponto central da brincadeira, por exemplo, uma árvore ou um poste). Feito o sorteio, alguém se encarrega de lançar uma lata qualquer. Enquanto o piqueiro busca a lata, todos correm para se esconderem. Ao pegar a lata e depositar no pique, o piqueiro sai à procura dos escondidos. Quando avista algum, corre para o pique, pega a lata e nela bate três vezes anunciando em voz alta “Fulano, um, dois, três, atrás do poste”. Se a criança descoberta consegue alcançar o pique antes do piqueiro pegar a lata, pode pegá-la, jogá-la para longe, e ir novamente esconder-se. Pode-se também, enquanto o piqueiro se afasta do pique em busca dos escondidos, correr ao pique, jogar a lata para longe, e esconder-se novamente. Os que forem pegos podem ser “salvos” por alguém que chegue e jogue a lata antes do piqueiro. Se todos forem salvos, o piqueiro será o mesmo outra vez. Se não, o primeiro a ser localizado será então o piqueiro. •

BALANÇA-CAIXÃO

O mestre Sant’anna, em “Folclore e Morte – Cuide da vida, porque a morte é certa” (Anuário do 33.º Festival do Folclore), descreve essa brincadeira:

“Balança-caixão!
_ Balança você!
_ Dê um tapa na bunda
E vai se esconder”

Esse é, por assim dizer, o grito de guerra da brincadeira.



O balanço-caixão é uma brincadeira da qual participam meninas e meninos.

(...)O *caixão* é o líder do grupo. Geralmente, o mais velho. Ele inicia a brincadeira. É a personagem que fica sentado numa posição de destaque e ordena a maneira pela qual os *defuntos* deverão ser trazidos ao local do início da brincadeira.

A *tampa* é o primeiro elemento da fila que fica debruçado nos joelhos do *caixão*, de olhos vendados. Ela tem a incumbência de localizar e trazer os participantes do brinquedo, os *defuntos*, de acordo com as ordens dadas pelo *caixão*. Cada um é trazido de maneira diferente, cumprindo um castigo: pela orelha, pelos cabelos, por beliscão, como mula manca (a *tampa* imobiliza uma das pernas do *defunto*) e este tem que vir pulando, com dificuldade), carriolinha (a *tampa* apanha o *defunto* pelos pés e este vem com as mãos apoiadas no chão)

bem como outras maneiras.

A *tampa* é substituída por outro elemento, quando o *defunto* não é encontrado.

Os *defuntos* ficam debruçados, uns sobre os outros, de olhos vendados, em fila indiana, tendo como guia a *tampa*, que é o primeiro elemento. A partir da resposta ‘dá um tapa na bunda’ é vai se esconder’, ele procura se ocultar da melhor maneira possível, não muito distante do *caixão*, como um carrasco, que procura, segundo a tradição infantil, descontar na sua vez os castigos impostos pelo *caixão*.

A brincadeira começa assim:

Os *defuntos*, preparados para a brincadeira, gingando com o corpo de um lado para o outro, gritam em coro:

Balança-caixão!

O *caixão* responde:

Balança você!

A *tampa* ordena:

Dê um tapa na bunda e vai se esconder!

O último *defunto* dá um tapa na bunda do penúltimo da fila e vai esconder-se.

Essa operação se repete até que o último *defunto* bata na *tampa*. Aí o *caixão* ordena à *tampa* que vá buscar os elementos, de acordo com os castigos impostos por ele. Qualquer *defunto*, quando localizado pela *tampa*, não pode fugir.

Esse fato se repete quantas vezes o número de participantes permitir”.

O Prof. Sant’anna finaliza informando que “lamentavelmente esse brinquedo está começando a ser esquecido. Em algumas localidades paulistas é revivido apenas na lembrança daqueles que um dia viveram esses bons momentos. Em Olímpia o brinquedo mantém viva a tradição”.

MÃE-DA-MULA

Brincadeira de meninos, nela as personagens são a *mula* e o *rei*, a serem escolhidos entre os participantes. A mula fica de costas curvadas, bem para baixo, as mãos segurando as canelas, à frente da fila indiana (distante dela a cerca de cinco ou seis metros), iniciada pelo rei, que a saltará em primeiro lugar. A chamada “evolução” que o rei fizer ao saltar deve ser imitada pelos demais. São várias as evoluções, como por exemplo: o rei pula a mula e dá uma pirueta; os outros “seguem o rei”.



BARRA MANTEIGA

Geralmente é um jogo de meninos contra meninas. Uma linha divisória separando dois campos adversários é traçada. A certa distância dessa linha, em cada campo, posicionam-se as equipes adversárias, com seus respectivos componentes de pé, um ao lado do outro. Um dos garotos, o primeiro da série, vai até o campo feminino (ou vice-versa). As meninas ficam todas com as mãos abertas, palmas para cima. O menino passa suas mãos pelas das meninas, uma de cada vez, simulando que, a qualquer momento, vai bater as palmas de suas mãos contra as delas, fazendo suspense, até que de repente, na que escolher, o faz. Nesse instante deve correr para o seu campo. Se for pego antes de atravessar a linha é

eliminado da brincadeira. A seguir, uma das meninas vai até o campo masculino, agindo da mesma forma. Vão-se, assim, eliminando os que forem tocados no campo adversário, até que vença a melhor equipe.

FEIJÃO-QUEIMADO

Uma fileira de crianças de mãos dadas. A da ponta esquerda diz à da direita:

- _ Feijão queimado.
- _ Quem queimou?
- _ Ladrão dos porcos.
- _ Quer que prenda?
- _ Prenda já. Daqui para lá.

Todos os participantes, então, vão passando por debaixo do braço da penúltima da outra ponta cantando: “Maria casou e não me convidou, comeu o doce e se lambuzou”, repetidas vezes até que todas fiquem voltadas para o lado de fora e as duas da ponta começam a buscar o cordão.

BEIJO, ABRAÇO... SALADA MISTA

Em conversas com professores e funcionários de escolas de Olímpia/SP, comentando-se que as crianças estão cada vez mais precoces, cada vez menos crianças, muito se falou sobre um suposto paulatino arrefecimento das brincadeiras infantis em geral. No que diz respeito aos namoros, disseram que as crianças não brincam mais de namorar; namoram mesmo, mais cedo do que se imagina.

Não obstante, verificamos, em Olímpia/SP, nas pequenas cidades da região e mesmo em outras maiores, como São José do Rio Preto/SP, que algumas brincadeiras persistem, inclusive esta muito conhecida:



Dentre várias crianças reunidas para esta popularíssima brincadeira, uma delas _ a que primeiro se habilitar, ou escolhida por algum critério, ou mesmo por uma fórmula de escolha _ tendo seus olhos tapados pelas mãos de outra, começa-a dizendo:

- _ Caí no poço!
- _ Quem te acode? _ perguntam.
- _ Meu bem é que pode.
- _ Quem que é teu bem? É esse? É esse? É esse? _ e segue perguntando, a pessoa que lhe tapa os olhos _ ao apontar, uma a uma, as outras crianças, até a resposta:

_ É.
_ O que você quer? Beijo, abraço, aperto de mão, passeio (de mãos dadas)... salada mista (beijo na boca).

A criança diz qual sua opção antes de descobrir quem é a outra, a sorteada a sucede, e assim por diante.

(Quando for uma menina, são apontados os meninos, e vice-versa).

Os que não quiserem cumprir o que foi dito, por alguma razão, devem cumprir algum castigo avençado (determinada quantidade de *peixinhos*, abdominais, *cangurus* e outros).

Essa brincadeira apresenta muitas variantes. O diálogo inicial é muitas vezes dispensado (verificamos, em algumas oportunidades, em São José do Rio Preto/SP; em Olímpia/SP, não). As opções podem também ser codificadas por meio de nomes de frutas, por exemplo uva (abraço); morango (beijo no rosto), salada mista (beijo na boca).

Deve ser muito vigiada porque

é cheia de fraudes, a exemplo desta: combina-se com a pessoa que veda os olhos que aumente um pouco a pressão dos dedos quando apontado “um certo alguém”.

É tão conhecida que até a Xuxa a registrou numa canção: “Pera, uva, maçã, salada mista, diz o que você quer, sem eu dar nenhuma pista(...)”.

O grupo “Molejo” também: “Brincadeira de criança, como é bom. Guardo ainda na lembrança (...) Aquela brincadeira de beijar... é essa? ... é essa?”.

(Recolhemos nas escolas “Ezequiel Ramos”, São José do Rio Preto/SP, e “Capitão Narciso Bertolino” e “Santo Seno”, Olímpia/SP)

AGARRA, AGARRA

Essa, mais assanhada, presenciamos em uma ocasião entre jovens reunidos informalmente no pátio da Igreja Metodista de Olímpia/SP, em 1995. Não é tão comum como a anterior, pois a vimos repetir-se, esparsamente, em outras ocasiões.

É parecida com a “dança da cadeira” (cadeiras dispostas em círculo; pessoas girando em torno delas enquanto uma música toca. Há uma cadeira a menos. Interrompe-se a música, todos devem sentar-se rapidamente; o que não conseguir, sai da brincadeira; retira-se mais uma cadeira, e assim vai até que fiquem duas pessoas e uma cadeira).

Formam-se dois círculos concêntricos. Um de meninas, outro de meninos (ou vice-versa), um dos quais com mais de um componente. Os participantes caminham em círculos, a certa distância um do outro. Os do círculo maior em sentido contrário ao do menor. Toca-se, eletronicamente, ou se canta, alguma música. Quando esta for

interrompida de algum modo por alguém (de fora das rodas), os membros do círculo maior (meninos ou meninas, conforme o caso) devem rapidamente abraçar alguém do círculo menor. Quem estiver “menos abraçado” a alguém, do que um concorrente seu, sai da brincadeira levando consigo outro componente do círculo menor, a seu critério.

BRINCAR DE MÉDICO

Como publicamos no Anuário do 33º Festival do Folclore, em “Folclore do Namoro – O povo falando de amor”, Brincar de médico tornou-se eufemismo ou matreiro sinônimo do ato amoroso em decorrência da forte idéia sexual que se prende a essa expressão que, originariamente intitulava apenas o brinquedo infantil que representa as inclinações das crianças para as *artes amorosas*.

Sem querer polemizar, digamos que esta é uma manifestação da cultura espontânea que outras ciências a apreciam da maneira que lhes aprouver, segundo seu campo de ação.

Passemos à brincadeira:

A brincadeira de médico, em geral, é realizada entre crianças que se tenham mais intimidade _ amigos colegas de sala de aula, vizinhos, primos, etc.

Por algum procedimento de escolha ou pela iniciativa dos mais assanhados, escolhem-se o(a) médico(a) e a(o) paciente. A brincadeira começa.

O médico pergunta:

_ Onde dói?

_ Na barriga _ responde, por exemplo, a paciente, pois pode ser na mão, no pé, dependendo de sua timidez ou da temperatura inicial da brincadeira.

Ato contínuo, o médico passa a examinar-lhe a barriga _ são verdadeiras carícias _ até achar por bem perguntar:

_ Sarou?

Caso a paciente diga não, o “exame” prossegue; se a resposta for afirmativa, o médico o cessa, e a paciente, então, representará a médica.

Pode, entretanto, a consulta continuar, se acaso a paciente mencionar que a dor ainda não passou ou se queixar de alguma outra, ao ser questionada pelo médico. “Mais alguma coisa?”.

Se for apontada uma dor no rosto, com a subida das “temperaturas”, o exame inicia-se com afagos e pode concluir-se com um beijo no rosto. Se a dor for de dente, há um beijo na boca. “Sarou?”...

Há incontáveis variantes dessa controvertida brincadeira. A “dor de dente”, por exemplo, foi mencionada apenas por crianças do Bairro Santa Ifigênia, dentre as várias, de diversos bairros olímpenses, com quem conversamos a respeito (com alguma dificuldade no início), com a ajuda do Prof. José Sant’anna, companhia sempre agradável do Prof. José Sant’anna, cuja simpatia cativava quase de imediato quem não o conhecesse (poucos em Olímpia), facilitando-nos a pesquisa.

KILLER OU DETETIVE/ ASSASSINO

Não sabemos dizer se são as crianças e adolescentes ou se são os adultos que “também” desenvolvem essa brincadeira. O fato é que já verificamos pessoas das mais diversas idades a brincá-la.

Ela é conhecida por ambos os nomes mencionados. Entre pessoas

de outras regiões, como de Minas Gerais e do Nordeste do país, já presenciamos durante o Festival do Folclore de Olímpia o uso de “Matador” para denominá-la.

A escolha daqueles que representarão o detetive e o assassino se dá por sorteio. São distribuídos a cada participante pequenos papéis dobrados contendo as funções a serem desempenhadas, quais sejam, assassino e detetive, representados, cada um, respectivamente, por uma só pessoa, e vítima, que serão as demais.

Ao contrário de outras brincadeiras, os participantes, no início da brincadeira, não sabem quem é quem.

O que sair com o papel escrito “assassino” (ou matador ou *killer*, etc.) “matará” os participantes por meio de uma discreta, porém destrutiva, piscada de um de seus olhos. O “detetive” deve tentar descobrir quem é o assassino. Os olhares se cruzam a todo instante. Tensão. Silêncio. Quem tirar um papel escrito “vítima” e receber a mortífera piscada, deve aguardar alguns segundos, para dificultar o trabalho do detetive, e dizer “morri”, não mais participando da brincadeira. Vão-se eliminando, assim, as vítimas. Se o detetive flagrar uma das letais piscadas do *killer*, dir-lhe-á: “Preso em nome da lei”, encerrando a brincadeira.

Trata-se de um jogo de olhares intensos, muito ao gosto das crianças e adolescentes, pois _ tendo em vista que é sinal de “paquera” o ato de piscar um só dos olhos para alguém _ pode essa brincadeira permitir olhares penetrantes e piscadas altamente reveladoras para algumas pessoas, disparadas por outras que se valem do jogo para “paquerar”, sem se importar de serem logo “presas em nome da lei” pelo “detetive”.

PASSATEMPOS

FORÇA

Em duplas. Alguém desenha em uma folha de papel algo semelhante ao “poste” do patíbulo em que o outro jogador corre o risco de ser “enforcado”. À frente do desenho, traça algumas pequenas retas em sucessão, correspondendo cada uma delas às letras da palavra que se tentará adivinhar. O “enforcável” diz alguma letra. A cada erro, seu oponente desenha uma parte da cena de enforcamento (a cabeça, um braço, o outro, o tronco, a perna, etc., do modo que se combinar previamente). A cada acerto, a letra que faz parte da palavra a ser descoberta é colocada em sua posição no vocábulo, às vezes até mais de uma vez, dependendo da letra. A palavra deve ser desvendada antes de se completar o desenho. Se não...

JOGO DE PALAVRAS

Não se trata de “trocadilho”. Este é um jogo cujo objeto é a palavra, onde, “tal como uma bola de futebol, (...) é o objeto sem o qual nada pode acontecer”.

J. Gerardo M. Guimarães nos explica como é este jogo:

“O objetivo é formar palavras, ou melhor, forçar o adversário a concluir as palavras que desejamos. Quando isso ocorre, quem não consegue livrar-se dessa jogada é considerado perdedor (...). Exemplifiquemos (...) Podem jogar duas ou mais pessoas ao mesmo tempo. Vamos supor que duas pessoas estejam jogando. A primeira coloca a letra R (pensando na palavra RAIVA ou uma derivada). A Segunda pode colocar qualquer letra desde que dê para continuar a

palavra. Se colocar A, formará RA e dará oportunidade para que a primeira ponha um I, seguindo o raciocínio inicial. Teremos em Tão RAI. A Segunda pessoa pode colocar um V, imaginando a outra irá colocar um A, e perder, pois terá formado a palavra RAIVA. O primeiro que jogou, no entanto, pode não colocar o A e sim um O, obrigando a primeira a raciocinar de modo diferente, forçando para que a palavra se ‘continuada’. Teremos então RAIVO. Se o oponente colocar um S, poderá ganhar, desde que o primeiro coloque na seqüência um O, pois teremos então RAIVOSO. Se, no entanto, este colocar um A, não perderá, pois, embora formando a palavra RAIVOSA, esta pode ser continuada até obtermos nova palavra: RAIVOSAMENTE.

Numa análise mais cuidadosa, verificamos que, no exemplo apresentado, o segundo jogador perderia o jogo, pois na seqüência das jogadas alternadas, a partir de RAIVOSA teríamos: segundo jogador acrescentando M, RAIVOSAM; primeiro jogador acrescentando E, RAIVOSAME; segundo jogador acrescentando N, RAIVOSAMEN; primeiro jogador acrescentando T, RAIVOSAMENT; segundo jogador sem saída tendo de colocar E e perdendo a ‘rodada’, pois concluiria a palavra RAIVOSAMENTE (...).

Quando alguém perde, coloca-se dentro de parênteses, à frente da palavra concluída, o seu nome ou as iniciais do mesmo. Exemplo: RAIVOSAMENTE (José).

O jogo termina quando o espaço físico do papel ou por um número predeterminado de rodadas. Contam-se, então, os nomes entre parênteses para saber quem ganhou (...).

Este jogo é bastante

interessante porque exige dos participantes um bom repertório vocabular” (“Folclore na Escola”, págs. 49/51, Ed. Manoele).

STOP ou US TOP

Stop (do inglês *to stop*, parar). Usa-se também denominar essa brincadeira Us Top. Acreditamos tratar-se de associação estabelecida entre o referido verbo e uma antiga marca de jeans “Us top” (iu és top), que resultou na utilização incorreta dessa expressão (que pronunciam “u és top”) para significar “stop”, “pare”.

Dessa brincadeira ou jogo participam duas ou mais crianças. Cada participante usa uma folha de papel na qual se fazem colunas encimadas pelos seguintes títulos: “nome”, “animal”, “fruta”, “cor”, “carro”, “flor”, “música”, “novela”, “cantor” ou que quer que seja previamente combinado.

Para começar a brincadeira, os participantes ocultam suas mãos e, após um sinal convenicionado, exibem certa quantidade de dedos para a contagem e posterior resultado, que corresponderá a uma letra do alfabeto. O número 1 corresponde à letra A; o 2, à B, e assim sucessivamente. Se a soma ultrapassar 23, recomeça-se a contagem. Se o resultado for 5, por exemplo, a que corresponde a letra E, os participantes devem escrever, abaixo de cada “gênero” ou item constante da mencionada coluna, uma “espécie” ou exemplo iniciado pela letra E (Ex: nome – Eduardo; animal – elefante, etc.). O que primeiro terminar diz “stop” (ou “us top”, se-for o caso). A rodada termina; os que ainda não houverem terminado devem parar. Estipula-se a pontuação. Para exemplos

repetidos atribui-se, por exemplo, a nota cinco, e para exemplos diferentes, 10. No caso de ninguém conseguir encontrar exemplos para todos os itens, convencionam-se encerrar a rodada, depois de algum tempo, ao se perceber que estão todos “matutando”, sem encontrar resposta. O que atingir mais pontos vence. Terminada a rodada, outra se reinicia por nova contagem, eliminando-se as letras já usadas.

As brincadeiras a seguir têm por objetivo “descobrir” os sentimentos de alguém para com outrem ou avaliar as possibilidades de um namoro.

1. Toma-se a palavra

Beijo
O(ó)dio
Namoro
Esperança
Casamento
Amor

A partir de cada letra dessa palavra, forma-se outra que indica um sentimento ou um fato. Um(a) *paciente* diz o nome de alguém, ou apenas pensa em uma pessoa (que não quer revelar), de quem está “a fim” ou por quem está apaixonado(a), e diz um número qualquer. Um(a) *agente* vai contando as letras do acróstico formado, repetidas vezes, se preciso for, até o número escolhido. Se a contagem parar na letra N, por exemplo, significa que, com relação à pessoa mencionada ou evocada, há fortes perspectivas de um namoro. Elimina-se então a referida letra, que não mais será computada.

Outra pessoa. Outro número. Recomeça-se a contagem, eliminando depois a letra e a palavra por ela iniciada. E assim

sucessivamente até que se complete esse passatempo “oracular”.

(Recolhemos na Escola “Maria Ubaldina de Barros Furquim”, Olímpia/SP, 2001)

É oportuno citarmos um outro exemplo desses passatempos, registrado por J. Gerardo M. Guimarães (“Folclore na Escola”, p. 22):

“Colocam-se em colunas verticais os nomes das pessoas com as quais se quer fazer a ‘investigação’. Em seguida, escreve-se por extenso a data, o dia da semana e o mês. Riscam-se as letras repetidas. Sobre as letras que sobraram, escreve-se SOPINA, isto é, substituem-se as letras que sobraram pelas letras que compõem a ‘palavra’ SOPINA até o final. Substituída a última letra, conclui-se que: se for S, a pessoa sente saudade; se for O, sente ódio; se for P, sente paixão; se for I, o sentimento é de ilusão; se for N, deseja namoro; se for A, sente amor” Exemplo:

E I D Q O
L V O U U
I A Z A T
A N E R U
N T B
E A R
F O
E
I
R
A

_ _ D Q _
L V _ _ _
_ _ Z _ _
_ _ _ _ _
_ _ B
_ _ _
F _
_

—	1 + 3 + 1 + 4 + 1 + 4 + 1 + 4 + 2 + 2 + 2 + 0 + 0 + 2
—	4 + 4 + 5 + 5 + 5 + 5 + 5 + 5 + 4 + 4 + 2 + 0 + 2
—	8 + 9 + 1 + 1 + 1 + 1 + 1 + 9 + 8 + 6 + 2 + 2
—	8 + 1 + 2 + 2 + 2 + 2 + 1 + 8 + 5 + 8 + 4
— S O —	9 + 3 + 4 + 4 + 4 + 3 + 9 + 4 + 4 + 3
P I —	3 + 7 + 8 + 8 + 7 + 3 + 4 + 8 + 2
— N —	1 + 6 + 7 + 6 + 1 + 7 + 3 + 1
— — — — —	7 + 4 + 4 + 7 + 8 + 1 + 1
— A	2 + 8 + 2 + 6 + 9 + 2
— —	1 + 1 + 8 + 6 + 2
S _	2 + 9 + 5 + 8
	2 + 5 + 4
	7 + 9

Resultado: SAUDADE

2. Esta é chamada “porcentagem”. Sua finalidade é apurar o percentual de “chance” que uma pessoa tem de namorar outra. Às vogais A, E, I, O, U, corresponderão, respectivamente, os números 1, 2, 3, 4 e 5. Pegam-se o nome da consulente (Maria, por exemplo) e o de seu “alvo sentimental” (João Carlos, suponhamos), à frente dos quais se fará constar a data da ocasião em que o passatempo se fizer. Maria - João Carlos - 2/02/2002, por exemplo. Tomem-se as vogais dos nomes, a que correspondem os números que mencionamos.

Maria - João Carlos - 2/02/2002.

1 31 414 1 4 2 2 2002.

Desconsideram-se as consoantes.

Passa-se à seguinte operação:

Soma-se o primeiro número com o segundo, e abaixo deles se coloca o resultado; o segundo, com o terceiro, idem, e assim, sucessivamente, adotando-se o mesmo procedimento com os números da fileira de baixo. No caso da soma resultar em número representado por mais de um algarismo, estes são novamente somados. Por exemplo: $8+8=16=1+6=7$.

(...) e assim se vai, até que restem apenas dois números (que, dessa vez, não serão somados). No presente caso, Maria tem 79% de chance de namorar João Carlos.

3. Um *cliente* diz três nomes de paqueras. Um *consultor* os escreve um abaixo do outro, à frente dos quais distribui aleatoriamente os numerais de um a nove, sem que o *cliente* veja. Este, a critério seu, segue dizendo tais números enquanto o consultor os vai riscando, como se fosse um bingo, até que se feche uma das séries _ o nome que a precede é o da pessoa com quem tem o cliente mais chances de namoro.

Esta próxima, embora mais “ativa”, guarda alguma similaridade com as anteriores:

Meninas enquanto pulam corda declamam esta quadrinha:

“Costura, costureira
A semana inteira
Eu quero meu vestido
Para segunda-feira.”

A seguir, quando o movimento da corda se for tornando cada vez mais rápido, dizem: loiro, moreno, careca, barrigudo, polícia, ladrão, rei, capitão... o qualificativo que estiver sendo dito no momento em que a pessoa pulando corda errar será o de seu futuro amor.

Há muitas variantes. Às vezes são também ditos nomes de alguns garotos.

Há uma variedade enorme de brincadeiras de pular corda. Fiquemos com essa, a título de exemplo.

(Recolhida na Escola “Dalva Vieira Ítavo”, COHAB I, Olímpia/SP, 1997).

Há inúmeros brinquedos, jogos, passatempos, por todo o Brasil. As que publicamos neste trabalho, quando não citada a fonte nos tópicos, foram colhidas nas escolas olimpienses “Maria Ubaldina de Barros Furquim”, “Silva Melo”, “Santo Seno” e “Capitão Narciso Bertolino”.

As manifestações do mágico mundo do folclore infanto-juvenil, com efeito, são meios de desenvolvimento altamente instrutivos ao ser humano, a serem plenamente utilizados por pais, educadores e pelos modernos meios de comunicação.

É muito gratificante constatar que se mantém acesa nas crianças a chama viva do lúdico prazer dessas brincadeiras saudáveis, divertidas, que poderão continuar estimulando o raciocínio, a imaginação e os laços de amizade das gerações futuras, da mesma forma como estimularam e divertiram nossos pais e nossos avós.

O SÍMBOLO QUATRO NAS CULTURAS POPULAR E FOLCLÓRICA

JOSÉ CARLOS ROSSATO
DEPARTAMENTO DE FOLCLORE – OLÍMPIA/SP

O cabalístico **quatro** é símbolo masculino, número fundamental do feminismo, indica harmonia, a totalidade cósmica; é positivo e resulta equilíbrio perfeito. “Desde as épocas vizinhas da pré-história, o **quatro** foi utilizado para significar o sólido, o tangível, o sensível. Sua relação com a cruz fazia dele um símbolo incomparável de plenitude, de universalidade, um símbolo totalizador”(I). A invenção da escrita ocorreu “de três a **quatro** mil anos a.C.” (II).

Como símbolo, o **quatro** “está estreitamente relacionado com o quadrado” (III). É símbolo fechado, positivo, forma geométrica que representa simbolicamente a lei e a ordem, um dos sinais mais assíduos. “O quadrado é um símbolo estático, adinâmico, freqüentemente visto em relação ou em oposição ao círculo” (IV). Ele representa a Terra em oposição ao céu. Em outras palavras, o limitado em oposição ao ilimitado. Enquanto o céu se vê na figura do círculo, da perfeita figura geométrica, o planeta está, com freqüência, associado à representação de um quadrado, polígono de **quatro** lados e **quatro** ângulos iguais. O quadrado é o símbolo do completo.

No Quaternário, período geológico da formação da Terra,

durante o qual ocorreram as **quatro** glaciações: Güns, Mindel, Riss e Würm, tendo a última encerrado há cerca de doze mil anos (múltiplo de **quatro**). A evolução do homem ocorreu no período geológico quaternário da era Cenozóica.

A história está dividida em **quatro** idades ou períodos: Antigüidade (do surgimento da escrita até 476); Idade Média (desse ano até 1453), Idade Moderna (daí até 1789) e Idade Contemporânea (a partir daí até os nossos dias).

Quatro são os reinados: Babilônia (606 a.C. – 539 a.C.), rei Nabuconodossor; Medo-Persa (539 a.C. – 331 a.C.), rei Ciro; Grécia (331 a.C. – 168 a.C.), rei Alexandre; e Roma (168 a.C. – 476 d.C.), reis Cesáres.

Quatro são as figuras geométricas básicas: círculo, quadrado, triângulo e retângulo.

São **quatro** os elementos tradicionais: água, ar, fogo e terra (na química moderna passaram a ser respectivamente hidrogênio, nitrogênio, oxigênio e carbono; no plano espiritual: fogo=espírito; terra=material; ar = mental e água = emocional).

Quatro ingredientes alquímicos: sal, enxofre, mercúrio e azoto.

Quatro qualidades dos antigos:

quente, seco, frio e úmido.

Quatro evangelistas: Mateus, Marcos, Lucas e João; cada um escreveu o ato de apóstolo, denominado Evangelho – mensagem de Cristo – totalizando **quatro**. O **quarto** Evangelho é o de João (**quatro** letras). Além dos **quatro** Evangelhos canônicos, há outras narrativas da vida de Cristo, consideradas apócrifas pelos católicos e pseudo-epigráficas pelos protestantes. São os “Evangelhos” de Tomé, de Pedro, dos hebreus e dos árabes (infância de Jesus).

Quatro arcanjos: Miguel, Rafael, Gabriel e Uriel.

Quatro santos os que governam os quatro pontos cardeais: norte, o arcanjo Gabriel; sul, o arcanjo Rafael; leste, o arcanjo Miguel; e oeste, o arcanjo Uriel.

Os seres celestes são **quatro**: céu, estrelas, Lua e Sol.

O espaço terrestre está dividido em **quatro** partes, pelo cruzamento de um paralelo com um meridiano.

Há cometas que passam de **quatro** em **quatro** anos pela Terra.

Quarto são as fases da Lua: cheia, **quarto**-minguante, nova e **quatro** – crescente. O mês lunar tem **quatro** semanas.

Os pontos cardeais são **quatro**: norte, sul, leste e oeste. Os

pontos colaterais são **quatro**: nordeste, sudeste, sudoeste e noroeste.

As estações do ano são **quatro**: primavera, verão, outono e inverno.

De **quatro** em **quatro** anos ocorre o ano bissexto (o último foi em 2000, obviamente múltiplo de **quatro**).

As intenções do homem são **quatro**: prosperidade, renome, poder e amizade.

Quatro fontes de inspiração: humana, angélica, divina e diabólica.

Quatro virtudes cardeais: justiça, prudência, temperança e fortaleza.

Quatro necessidades do homem: tolerância, generosidade, coragem e fidelidade.

Os inteligentes sonham com **quatro** verbos: saber, querer, ousar e calar.

Quatro temperamentos: fleumático, sangüíneo, colérico e melancólico.

Quatro funções do psiquês, segundo Jung: pensamento, sentimento, sensação e intuição.

Quatro elementos da metafísica: ser, essência, virtude e ação.

Quarta dimensão, uma extensão da própria matéria, imperceptível, invisível, imponderável e intangível pelo homem (porém, em certas condições psíquicas, poderia tornar-se mensurável e perceptível, sendo de considerável valor).

Quatro animais para sacrifício: novilho, carneiro, cabrito e pombo.

Quarto céu, área do **quarto** estágio da evolução.

Quarto plano, o da unidade.

Quarta raça-raiz, a dos Atlantes, dirigida por Atlas, o **quarto** filho de Póseidon.

Quatro seres mitológicos do Celeste Império: dragão, fênix, unicórnio e tartaruga.

Na Mitologia encontram-se diversos mitos grafados com **quatro** letras: Baal (caldeu), Ísis (egípcio), Juno (romano), Saci (sul-americano) e Iara (brasileiro).

As pirâmides, tão divulgadas por variadas pessoas, como portadoras de ações positivas – quando bem utilizadas – podem ter base de **quatro** lados, **quatro** faces e **quatro** ângulos na base e outros **quatro** no ápice. As faces deverão ser dispostas seguindo a direção dos pontos cardeais.

Quatro cavaleiros do Apocalipse: fome, guerra, peste e morte.

Quatro as iniciais na cruz de Cristo: INRI (Jesus Nazareno Rex Iodorum ou Jesus Nazareno, Rei dos Judeus).

Quatro virtudes em Cristo: sabedoria, justiça, santificação e redenção.

Quatro grandes profetas: Isaías, Jeremias, Ezequiel e David.

Quatro coroados: Severo, Severiano, Carpóforo e Vitorino foram castigados pelo imperador Deocleciano até a morte.

A Caaba, em Meca, templo dos maometanos, tem a forma de um quadrado perfeito.

Os árabes reverenciam uma pedra cúbica e escura com todos os **quatro** lados e **quatro** ângulos iguais, de todas as faces.

O **quatro** é muito lembrado nas Escrituras Sagradas. Na Bíblia, o **quatro** é número divino. Os **quatro** rios do Éden (Gen 2:10). Restituir **quatro** vezes (Êx 22:1). Os **quatro** ventos (Es 37:9). Os **quatro** cantos da Terra (Is 11:12). **Quatro** animais (Dan 7:3). **Quatro** chifres (Dan 8:8). **Quatro** carros (Zac 6:1). **Quatro** seres viventes (Ez 1:5). A Terra tem **quatro** cantos (Ez 7:2). **Quatro** tipos de terra (Mat 13: 1-13). **Quatro** dimensões do amor (Ef 3:18,19). **Quatro** divisões do

mundo: nações, raças, povos e línguas (Apoc 7:9).

Os **quatro** fins do mundo: a morte, o juízo, o inferno e o paraíso, na doutrina católica.

Quatro verdades do Budismo: Ku (sofrimento ou miséria), Tu (conjunção das tentações), Mu (suas destruições) e Tau (a senda).

Quatro verdades nobres do Budismo: reencarnação (carma), moralidade, concentração e sabedoria.

“Deus manda **quatro** castigos para os infiéis: a espada para matar, os cães para dilacerar, as aves do céu e os animais selvagens para devorar e destruir” (V).

“Pedro, em sua famosa visão, tinha visto um lençol. Poderia ser segurado sem nada perder de seu conteúdo, pois estava preso pelas **quatro** pontas” (VI).

A religião de Pedro assenta-se em **quatro** pontos fundamentais: é una, é santa, é católica e é apostólica.

O **quarto** livro de Pentateuco (os primeiros do Velho Testamento), escrito por Moisés, assim chamado porque começa pela enumeração dos povos.

Ao retornar, Jesus Cristo “enviará os seus anjos que, ao som da grande trombeta, reunirão os seus eleitos por **quatro** ventos” (Mat 24:31 e Mac 13:27).

Tomás de Aquino “associa as **quatro** cores que apareceram na liturgia do Antigo Testamento com valores cristãos: branco = pureza; jacinto = anseio do céu; carmesim = amor; e púrpura = martírio” (Ex 25:28).

O Apocalipse (7:1 e 20:8) mostra as extremidades da Terra de onde sopram os **quatro** ventos (Jer 45:36, Ez 37:9 e Dav 2:7)

O vidente apocalíptico do Novo Testamento percebe em redor do trono de Deus, **quatro** seres vivos (Apoc 4:6), símbolos do

mundo criado pelo Salvador.

“Quase todos os povos da Antiguidade possuíam um nome de Divindade de **quatro** letras, e muitos deles consideravam o **quatro** um número divino”(VII).

Em algumas crenças orientais a vida humana tem **quatro** pilares: moralidade, segurança, realização e libertação do carma. No mundo moderno, também **quatro** : amor, harmonia, justiça e verdade.

Os nomes dados a Deus, na maioria dos idiomas, tem **quatro** letras: Adad (assírio), Allh (árabe), Amun (egípcio), Dieu (francês), Dios (espanhol), Deus (latim), Deva (sânscrito), Esar (turco), Godt (holandês), Gott (alemão), Ihih (hebraico), Itga (tártaro), Sore (persa), além de muitos outros.

Nas **quatro** letras do nome Adão, alusão às **quatro** regiões do céu.

Zacarias teve **quatro** visões: **quatro** cavaleiros, **quatro** ferreiros, **quatro** chifres e **quatro** carros.

Os **quatro** elementos estão apodrecidos no pescador, mas são novamente santificados pelos **quatro** braços da cruz (há quem prefira dizer **quatro** pontas). O **quatro** está nas várias formas da cruz: a de Malta, a Grega, a de Santo André e a Suástica.

Quatro líderes da Igreja: Agostinho, Ambrósio, Jerônimo e Gregório Magno.

A Igreja Cristã reconhece **quatro** grandes Concílios: o de Nicéia (em 325), Constantinopla (em 331), Éfeso (em 431), e o de Calcedônia (em 451).

Quatro Têmporas (ou simplesmente Têmporas), dias de jejum: **quarta-feira**, sexta-feira e sábado, em **quatro** épocas do ano, fixadas por Gregório VII (1078), para a primeira depois de Pentecostes.

Quatro letras hebraicas do

sagrado nome do Senhor, o tetragrama IHVH, “Jahrich, que muitas vezes é pronunciado como Jeová, enquanto o judeu fiel, por temor reverencial, se limita a soletrá-lo”(VIII).

Em Maçonaria, o **quatro** representa o primeiro grau. As **quatro** primeiras Lojas Maçônicas localizavam-se em Londres: Cervejaria do Ganso e da Grelha; Cervejaria da Coroa; Taverna da Macieira; e Taverna da Taça e das Uvas.

O quadrívio, do latim, significando uma encruzilhada de **quatro** caminhos. Também é o conjunto de Aritmética, Geometria, Música e Astronomia; as disciplinas Matemáticas, os **quatro** últimos caminhos do estudo.

O baralho usado pelos brasileiros, chamado de francês, tem **quatro** naipes: ouros, copas, paus e espadas.

O Tarô tem **quatro** cartas figuradas: cavaleiro, rei, rainha e princesa.

Na Astrologia, **quatro** signos cardeais: Áries, Câncer, Libra e Capricórnio; **quatro** signos fixos: Touro, Leão, Escorpião e Aquário; e **quatro** signos mutáveis: Gêmeos, Virgem, Sagitário e Peixes. O Zodíaco divide-se em **quatro** grupos de signos: terra (Touro, Virgem e Capricórnio), ar (Gêmeos, Libra e Aquário) e água (Câncer, Escorpião e Peixes).

O mago segue por **quatro** caminhos, simbolizados pelo caduceu (símbolo da medicina), a taça, a espada e o pentagrama.

As plantas possuem **quatro** partes: raiz, caule, folhas e frutos.

Quatro são os sabores fundamentais: ácido (limão), salgado (água do mar), doce (mel) e amargo (fel).

O setor quaternário, na Economia, representa a

intelectualidade, a massa crítica.

Quatro características tem o investidor: conservador, moderado, arrojado e agressivo.

No continente americano, “para os maias, **quatro** jaguares míticos seriam, desde a origem, os guardas dos campos de milho”(IX). Em razão dessa crença as **quatro** vias de acesso à cidade eram vigiadas por eles.

As **quatro** direções do império inca partiam da cidade de Cuzco, Peru, em direção aos pontos cardeais.

Sucre, capital legal da Bolívia, apesar de a administrativa ser La Paz, é conhecida como a cidade de **quatro** nomes: La Plata, Chuquisaca, Charcas e Sucre.

Os **quatro** símbolos nacionais brasileiros são a Bandeira Nacional, o Hino Nacional, as Armas Nacionais, e o Selo Nacional.

O pavilhão nacional, um dos símbolos do Brasil, é composto por **quatro** cores: amarela, azul, branca e verde. E, nos uniformes da seleção brasileira de futebol, as mesmas **quatro** estão presentes. A Copa do Mundo de Futebol, tão aguardada pela massa populacional, é realizada de **quatro** em **quatro** anos. Foi interrompida durante a Segunda Guerra, durante doze anos (múltiplo de **quatro**). Entretanto, no referido período histórico, só duas competições deixaram de ocorrer (metade de **quatro**). Alguns dos principais futebolistas brasileiros têm **quatro** letras nos nomes (ou apelidos): Abel, Dada, Didi, Dino, Éder, Jair, Jajá, Kaká, Leão, Lima, Joel, Nena, Nilo, Pelé, Pepe, Vavá, Zico, Zito, Ziza e outros. Para não prolongar, citaremos alguns apelidos (ou nomes) com **quatro** sílabas: Armandinho, Brandãozinho, Cloaldo, Everaldo, Hermógenes, Jairzinho, Nilton Santos e Rivelino. O técnico Telê (**quatro** letras), um

dos **quatro** melhores, não conseguiu nenhum dos títulos. Entretanto, ocupando a mesma função no time do São Paulo Futebol Clube (**quatro** palavras), situado na cidade de São Paulo, **quarta** maior do mundo, com 12 milhões de habitantes (múltiplo de **quatro**), no **quarto** século de existência, conseguiu dois campeonatos mundiais interclubes (metade de **quatro**).

As eleições majoritárias para presidente da República, governo dos estados e dos municípios, como também as proporcionais para a vereança, assembléias legislativas e câmara federal, ocorrem de **quatro** em **quatro** anos. Os senadores têm mandato de oito anos (dobro de **quatro**, mas de **quatro** em **quatro** anos verifica-se a consulta ao eleitorado para a renovação parcial dos representantes de cada unidade federativa. O atual presidente da República: Lula (**quatro** letras) precisou disputar **quatro** sucessivos pleitos para atingir o objetivo, que, para muitos, parecia ser impossível.

Quatro fases da evolução na economia açucareira: “consumo da cana-de-açúcar in natura; cozimento e solidificação do açúcar (persas); inovação na moagem com a comercialização na Europa (árabes); e o desenvolvimento, pelos holandeses, das técnicas de refinação”, consoante Zaída Maria Ferraz Arruda, 1978.

São Gabriel da Cachoeira (AM) é o único município brasileiro com **quatro** idiomas oficiais: baniuca, nheengatu, português e tucano.

É evidente que a presença do **quatro** não é só. “O **quatro** é o número do entendimento, da ordem, da natureza, da perfeição e a chave que abrirá muitas das portas mágicas” (X).

Para o filósofo e matemático grego do século VI a.C., conhecido

mundialmente por Pitágoras (570-496 a.C.), o **quatro** é o número gerador dos deuses e dos homens. “No **quatro** encontra-se a origem do Universo: o princípio de todo o mundo material, símbolo da extensão limitada do mundo físico, imagem do sólido, dos poderes do espírito e das essências no plano da matéria” (XI).

Nunca é demais lembrar: “No homem existem **quatro** naturezas: a biológica, a psíquica, a cultural e a social” (XII).

Após a apresentação dos aspectos simbólicos, como generalidades – introdução ao algarismo dos pitagóricos, passaremos à cultura espontânea do povo relativa a esse numeral, ordinário e fracionário número.

O Quatro no Folclore e na Cultura Popular

Nem a mais recente edição do **Dicionário do Folclore Brasileiro**, do imortal Luís da Câmara Cascudo (1898 – 1986), a nona, que sai do prelo no ano 2000, revista, atualizada e ilustrada pela saudosa cidadã olímpense Laura Della Mônica (1922 – 2001), pela editora paulistana Global, não mencionou o número **quatro** ou tampouco o original e o fracionário **quarto**. Mesmo o conhecido **Diccionario de Teoría Folklórica**, do ilustrado folclorólogo, amigo de Olímpia, Paulo de Carvalho-Neto, editado em Guatemala: Universidad de San Carlo, 1977, não fez qualquer relato ao objeto de estudo deste ensaio.

A relação do numeral **quatro** e do **quarto** (ordinal e fracionário) com a cultura espontânea do povo, com a cultura popular e com a própria cultura brasileira é valiosa e integrativa com a sociedade.

Em nossos inventários de campo, registramos não só o

compartimento material, como o imaterial (também conhecido com espiritual) do Folclore (ciência que estuda as manifestações culturais do homem da sociedade letrada); e, em volume bem menor, a cultura popular propriamente dita. É aconselhável lembrar: tudo que é folclórico é popular, mas nem toda cultura popular é Folclore, apenas uma parte dela. Entretanto, há quem misture Folclore com a cultura popular (aliás, melhor seria afirmar que existe uma corrente com esse pensamento). Na nossa ótica é inadmissível, haja vista que na cidade do Rio de Janeiro está instalado o Centro de Folclore e Cultura Popular (ponto de referência internacional). Nota-se: “e” (conjunção aditiva, une palavras) e não “ou” (conjunção alternativa, indica exclusão). Em contrapartida há quem considere (erroneamente ao nosso ver até o momento presente) Folclore sinônimo de cultura popular. Contudo, o dinamismo existente no cotidiano da cultura poderá no futuro mudar o nosso posicionamento.

O 4 no linguajar e falares

Na comunicação do dia-a-dia, diversas palavras e expressões foram criadas, divulgadas, aceitas e usadas pelo povo, ao longo do tempo. Eis o rol que levantamos. Incluímos as formas variantes. Ei-las:

A quatro mãos – atividade, mesmo intelectual, desenvolvida por duas pessoas concomitantemente.

Abrir as quatro portas – quando alguém começa falar e não encerra, monopolizando a conversa. Ex.: Beltrano abriu as **quatro** portas.

Aos quatro ventos – com muito vigor. Ex.: Sicrano diz aos **quatro** ventos que a escola pública tem cara nova.

Besta quadrada – indivíduo teimoso e desprovido de boa

inteligência.

Brincar de quatro cantos – pessoa inquieta. Ex.: Fulano, quando chega, brinca de **quatro** cantos.

Burro quadrado – pessoa que demonstra falta de intelecto ou inabilidade acentuada para determinada função ou tarefa.

Cabeça quadrada – indivíduo que não compreende as idéias mais simples, fáceis e elementares.

Cair de quatro – ficar estirado após uma queda.

Cara de quarta-feira – esquisito, tolo, bobo, desajustado social.

Cara de quarta-feira de cinzas – com ressaca, cansado, indisposto.

Cara de quarta-feira santa – exausto, extenuado e aguardando o feriado prolongado.

Carne de quarta – imprestável, sem valor, não se refere ao produto animal. Ex.: Beltrano é carne de quarta.

Caralho a quatro – expressão de desdém, de desprezo.

Dar na quarta – dar à luz no quarto dia da semana. Ex.: A filha da comadre deu na **quarta**.

Dar um quarto ao capeta – fazer tudo para obter a satisfação de um desejo.

De quatro costados – cidadão tradicional, digno e confiável.

De quatro em quatro – com rapidez. 2. Com abundância.

Descansar na quarta – equivale a dar na quarta.

Dez para as quatro – pessoa desengonçada.

Diabo a quatro – desordem.

Diamante de quatro facetas – objeto de alto valor econômico, não necessariamente pedra preciosa.

Dois por quatro – metade,

Dois quatro – homossexual, guei.

Enredar-se nas quartas –

enfaçar-se, perturbar-se.

Estar entre a quarta e a meia – indeciso.

Falta um pouco para quatro alqueires – indivíduo tido como subnormal.

Fazer quarto – participar de velório, velando defunto. 2 – Partilhar companhia com pessoa acamada. 3 – Ação de prostituta no desempenho de sua profissão. Ex.: Fulana fez **quarto** com Sicrano.

Fazer um quarto – levantar um dos pés, dobrando a perna e colocando-a sobre o joelho da outra.

Ficar de quatro – ato de apoiar os braços e os joelhos no solo, ao mesmo tempo.

Fome de quatro dias – apetite exagerado.

Fome de quatro horas – apetite comum, normal.

Furada nos quatro cantos – desvirginizada.

Jogar a quarta – quando o cavalo, o burro, a égua e a mula (ou outros, totalizando **quatro**) estiverem espojando-se no solo.

Mau quarto de hora – péssimo momento.

Melhor-de-quatro – expressão que designa a melhor equipe, após a disputa de quatro pontos, duas partidas

Mudar de quarto – troca de turnos de trabalho, no qual os funcionários atuam em regime de rodízio, fazendo-se seis horas diárias e diretas.

Não tem quatro alqueires – não é muito certo, não é normal.

Passar um mau quarto – ficar em situação difícil.

Por quarto – equivale a quatro pessoas. Ex.: Beltrano dormiu por **quatro**.

Pôr-se de quatro – apoiar os joelhos e os cotovelos (ou os braços) no chão, simultaneamente.

Quadrado – retrógrado, antiquado, obsoleto. 2 – Cercado de

madeira para proteger os nenês, quando iniciam o processo de engatinhar.

Quarenta e quatro bico chato – número de calçado masculino, exageradamente grande para homens altos.

Quarenta e quatro bico largo – idem ao anterior.

Quarta – medida que equivale à quarta parte da unidade. Ex.: Beltrano plantou duas quartas de capim. 2 – Medida que equivale à **quarta** parte da unidade. 3 – Medida de capacidade para secos, em desuso, usada apenas na área rural, correspondente de alqueire, equivalente a nove litros, aproximadamente.

Quarta capa – última capa de um livro ou revista.

Quarta dimensão – o contínuo espaço – tempo, a coordenada tempo na teoria da relatividade. 2 – Nome dado, no século XVIII, à classe dos elementos da base, os braçais. **Quatro queijos** – pítsa constituída de **quatro** queijos: mussarela, provolone, catupiri e parmesão ou gorgonzola, além de molho de tomate, orégano e azeitonas.

Quarta semana – menstruação.

Quarteira – camareira de hotel e congêneres, também conhecida por arrumadeira.

Quarteirão – mestiço que tem uma **quarta** parte de sangue de outra raça, diferente da predominante; em outras palavras, um dos avós contra os outros. É o mesmo quadrarão ou quadrarento. 2 – Sanduíche composto de **quatro** fatias de pão – de – forma com fatias de queijo (quente), rosbife, rodela de tomates, folhas de alface e vinagrete opcional.

Quarteiro – ladrão de animais quadrúpedes: bovinos, cavalares e muares.

Quartinha – moringa para

conservar a água fresca em áreas desprovidas de energia elétrica, fazendo o papel de refrigerador; equivalente a ¼ de litro.

Quartinho – latrina na área rural.

Quarto – quadril, paleta de animal quadrúpede. 2 – Turno de trabalho para os funcionários de determinadas categorias profissionais que têm jornada de seis horas diárias, às vezes em regime de rodízio, como telefonistas, telegrafistas e outras.

Quarto meleiro – cavalo que carrega mel-de-cana dos engenhos açucareiros até a cidade mais próxima.

Quarto-mundo – as mais pobres nações do terceiro mundo, os países marginalizados.

Quarto-poder – mídia

Quarto-sexo – lésbica.

Quarto de hora – momentos infelizes.

Quarto de Lua – momentos felizes.

Quarto inchado – carbúnculo sintomático, doenças de bovinos, na pata.

Quatro-olhos – pessoas que usa óculos de lentes muito grossas e forte. 2 – Animal com sobrelanceiras ou manchas regulares acima dos olhos, diferindo a cor da pelagem ao redor.

Quatro paus – valentão. 2 – Nome de carta de baralho francês, o usado no Brasil.

Quatro pernas – quatrocentos reais. Ex: Fulano ganhou **quatro** pernas na loteria. 2 – Pessoa que corre muito bem.

Quatro ângulos iguais – exatidão.

Quatro cantos – praça pública, denominação em desuso

Quatro carnes – reunião de **quatro** diferentes tipos de carnes, numa só pita: calabresa, bacon, lombo e presunto. *

Quatro dedos – um copo de bebida alcoólica destilada. Ex: Fulano bebeu **quatro** dedos de pinga.

Quatro dedos de prosa – tempo necessário para saborear um copo de pinga, enquanto conversa com os amigos.

Quatro e vinte – condenado a cumprir pena máxima.

Quatro em quatro – constante.

Quatro em um – quatro sabores diferentes de doces industrializados em uma única embalagem.

Quatro em uma – **quatro** pessoas em uma sala, copa ou casa.

Quatro estações – pita formada por **quatro** sabores diferentes; cada um correspondendo a uma estação do ano.

Quatro gatos pingados – poucas pessoas presentes num local e sem prestígio social.

Quatro letras – AIDS (abreviatura da temível e incurável síndrome de imunodeficiência adquirida).

Quatro letras que matam – idem ao anterior.

Quatro liberdades – liberdade religiosa, liberdade de não passar fome, liberdade de não ter medo, liberdade de palavra e expressão.

Quatro por quatro – plenitude, o máximo que é possível atingir o todo ou o inteiro. 2 – Veículo motorizado com tração nas **quatro** rodas.

Quatro por seis – guei, pederasta.

Quatro por três – tipo de fotografias muito comum, utilizado em documentos pessoais, tendo **quatro** centímetros de comprimento por três de largura.

Quatro queijos – pita (do italiano *pizza*) composta por **quatro** tipos de queijos diferentes,

geralmente muçarela, provolone, catupiri e parmesão sobre a massa umedecida com molho de tomate e orégano.

Quatro regras – as **quatro** operações fundamentais: adição, divisão, multiplicação e subtração.

Quatro semanas – ciclo menstrual de mulheres regular, em período fértil, de 28 em 28 dias, de **quatro** semanas.

Quatro tempos – nome atribuído a cada uma das **quatro** épocas de ano litúrgico do catolicismo, consagrada à prece e à penitência. 2 – Motor de explosão a **quatro**-tempos, também chamado de **quatro**-fases.

Quatrocentão – pita formada por **quatro** tipos diferentes: baiana, atum, siciliana e calabresa, numa só.

Quatrolhos – animal de sobrelanceiras esbranquiçadas ou que tenha manchas regulares acima dos olhos.

Ser levado por quatro – estar morto, sepultamento.

Sono de quatro dias – muita vontade de dormir.

Sono de quatro horas – pouca vontade de dormir.

Trabalhar por quatro – fazer enorme esforço.

Três em quatro – propaganda comercial que favorece o cliente ao adquirir **quatro** unidades de um mesmo produto em oferta, pagando três.

Três ou quatro – número indeterminado, impreciso, sendo comum ouvir esta expressão até fora do meio popular.

Três por quatro – fazer esforço enorme, onde três pessoas produzem por **quatro**. 2 – Tipo de fotografia comum utilizada em documentos pessoais tendo as dimensões de três por **quatro** centímetros, respectivamente largura e comprimento. 3 – Frequentemente.

Uma em quatro – pita

formada de junção de ¼ de **quatro** sabores diferentes: portuguesa, frango, camponesa e muçarela, constituindo a conhecida quatro estações.

O 4 NA PAREMIOLOGIA

Os ditados – também chamados de ditos – anexins brocados, rifãos e outros nomes menos usados são comuns no cotidiano. Eles são portadores de saber condensado em poucas palavras. No entanto os adágios distribuem muito conhecimento, cultura, para quem quiser aproveitar. A propósito, cabe no momento lembrar: “Quem tem juízo obedece, quem não tem, padece.”

Ao conjunto dos provérbios populares, usa-se a denominação parameologia.

1- Cavalo tem **quatro** pés e mesmo assim tropeça.

2- Dois divertem-se, **quatro** aborrecem.

3- Dois é companhia, **quatro** é zombaria.

4- Não há sala pequena, nem **quarto** grande.

5- Não oferecer **quatro**, se não tiver no saco.

6- **Quatro** pedras duras não dá liga.

7- **Quatro** cabeças valem mais que duas.

8- **Quatro** olhos vêem mais do que dois.

8- Quem se contenta com **quatro**, não precisa de cinco.

9- Visita, mais que três ou **quatro** dia, enfastia.

As frases feitas, muitas vezes, são confundidas pelos leigos com os refrãos. São semelhantes aos anexins, mas não têm a força deles, quando transmitem conhecimentos, mesmo passando significados.

Através dos exemplos, torna-se fácil notar a diferença entre os ditos e as frases feitas.

1- Aos **quatro** cantos estão as notícias (por todos os lugares).

2- Com quantos dois se faz um **quatro**? (mostrar a lógica).

3- É tão certo quanto dois e dois são **quatro** (mostrar o óbvio).

4- Só tem garganta, não tem **quatro** moedas (indivíduo que fala muito e não tem nada).

O 4 NAS QUADRAS DO POVO

As quadras anônimas são estrofes de **quatro** versos septassilábicos, onde, às vezes, o primeiro pode até rimar com terceiro, mas sempre o segundo com o **quarto**, sendo a idéia desenvolvida completamente. São facilmente encontradas, especialmente na faixa etária jovem. Na área rural e na periferia urbana as quadrinhas anônimas são utilizadas pelas demais faixas etárias, independentemente da escolaridade. Eis, para a necessária exemplificação, **quatro** (XII)

1- Um trevo de **quatro** folhas
Se um dia você achar
É sinal que em sua vida
As coisas vão melhorar

2- Segunda e terça eu me deito,
Quarta e quinta me levanto;
Sexta e sábado não trabalho,
Porque domingo é dia santo.

3- Dois, três, **quatro**, cinco,
seis.
Sei contar e conto certo,
Mas não jogo com você
Que não sabe fazer verso.

4- Em meu **quarto** deserto
Chorando eu penso assim:
Por que te sinto tão perto,
Se estás tão longe de mim?

Outras **quatro**, coletadas por nós, respectivamente em Parísi (1978). Votuporanga (1981), Cosmorama (1985) e Simonsen (1987), no noroeste paulista, sendo informantes, respectivamente: Simone Lélis, Sílvia Mendonça, Aparecida Vieira e Cássia Melo Gonçalves, mostram a beleza das trovas e a presença do **quatro**.

1- Faz três dias que eu não como

Faz **quatro** que eu não almoço,
Por falta de seus carinhos
Quero comer, mas não posso.

2- No céu tem **quatro** pedras,
Mas poderia ter até seis.
Um amor que já foi meu,
Pode ser meu outra vez.

3- Na janela tem cortina
Dentro do **quarto** estou eu.
Dentro de mim, a saudade,
Dos beijos que já me deu.

4- Gata das **quatro** janelas,
Quarta janela do canto
Quero você com calma
Na raiz do cravo branco.

Eis uma composição poética de seis versos, levantada por nós na periferia de Votuporanga (1986), sendo informante Dozelina de Barros, a popular dona Doze (falecida em 1999).

Há **quatro** coisas na vida
Que flagelam um cristão:
É uma mulher ciumenta,
É um moleque chorão,
É uma casa que goteja,
É um homem bem turrão.

O 4 NAS ANEDOTAS

Elas promovem um salutar entretenimento. O povo aprecia

deveras essa modalidade humorística de lazer. Elas são passadas de bocas aos ouvidos, numa velocidade admirável. São relatos engraçados. Nesses pequenos contos estão presentes desfechos que serão conhecidos ao final, quando o enredo será desvendado, chegando ao sarcasmo e à zombaria, quase sempre. Na nossa ótica, é isso que as difere das piadas.

O relato nas piadas é mais direto, não havendo arдил a ser desvendado. Exemplificamos:

“Um velhinho entra numa padaria e fala para a jovem balconista.

- Quero **quatro** pão
- É muito vô, vai endurecer!...

diz a jovem.

Ele, mais que depressa, fala:

-Então dá mais...Quero **quatro** quilo!...

Informante: Vanessa Morlina Amedi, mais conhecida por Vavá, 1 997.

Os que apreciam as anedotas, geralmente têm condições que favorecem ao contá-las, chegando ao final bem divertido. Deve-se acrescentar que a transmissão oral propicia o surgimento de variantes.

1- “O vizinho do compadre Dito, querendo comprar um burro, perguntou para o matuto, dono do animal de carga:

- Quanto custa esse animá?
- **Quatro** mir, respondeu o Tonho.

- **Hómi**, tá ficano doido! **Quatro** mir?! Óia, dô metade no pau...

- Num tem conversa... Só compro o animá intero, se quisé...”

Informante: Artur Ramos Oliveira, cognominado Banana, 1985.

2- “Um recenseador chegou ao rancho de um caipira. Ainda no terreiro, perto da porta da sala, após cumprimentar, indagou:

- Quais são as **quatro** coisas que mais gosta?

- Dinhêro, pescá, muié e bicho di pé.

- Dinheiro, pescar e mulher, tudo bem. Está comigo, também gosto. Só não entendi bicho de pé?!...

O capiau, de imediato, responde:

- Craro, qui as pessoa só pensa em dinherô, pescá e muié. Mais nada dianta, si o bicho num ta di pé!...

Informante: Afonso Peralta Magalhães, conhecido por Cebola, 1983.

3- “Um matuto foi em São Paulo. Lá admirava tudo. E, conversando com o compadre, falou:

- Qui nada!...Na roça a muié tem **quatro** coisa boa. Fala xô galinha; cala a boca minino; teje vergonha; a cumida tá pronta,...vem logo Mané, sinão acaba...

Na cidade grande não é muito diferente, respondeu o compadre Bento.

- Aqui a mulher diz. Estou com dor na coluna, dá o cheque, faça o almoço e não tenho hora para chegar. São **quatro**, também...”

Informante: Santo Antônio Ruiz, apelidado de Cafezinho, 1987.

4-“Conversa acontecida entre cronistas sociais

O primeiro falou:

- Quando era adolescente, o médico me aconselhou a deixar de

fumar.

Outro emendou:

- Eu também, médico recomendou para deixar de beber álcool.

O terceiro disse:

- O pior aconteceu comigo. O médico proibiu usar maconha.

O **quarto**, mais experiente, o mais velho de todos, e chefe de departamento, meio bravo, sem titubear, acrescentou:

- E por que não seguiram os conselhos recebidos?

Ninguém respondeu nada ...

- Já que estão certos, passem no departamento de pessoal e tomem conhecimento do aviso prévio.”

Informante: Amarildo Reis, apelidado de Reizinho, 1993.

O 4 NAS ADIVINHAS

As adivinhas são conhecidas na nossa região como adivinhações. Têm força de lazer e comunicação. São assaz conhecidas em todos os quadrantes do País e, por que não dizer, do mundo. Sim, de todo o mundo habitado. São encontradas em todos os continentes. São indagações simples, cujas respostas, muitas vezes, trazem sorrisos aos presentes. O **quatro**, nos exemplos que seguem, aparece ora no enunciado, ora na resposta da adivinhação proposta, quando não em ambas.

1- No quintal há **quatro** cantos. Em cada canto tem um cachorro. Cada cachorro vê três cachorros. Quantos cachorros são?

Resp: **quatro**.

2- O que é? O padre tem uma, o papa tem duas e o **quatro**, nenhuma?

Resp: a sílaba pa.

3- Qual é a palavra que tem duas letras e **quatro** sílabas?

Resp: rá-rá-rá-rá.

4- Quando dois e dois são mais que **quatro** ?

Resp: quando são 22.

Incalculáveis adivinhações surgiram sob a forma de quadras. São esrofes compostas por **quatro** versos, existindo rimas e com idéia completa.

Cinco codornas gordinhas
Num pasto se misturam:
Um caçador matou **quatro**,
Quantas codornas ficaram?

Resp: **quatro** codornas (XIII).

Eis um exemplar que registramos em Votuporanga, 1978, sendo informante Adélia do Prado.

O **quarto** tem **quatro** cantos,
Cada canto tem um gato;
Cada gato vê gatinhos,
Adivinhe quantos são?

Resp: **quatro** gatos.

Não deixa de ser variante da primeira, porém, em quadra
Há outras em nossos arquivos.

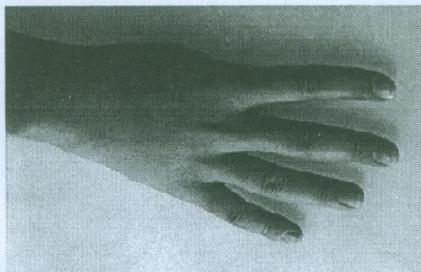
O 4 NOS GESTOS

Na gestuália – comunicação através de gestos – encontramos com frequência o **quatro** presente:

1- Fechando-se o polegar e abrindo-se a mão, indica prosperidade.

2- Os dedos polegar e indicador abertos de uma das mãos

sobre os mesmos da outra significa detenção.



O 4 NA MÚSICA

No afã incontido de batizar tudo que existe, os seres humanos não deixaram de adentrar na área musical, mesmo com a presença erudita dos conservatórios e escolas de ensino musical.

Quatro Ases e Um Curinga – conjunto musical de sucesso no rádio e no disco, nos meados do século passado, que interpretava canções populares.

Quatro Curingas – grupo de músicos que interpretava melodias populares, obteve êxito nas apresentações que realizou nas áreas norte e noroeste paulista, nas décadas de sessenta e setenta do século XX, quando foi extinto.

Quatro Diabos – conjunto composto por universitários de Direito do Rio de Janeiro. Surgiu perto dos anos quarenta do século passado. Gravou, foi filmado e excursionou, arrancando aplausos pelo Brasil afora.

Além desses, diversos quartetos, conjuntos compostos por quatro músicos. Lembramos: Quarteto de Cordas da UnB (Universidade de Brasília), Quarteto Novo (Instrumental) e Quarteto 4

Vozes, São Paulo. É evidente que eram conjuntos eruditos interpretando melodias populares e não-folclóricas.

Eis alguns títulos de músicas populares (não-folclóricas), gravadas e registradas, onde o **quatro** teve influência, assim como o **quarto**. Entre elas, citam-se as mencionadas por Antônio Aparecido Bortuluzi, 2000:

Quarto centenário (Mário Zon), valsa, 1954.

Quarto vazio (Herivelto Martins), samba, 1949.

Quatro de abril (Henrique Martins de Araújo), samba, s.d.

Quatro horas (Herivelto Martins e Francisco Sena), samba, 1934.

O presidente da Comissão de Música Caipira do Conselho Municipal de Cultura (de Olímpia), Valdemar Balbo, acrescentou:

Quatro velas (Serenio e Homero Nicolino), samba, 1951.

Uma música popular que alcançou pleno êxito no Carnaval do início da segunda metade do século XX, mencionou o **quatro**. Foi **Maria Candelária** (1951), de Armando Cavalcanti e Klécio Caldas. Eis a letra:

“Maria Candelária / É alta funcionária / (...) À uma vai ao dentista / Às duas vai ao café / Às três vai à modista / Às **quatro** assina o ponto / Dá no pé! / Que grande vigarista que ela é!”

As músicas carnavalescas de então aproveitavam-se para fazer crítica social aos usos e costumes da sociedade. No caso, a vida boa dos funcionários públicos era motivo de chacota. A Candelária do título é uma alusão à igreja que se situa na confluência das avenidas Presidente Vargas e Rio Branco. Nessa área, considerada central, muitos trabalhadores tomavam ônibus para retornar ao lar.

O 4 NOS TOPÔNIMOS

Observando o mapa-político do Brasil, nota-se a existência de nomes dados pelo povo aos acidentes geográficos. Essas denominações, nomes próprios de lugares, são conhecidos por topônimos. A Toponímia, estudo lingüístico e histórico dos nomes dos locais urbanizados (paisagens culturais) e dos acidentes físicos (paisagens naturais). À junção desses dois tipos de paisagens, damos a denominação de paisagem geográfica, rica de topônimos. E, como foi o povo responsável por esse vasto batismo, não é necessário ter os conhecimentos toponímicos, para conseguir descobrir os nomes num mapa.

Cachoeira dos **quatro** – travessões no rio Nhamundá, afluente da margem esquerda do rio Amazonas, PA.

Córrego dos **quatro** saltos – afluente da margem direita do rio Bandeirantes do Norte, Sertãoópolis, PR.

Ilha **quatro** irmãs – situada no município de Foz do Iguaçu, PR.

Passa-**quatro** – município, cidade e curso d'água mineiros.

Quatro de março-cachoeira no rio Ji-Paraná, afluente do Madeira, RO.

Quatro Barras - cidade e município paranaenses.

Quatro Irmãos – núcleo urbano próximo de Erechim, RS.

Quatro Pinheiros – povoado do município de São José dos Pinhais, PR.

Santa Rita do Passa **Quatro** – cidade e município do interior paulista.

São José dos **Quatro** Marcos – cidade e município mato-grossenses.

O 4 NA FAUNA E FLORA

A biodiversidade das nossas riquezas naturais é enorme (especialmente por vivermos em um país tropical). As pessoas foram atribuindo nomes aos animais e aos vegetais. É fácil encontrar entre esses valiosos seres vivos, que também receberam nomes científicos, em latim. Em função da variedade de nomes regionais, existem, quase sempre, mais de uma denominação do povo para o mesmo ser vivo. Não estranhe, isso é fácil deparar. Contudo, o inverso não ocorre.

Quatro-olhos – peixe de águas rasas em lagoas salobras do norte, conhecido também por tarista e tratolho (*Anableps tetrapthalmus*).

Quatro-olhos – nome dado na região pantaneira matogrossense ao Macaco da Noite (*Aotus trivirgatus Humb*).

Quatro-patacas – planta que recebeu a denominação científica de *Allamandra violácea*, com as variações de **Quatro**-patacas-roxa e **quatro**-patacas-amarela.

O 4 NOS NOMES-FANTASIA

Por necessidade, até sem querer, as pessoas atribuem nomes em estabelecimentos comerciais, agrícolas e industriais. Nomeiam tudo que surge pela frente. Eis alguns exemplos:

Café **4** – Votuporanga, SP.

Casa **4** – Votuporanga, SP.

Editora **Quatro** Décadas (extinta) – Lins, SP.

Editora **Quatro** Séculos – São Paulo, capital.

Frigorífico **4** Rios S/A - Votuporanga, SP.

Funilaria **4** Rodas, Votuporanga, SP.

Posto **4** Centão – Catiguá, SP.

Quatro Estações (agência de

viagens) – São José do Rio Preto, SP.

O 4 NA LÚDICA INFANTIL

O termo lúdica, originário do latim, diz respeito às brincadeiras, jogos e divertimentos. Essas atividades estão intrinsicamente amoldadas à vida pueril. E qual é a criança que não aprecia? Todas gostam, a menos que estejam adoentadas ou estejam sofrendo a massificação dos vídeos, da televisão e das distrações eletrônicas, tão maléficas quanto utilizadas.

É evidente que os étimos brincadeiras, divertimentos e jogos não são sinônimos, no entanto estão bem próximos entre si. A palavra recreação, todavia, pode agrupar os três termos. Ao nosso ver, para existir jogo, pressupõe-se, automaticamente disputa. Quem brinca está se divertindo. Parece paradoxal, mas quem se diverte, nem sempre está brincando. Entretanto essas atividades lúdicas e recreativas são valiosas, não somente como passatempo. Eles contribuem para o desenvolvimento físico, social, ético, intelectual e até moral. Como a lúdica tem caráter de pureza, deve ser entendida como uma das raízes da estética.

Muitas são as atividades recreativas da petizada. Talvez sejam incontáveis. Em algumas delas o **quatro** marca presença. Eis as levantadas nas pesquisas de campo que efetuamos:

QUATRO CANTOS

Brincadeira de salão entre crianças em idade escolar. Por vezes, pode ser realizada em piscina quadrada ou retangular, especialmente nas estações verão e outono.

Cada criança fica num dos

cantos e outra no centro. Após um código, previamente combinado, geralmente uma das palavras: *pronto*, *já*, *agora*, dita por um deles, todas saem dos lugares que estavam ocupando, de modo que uma sobrar. É a que ficará no centro. E a atividade é contínua. Se o local for retangular, não vale a troca entre as distâncias menores.

Às vezes, existem outras assistindo e algumas querem participar. Nesse caso, quando uma se cansa, a substituta estará entrando. Contudo, a petizada é criativa e sabe colocar regras. É comum ser substituída aquela que deverá ficar no centro do local. Termina quando todas ficam cansadas, enjoando-se e desistindo.

Elas estabelecem as regras dessa diversão e não necessitam de apoio de pessoa adulta. Porém, em idade pré-escolar, torna-se indispensável a presença de monitor. Nesse caso, a pessoa é chamada de “tio” (sendo homem) ou “tia” (se for mulher).

Quando essa atividade é praticada na pré-escola, denomina-se, por lógica, “**Quatro** cantinhos.”

Informante: Maria Alice Guerra, 1 989.

BRINCADEIRAS-DE-RODA

É muito comum essa atividade. A criançada forma um círculo, todas com os braços estendidos. Largam-se as mãos. A roda passa a girar, as crianças andando, geralmente no sentido horário, cantando. São inúmeras:

“Cara de **quatro**
Quarenta e **quatro**,
Pula a janela,
Senão te mato.”

Informante: Josélia Arruda Fernandes, 1 997.

De comum acordo, estabelecem um determinado número. Girando a roda, cantam até chegar nesse número, quando todas se agacham.

“A galinha do vizinho
Bota ovo amarelinho
Bota 1, bota 2, bota 3,
E...bota... **quatro**...”

Informante: Geni Alberini, 1978.

Quando cansam, trocam por outra.

Outra, muito comum, e, com variantes:

“Um, dois, três, **quatro**
A mulher do macaco
Ela pita, ela fuma,
Ela cheira tabaco.”

Informante: Ofélia Trindade, 1998.

Eis duas formas variantes, diversificadas, alteradas, modificadas através do tempo, pela oralidade.

“Um, dois, três, **quatro**
Lá na rua do pato
Uma mulher matou um gato
Com a ponta do sapato.”

Informante: Zélia Garcia, 1987.

“Um, dois, três, **quatro**,
A mulher do seu pato,
Ela pita, ela fuma
Ela cheira subaco.”

Informante: Mercedes Borlina, 1994.

“Um, dois, três, **quatro**,
Lá na rua do gato,
Uma mulher matou um pato,

Com o salto do sapato.”

Informante: Amália Amaral, 1992.

Existem outras, em nossos levantamentos, mas ficaram em nossos arquivos, já que está suficientemente explícito.

Às vezes, preferem que a roda não gire. Nesse caso, à medida que vão repetindo alto, cada palavra, um líder vai mostrando um dos colegas. Ao chegar à última palavra, aquela criança está fora. Inicia-se novamente. E, assim por diante, até sobrar uma apenas, quando termina. E, caso queiram, começa novamente.

Estrofes desse tipo servem para iniciar brincadeiras. Nessa circunstância, a última criança ficará guardando o local do “pique” e as demais se esconderão. Ela novamente repetirá a estrofe. Ao terminar, sai à procura das outras. Essas fazem de tudo para não serem localizadas, pois pretendem bater o pique, ou seja, chegar ao local estabelecido, quando gritam, ao colocar a mão, o nome da brincadeira. Se uma for pega, isto é, se houver toque, essa liderará a brincadeira. Caso contrário, o que é muito difícil, continuará a mesma. E assim, quase sempre, chegam a brincar horas e horas seguidas.

Quase sempre, de comum acordo, trocam de estrofes, o que serve de aprendizagem para os novatos.

Outra diversão comum e que se estende até a adolescência chamada de passar anel, usa esta que segue:

“Um, dois, feijão com arroz,
Três, **quatro**, fubá no prato,
Quem não usa sapato,
Não brinca com gato.”

Informante: Alzira Azevedo Araújo, 1991.

Esse conjunto de **quatro** versos, chamado de quadra, é entoado, enquanto um dos presentes, a cada palavra pronunciada, mostra uma das pessoas, até chegar à última. Essa é a escolhida para passar o anel. A criança com o anel entre as mãos fechadas e em movimento vai passando sobre as mãos abertas dos outros. No momento em que a pessoa com o anel passa, as mãos de cada criança ou adolescente (dos doze anos em diante) fecha. Ao chegar ao final, todas as mãos se abrem e fica revelado que está com o anel. Esse passará, dando seqüência à brincadeira.

Outras quadras, além das anteriores, mesmo que imperfeitas, são utilizadas para dar início a esse passatempo e a outros.

Todas essas nós inventariamos no município de Votuporanga, área Geocultural de Olímpia.

O 4 NAS CRENDICES

Elas estão arraigadas na cultura do povo. São respeitadas sem impor medo. Diferem substancialmente das superstições, embora quase sempre ambas estejam no mesmo tópico nas publicações. Talvez por esse motivo os leigos não fazem distinção entre elas. As superstições estão carregadas de medo, tal qual os amuletos.

Eis as crendices coletadas envolvendo o **quatro**:

1- Qualquer numero que, somando-se os seus algarismo se reduz a **quatro**, dá sorte.

2- O trevo de **quatro** folhas atrai sorte para quem o encontrar ou carregá-lo na carteira ou no bolso.

3- O **quarto**-dos-santos ou oratório – minúscula capela de um só altar existente em um cômodo da casa-grande dos latifúndios açucareiros (na zona da mata nordestina) e cafeeiros (no sudeste),

traziam sorte para todas as pessoas que moravam naquelas comunidades.

4- Tirando-se os nozes de um número qualquer, se o resultado (resto) for **quatro**, muita sorte nos jogos das loterias de números e de rifas.

5- Quem se casar em ano bissexto, terá **quatro** anos de atraso na vida.

6- Nos dias de quaresma, os devotos (seguidores) do catolicismo não comem carnes (vermelhas) às **quartas** e sextas-feiras.

7- Não presta ter ou carregar espelho de **quatro** cantos ou quebrado, por atrair azar.

8- A vacina antigripe só dá resultado depois de tomar a **quarta**, em **quatro** anos seguidos.

9- Três ou **quatro** vasilhames plásticos cheios d'água, colocados sobre ou perto do relógio de energia, diminui o consumo de eletricidade.

10- A pessoa terá sorte se o número da casa onde mora ou da chapa do seu veículo motorizado (automóvel ou motocicleta), tirando-se os nozes, resultar **quatro**.

11- Ao sentar-se, se a pessoa for pederasta, fará o **quatro** com as pernas.

O 4 NA MAGIA

A magia é tida como a mais primitiva das artes. Consta que o Criador foi praticá-la, quando fez surgir “Eva de uma costela de Adão.” Sabe-se que no medievalismo, desfrutava de alto prestígio. O mago é um fantasista que tem poder de domínio sobre a platéia. Daí, conseguem mostrar o que bem entendem; e por que não o **quatro**?

Alguns dos meios utilizados na prática da magia são compostos por **quatro** letras: vela, sapo, guga (prática usada em determinados trabalhos de magia negra), azar, aruê

(espírito de pessoa desencarnado), aoba (pano), cuia e muitos outros.

As mágicas envolvendo o **quatro** não são tão comuns na Área Geocultural de Olímpia (denominação proposta por nós, no século passado). Encontramos um exemplo no nosso arquivo que foi levantado por nós há três décadas: Os **quatro** ladrões (Informante Gabriel Veloso, 1973)

Mostre à platéia **quatro** valetes dizendo representar **quatro** ladrões perigosos que estão pretendendo assaltar uma residência. Esta é representada pelo baralho. Ponha os ladrões em lugares diferentes da “casa”. Porém, no final eles estarão novamente juntos.

Ao principiar este truque é indispensável pôr três cartas quaisquer atrás dos valetes. Abra os valetes em leque, para o público presente tomar conhecimento. Continue mantendo as três cartas ocultas atrás deles.

Comece a conversa. Estão aqui **quatro** valetes que representam **quatro** ladrões decididos a roubar uma residência. O baralho representa a casa. Ponha os valetes, com as três cartas por trás deles, em cima do baralho, com as figuras viradas para baixo. Continue. Um ladrão entrou na residência por uma janela do porão. Pegue a carta do baralho, que todos estejam pensando que seja um valete e coloque-a mais abaixo do baralho, de modo que ninguém veja a face da carta. A seguir, fale: O segundo ladrão invadiu a casa pela porta da frente. Pegue novamente a carta de cima, portanto a segunda extra e coloque-a mais ou menos no centro do baralho. O terceiro ladrão penetrou na casa pela porta dos fundos. Pegue novamente a carta de cima e coloque-a um pouco adiante do centro do baralho. O **quarto** ficou na laje, servindo de vigia. Pegue a carta de cima e mostre-a ao

público. Evidentemente, este é na realidade o primeiro dos **quatro** valetes. Torne a colocá-los por cima do baralho. Continue. De repente, chegou a polícia militar. O vigia avisou os seus comparsas e, por incrível que pareça, aqui estão os **quatro** marginais. Ao dizer isso, tire, um por um, os **quatro** valetes do baralho, jogando-os na mesa com as figuras para cima.

O 4 NAS SIMPATIAS

No folclore mágico das simpatias, as pessoas mergulham nesse assunto, acreditando no poder de realização. Nessa modalidade de magia, o povo crê que o efeito é análogo à causa que o originou. É um verdadeiro ritual, onde o conjunto de palavras, previamente estabelecidas, acompanhadas de atos bisados sem nenhuma modificação, excetuando o prenome da pessoa, quando for o caso, atingiria o idealizado, desde que seja realizado com muita fé e persistência. Ultimamente, a mídia está no processo de banalizá-las, desrespeitando-as e vulgarizando-as, sem nenhuma piedade.

SIMPATIA PARA EMAGRECER

Comece numa **quarta**-feira, pela manhã. Coloque meio copo de água com tantos grãos de arroz, quantos forem os quilos que quiser perder. Não ponha mais do que deseja, pois os quilos perdidos não serão recuperados. À noite, beba a água, deixando os grãos. Complete novamente com meio copo de água.

No dia seguinte, pela manhã, em jejum, beba a água, deixando os grãos, completando novamente com meio copo de água.

Sexta-feira, pela manhã, em jejum, beba a água com os grãos de arroz, sem contudo mastigá-los.

É indispensável que tenha atenção, consoante a informante Rosalina Burgo Arantes (1978):

1- Conserve o mesmo copo do início ao fim.

2- Não faça regime, a simpatia é infalível.

3- Tire o número de cópias correspondente aos quilos que deseja perder, ou publique na imprensa, três ou **quatro** vezes.

4- Após distribuir as cópias ou efetuar a publicação, nas **quatro** **quartas**-feiras seguintes propague para que **quatro** pessoas, que precisem, realizem essa simpatia.

SIMPATIA PARA NÃO SE DESENTENDER COM OS VIZINHOS

Num domingo escreva em um papel branco os nomes dos vizinhos e deixe de cabeça para baixo aos pés da imagem de São Jorge, ou de outro.

No dia seguinte, faça uma cruz em cima de cada nome, rezando um Pai-nosso e reforçando o pedido. Deixe debaixo da mesma imagem até terça-feira.

Na **quarta**-feira, a inveja começa a desaparecer e a amizade aumentará, tomando conta de toda a vizinhança.

Informante: Albertina Santos Miranda, 1976.

SIMPATIA PARA O FILHO NÃO SER REBELDE

No primeiro dia do mês, acenda uma vela branca sobre um prato branco e sem uso no **quarto** em que estiver repousando, sem que ele perceba, faça o pedido,

acompanhado de uma prece.

No dia seguinte, faça uma oração e ofereça ao anjo-da-guarda dele.

Com muito cuidado, no outro dia, enquanto ele estiver dormindo, acenda uma vela e faça com ela o sinal da cruz, deixando **quatro** pingos na cama.

No **quarto** dia, o filho começará entender e será mais educado, compreendendo os conselhos recebidos.

Informante: Amáble Frigo Silva, 1996.

SIMPATIA PARA MELHORAR A AUDIÇÃO

Na **quarta**-feira, às seis ou às dezoito horas, com muita fé, faça uma oração para o seu santo de devoção.

No dia seguinte, na mesma hora, com uma faca virgem, faça uma cruz em um papel branco.

No dia imediato, na mesma hora, acenda uma vela branca para o santo, lembrando o pedido.

No outro dia, os sons passarão a ser mais nítidos e depois de **quatro** semanas, estará a audição completamente restabelecida.

Informante: Floriza Delmiro Gouveia, 1983..

O 4 NOS SONHOS

Sonhar é uma das atividades inerentes aos seres humanos. É muito comum devanear. Dizem os entendidos que os sonhos são freqüentes. Entretanto, somente quando estamos descansados é que lembramos o que sonhamos. Porém, não basta lembrar deles. O difícil e o mais valioso é a interpretação. E elas, muitas vezes, não são iguais, o que

aliás fica entendido através da lógica.

O **quatro** pode ser vontade ou sucesso.

Ficar preso em um **quarto** significa medo.

O 4 NA UMBANDA

O pesquisador Eduardo Alberto Escalante coletou no Folclore paulista, e promoveu a gravação em disco de vinil, compacto duplo (1972), com o título **Quatro** Pontos Cantados. Na referida gravação estão: O ponto de Oxalá / O ponto de Pai-Velho (de um lado) e O ponto das Caboclas do Mar / O ponto dos Pretos-Velhos (de outro). Está fora de catálogo. Entretanto é possível encontrar esse documentário fonográfico para consultas no local, em alguns centros de pesquisas folclóricas, em bibliotecas especializadas de departamento universitário, sem contar os raros acervos particulares, geralmente mais ricos em termos qualitativos.

Não cabe entrar em digressões para distinguir Umbanda de outros cultos fetichistas com diferentes atos litúrgicos e ritualísticos.

O **quatro** é sentido e percebido, mantendo relações visíveis com a Umbanda:

1- Nos terreiros, as sessões acontecem sempre às **quartas** e sexta-feiras, podendo acontecer, algumas circunstâncias, até nas segundas.

2- Alguns dos orixás cultuados são grafados com **quatro** letras: Nanã, Oxum, Ogum, Loca.

3 - A saudação umbandista Nauê, com **quatro** letras, equivalente a Saravá! Salve! Viva!

4- Às **quartas**-feiras são dedicadas a Olokum (Deus do mar), Nanã (mãe dos orixás) e Iansã (Santa Bárbara).

5- Nanã, que tem **quatro** letras no nome é a mais antiga de todos os orixás, excetuando Oxalá, que não foi nascido, nem criado.

6- A **quartinha**, moringa pequena de barro cozido, é usado para colocar líquidos que serão oferecidos aos orixás (água, mel e outros) e às entidades (água, cachaça e outros).

O 4 NA EDUCAÇÃO

Até as primeiras décadas do século passado, a disciplina, especialmente a escolar era tida por toda a sociedade como séria. Contava com castigos físicos para reprimir a insuficiente disciplina. Os educandos – tal qual ocorria no seio dos lares – recebiam sanções. Nas escolas existiam a palmatória e/ou o chicote para combater a falta de disciplina (ou de educação, como dizia).

Sabemos que disciplinar é ensinar, educar, propondo limites. E, sem limites, não há evolução da pessoa. Todos conhecem as experiências desastrosas, ocorridas na Inglaterra, no século passado (e que foram bem divulgadas entre nós, mais tarde, algumas décadas depois), onde as crianças e adolescentes ficaram sem parâmetros: libertinagem total, chegando ao caos.

É desejável e de bom alvitre que se coloquem os desejáveis limites, sem todavia, estabelecer castigos físicos.

Retomando ao castigo de outrora, em termos de palmatória ou de chicotada. Na escola daquela época “o aluno levava **quatro** chicotadas ou palmatórias, caso chamasse um colega de mentiroso, sem ser verdadeiro”(XV).

O povo ao escrever o **quatro**, utiliza, em tese, **quatro** traços, da forma que aprendeu na escola. A

propósito, a professora das primeiras letras, ao ensinar os algarismos arábicos utiliza palitos de fósforo, de picolé ou outros, podendo ser pequenas varetas. As crianças aprendem rapidamente formar com **quatro** palitos ou varetas, o número em epígrafe.

O 4 NA FOLQUECULINÁRIA

É comum na cozinha tradicionalizada pelas sucessivas gerações, deparar com receitas culinárias que foram passadas de boca aos ouvidos, até sem medidas exatas, tal como três ou **quatro** colheres disso, três ou **quatro** xícaras daquilo, três ou **quatro** ovos, etc. São números imprecisos, porém próximos. Não é raro encontrar ensinamentos desse tipo. Localizamos diversas receitas de doces, salgados e de bebidas com o **quatro** (número que é o foco de estudo deste trabalho) a marcar presença do início ao final, ou seja, alguns dos ingredientes com o numeral **quatro**. Levantamos diversas e, aleatoriamente, optamos pela que segue:

DOCE DE GOIBADA

(Informante Alba Mara Lima, 1999)

Ingredientes: **4** goiabas vermelhas e grandes/**4** xícaras (chá) de água/**4** pacotinhos de adoçante artificial/**4** colheres (sopa) de frutose. Observação: o adoçante pode ser substituído por **4** colheres (sopa) de açúcar mascavo (nesse caso, dispensa-se a frutose).

Preparo: Lave bem as frutas, antes de descascá-las. Corte cada uma em cruz, em **quatro** pedaços iguais, para retirar as sementes (que podem ser guardadas no refrigerador e servem para o preparo de geléia).

Deixe de lado as frutas cortadas. Em uma panela, juntam-se a água, o adoçante (ou o açúcar mascavo) e a frutose (dispensada, caso use o açúcar). Leve ao fogo para ferver. Quando estiver derretido, acrescente as goiabas. Cozinhe até amolecer bem, mas ficando firme. Retire da chama. Deixe esfriar. Coloque no refrigerador. E, no dia seguinte, sirva.

Observação: Pode-se substituir, caso queira, as goiabas por outros frutos carnosos (pêssegos, por exemplo), bem grandes. O resultado será bom.

O 4 NA FOLQUEMEDICINA

Desde os mais remotos tempos a raça humana saiu à procura, no seu habitat natural, de meios para minorar os sofrimentos advindos de variadas moléstias. E continua nessa dinâmica luta para vencer as doenças que surgem nas pessoas. Paulatinamente foi encontrando e passando as suas experiências, enquanto recebia outras. Assim ocorreu o enriquecimento da medicina do povo, de modo acumulativo, não só a humana, mas também a dos animais domésticos. E não deixou de progredir até fornecendo elementos naturais para os laboratórios empreenderem processos industriais.

PARA DIMINUIR O AÇÚCAR NO SANGUE (GLICOSE)

Lavar bem e picar com casca três ou **quatro** romãs pequenas ou médias. Colocar em um volume de guaraná (dois litros) de boa qualidade e sem açúcar (dietético). Deixar em repouso, mas em geladeira, durante três ou **quatro** dias. Tomar meia xícara (café) em jejum e ao deitar.

Informante: Andréa Rovies Lacreata, 1976.

PARA COMBATER A GORDURA DO SANGUE (COLESTEROL E TRIGLICÉRIDES)

Torrar e moer um quilo de soja. Tomar esse pó em jejum, misturado ao leite de soja, **quatro** colheres (café), de manhã. Repetir antes do almoço, do jantar e ao deitar. Se deixar de tomar as **quatro** vezes ao dia, o resultado será mais lento.

Informante: Silvana França Labati, 1996.

PARA COMBATER A GLICOSE (AÇÚCAR NO SANGUE)

Torrar meio quilo de fubá de milho. Tomar ao levantar com leite desnatado **quatro** colheres (café). Demora para começar sentir o resultado; e, ao completar o **quarto** mês, estará normalizado.

Informante: Vera Teixeira da Cruz, 1982.

O 4 NA ARQUITETURA

Eis algumas denominações nascidas no meio do povo, ao longo do tempo acerca da arquitetura, no espaço brasileiro.

O termo **quarto** é originário da divisão da casa simples do trabalhador, que tem sua cota de responsabilidade no desenvolvimento desta Nação, em **quatro** partes: sala, cozinha e dois **quartos**. É a típica planta da casa dos bairros populares, construída nas últimas décadas, favorecendo o êxodo rural e desequilibrando não só a vida citadina, como despovoando os campos. Recorda-se que a casa

típica do camponês, bem mais antiga, é desse tipo. Às vezes, pode ocorrer o acréscimo de uma área, ou duas, nesse caso a última na frente. Nos últimos tempos pode ocorrer até a construção de pequena garagem. Contudo, o **quarto** (dormitório) não perde a significação.

A cobertura pode ser até de sapé, na área rural, como também de folhas de palmeiras, zinco ou imitação. Nas cidades, de variados tipos de telhas, sendo de amianto, mais recentemente. Outra característica é o telhado com **quatro** águas: na cumeeira as águas pluviais são divididas em **quatro** partes (conhecidas por divisores), facilitando o escoamento em **quatro** vertentes.

Quatro-folhas – ornamento ou adorno de **quatro** lóbulos que são aplicados nas paredes e até no teto das residências.

Rosácea de **quatro** pétalas – desenho ornamental constituído de **quatro** partes, que são as pétalas. Nas calçadas artesanais, em Votuporanga (SP) e em outras cidades do noroeste paulista, são comuns, especialmente nas esquinas. Mas há, ainda, a aplicação, como decoração, nas paredes internas.

Notas

I- CHEVALIER, J. e GHEERBRANT, **Dicionário de Símbolos**, 2ª edição, Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1989, pp. 758-759.

II- **Cientista diz ter achado escrita**. São Paulo: Folha de São Paulo, ano 82, nº 26677, Suplemento Mais! Ano 18, 17/04/2002.

III- LEXIKON, H. **Dicionário de Símbolos**. São Paulo: Cultrix, 1997, p. 168.

IV- BECKER, U. **Dicionário**

de Símbolos . São Paulo : Paulus , 1999 . p. 226.

V- LURKER , M. **Dicionário de Figuras e Símbolos Bíblicos** . São Paulo : Paulus , 1993 , p. 197.

VI- SANT' ANNA , J. **Folder** , Olímpia , 1970.

VII- WESTCOTT , W. W. **Os Poderes Ocultos dos Números** . Rio de Janeiro : Tecnoprint , 1987 , p. 64 .

VIII- BIEBERMANN , H . **Dicionário Ilustrado de Símbolos** . São Paulo : Melhoramentos , 1994 , p. 316 .

IX- RONECKER , J . O **Simbolismo Animal** . São Paulo : Paulus , 1997 , p. 239.

X- KOZMINSKY . **Números : Magia e Mistério** . São Paulo : Três , 1973 , p. 45.

XI- BASEVIC , A .M . **ABC da Numerologia** . São Paulo : Circulo do Livro , 1995 , p. 30 .

XII- LIMA , A .M . **Antropologia ou Entropologia ?** Lisboa : Imprensa Nacional – Casa da Moeda , 1979 . p. 25 .

XIII- SANT' ANNA , J . **Quadradas Anônimas** . Olímpia : Departamento de Folclore do Museu de História Maria Olímpia e Associação Olimpiense de Defesa do Folclore Brasileiro , 1997 , p. 222 .

XIV- SANT' ANNA , J . **Quadradas adivinhas** . Olímpia : Prefeitura Municipal de Olímpia , Conselho Municipal de Cultura . Comissão de Folclore , 1989 , p. 22 .

XV – **Os Limites da liberdade na sala de aula** . São José do Rio Preto : Diário da Região , caderno 2 , 07/07/1998 , p. 1.

em nossas pesquisas de campo. Vários informantes anônimos e tão valiosos quanto os demais, que tivemos oportunidade de ouvir conversando com outras pessoas no interior de coletivas, nas portas de botecos, nas praças públicas, viajando em ônibus intermunicipais, nas salas de espera de consultório médicos e odontológicos. Essas pessoas, espontaneamente, fizeram referência ao **quatro** sem qualquer indagação de nossa parte, integrando a conversa do cotidiano da forma mais natural possível. E o melhor, prestaram bom serviço – sem querer e até sem saber – o valor aquilatado de contribuição à preservação dos hábitos inerentes à cultura. Além deles, contamos, ainda, com os informantes: Agenor Seco, Albina dos Reis, Albimar Garcia, Aparecida Zuquetti (Cida), Avelino Braga, Constantino Rosa, Durvalino Junqueira, Estela Portugal, Fátima Pinto, Izaltina Fernandes (dona Tina), Izolina Albuquerque (dona Lina), Jesus Favareto, Joana Cipriano Ur (dona Jô), Josilene Saraiva (dona Josi), Lazara de Oliveira (dona Lazineira), Mafalda Martins, Marina Pandora, Marineusa Araújo, Nair Carvalho, Odete Albarelo, Ofélia Fava, Olésia Dia, Ondina Lopes (dona Dina), Ormezinda Favaron, Pedra Parola, Rosilene Jorge, Sebastiana Ruela (dona Tiana), Sebastião Luiz Zuquetti (Tiãozinho do Gás), Tatiana Lobo Alves, Terezinha do Menino Jesus (dona Terê), Umbelina de Souza (dona Lina), Valéria Horta, Zélia Silva, e Zoraide Soares (dona Zazá).

considerável. Para nós, o Folclore faz parte, mas não é sinônimo de cultura popular, conforme expomos.

Tanto o **quatro** quanto o **quarto** poderiam ser bem mais explorados. A quadrilha – por si só – é suficiente para outra abordagem, contudo poderia ser enquadrada neste estudo. Ela é uma modalidade de dança (ou contradança) surgida nos meados do século XVIII, em França. Era muito comum na era napoleônica. Chegou ao Brasil no século XIX, como dança de salão, durante o Império (1822 – 1889). Recebeu numerosas variantes, enriquecendo-se logo que aportou. De **quatro** pessoas evoluiu para **quatro** pares ao ganhar os logradouros públicos, passando gradativamente ao ilimitado número de pares participantes. A música, em compassos alternados, de seis por oito e de dois por **quatro**.

A quadrilha está arraigada – mesmo com deturpações – nas festas juninas e julinas. E quem não a conhece?

A quarentena, período de quarenta (**quatro** vezes dez) dias: quaresma e resguardo da mãe pós-parto (que o povo denomina de “dieta”) são aspectos para outras investigações de campo. Aliás, coletamos, nos últimos tempos, elementos básicos que poderão compor eventuais estudos, oportunamente, dessas duas temáticas.

Encerramos com as palavras que transcrevemos de um tapume, quando da reforma de uma agência bancária (1987), na área central de Votuporanga (SP): O primeiro chope é pra saudar, o segundo pra sentir, o terceiro pra curtir e o **quarto** pra dormir. Essa frase é frequentemente repetida não só em final de “chopada” (rodada de chope), como em outras reuniões festivas, mesmo que a bebida servida seja outra.

EPÍLOGO

Informantes

Além dos nomes inseridos no texto, inúmeros outros nos auxiliaram

A influência do numeral **quatro** e do ordinal **quarto** na cultura espontânea é visivelmente

NOVA NOMENCLATURA DO FOLCLORE

FRANCISCO GABRIEL JUNQUEIRA MACHIONE
DEPARTAMENTO DE FOLCLORE - OLÍMPIA/SP
EXCERTOS DA COMUNICAÇÃO APRESENTADA NO PRIMEIRO
SIMPÓSIO NACIONAL SOBRE FOLCLORE DE OLÍMPIA, EM 1986

Folclorística - Introdução

A palavra revestida de idéia coletiva, abrangendo ciências e seus respectivos estudos, em geral, finaliza-se com o sufixo “ística”. Exemplo: Balística, Novelística, ILogística, Missilística, etc., em quase todas as línguas neolatinas. Assim, definiu-se na Europa, nos países de línguas dessa origem, já há muitos anos, o termo Folclorística para designar a ciência folclórica, como sobejamente o demonstrou o ilustre folclorólogo Professor Doutor Ático Vilas Boas da Mota no I Simpósio Nacional sobre Folclore de Olímpia, em 1986.

Apresentou o Presidente do Conselho Nacional de Folclore, monumental obra cujo título é significativamente “Folclorística”, do romeno Gheorghe Vrabié, editada em 1970, naquele país, na qual o autor elege, consagra, de vez, tal vocábulo título.

Porém, aqui no Brasil, essa mesma palavra até hoje encontra detratores, classificada como duvidosa, discutível e não aceita por alguns “clássicos folkloristas” (com k), tupiniquins. O que também, na mesma ocasião, o professor José Sant’anna, um dos organizadores do I Simpósio Nacional sobre Folclore, inteligentemente desejou, foi pura e simplesmente confirmar este termo, já aclamado no exterior e por autores altamente respeitáveis. Ou seja: quis

ele que certa parte dos estudiosos nacionais da Ciência Folque não continuassem a claudicar na incompetência retrógrada, na ignorância em negar uma atualização inevitável, irresistível, ainda apegados a uma nomenclatura caducada.

Folclorística deve passar, portanto, a constituir, designar, embora tardiamente, aqui em nosso país, Ciência Folclórica, o estudo desta, de agora em diante. E Folclore continuará sendo o fenômeno folque, suas ideações, suas ações. Os fatos, os atos e as representações “para” e “meta” folclóricas, com todas suas conseqüências e nuances.

Folclorólogo – o estudioso, o cientista da fenomenologia Folque e todas suas prerrogativas especulativas e conclusivas.

Folclorista – o apreciador, o cultivador empírico, natural do saber popular, seja ativa ou passivamente. O “curtidor” sem métodos nem sistemas.

Folclorista atuante – quando é também parte, partícipe direto da ação, do ato folclórico. Exemplo: um dançador de catira, um folião de reis.

Folclorista factício - quando vive o acontecimento, o fato e não o ato folclórico, ou seja, sem participação ativa. Exemplo: um apreciador de moda de viola, ou espectador atento ou um devoto de Dança de São Gonçalo. Exemplo: um palpiteiro que sempre se intitula autoridade no assunto – e cada cidade tem vários

– e nada vale no sentido de pesquisa séria.

A expressão “Folque” substitui prática e sensatamente a antiga “Folk”, como em outros segmentos da vida nacional o aportuguesamento de termos alienígenas que se foram impondo naturalmente. Exemplo: futebol, basquete, rifle, bangalô, etc, vertidos para a língua, obedecendo às imposições de nossa fonética, consoante às palavras como são escritas.

Folclorística – definições

I- O Homem é movido pela esperança. A Folclorística é a ciência da esperança, pois o Folclore reflete toda a linguagem cifrada da alma do vulgo. Transmite, pela inteligência, vontade e sentimento, a simbologia mágica críptica e significativa da expressão espiritual popular.

Organiza, seleciona e propaga a semiótica oculta, maior, da multidão anônima. É soberano, onipresente em todas as culturas humanas. Onisciente em todos os meios sociais de todas as raças. Enfim, é a linguagem global universal; o meio de expressão comum entre todo o gênero humano.

Folclore é toda elucubração, ação, ato ou fato, mítico, místico, lendário, preceitual, onírico, lúdico, supersticioso, artístico (do inconsciente coletivo), vertido e sentido pelo processo criativo

anônimo, porém, nem sempre dentro dos limites do mundo interior do segmento maior de qualquer sociedade humana, o vulgo, o povo, como também em qualquer espaço de uma coletividade.

O Folclore é universal. Pertence, desenvolve-se e atua em todas as camadas sociais e não em áreas estanques ou isoladas. Folclore é exteriorização de anseio, vontade, sentimento. É a não sublimação de uma vontade pretendida, no universo onírico de alguém, extraída deste sob a forma codificada de arte, religião, credence, mito, uso, costume, etc. para consagração de um grupo humano. Procede, sempre, sem intervenção de qualquer processo científico ou técnico da cultura erudita, acadêmica. Nasce por obra, graça e ação de uma sabedoria imanente, intuitiva, sobretudo, que segue sempre a vontade e preferência do meio. Sempre é alguém que cria. Sempre é o coletivo que consagra.

Assim, o anonimato, nas obras, nos atos, nos fatos folclóricos, é o grande, o sumo, eterno e relativo autor, sem concorrentes, de todas as criações da Folclorística. O alguém não importa (quem cria). O Todo não usurpa, se apossa, aperfeiçoa, elege, consagra. Essa é a grande lei reguladora da motivação e da inspiração universal, que rege soberana o grande mundo dos fenômenos folclóricos.

Folclore, qualquer forma, tipo ou meio de expressão semiótica, empírica, instintiva, intuitiva, espontânea, provindo e provida do vulgo para o vulgo, do anônimo para o povo, para seu exclusivo aproveitamento, diversão, ação, veneração, enfim, desdobrando-se, por sua vontade, regida por sua inteligência imprimida, expressa pelos seus sentimentos.

Folclore, a fala sem dono, dita pela boca do povo. É a arte que, sem pai nem mãe conhecidos, é fecundada e gerada nos meios

populares, por uma vontade transcendental coletiva. É a expressão artística, mística e lúdica das camadas sociais avulsas, anônimas.

II- A Folclorística estuda, codifica, classifica e analisa os fenômenos folclóricos, coletivos ou individuais. Esses fenômenos (fatos, atos, etc.) podem ser históricos, morais, religiosos, lúdicos, de lazer, votivos, lendários, artísticos, etc. Todos têm entre si um laço e um traço indelével de semelhança. São (todos), sem exceção, expressões de uma simbologia velada, de significação bem mais profunda do que aparece à primeira vista, expelidas, exteriorizadas por um processo (às vezes, difícil) de mascaramento da sua verdadeira razão original. Exemplo: 1. A malhação do Judas, inocente brincadeira de crianças nascida da lembrança das tenebrosas fogueiras da Inquisição (Ático Vilas Boas da Mota); 2. A mula sem cabeça. A sinhá que coabitou com padre. Nessa lenda o negro escravo se vingou duplamente de duas classes sociais para ele tirânicas: o clero e o fazendeiro.

A fábula substitui a calúnia prudentemente tomando lugar na classificação das duas classes sociais dominantes. A sinhá, metamorfoseada em mula, farreia com o sacerdote e este prevarica no seu voto de castidade. E nessa mentirinha fabulosa, o escravo glosa com os poderes com que o dono e a Igreja, cúmplices, cerceavam sua liberdade.

Esses fenômenos são nascidos de alguém para um todo social. Extraídos do indivíduo para sacração, consagração e rotulagem do grupo social que integra, vividos em conjunto pelo segmento humano gerador. O fato folclórico não é estático; transfigura-se, transforma-se, desdobra-se num vertiginoso dinamismo persistente, variável e permeável. Persistente e variável

dinamismo mutatório, como é a nossa própria vida em sua essência, como também em suas minudências. O ato folclórico, que é a ação em si (do acontecimento), o fato folclórico é o acontecimento – a reação dos nossos sentidos ante o desenrolar do ato (da ação).

Folclore, tudo que pensa, sente e faz o povo nas suas diferentes formas de linguagem simples, sem intervenção de cultura formal. São manifestações dos desejos e vontades arquetípicas transpiradas por este esplêndido meio de comunicação espontânea, anônima, vulgar: o fenômeno folclórico. São os símbolos disfarçados, camuflados, enrustidos, expostos por transfiguração dos maiores anseios, mágoas, alegrias, exaltações ou frustrações de um grupo humano sob a forma inocente, inteligente, eufêmica, de lendas, contos, cantos, folguedos, crenças, temores, danças, jogos e festas. São, enfim, sejam quais forem suas formas expressivas, nada mais, nada menos, que brados lúcidos, gritos conscientes, eloqüentes clamores cifrados, exalados deste mundo significativo, infinito o inconsciente coletivo _ que rege, domina e determina o comportamento da alma e do espírito de todos os homens.

Resumo e conceitos de folclore

- 1) É a cultura material do homem telúrico ou vice-versa. É a cultura telúrica do homem natural.
- 2) É a sabedoria instintiva, intuitiva, empírica, espontânea, antítese da erudição acumulada, do academismo livresco.
- 3) É o saber da imaginação nua, despida de conhecimento acadêmico, desprovida, isenta de conceitos elitistas.
- 4) É um processo de massificação nas artes do vulgo, não importando qual o meio motivador. Ou seja: toda a exteriorização oral, escrita, imagética, ergológica do universo

místico, mítico, artístico, abrangente e atinente à toda criatividade popular. Enfim: a explosão espontânea, assinalada e estratificada de uma manifestação, de algum anseio do universo onírico de um povo, de uma comunidade, de uma gente.

5) Folclore é a força criadora inconsciente, espontânea, imanente e coletiva, gerando mitos, lendas, usos, costumes, plasmando idolatrias, simpatias, folguedos, engendrando meios, sempre se modificando, transformando-se em um dinamismo constante. Tudo isso, na efervescência de seu cadinho experimental, único e perfeito: a imaginação do homem anônimo. Atuando sempre sem a intervenção de qualquer ambiente cultural elitista, e, principalmente, afastada de todo processo, meio ou forma erudita, acadêmica.

Diferença entre ato e fato folclórico

Ato folclórico

Ato é a ação. Implica processo ativo (Bloude). Lavelle prefere atividade. Os filósofos da Idade Média traduziram por *actus* duas palavras de Aristóteles: *energéia* que vem de Ergon, significando mais diretamente o agir e *entelequea*, que designa o fim a que o agir conduziu (resultado).

A *energéia* tende para a *entelequea*. Esta é a plenitude realizada daquela. O vocábulo filosófico passou para as línguas neolatinas e saxônicas modernas e gramaticalmente é o participio passado do verbo *agere*. Como participio passado significa a perfeição realizada pela ação e possuída pelo agente. Ato é a ação desencadeada, o fato, o resultado dela.

Fato Folclórico

Fato é existível. Corresponde a atividade abraçando o ativo

possível. Fato é acontecimento, reação dos sentidos do nosso mundo fenomênico. Para Hume, a existência de um objeto era um fato. Para Locke fato era mais uma entidade observável em oposição à entidade deduzida.

Os fatos atendem-se pelas experiências, as essências, pela intuição. Os fatos são contingentes, individuais. Partindo de sua base etimológica (*fácere* – fazer) fato designa, positivamente, aquele que faz ou produz qualquer coisa e por extensão tudo que concorre, como causa ou princípio, para determinar um efeito.

Pelo fato de atuar sempre juntamente com outros, pode-se-lhe chamar “concausa”. O fato é existível, palpável, observável, tangível, experimentado ou sentido em todos os processos de nosso mundo fenomênico.

Leibniz opunha verdades de fato que são contingentes às verdades da razão, que são necessárias. O fato não é uma coisa. O mundo não é constituído por coisas, mas por fatos (Wittgenstein).

Constituem o fato folclórico as maneiras de pensar, sentir e agir de um povo, preservadas pela tradição popular e pela imitação e que não sejam diretamente influenciadas pelos círculos eruditos e instituições que se dedicam ou à renovação e conservação do patrimônio científico humano ou à fixação de uma orientação religiosa e filosófica. O fato folclórico é pleno em sua essência (Primeiro Congresso Brasileiro de Folclore, 1951).

Finalmente, em 1995, no VIII Congresso Brasileiro de Folclore, entendeu-se como conceituação do Folclore “o conjunto das criações culturais de uma comunidade, baseado nas suas tradições, expressas individual ou coletivamente, representativo de sua identidade social. Constituem-se fatores de identificação da manifestação folclórica: aceitação

coletiva, tradicionalidade, dinamicidade, funcionalidade.” Cultura popular e Folclore foram entendidos como equivalentes, em sintonia com o que preconiza a UNESCO. A expressão cultura popular manter-se-á no singular, embora, entendendo-se que existem tantas culturas quanto sejam os grupos que as produzem em contextos naturais e econômicos específicos.

Representação folclórica ou cenafolclórica:

Repetição programada dos acontecimentos espontâneos. Do latim *representare* – tornar presente, patentear, reproduzir por meio de imagens, expor, figuras como símbolos, exibir.

A representação folclórica ou cenafolclórica pode ser de:

1) Caráter Parafolclórico

Ao lado do Folclore votivo quando ainda se constitui essencialmente provido dos valores maiores em sua significação. Exemplo: grupos de danças constituídos de estudantes (geralmente) que após uma aprendizagem regular se apresentam em qualquer época do ano e se apoiam nas manifestações folclóricas.

Quando a ação do ato ocorre por indução preestabelecida. No caso, o tempo, o meio controlador, em seus caracteres básicos (visuais, morfológicos, ergológicos, mentais, elucubrativos) - enfim, toda sua orgânica – sofre um aprimoramento planejado. Ou pelo menos, um desses caracteres é deturpado, descaracterizado por alguma “kirtch-meio”, “kirtch-forma”, marginalizando, comprometendo inexoravelmente sua originalidade e seu vigor.

É o folclore de hora marcada. Seu tempo, meio e motivo vêm prefixados na intencionalidade de

serem exibidos. É a barganha da criação espontânea pela tradição inventada com algum fito. É o acréscimo forçado, imposto, propositadamente por alguém, em determinado fato folclórico genuíno. Várias razões alimentam o fenômeno parafolclórico: razões de homenagem, de gala, política e outras. Exemplo: certo cidadão de posses resolve promover uma “Chegada de Reis” em sua casa. Além de custear uma promessa desse evento, no ciclo natalino, a sua companhia deverá, pensa ele, sair melhor vestida, mais enfeitada, muito mais adornada que as de outros festeiros pagadores de promessas de sua região. Então ele manda confeccionar as roupas com que deverão sair os foliões. E para enfeitar exagera. Todo mundo de camisa vermelha, calças cor-de-rosa, botas para variar e chapéus verdes. A toalha, ele exagera ao extremo. Mais parece um pala gaúcho nos ombros dos foliões.

Resultado: tentando melhorar, caiu no grotesco, e como a peça obrigatória, nas devidas proporções, em qualquer Companhia de Reis (quanto ao vestuário) é a toalha ou a estopa ao ombro, o pagador de promessa saiu do fato folclórico e caiu de cara e mau gosto no parafolclórico. O vestuário igual, porém disparatado, a equalização do grupo nas vestes estapafúrdias, acabou quebrando a razão do espontâneo.

Virtualmente fardando sua companhia, o festeiro, na boa intenção de fazer boa figura, transformou-a numa representação folclórica no sentido visual. Parafolclórica, pois a essência do fato folclórico ainda existe, porém um “fator de contorno”, como o vestuário, foi deturpado. Trocado por outro completamente despropositado, fora dos padrões cotidianos do grupo atuante. Foi feita uma adesão forçada pelo gosto e obra de alguém ou de alguns. As

vestes foram equalizadas, padronizadas, e isto foi uma ação dirigida. O organizador ficou satisfeito, o pessoal participante achou lindo, maravilhoso, por ter havido aquela novidade. Só que ninguém ficou sabendo que a manifestação deixou de fato e caiu na área caricata da encenação.

No caso, só a intencionalidade da ação prefixada nas razões de domínio, interesse e gosto de alguém representaram a regência no ato e seu factual. Subsistiram entretanto os valores e os caracteres básicos, casuais, de seu meio gerador. Uma ação folclórica foi feita. Deturpada sim, porém, ainda provida de seu conteúdo ideológico e artístico primevos. Exemplo: os cânticos, a postura de fé dos foliões e presentes, distribuição de encargos, instrumentos musicais, muita coisa continuou como sempre.

Concluindo: é uma espécie de folclore exógeno, superficial, carecendo do humor da terra. Recende ao cheiro indefinido, o sabor insosso das coisas criadas propositadamente, onde devia apenas vicejar a criatividade espontânea, natural. Por isto mesmo padece de falta de tempero vigoroso, do tresandar forte, ardido, que só exala das raízes de um povo, de uma gente, quando trazidas, emergidas chão para fora pela força de uma tradição ou pelo poder e magia de uma vontade coletiva. Vive e é vivido. Acontece como folclore, porém já em cores esmaecidas. Com adições, trocas, permutas ou subtrações despropositadas, inconvenientes, violadoras das lídimas leis que regem o verdadeiro fenômeno folclórico, e por isto mesmo condenáveis. Porém, é válido ainda em seu contexto manifesto.

2) Caráter Metafolclórico

Além do Folque votivo, quando já se apresenta contaminado

indelevelmente de fatores alienígenas do meio onde se originou. Exemplo: a Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos.

É a representação (encenação) folclórica alienada, totalmente despojada de seus propósitos basilares, alheada de seus ingredientes essenciais e contaminada, poluída, por valores culturais alienígenas ao seu meio gerador. É o além do “folclore” de empréstimos, fortemente maquiado com influências mais disparatadas de outras regiões e até mesmo de outros países. É um folclore de frouxos alinhavos, inconvenientes acréscimos de eloqüente mau gosto. Exemplo: cidadão de posses, patrocinador de saída de Folia de Reis (Festeiro) resolve melhorar seu visual, instrumental, etc. Veste foliões com calças *jeans*, camisas xadrezadas, coletinhos estilo *country*, chapéus texanos e botas texanas (que de texanas só tem o nome, levando na verdade a influência mourisca, trazida para a América via Espanha e chegando ao Texas via México). No instrumental foram acrescentadas guitarras elétricas. Resultado: um verdadeiro grupo de foliões mestiçados norte-americanos na fantasia, com cara de botocudos na festa de brasileiro.

Aí está um exemplo de metafolclore em todo o seu esplendor. Outro exemplo: dupla caipira cantando estilo *country*, balada em roupas de *cowboy*. Ou então dupla caipira em estilo paraguaio, vestida de poncho, cantando guarânias, de preferência com acompanhamento de harpa. É a autêntica manifestação, encenação de enganar trouxa.

Resumindo:

Ato – ação

Fato- acontecimento

Representação – fato encenado

Representação – exibição, reprodução única individual, coletiva.

Reprodução – imitação fiel de alguma coisa ou ser.

Reprofolque – imitação fiel de um evento folclórico com hora marcada e dia estabelecido.

Conclusão

Se o fenômeno parafolclórico é o arremedo, às vezes, até mais realçado, mais enfeitado que o fato folclórico autêntico (porém padecendo da falta de alguns dos valores extrínsecos deste) o metafolclórico é o seu travesti maçaqueado e despudorado.

O primeiro (para) é uma agressão quiçá inconsciente ou inconseqüente, já despojada dos valores extrínsecos do verdadeiro fenômeno folque (fato), mas carrega ainda grande parte de suas razões intrínsecas peculiares. O segundo (meta) é nada mais, nada menos, que uma salada indigesta revolvendo tentativas propositadas e apressadas de transculturações e aculturações urdidadas na marra. É um processo abastardado de empréstimos, seqüestros e usurpações, redundando em sua somatória final na mesma constante: total falência do espírito folclórico. Entretanto, ambos são importantes, pois carregam em si a carga de sentido próprio do fato folclórico verdadeiro.

As encenações representativas para e meta não carregam em si o esoterismo mágico dos símbolos silentes que regem o universo onírico mágico casual do povo, de qualquer segmento social. Tanto o parafolclore como o metafolclore são exógenos, superficiais em sua mensagem visível ou intuitiva. Ao contrário, o fato folclórico traz por si mesmo, em si próprio, o zelo das coisas endógenas que para serem entendidas, sentidas, exigem um mergulho profundo em suas raízes, uma prospeção completa nas origens. E para serem continuadas revividas, perpetuadas,

carecem apenas do concurso dos três maiores poderes sentimentos que o homem dispõe: a esperança, a fé e o amor. O folclore é ciência da esperança. É a arte da fé. É uma das mais fortes razões do amor. Mas só os que vivem nele, dele, com ele e por ele compreendem esses seus três significados.

QUADRO SINÓTICO

O UNIVERSO FOLCLÓRICO: DEFINIÇÕES E FENOMENOLOGIA

NOMENCLATURA ANTIGA

Folclore
Ciência
Palavra grafada maiúscula

Folclorista
Estudioso de folclore

Folclore
Objeto
Universo dos fenômenos folclóricos
Palavra grafada minúscula

Folclorista
Participante direto ou apreciador

NOMENCLATURA ATUAL

FOLCLORÍSTICA

Englobando a ciência e o universo dos fenômenos folclóricos (objeto)

a) Folclorólogo
Estudioso do folclore, o seu cientista.

b) Folclorista
O apreciador, o cultivador empírico do saber popular, ativa ou passivamente

b1) Folclorista atuante:
Quando é parte, partícipe direto da ação

b2) Folclorista factício:
Vive o acontecimento, o fato e não o ato, sem participação ativa.

FENOMENOLOGIA DO FOLQUE

ATO FOLCLÓRICO
Ação

FATO FOLCLÓRICO
Acontecimento natural, resultante da realidade espontânea. Toda maneira de sentir, pensar e agir que constituem uma expressão da experiência peculiar de vida de qualquer coletividade humana, integrada numa sociedade civilizada (Congresso Internacional de São Paulo, 1954)

CENA FOLCLÓRICA DE SKENE OU REPRESENTAÇÃO FOLCLÓRICA
Acontecimento preestabelecido, programado, com preparação prévia. Encenado.

1. Parafolclore (raiz etimológica - ao lado de)

Fato encenado com preparação prévia, porém valores essenciais do ato intactos, preservados.

2. Metafolclore (raiz etimológica - além de)

Fato encenado, porém já deturpado em seus valores essenciais por influências alienígenas, estranhas ao seu contexto original e ao seu meio motivador. Entretanto, é errado desprezar por completo o valor intrínseco desses atos que são importantes não só pelo seu contexto estético, plástico, musical, sonoro, recitativo, como também por carregarem indelével, implícita a carga de sentido próprio do fato folclórico verdadeiro e ela é sua constante realidade motriz.

SABOR DE AMENDOIM

ISEH BUENO DE CAMARGO
DEPARTAMENTO DE FOLCLORE – OLÍMPIA/SP

Pirangi é uma pequena cidade paulista, situada ao Norte do Estado de São Paulo, divisa de Minas Gerais. Sua população não chega a quinze mil habitantes. Estes, atualmente, são na sua maioria oriundos de outros Estados brasileiros, principalmente Minas Gerais e Paraná. Dos fundadores de Pirangi restam alguns descendentes, formando famílias tradicionais, quase sempre numerosas, dedicadas à terra em que nasceram, preservando a cultura característica do clã, inclusive, inconscientemente por vezes, o folclore típico dos velhos que já partiram. É, talvez, o nosso caso. Somos ferrenhos defensores das coisas do passado, das festas que já não se fazem mais, do jeito de conviver com os conterrâneos, da comida que nos era servida em casa, nas casas dos amigos da cidade ou dos sitiantes e fazendeiros locais.

Pirangi possuía, lá pelos idos de 1930/40, sem que soubessem lhe dar nome, um rico folclore artístico e musical. As crianças de uma fazenda próxima à Vista Alegre do Alto, fazenda da família Geraldini, apresentavam na velha escola rural, danças típicas de várias regiões brasileiras, como Chula, Pau-de-fitas, Chimarrita, Bambu. O número de catireiros era enorme, hoje restrito a dois ou três animados grupos. Muitas Folias de Reis cercavam a cidadezinha nascente, também uns três ou quatro grupos bem estruturados na atualidade.

E sem saber sequer o que é o Folclore, o pirangiense faz parte do mais forte grupo folclórico que conheço. O sotaque da terra é caracteristicamente caipira, erres puxados, esses engolidos em todo final de palavras, plural inexistente para a maioria da população. O português é assassinado vinte e quatro horas por dia. Ao pirangiense, grande quantidade de muito ricos, economicamente, pouco se lhe dá que esteja falando correta ou acintosamente mal. Somos folclóricos, folques por opção. Porém, não há um só elemento que desconheça o prazer genuíno que advém de um cartucho de papel recheado de amendoim.



Pois é, o amendoim faz parte da nossa vida, desde os primórdios até os dias atuais. Nem sabíamos que, rico em óleos, ele devia ser consumido com certas reservas. Era gostoso, bastava ... Amendoim cru, quase verde ainda, era um prato e tanto para o bando de gulosos que erravam pelos campos da região. Torrado na panela ou no forno, um punhado generoso de sal, coisa melhor não havia.

A porta do cinema local, Cine Mascote, no final dos anos trinta, quarenta, até cinquenta, era o ponto oficial do vendedor de amendoim torrado: “amendoim torrado – fresquim ...torradim ... compra de mim” – era o refrão de todas as noites. Não se entrava para ver o filme sem um pacote de amendoim. Tanto se apreciava o mesmo que cinemas de grandes centros proibiam que vendedores de amendoim apresentassem a sua mercadoria nos arredores.

O circo era outro local de grande venda do produto. Raras famílias entravam sem que pelo menos um membro portasse nas mãos o branco estandarte do cartucho de amendoim. E, ao som do quebrar das cascas, desenrolava-se o drama ou a comédia, o palhaço fazia todo mundo rir e o amendoim amenizava os sustos diante dos destemidos equilibristas ou domadores.



Que há de tão especial com essa leguminosa? Especial, sim. O pé de amendoim tem uma característica que lhe é peculiar; a planta estende

todos os seus ramos para o solo, a fim de fecundar. Por isso, as sementes devem ser plantadas em terra fofa. O amendoineiro pertence ao grupo das Dicotiledôneas, rico em proteínas, vitaminas, lipídios, carboidratos e sais minerais. Vitaminas: B, B1, B3, E ... são responsáveis pela regularização do sistema neuro muscular. A vitamina E atua na produção de hormônios sexuais, por isso é considerado afrodisíaco.

Dentre os sais, encontra-se o fósforo, que auxilia a memória, o potássio para o sistema nervoso, o zinco, antioxidante que impede o envelhecimento celular.



Acredita-se que o amendoim seja original da América, uns crêem que da América do Sul e outros que seja natural da América Central. E há quem afirme que ele seja nativo do Brasil, de onde se espalhou pelo resto do continente. No século XVIII foi introduzido na Europa e no século XIX difundiu-se do Brasil para a África e do Peru para as Filipinas, China, Japão e Índia.

Essa leguminosa é altamente rentável, tanto *in natura* quanto industrializada. O amendoim é rico em óleo, cerca de 50% em suas sementes, e o restante em proteínas e sais. É alimentos agradável ao paladar, altamente energético, procurado e aprovado como aperitivo em mesas ou balcões de

bares, ao longo das praias do litoral brasileiro, vendido em colares na Bahia (Feira de Santana e Salvador), colares que vão sendo consumidos enquanto se caminha ou se conversa. Sob a forma de paçoca ou pé-de-moleque, é constantemente consumido. O óleo industrializado já foi muito popular, saboroso, de cheiro agradável, mas foi parcialmente derrotado pelo óleo de soja, mais barato e menos sujeito aos aumentos de preços constantes, conforme flutuações da moeda. Além disso, a planta sofre o ataque constante de doenças, algumas capazes de destruir, em um espaço curto de tempo, toda plantação.



É belíssima a plantação de amendoim, pois o verde de suas folhas irradia um brilho intenso, especialmente sob o sol natural. Suas delicadas flores – dois tipos na mesma planta, mal se mostram, embora cumpram inegavelmente suas funções reprodutivas.

A plantação deve ser livre de ervas daninhas, principalmente nos 45 primeiros dias. As doenças às quais chamávamos “pragas”, surgem com frequência, qualquer que seja o terreno cultivado. A ferrugem é uma praga conhecida, estragando a planta e danificando totalmente o sabor do fruto quando maduro. As Cercosporioses – Mancha de *Leptosphaerulina*, o Mofo Branco, o Mofo Cinzento, a Podridão de *Aspergillus*, a Mancha de *Phyllosticta*, a Antracnose, a Mancha Zonada, a Melanose, a Seca de Folha, a Podridão Negra, o

Enegrecimento da casca da vagem, a Podridão do Colo e a das Raízes e outras, são responsáveis pela perda anual de 25% a 70% do plantio. Quando chegam à maturação total, os frutos devem ser colhidos rapidamente, devem ser secos, sempre que possível ao sol, durante três dias, ou em secadores especiais.

A colheita vem sendo feita, atualmente, com maquinário apropriado, adaptações criadas pelos plantadores do Estado de São Paulo, assim como peças para o seu beneficiamento. Para a colheita, uma espécie de arado tosco, com um facão cortante na extremidade, capaz de erradicar a planta sem perda significativa do produto. Existe, segundo trabalho de pesquisadores da EMB RAPA, um aparelho manual para auxiliar o beneficiamento, ou o descascar das vagens sem machucar os grãos.



Segundo a Edipe (Enciclopédia Didática de Informação e Pesquisa Educacional – 1991), o amendoim é planta herbácea, da família das Leguminosas, divisão das Papilionáceas, e cujo nome científico

é **Arachis Hipogea**. Seus frutos são vagens de casca seca e característica, no interior das quais se encontram as sementes, comestíveis, de bom paladar e ricas em óleo de apreciáveis qualidades culinárias e industriais. O óleo de amendoim é amarelado, bom substituto do azeite de oliveira e considerado um dos mais importantes produtos alimentícios. Saponifica-se facilmente, produzindo sabões muito suaves e espumantes. São usados no branqueamento da lã e da seda. O amendoim ainda fornece margarina, glicerina, tintas, torta oleaginosas. No Brasil, os grandes produtores são os Estados de São Paulo, Mato Grosso do Sul, Paraná e Goiás.

A Enciclopédia Barsa, Volume 2, 1990, diz:

“Fruto de uma leguminosa papilionácea, nativa da América do Sul. Diversas espécies podem ser encontradas no Brasil, no Paraguai e na Argentina. Pertence ao tesouro agrícola das culturas pré-colombianas. Foi encontrada nas sepulturas de Ancon, no Peru, juntamente com peças de cerâmica da época, decoradas com desenhos do pé de amendoim. Os portugueses, no período das explorações, levaram-na ao Velho Mundo, e sua cultura difundiu-se por quase todos os países tropicais e subtropicais. Atualmente é intensamente cultivado na Índia, na África e no Sul dos Estados Unidos. O amendoim é um legume de vagem que não se abre. A planta é um arbusto anual, dotado da peculiaridade de alongar os pedúnculos, que se curvam para baixo e enterram os frutos, fazendo com que as sementes amadureçam sob o solo. Por isso, prefere-se cultivá-lo em solo fofo. De alto valor nutritivo, 1 quilo de suas sementes possui um conteúdo em proteínas ao mesmo peso de carne magra. Possui alto teor de amido e de lípidios.

Grandes porções de amendoim são trituradas para extração de óleo, com o qual se fabricam margarina, sabão e óleo de mesa. É apreciado como alimento cru, torrado ou em guloseimas. Fornece, ainda, glicerina, tinta, mordentes, substitutos da borracha. O resíduo, a rama e as películas servem de forragem, as cascas e fruto, como material inerte ou de carga em linóleos, dinamite e preparos para limpeza. Prensadas, as cascas dão placas úteis como material de construção. Com a farinha do amendoim se fazem pão e pós faciais”.

E, segundo o Tesouro da Juventude, Volume X – 1986, “o amendoim é cultivado nas regiões tropicais da Ásia, África, América e Espanha. A planta possui dois tipos de flores: umas de vistosas cores amarelas e que nascem nas axilas das folhas, e outras inferiores e sem pétalas. Uma vez fecundadas, estendem ou alongam o pequenino pé que as sustenta, chegando até o solo, onde enterram o ovário que mais tarde formará o fruto. Assim, o amendoim tem um fruto subterrâneo que encerra de uma a quatro sementes de legumento ou película arroxeadas”.

Tudo o que vimos até agora demonstra apenas que o amendoim é útil, é planta interessante, produz frutos saborosos que alimentam e nutrem. Por sua grande procura, acabou sendo, talvez, o fruto mais importante das festas que agitam o Brasil inteiro no mês de junho, mês em que se cultuam os três santos: Santo Antônio (13/6), São João (24/6) e São Pedro (29/6). Não há festa junina sem amendoim: pé-de-moleque, paçoca, bolo de amendoim, batida de amendoim, chocolate com amendoim e outras delícias que, logo mais, detalhadamente, serão explicadas sob a forma de “Receitas Culinárias”.

O uso do amendoim é variado. Até como ornamento ele é utilizado. Um vendedor desse produto, na Praia Grande, Santos, criou tipo exótico e, ao lado da sua conhecida cantilena: “vai amendoim, madame?” ou: amendoim para toda a moçada?”, surge com a estranha cabeleira (talvez peruca), sob a forma do penteado chamado tererê. Cada pequeno punhado de cabelo é recoberto de vagens de amendoim, porta brinco e colares iguais, uma verdadeira árvore da já citada herbácea. Todas as praias do litoral têm o seu típico vendedor de amendoim, característicos de cada recanto, com maneiras diferentes de impor aos frequentadores expostos ao sol, a sua mercadoria. E vendem muito bem.

Um velho parente nosso, João Gameleira, homem simples, de pouca cultura, lá pelos idos da primeira metade do século passado, enquanto fabricava seus pés-de-moleque e paçoca para vender – era exímio doceiro e procurado poceiro, isto é, abrir poços de água nos quintais da cidade e do campo, cantava loas ao amendoim, com trovas singulares:

Pra sucesso com as garotas
É rezar pra São Joaquim,
Não deixando de comer
Um bom prato de amendoim.

Você diz que é muito bela,
Que é mais bela que o jasmim,
Mas eu sei que o seu sovaco
Fede mais que amendoim.

Debaixo da terra cresce
Plantação de amendoim.
Em cima de terra vive
Quem nunca gostou de mim.

Vivem juntos agarrados
Os grãozinhos de amendoim.

Separados nós vivemos
É um mal que não tem fim.

... E alguém, há muito tempo, nos ensinou que adivinhas são do gosto popular.

O que sou ?

Uma caixinha de bom parecer,
Não há carpinteiro que a saiba fazer.
Ou:
Uma caixinha de bom parecer
Não há carapina que a saiba fazer.

Também, no último ano do século passado, Rosa Clemente, da Amazonian Mists, via internete, cantou ao mundo o seu poema:

Sabor de amendoim



Nuvem baixa é fartura
Se é nuvem de tanajuras
Traz moleques nas calçadas.
Para a área caçada...
Presas às presas
Tira-se com jeito certo
O traseiro carnudo, redondo.
Põe-se tudo numa frigideira,
Com óleo quente, sai;
Dá-se uma mexida
Para trás, pra frente...
E enquanto a coisa frita,
Assobia-se uma canção
De roque,
Atira-se uma isca para o gato,
Ignora-se olhos estupefatos.
Fritinhos, crocantes assim,
Ah!...e com farinha!
Até se compara:
Tem sabor de amendoim...

Também, da Internete,

consegui as duas piadas mais infames que já ouvi. A primeira:

Era domingo. Entalado no sofá o dia todo, um cara assistia televisão, virando latas e latas de cerveja, comia amendoim. Uma coceira no ouvido, e ele, já bêbado, cotucou o buraco com um amendoim. A casca quebrou-se, o grão entrou no ouvido. Desesperando, tentou retirar o amendoim com o dedo. Piorou. Tentou com a tampinha da caneta. Piorou. Berrou pela mulher. A coitada apavorou-se, falou em levá-lo ao hospital. Jamais! Gritou o homem. Que carão! Justo hoje que o namorado da nossa menina está aqui? Ouvindo a gritaria, o parzinho apareceu e, sabedor da tragédia, o jovem diz: Deixa que eu tiro isso do ouvido. Já fui escoteiro. Apertou o nariz do entalado e avisou: Agora, com muita força, respire pelo nariz. O bêbado fez força. Puft! O grão voou do ouvido. A mulher, feliz, elogiou o rapaz. Que calma! Que calma! Que será que esse jovem vai ser? E o marido: pelo cheiro dos dedos dele, nosso genro...

A segunda:

Hora do almoço. O filho pequeno, seis anos, empurra um grão de amendoim, dizendo: come, pai. O pai recusou, devolveu o grão. O filho insistiu. Devolução. O pirralho mimado põe-se a chorar. Daí, o pai, querendo paz e sossego, agarrou o grão e o engoliu. Perguntou, distraído, ao filho: onde você conseguiu esse grão de amendoim? O moleque, ar matreiro, responde: cagui...

Irmão Cirilo, em Plantas Mediciniais, 3ª Edição, maio de 1990, diz: "As sementes do amendoim são estimulantes e reconstituintes. Torradas com açúcar, limão e água, dão um rico refrigerante. É bom as crianças comerem um pouco de amendoim

por dia: ele contém vitamina A, indicada para, fortalecer a vista, a pele e a mente."

Os plantadores de grandes glebas, interessados na alta produtividade e venda, vêm pesquisando o amendoim como tratamento de tuberculose. Há, na semente do mesmo, um elemento químico eficaz nesse tratamento. Segundo suas pesquisas, o óxido nítrico (NO) é o elemento que teria um papel fundamental nesse tipo de cura. Sem o NO, as pessoas ficam mais vulneráveis à doença. É claro, por enquanto, são teorias que podem ou não dar resultado. De acordo com o BBC Brasil/ BBC World. Ser... na Etiópia, cientistas suecos submeteram 120 pacientes em tratamento de tuberculose a um diversificado sistema: um grupo de voluntários recebeu cápsulas de arginina e outro recebeu placebo, cápsulas sem o NO. Os primeiros responderam mais rapidamente ao tratamento, sendo que seus sintomas de tosse desapareceram de imediato.

O American Journal of Clinical Nutrition, 22/11/1999, publicou: "Creme de amendoim é nova alternativa de dieta para diminuir colesterol."

Acredito que o brasileiro ainda não é o grande consumidor do creme de amendoim como são muitos norte-americanos. Nas torradas ou no pão fresco e, em algumas regiões, alimento adotado no dia-a-dia, tanto quanto o nosso pão com manteiga, com seu alto teor de gordura.

Judson Ferreira Valentim, pesquisador da EMBRAPA – Acre publicou interessante documento onde esclarece que espécies nativas de amendoim forrageiro, são usadas como pastagens, com excelentes resultados, e como cobertura de solo

para o preparo da terra e sua conservação ao longo das rodovias. Em 1995, a EMBRAPA forneceu mudas do amendoim forrageiro para que a prefeitura de Rio Branco – Acre, as usasse na ornamentação de praças e jardins

O jornal paulista – Estado de São Paulo, no suplemento agrícola – 04/06/2003, publicou extensa matéria sobre o amendoim, já que o período das festas juninas se aproximava, o que despertou o nosso interesse em revelar o que se sabe sobre o amendoim e o seu uso constante na culinária internacional. Assim sendo, vamos oferecer velhas receitas que exigem amendoim em seus ingredientes e novidades culinárias relativas ao seu uso na cozinha dos nossos dias.

I PRATOS DOCES



1 – Pé – de – moleque

Ingredientes: 4 xícaras (chá) de açúcar; 2 xícaras (chá) de glicose de milho (tipo Karo); 5 xícaras (chá) de amendoim torrado (com ou sem casca); 1 colher (sopa) de bicarbonato; óleo para untar a forma.

Preparo: Junte tudo e leve ao fogo até dourar. Quando o amendoim começar a estalar, retirar da panela, juntar 1 colher (sopa) de bicarbonato e bater fortemente. Despeje em assadeira ou sobre o mármore, untado. Deixar esfriar um pouco e

cortar em quadradinhos.

2- Broa de amendoim

Ingredientes: 1 kg de amendoim torrado e moído; 1kg de açúcar refinado; 1 kg de farinha de trigo; ½ kg de banha; 6 ovos; 1 colher (café) de sal amoníaco.

Preparo: Misturar a farinha, o amendoim e o açúcar. Depois, abrir em bacia grande, pôr a banha, os ovos e o amoníaco. Amassar até dar o ponto de enrolar. Formar o desenho de uma trança e assar. (Anuário do Folclore – 1976)

3- Estrelinhas de Mel

Ingredientes: 1 xícara (chá) de mel quente; 1 xícara (chá) de amendoim torrado e picado; 1 lata de leite condensado; 1 colher (sopa) de açúcar; 1 colher (chá) de canela em pó; 1 colher (chá) de baunilha; 1 colher (chá) de raspas de limão; 3 cravos torrados; 1 xícara (chá) de frutas cristalizadas, picadas; 5 xícaras (chá) de farinha de trigo; 2 colheres (chá) de bicarbonato.

Preparo: Misturar o bicarbonato e o açúcar, amassando bem. Juntar os demais ingredientes, sovando bem a massa. Levar à geladeira por 2 horas. Abrir a massa com um rolo, numa espessura grossa, e cortar em formato de estrelas (com forma própria). Assar em forma untada (Anuário do Folclore – 1983).

4- Amendoim Crocante

Ingredientes: 1kg de amendoim cru; 1 xícara (chá) de açúcar (crystal); ½ xícara (chá) de água; 3 cravos; 1 pau de canela; (opcional: 2 colheres (sopa) de Nescau)

Preparo: Coloca-se o

amendoim cru, com casca, em panela grossa. Sobre ele coloca-se o açúcar, o cravo e a canela. Mexer constantemente. Jogar a água, ferver até secar. É bom comer bem quentinho (Receita de Carmélia Gonçalves Sabião – Pirangi).

5- Fatias de Amor

Ingredientes: 2 xícaras (chá) de açúcar; 3 xícaras (chá) de amendoim, (torrado e moído); 1 colher (chá) de canela em pó; 1 colher (chá) de fermento em pó; 3 xícaras (chá) de fubá; 2 xícaras de leite; 3 colheres (sopa) de manteiga; 6 gemas.

Preparo: Bater as gemas com o açúcar. Juntar os demais ingredientes, mexendo bem. Assar em forma untada, fogo brando. Cortar em fatias. (Anuário do Folclore – 1997)

6- Bolo de fubá e maisena

Ingredientes: 1 copo (americano) de fubá; 1 copo de maisena; 1 copo de farinha de trigo; 2 copos de açúcar; 1 copo (medida copo requeijão) de amendoim torrado e moído; 1 copo (americano) de leite; 3 colheres (sopa) de manteiga; 1 colher (sopa) de banha; 3 ovos (claras em neve); 1 colher (sopa) de pó Royal.

Preparo: Bater, juntos, todos os ingredientes, mexer até ficar bem misturado. Assar em forma redonda com furo no centro.

7- Sorvete com amendoim

Ingredientes: 1 colher (sopa) de adoçante em pó (ou açúcar); 4 colheres (sopa) de amendoim; 1 colher (café) de baunilha; 1 xícara de leite desnatado; 200g de sorvete (qualquer um cremoso).

Preparo: Bater por 3 minutos

no liquidificador. Peneirar a mistura (se achar necessário). Colocar essa massa em uma panela e mexer por 10 minutos, até obter calda cremosa. Em uma taça coloque o sorvete e cubra com a calda quente.

8- Cajuzinho de amendoim moído

Ingredientes: 200g de amendoim torrado e moído; 1 xícara (chá) de açúcar; 3 colheres (sopa) de chocolate em pó; 1 gema; 1 colher (chá) de manteiga; 5 colheres (sopa) de leite.

Preparo: Juntar todos os ingredientes, mexer bem, formando pasta compacta. Pegar com uma colher (sopa) uma porção da pasta e fazer os docinhos com forma de caju. Pode-se enfeitar com palitos verdes (hastes) e cravo na extremidade.

9- Torta de amendoim moído

Ingredientes: (Massa): 6 claras; 4 gemas; 8 colheres (sopa) de açúcar; 200g de amendoim torrado e moído; 2 colheres (sopa) de farinha de trigo; 2 colheres (sopa) de pinga.

Ingredientes (Recheio): 2 gemas; 6 colheres (sopa) de açúcar; 3 colheres (sopa) de creme de amendoim (encontrado em caixinhas ou preparado caseiramente); 2 copos de leite; 100g de margarina.

Preparo: Bater as claras em neve. Juntar as gemas, o açúcar, o amendoim, a farinha e a pinga. Colocar em forma untada e polvilhar com farinha de trigo. Assar em forma untada.

Recheio: Leve ao fogo o leite, o creme de amendoim, o açúcar e as gemas, até formar um mingau grosso. Acrescentar a margarina e, caso goste, algumas gotas de baunilha.

Montagem: Corte o bolo ao meio, no sentido do comprimento. Coloque sobre uma das partes o recheio. A outra metade cobrirá a anterior. Sobre ela salpique um punhado de amendoim) torrado, sem casca, picadinho.

10- Paçoquinha (de Lourdes Bôer Grassetti – Pirangi)

Ingredientes: ½ kg de amendoim torrado e moído; 4 copos (americano) de açúcar; 2 copos de água.

Preparo: Levar o açúcar ao fogo – menos 1 xícara (chá) que será usada logo mais. Separadamente, caramele o açúcar da xícara, leve-o ao fogo com o restante do açúcar. Misture a água até o ponto de calda. Acrescente o amendoim. Bata bem até engrossar. Despeje na pia ou em mesa de mármore, deixe esfriar e corte em cubos.

11- Bolo de amendoim (de Lourdes Bôer Grassetti)

Ingredientes: 3 ovos; 2 xícaras (chá) de amendoim cru, sem pele e moído; 2 xícaras (chá) de leite; 3 xícaras (chá) de farinha de trigo; 2 colheres (sopa) de margarina; 1 colher (sopa) de pó Royal; açúcar a gosto.

Preparo: Bater as claras em neve. Juntar a elas as gemas, o amendoim moído, o leite, a farinha, a margarina, o açúcar. Misturar bem. Colocar o fermento. Assar em forma de buraco.

12- Pé-de-moleque de rapadura (de Ideh Camargo Silva)

Ingredientes: 1 copo (medida requieirão) de leite; 3 xícaras (chá) de rapadura raspada; 1 colher (sopa) de margarina; 1 xícara (chá)

de amendoim torrado, sem peles e moído.

Preparo: Misturar o leite, a rapadura e a margarina. Levar ao fogo e mexer com colher de pau até ficar em ponto de pasta. Retirar do fogo. Misturar o amendoim, mexendo firme. Despejar sobre mármore ou superfície lisa. Quando esfriar, cortar em quadradinhos.

13- Acorda Marido (de Ideh Camargo Silva)

Ingredientes: 1 xícara (chá) de amendoim torrado, sem pele e moído; 1 litro de leite; 3 gemas batidas; 2 xícaras (chá) de açúcar.

Preparo: Colocar todos os ingredientes em uma panela. Levar ao fogo, obedecendo a ordem dos mesmos. Mexer sem parar, com colher de pau, até ferver. Servir bem quente em xícaras ou copos resistentes ao calor.

14- Pé-de-moleque da Ideh Camargo Silva

Ingredientes: 2 xícaras (chá) de mel Karo; 2 xícaras (chá) de amendoim torrado, sem pele, moído; 1 colher (sopa) de bicarbonato.

Preparo: Levar ao fogo o mel e o amendoim. Mexer bem, até dar o ponto de fio. Retirar do fogo e colocar o bicarbonato. Misturar bem e colocar sobre mármore ou sobre a pia. Ao esfriar, cortar em quadradinhos.

15- Paçoquinha

Ingredientes: 2 xícaras (chá) de amendoim torrado, moído sem a pele; 500 gramas de bolacha Maria; 1 lata de leite condensado; 1 colher (sopa) de margarina.

Preparo: Bata no liquidificador, primeiro o amendoim,

depois a bolacha. Coloque a mistura dos dois em uma tigela. Junte o leite condensado e a margarina. Mexa bem. Esparrame a massa em assadeira média. Corte em quadradinhos.

16- Batida de amendoim (à moda de Waldemar Campos Silva - Pirangi)

Ingredientes: 2 xícara (chá) de amendoim torrado, sem pele e moído; 1 lata de leite condensado; 1 xícara (chá) de açúcar; 1 copo (americano) de licor de cacau; 1 l. de pinga.

Preparo: Bata tudo no liquidificador. Coloque em litros ou garrafas. A cada vez de servir, sacudir bem o frasco.

17- Torta de amendoim

Ingredientes: 3 colheres (sopa) de manteiga; 9 colheres (sopa) de açúcar; 3 gemas batidas; 3 colheres (sopa) de chocolate em pó; 1 xícara (chá) de amendoim moído; 9 colheres (sopa) de farinha de trigo; 1 colher (sopa) de fermento em pó; 1 copo (americano) de café coado, sem açúcar; 3 claras batidas em neve; manteiga para untar.

Preparo: Bata a manteiga com açúcar, até formar um creme. Junte as gemas, o chocolate e o amendoim; mexa bem. Acrescente a farinha, o fermento e o café. Mexa novamente. Junte as claras em neve. Mexa delicadamente. Coloque em forma untada e asse.

18- Rocambole de amendoim

Ingredientes: 6 ovos; 6 colheres (sopa) de açúcar; 6 colheres (sopa) de farinha de trigo; 1 lata de leite condensado; 1 e ½ lata de leite de vaca; 250g de amendoim torrado

e moído.

Preparo da massa: Bater bem as gemas. Juntar às claras batidas em neve. Juntar o açúcar e bater até formar bolhas (bater no liquidificador ou batedeira). Colocar a farinha e mexer bem. Usar colher de pau. Levar ao forno em forma untada.

Preparo do recheio: Unir o leite condensado ao de vaca. Levar ao fogo em panela que não grude, mexendo até engrossar. Deixar esfriar e acrescentar o amendoim.

19- Pudim de amendoim

Ingredientes: 1 lata de leite condensado; 2 latas de leite comum; 4 ovos; 1 xícara (chá) de amendoim torrado, moído.

Preparo: Bater tudo no liquidificador. Despejar em forma untada. Assar em banho-maria, forno médio, por cerca de uma hora.

20- "Musse" de amendoim

Ingredientes: 1 pacote de gelatina sem sabor; 200g de amendoim sem pele, moído; 2 latas (medida da de leite condensado) de leite de vaca; 1 lata de creme de leite (sem soro); 1 lata de leite condensado; 3 claras em neve.

Preparo: Dissolver a gelatina em 1 xícara (chá) de água quente. Colocar (menos as claras) todos os ingredientes no liquidificador, bater até ficar homogêneo. Colocar tudo em pirex ou tigela redonda, misturar as claras batidas e levar à geladeira por algumas horas. Servir gelado.

21- Pavê de amendoim

Ingredientes: 200g de biscoito champagne; 1 lata de leite

condensado; 3 latas de leite de vaca; 2 gemas; 1 abacaxi picado; 1 pacote de amendoim moído; 2 colheres (sopa) de maisena.

Preparo: Umedecer o biscoito no leite e, com ele, forrar um pirex redondo. Levar o abacaxi ao fogo com um pouco de açúcar. Despejar quente sobre o biscoito.

Preparo do creme: Juntar o leite condensado, o de vaca, as gemas e a maisena. Levar ao fogo e mexer até engrossar. Misturar a metade do amendoim. Em seguida, jogar tudo sobre o abacaxi. Novamente, jogue a outra metade do amendoim por cima.

Cobertura: 3 claras em neve; 2 colheres (sopa) de açúcar; 2 colheres (sopa) de creme de leite. Bater tudo junto por cima do amendoim. Deixar na geladeira algumas horas.

22- Mungunzá (de Ineh Bueno de Camargo - Pirangi)

Ingredientes: 500g de canjica (milho branco picado); 4 paus de canela; 6 colheres (sopa) de açúcar; 5 cravos; ½ litro de leite; 1 vidro de leite de coco; 1 lata de leite condensado; 1 xícara (chá) de amendoim, batido no liquidificador.

Preparo: Deixe a canjica de molho de um dia para o outro. Escorra a água. Coloque em panela grande, com 2 litros de água, deixe cozinhar até amolecer. Junte a canela, o cravo, o açúcar. Junte o leite fervido, mexendo com colher de pau. Acrescente o leite de coco, o leite condensado e o amendoim. Mexa bem e retire do fogo. Se quiser um mungunzá mais doce, coloque um pouco mais de açúcar.

23- Gelado de amendoim

Ingredientes: ½ litro de leite;

1 xícara (chá) de açúcar; 1 colher (sobremesa) de baunilha líquida; 5 gemas; 5 colheres (sopa) de pasta de amendoim sem sal.

Preparo: Ferva o leite com o açúcar e a baunilha. Bata as gemas. Coloque-as no leite, batendo sem parar, com colher de pau, até que fique um creme. (Sabe-se o ponto quando a massa começa a grudar na colher). Retire do fogo e deixe amornar. Em seguida, bata tudo no liquidificador. Junte a pasta de amendoim. Bata mais um pouco. Coloque em vasilhas de sobremesa e deixe gelar.

24- Bolo de amendoim

Ingredientes (para a massa): 4 ovos; 2 copos (americano) de açúcar; 2 copos de farinha de trigo; 1 colher (sopa) de fermento; 1 copo de leite morno; 200g de amendoim moído.

Cobertura: 1 lata de leite condensado; 1 xícara (chá) de leite de vaca; 1 colher (sopa) de margarina.

Preparo da massa: Bater as claras em neve; acrescentar o açúcar; bater as gemas e juntá-las ao açúcar. Colocar a farinha, o fermento, o amendoim. Assar em forma untada e polvilhada com farinha de trigo.

Cobertura: Leve, juntos, ao fogo, o leite de vaca, o leite condensado e a margarina, batendo bem para formar massa cremosa sobre o bolo pronto, jogar a cobertura ainda quente.

PRATOS SALGADOS

1 - Macarrão com amendoim

Ingredientes: ½ kg de lombo de porco cortado em tiras; 3 colheres

(sopa) de margarina; 2 tabletes de caldo de galinha; 4 colheres (sopa) de leite aquecido; 1 xícara (chá) de pepino picado; pimenta-do-reino a gosto; ½ xícara (chá) de amendoim torrado e descascado; 500g de talharim cozido e coado.

Preparo: Doure o lombo na margarina, junte os tabletes de caldo de galinha. Deixe amaciar. Acrescente o pepino. Mexa bem. Coloque a pimenta-do-reino, junte o amendoim, mexa bem, deixe no fogo com um pouco de molho. Jogue a mistura bem quente sobre o macarrão cozido e escorrido. Sirva com arroz branco se quiser e uma salada verde.

2 - Amendoim picante

Ingredientes: 4 xícaras (chá) de amendoim (torrado, sem peles); 1 colher (chá) de pimenta aiena; 1 colher (chá) de páprica doce; 1 pitada de canela em pó; 1 xícara (chá) de uva-passa branca; sal a gosto.

Preparo: Misture todos os ingredientes e deixe descansar por meia hora, dando uma mexida de quando em quando. Sirva como aperitivo com torradas ou pão fresco.

3 - Frango xadrez (Receita de Ineh B. de Camargo - Pirangi)

Ingredientes: 1kg de frango cortado em quadradinhos; pimenta-do-reino a gosto; 2 colheres de shoyo; 5 dentes de alho bem picados; 1 xícara (chá) de cheiro verde picado; 1 clara de ovo batida em neve; 1 colher (sopa) de maisena; 1 xícara (chá) de conhaque; 2 cenouras em cubinhos; 1 pimentão verde e 1 vermelho em tirinhas; 1 cebola em rodela; 1 xícara (chá) de

amendoim (grãos grandes, assados); meio abacaxi em pedaços; 2 colheres (sopa) de açúcar.

Preparo: Tempere o frango com todos os temperos. Deixe descansar por uma hora. Em panela grande, coloque 3 colheres de azeite. Despeje o frango, deixe-o dourar e cozinhar até amaciar. Retire-o da panela, deixando-o seco, reservando o molho em que foi cozido. Volte a panela ao fogo, colocando no molho as cenouras, os pimentões e as cebolas. Mexa bem até cozinhar a cenoura. Junte o amendoim, o abacaxi e o açúcar. Mexa, misturando o frango a esse molho pronto. Sirva com arroz branco.

Se quiser, pode fazer um molho com 3 colheres (sopa) de mel, 1 colher de shoyo, 2 colheres de massa de tomate, 2 colheres de catchup e 1 colher de açúcar.

4 - Bobó de camarão com amendoim (De Ineh B. de Camargo)

Ingredientes: (para 6 pessoas): 1 kg e meio de camarão (limpo, sem as tripinhas); 1 cebola grande batidinha; 2 colheres (sopa) de azeite e 2 de óleo; 2 tabletes de caldo de galinha; 1 xícara (chá) de cebolinha, salsa e sal; pimenta vermelha; pimenta-do-reino; 1 lata de polpa de tomate; 2 vidros de leite de coco; 1 e ½ xícara (chá) de amendoim torrado e moído; 1 kg de mandioca cozida e passada no espremedor; 3 colheres (sopa) de azeite de dendê; 1 cabeça de alho esmagados.

Preparo: Lave e limpe os camarões. Frite a cebola e o alho no azeite e no óleo. Junte o camarão e mexa. Acrescente o caldo de galinha, a salsa, a cebolinha e o sal, as pimentas e massa de tomate, o leite de coco, o amendoim. Mexa bem e acrescente 2 copos (americanos) de

água, até ferver. Engrosse com a mandioca, colocando-a aos poucos, mexendo sem parar, com colher de pau. Quando formar uma pasta., coloque o azeite de dendê. Experimente o gosto. Sirva com arroz branco ou açaá.

5 - Vatapá à nossa moda (para 10 pessoas)

Ingredientes: 1 Kg de camarão médio; 1 e ½ kg de sobrecoxa de frango; 2 cebolas grandes batidas, 2 cabeças de alho esmagadas, 4 colheres (sopa) de óleo; 4 colheres (sopa) de azeite; 2 xícaras (chá) de salsa e cebolinha picadas; 2 colheres (sopa) de sal; 2 tabletes de caldo de galinha; 2 latas de massa de tomate; 2 pimentas vermelhas; pimenta-do-reino a gosto; 1 xícara (chá) de castanha de caju moída ou picada; 2 xícaras (chá) de amendoim torrado, sem pele e moído; 2 vidros de leite de coco; 1 vidro pequeno de zeite de dendê.

Preparo: Lave o frango, retire a pele, tempere com alho, cebola, óleo, azeite, cheiro-verde, sal, caldo de galinha, pimentas, suco de tomate, 2 copos (americano) de água, ou o que baste para cobrir o frango. Leve ao fogo, tampando a panela. Deixe cozinhar até amaciar o frango. Deixe esfriar. Desfie o frango em pedaços grandes, reserve-os no molho. Em outra panela aqueça o óleo e o azeite restantes acrescente os temperos que sobraram quando temperou o frango. Junte o camarão, mexa até fritar levemente. Coloque 1 lata de suco de tomate, 2 copos de água, deixe ferver por uns 10 minutos.

Junte o camarão ao frango. Misture bem. Acrescente a castanha de caju, o amendoim e o leite de coco. Mexa bem. A seguir, coloque 2 caixinhas de creme de arroz dissolvidas em 2 copos de água fria. Vá mexendo até que forma uma

grossa mistura. Acrescente o azeite de dendê. Mexa bem, não pare até ferver.

Sirva com arroz branco ou açaá (mingau feito com uma caixa de creme de arroz dissolvida em 2 vidros pequenos de leite se coco).

Nota da autora da Receita:

“Esta receita foi colhida por Ineh Bueno de Camargo, em Salvador – 1964, depois de haver provado vatapá em diversos restaurantes típicos. Esta foi do Restaurante Dona Flor, situado na Praça Castro Alves”.

Há, ainda, maravilhas que podem ser feitas com o amendoim, tanto no terreno vasto da culinária brasileira, sempre aberta às novidades que fazem bem ao paladar, quanto no espaço reservado à lavoura e à industrialização. Nestes meses de relativo frio nesta região do Estado de São Paulo, o amendoim reina em todas as festividades, em todos os rincões do país. Não há quem se prive do seu uso em doces. Os salgados o recebem a qualquer época do ano. Puro, cru, torrado, misturado a vários ingredientes, o amendoim é presença constante em nossa existência. Um pouco de cuidado ao comprá-lo; já vimos que

é proveniente de planta perseguida por doenças, observar se está fresco, com cheiro agradável, sem mofo ou manchas. Eis, para a alegria geral, algo que sustenta e causa prazer.

Diversas pessoas auxiliaram-me na procura de tudo o que houvesse sobre o amendoim. As pesquisas, em geral, levaram-nos ao conhecimento do seu uso como fonte de renda, industrialização, forragem e adubo. Poucas mensagens sobre o seu uso no dia-a-dia, impedindo que se pense no amendoim como tema de Revista do Folclore. Felizmente, a memória registrou e armazenou fatos e vivências que comprovam que seus grãos vermelhos pertencem ao povo, refletem um pouco da alma brasileira e provam que, com amendoim, a vida é mais amena. Destaco as informações dadas por Jefferson Luiz Bianchi Camargo, a ajuda de Ineh Bueno de Camargo, Ideh Camargo Silva e Lourdes Grassetti. Salve, pois, o amendoim!



O FOLCLORE DO PARTO E DA AMAMENTAÇÃO

ALUNOS DO 1.º ANO DE ENFERMAGEM DA FAMERP
SÃO JOSÉ DO RIO PRETO/SP
COORDENAÇÃO: MARIA CARMEN GUIMARÃES POSSATO
DEPARTAMENTO DE FOLCLORE – OLÍMPIA/SP

O parto é um momento muito importante para todos os seres vivos, momento em que uma vida nasce após passar um período desenvolvendo-se em um corpo que lhe serviu de abrigo, de sustento, além de lhe proporcionar a capacidade de desenvolvimento. No caso dos seres humanos, acontece por volta de duzentos e setenta dias após a fertilização. Trata-se de um processo natural, ecológico, caminho de transformação e plenitude do amor.

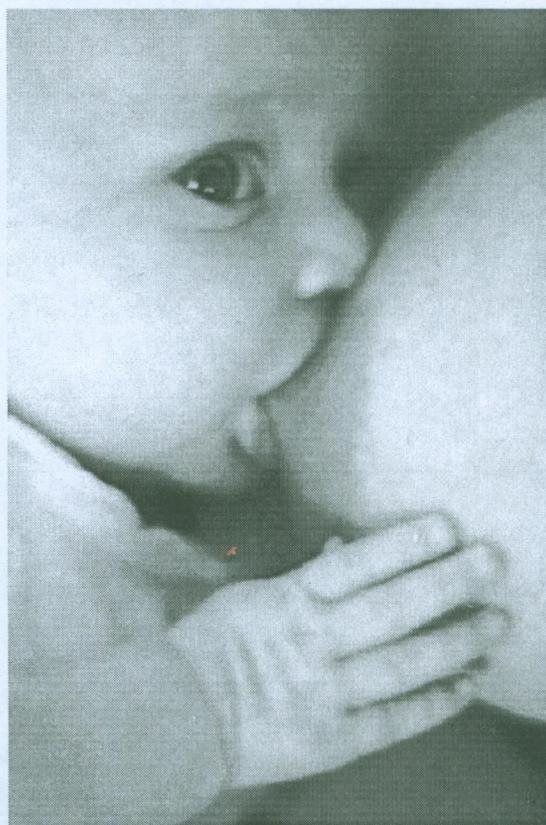
Na Antiguidade, as mulheres eram reconhecidas como autoridades em relação ao parto. Existiam sofisticadas tradições que estavam associadas ao culto de divindades, cujas funções eram reger a conduta das parteiras. Nesta época, um registro importante é o fato de o parto ser, na maioria das vezes, realizado com a mulher na posição vertical, ajoelhada, de cócoras ou sentada.

A partir da Idade Média, especialmente após os séculos XVII e XVIII, os homens começaram a entrar no quarto de parir. Também neste período, a cirurgia foi incorporada à Medicina e o parto passou a ser estudado como mecanismo físico, dando início à chamada medicalização do parto.

A transferência do poder das

parteiras para os médicos deve-se à grande influência, neste período, da Igreja, que associava o corpo, especialmente o feminino, ao pecado. Assim, o corpo da mulher passa a ser visto como inerentemente defeituoso, sujeito às intervenções “salvadoras” da Medicina.

Ainda assim, por muitos anos, o parto foi realizado em casa com o auxílio das mães, tias e avós das parturientes, ou das parteiras que, naturalmente, assumiram um papel importante na assistência deste ritual de passagem e de crescimento para o ser humano de ambos os sexos. Frequentemente, devido às dificuldades de locomoção, passavam vários dias na casa da parturiente, à espera da hora do parto, desempenhando outras atividades, ignorando a rotina dos hospitais. Sem grandes pretensões econômicas, possuidoras de uma sabedoria inata, não tinham pressa, doavam seu tempo à parturiente, observando e colaborando prudentemente com a ação da natureza. Uma coleta de dados



acerca de relatos de parteiras ou testemunhos dos seus trabalhos permite elencar algumas crenças populares, iniciando o que poderia ser considerado “folclore da gravidez e do parto”.

Em alguns estados como Minas Gerais, a população mais antiga acredita em diversas credences e simpatias como a ingestão de banana Felipe para gerar gêmeos. Para saber o sexo do bebê, não há necessidade de ultra-sonografia, bastando observar o formato da

barriga da gestante: se apresentar um formato arredondado nascerá uma menina, caso a barriga esteja pontuda certamente será um menino. Se a mãe sofrer de azia durante a gravidez, o bebê nascerá com muito cabelo. Outras simpatias revelam se o parto será demorado e, para facilitá-lo, a gestante deve vestir a camisa do marido ao avesso.

No interior paulista, muitas pessoas acreditam que se uma grávida passar debaixo de uma escada, certamente o seu filho nascerá com o cordão umbilical enrolado no pescoço.

A região nordestina possui uma reserva significativa em crenças populares acerca de gestação e parto: se uma parturiente acompanhar um enterro, a alma do defunto poderá se encarnar no bebê; se uma criança do sexo feminino nascer de bruços ela terá grande probabilidade de ser estéril. As crenças dessa região afirmam que se uma parturiente brincar com animais peludos certamente seu filho nascerá cabeludo.

No relato de partos das tribos indígenas, percebe-se que cada tribo possui seus próprios rituais e crenças.

Na tribo indígena KAIAPÓ, o marido não pode acompanhar o parto. No momento certo, a parturiente, acompanhada de sua mãe, desloca-se em direção à floresta para dar à luz seu filho. Depois do nascimento, a acompanhante corta o cordão umbilical com uma pedra, e o joga num rio ou apenas o enterra.

Existem tribos como os PIRANHÃS que consideram a placenta e o cordão umbilical como a parte que morreu para que o bebê (a outra parte) nascesse.

A tribo dos TUPINAMBÁS possui uma cultura

totalmente oposta às culturas tradicionais. Os TUPINAMBÁS consideram que as mulheres de sua tribo são simplesmente “sacos”, que servem apenas para carregar a semente que originará o bebê, quem dá à luz é o homem, que se ajoelha no chão e diz: “Eu vou parir”. Neste momento, os povos dessa tribo acreditam que a criança vem do lombo do pai, o qual corta o cordão umbilical com seus próprios dentes. Essas crenças são tão fortes que os pais se resguardam durante oito dias, pois, depois de parir, há sérios riscos de vida.

A evolução do parto implica o processo de medicalização que teve como resultado, no Brasil, infelizmente, uma das piores ações antiecológicas, apresentando hoje a maior taxa mundial de cesáreas (índices de 70 a 90%). O parto cirúrgico passou a ser o método “normal” de fazer uma criança vir ao mundo, ocorrendo, assim, uma inversão de valores da naturalidade da vida. Este fenômeno permeia a cultura brasileira e muitas mulheres, ao engravidar, optam pela cirurgia como forma antidolorosa de ter filhos, o que não passa de engano e desinformação. O ideal seria que todas as mulheres tivessem oportunidade de viver a gestação e o parto como parte de sua vida afetiva e sexual, dispondo de recursos médicos quando necessário, e, ao mesmo tempo, podendo estar em contato com a natureza verdadeira do ato de dar à luz.

O parto, momento íntimo na vida da mulher, é influenciado pelas culturas, crenças e tradições de cada grupo social, tema rico, atraente e merecedor de maiores estudos. Mesmo com este pequeno número de dados, pode-se perceber que o parto é revelador, aglutina em si

inúmeras perspectivas e sentidos, mostrando através de um momento tão natural como o nascimento de um bebê, diversas culturas e filosofias de vida que circundam o nosso dia-a-dia, considerado para alguns apenas credices e para outros uma lúdima ainda adotada em nossa sociedade.

No âmbito histórico, os estudos revelam que a amamentação, tão antiga quanto a própria espécie humana, também possui aspectos culturais populares. As primeiras recomendações escritas estão contidas no “Código de Hamurabi” (1800 a.C.) e até mesmo na Bíblia encontram-se referências sobre o aleitamento materno. As perguntas frequentes das gestantes (se seios pequenos produzem leite, se existe leite fraco ou pouco leite) encontram respostas equivocadas nas soluções populares: cerveja preta, coca-cola e outros alimentos aumentariam a produção de leite. Em algumas regiões mineiras, as mulheres permaneciam quarenta dias em repouso e com dieta especial: canja de galinha, alimentos específicos como canjica com leite e outros derivados de milho. Senhoras de idade avançada costumam relatar a “delícia” desse repouso, respeitado por todos os familiares, espécie de recompensa pela coragem de enfrentar as dores do parto e motivação para uma nova gravidez.

Na Grécia, acreditava-se que somente as crianças que mamaram no seio materno se transformariam em bons guerreiros, o que não parece distante das descobertas contemporâneas dos benefícios da amamentação. Tal hábito é tão importante que mães adotivas são incentivadas a estimular a produção de leite para os seus bebês. A singela narrativa “O milagre do leite”, conhecida por todos os

habitantes de San Giovanni Valdarno (Itália) atesta que, para que ocorra a produção de leite, não é necessário que a mulher seja a mãe biológica.

MONNA TANCIA, O MILAGRE DO LEITE (1479)

Em 1478, em Florença, acontece uma conspiração com o objetivo de tirar o poder dos Médicis. Em 26 de abril desse ano, sábado santo, no interior do Duomo florentino, Giuliano de Médici é assassinado enquanto Lorenzo se salva. O trágico acontecimento dá início a uma guerra entre a República florentina e o Papa Sisto IV, guerra que só cessará em 1480.

No mesmo ano de 1478, a peste se espalha na região matando tanto soldados como civis.

Em San Giovanni Valdarno, dois terços da população seria dizimada pela peste. Neste tempo, vivia no Castelo San Giovanni, uma velha senhora de 75 anos, Monna Tancía, filha de Nencio di Lippo. O filho de Monna e sua esposa faleceram na epidemia deixando um bebê de três meses aos cuidados da avó. Monna Tancía não conseguiu encontrar nenhuma mulher para amamentar a criança pois todos estavam contaminados pela peste. Isolada de todo contato humano, mas sem perder as esperanças, Monna recorre à imagem da Virgem Maria, pintada sobre a porta da torre de San Lorenzo, e a quem dedicava particular devoção, rogando que lhe fosse concedida a graça de conseguir leite para alimentar o neto órfão.

Na noite seguinte, enquanto dormia perto da criança, Tancía oferece o seio seco para aquietar o bebê e ele começa a sugar. Subitamente, o leite surge em

abundância como se tratasse de um seio jovem e o menino foi salvo de uma morte por inanição.

A pintura da Virgem nunca foi removida do seu local original (na torre, sobre a Porta de S. Lorenzo) e se conserva até hoje na fachada da Igreja. A porta que se vê na capela é na realidade a entrada original do Castelo San Giovanni, e a lenda do “Milagre do leite” se difundiu por todo o país.

Essa lenda mostra claramente que a produção e a quantidade suficiente de leite depende de uma relação amorosa e comunicativa entre a mãe e o bebê. No período colonial brasileiro, essa relação foi, muitas vezes, transferida para escravas que serviam como amas de leite e que, após a escravidão, transformaram o ato sagrado em profissão, legando parte significativa do nosso folclore nas cantigas de acalanto e narrativas para crianças. A taxa de amamentação caiu no Brasil e no mundo todo com o surgimento dos leites artificiais (décadas de 40 e 50), e prevalecem ainda hoje, mesmo com a implantação de programas pró-amamentação. A importância do aleitamento materno, reconhecida empírica e cientificamente, pode ser expressa na citação de Anwar Fazal, co-fundador da WABA e IBFAN, ganhador do Right Livelihood Award em 1982:

Amamentação tem tudo a ver com justiça e paz. É a forma natural, universal e cheia de paz de nutrir nossas crianças. Em um



mundo constantemente atacado por injustiça, violência e guerra, amamentação pode ser uma sentinela de paz – paz interior, paz com as outras pessoas e paz com o meio ambiente.

Trabalho realizado pelos alunos do **1º Ano de Enfermagem da FAMERP** – São José do Rio Preto: Alana G. L. Lelis, Ana Carolina Tenani, Carla B. Takahashi, Cibele O. Iamada, Débora H. Casavelha, Fabiana S. dos Santos, Margareth H. M. Marconi, Márcio Curto, Marita F. A. Coelho, Nayana Aline de Moura, Belisa Talhaferro, Paula C. Monteiro, Michelle Pacheco, Patrícia A. Fornazari, Fernanda M. Felipelli, Maria Carolina A. Castedo, Michelle C. S. Portugal, Marília S. Faeda, Larissa M. Alvarenga, Aline A. Lima, Geisa C. Souza, Carla C. Giamo, Luciana C. Brigatti, Mariana L. Couto, Marcela B. Vinhando, Lívia P. Lima, Talita N. Nunes, Fábio C. Silva, Mariângela Francisco, Danilo G. M. Portugal, Francielli R. Carvalho, Natalia D. Silva, Nathalia M. C. Campioto, Marina S. M. Silva, Marina P. Romero, Suyane S. Lemos, Janaína F. S. Campos, Elaine R. Grosseli – com a coordenação da Prof. Dra. Maria Carmen Guimarães Possato.

CONTOS TRADICIONAIS DO BRASIL

ROGERS AYRES

PROFESSOR DE FOLCLORE DO DEPARTAMENTO DE ARTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

Falar sobre qualquer assunto que envolva o nome de **LUÍS DA CÂMARA CASCUDO** é sempre muito interessante e emocionante, pois sua obra experiente e vasta no campo do “Folclore” é incontestavelmente um dos maiores referenciais da Bibliografia nacional, na área das ciências que estudam a cultura popular. Sua paixão máxima pelo folclore é evidenciada quando ele afirma que “nenhuma ciência possui maior espaço de pesquisa e de aproximação humana do que o Folclore”. Para ele “o Folclore ensina a conhecer o espírito, o trabalho, a tendência, o instinto, tudo quanto habitual existe no homem. Ao lado da literatura, do pensamento intelectual letrado, correm as águas paralelas, solitárias e poderosas, da memória e da imaginação popular”. Dentro desta paixão folclórica o “Conto Tradicional” adquire uma focalização especial de estudo, pois seu valor, além de emocional e delicioso, é também uma viagem de retorno ao país da infância, que nos permite um encontro rico da memória e do imaginário popular, revelando informações históricas, etnográficas, sociológicas, jurídicas e sociais. Na análise do conto popular descobrimos a sua força como documento vivo, denunciando costumes, idéias, mentalidades,

decisões e julgamentos. É importante destacar nesse contexto que o verdadeiro conto popular caracteriza-se pelo fato de ser bastante velho na memória do povo (antiguidade), anônimo em sua autoria (anonimato), divulgado em seu conhecimento (divulgação) e persistente nos repertórios orais (persistência).

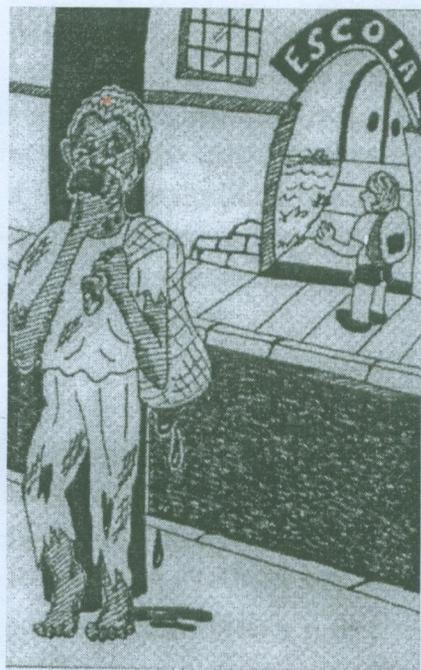
No seu estudo dos contos tradicionais no Brasil, Câmara Cascudo revela que a grande maioria continua viva, passada de geração a geração, na oralidade popular. Muitos contos variam de região a região, mas conservam seus preceitos essenciais. Geralmente, a linguagem dos narradores foi respeitada noventa por cento.

Os contos são muito universais, mas possuem algumas características acrescentadas pelos costumes regionais. Não existe história privativa de uma região.

Nas nossas histórias, como nos filmes de série, o bandido malvado acaba perdendo no último ato. Perde a onça, perde o Diabo, o Bem sempre vence. A Morte também.

Podemos encontrar muitos elementos do conto dos “Dois Irmãos” (história escrita pelo escriba Anana para o príncipe Seti Memefotá, filho do faraó Ramsés Míamum, há

três mil e duzentos anos!) ainda vivendo nas histórias tradicionais do Brasil. Um exemplo da eternização desses elementos achamos na idéia de que “fígado novo é sangue novo e sangue novo cura a doença velha”. Assim foi que surgiu a tradição do “Papa-Figo” (ilustração abaixo) o apavorador velho que carrega os meninos num saco para vender o fígado aos ricos morféticos.



Acredito que o estudo e exegese do conto folclórico brasileiro alcançou o seu mais alto nível científico com a obra maravilhosa de “Luís da Câmara Cascudo”, que numa série de livros fundamentais, inclusive ensaios e no

seu monumental **Dicionário do Folclore Brasileiro**, pesquisou as raízes das histórias populares, através de exaustiva sondagem na literatura clássica (gregos e romanos), na literatura oriental (sobretudo hindu) e nos livros e registros de viajantes e antropólogos que incursionaram pela África, Ásia e Américas.

A universalidade da maioria dos contos folclóricos brasileiros ficou, com sua obra, perfeitamente esclarecida, o que não significa afirmar-se que não haja uma novelística nacional, característica, resultado da fusão dos valores culturais importados com a cor local, fauna e flora regionais, além do saboroso poder criativo do homem brasileiro.

Nesse texto introdutório do livro **Contos Tradicionais do Brasil**, Câmara Cascudo expõe aspectos da importância e universalidade das histórias populares com muita maestria. Ensina-nos, por exemplo: “Para todos nós o conto popular é o primeiro leite intelectual. Os primeiros heróis, as primeiras cismas, os primeiros sonhos, os movimentos de solidariedade, amor, ódio, compaixão, vêm com as histórias fabulosas, ouvidas na infância. A mãe-preta (narradora) foi a **Scheherazada**” humilde das “DEZ MIL E UMA NOITES”, sem prêmios e sem consolação.”

Dos cem contos registrados em **Contos Tradicionais do Brasil**, informa que alguns foram retirados de coleções impressas, a maioria colhida por ele próprio, fixando nome e localidade onde viviam os narradores, respeitando-lhes a linguagem, embora preferindo grafar “mulher” em vez de “muié” e outras corruptelas do falar sertanejo. Lembra algumas fórmulas tradicionais dos contos populares, comuns a povos de vários

continentes, como a expressão: “Aqui me cheira o sangue real!”, usada por franceses, portugueses, ingleses, hindus e negros. Da mesma forma que a nossa expressão *andou-andou-andou*, para descrever longos dias de caminhada, os indígenas dizem *uatá-uatá-uatá*, os negros de Luanda *uende-uende-uende*, e os ingleses, *walked-walked-walked*.

Cascudo revela que são infinitos os motivos dos contos tradicionais pesquisados em todo o mundo. Essas centenas de milhares que existem espalhadas pelo mundo são combinações indefinidas de motivos essenciais, ambientes, pormenores típicos, situações psicológicas. No fundo, os contos vão variando infinitamente, mas os fios são os mesmos. A ciência popular vai dispendo-os diferentemente. São incontáveis, com a ilusão da originalidade. O conto quanto mais tradicional, conhecido e querido numa região, mais universal nos seus elementos constitutivos. Um tema restritamente local não se divulga nem interessa.

Nesse livro, fazendo uma classificação especial sobre cem contos populares, ele utiliza um esquema que já foi utilizado em vários livros, responde perfeitamente às necessidades técnicas dos grupos primários simples, reunidos sob o critério da maioria, da presença, de um determinado grupo de temas. Enfim, dividiu a sua colheita naquele livro em doze seções, a saber:

- I) Contos de Encantamento
- II) Contos de Exemplos
- III) Contos de Animais
- IV) Contos Religiosos
- V) Contos Etiológicos
- VI) Contos de Adivinhação
- VII) Contos Acumulativos
- VIII) Facécias

- IX) Natureza Denunciante
- X) Demônio Logrado
- XI) Ciclo da Morte
- XII) Tradição

Estudar a obra de Câmara Cascudo e mergulhar no mundo dos contos populares é permitir que nossa alma seja atravessada pelas mais belas histórias e ensinamentos que a humanidade nos legou, onde o homem é desafiado a lutar, combater, vencer e conviver com as situações mais inesperadas e fantásticas do universo humano, aperfeiçoando seu comportamento, e iluminando os caminhos das gerações posteriores.

O NARRADOR

Nossa sociedade contemporânea há muito vem perdendo as oportunidades maravilhosas que nos proporcionam os raros e últimos verdadeiros narradores ainda existentes. A magia, o encanto, o envolvimento e as experiências que eles nos trouxeram no passado será sempre algo que nenhum meio de comunicação moderno irá substituir. Uma tela de computador ou uma folha de papel não poderá jamais nos proporcionar as experiências fantásticas que a arte de narrar nos proporciona, e esta está em vias de extinção. Aos poucos, com o avanço do progresso e da tecnologia, o narrador vai se distanciando de nós sempre mais e mais...

A faculdade de intercambiar experiências, antes segura e inalienável, vai desaparecendo com o isolamento do homem diante das ferramentas do desenvolvimento, e essa troca de experiências sempre foi a fonte a que recorreram todos os narradores ao longo da história. É tão importante a extensão real do reino narrativo, em todo o seu alcance

histórico, que só poderá ser compreendido se levarmos em conta a interpenetração dos dois tipos arcaicos que caracterizam os dois grupos de narradores que se espalharam pelo mundo ao longo da história: O grupo exemplificado pelos camponeses sedentários, e o outro pelos marinheiros comerciantes. Os camponeses e os marujos foram os primeiros mestres da arte de narrar e tornaram-se os artífices que a aperfeiçoaram. Um processo que associava o saber das terras distantes, trazido para casa pelo imigrante, com o saber do passado, recolhido pelo trabalhador sedentário, passou a ser desenvolvido no sistema corporativo e determinou as bases que determinou o senso prático comum aos nossos narradores natos.

Os narradores foram os grandes conselheiros dentro de cada cultura de cada povo. Dentro da natureza da verdadeira narrativa, esta se apresenta com uma constituição utilitária que pode conter um ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida. De qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos. Agora é certo que se hoje em dia “dar conselhos” parece algo de antiquado, é porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis. O conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: **SABEDORIA. A arte de narrar está se extinguindo porque a sabedoria – o lado épico da verdade – também está em extinção.**

O primeiro passo dado para a promoção da morte da narrativa foi dado quando surgiu o **romance** no início do período moderno. Na origem do romance encontramos o indivíduo isolado, que não pode mais falar exemplarmente sobre suas

preocupações mais importantes e que não recebe conselhos nem sabe dá-los.

Hoje, quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação. Quem escuta uma história está em companhia do narrador; mesmo quem a lê partilha dessa companhia. Mas o leitor de um romance é solitário. O “sentido da vida” é o centro em torno do qual se movimenta o romance, enquanto “a moral da história” é a essência da narrativa, tornando uma distinta da outra.

A grande relação ingênua entre o ouvinte e o narrador é dominada pelo interesse em conservar o que foi narrado. Para o ouvinte imparcial, o importante é assegurar a possibilidade da reprodução. A memória é a mais épica de todas as faculdades. A memória se sobrepõe ao passado, presente e futuro. Ela é móvel, age e reage de acordo com nossas emoções. Ela é contraditória. Ela constrói o imaginário num campo repleto de forças antagônicas. Reorganiza, combina e sincroniza passando pelo tempo mítico e arquetipo. Todas as histórias populares estão registradas na memória da humanidade e são ressignificadas por cada grupo cultural. Os campos mórnicos geram ambientes favoráveis para o desenvolvimento dessa memória. O contador de histórias é um dos grandes responsáveis pela transmissão do capital cognitivo, do capital cultural. O cronista é o narrador da história.

As cidades do campo estão perdendo a sua simplicidade, crescendo e se desenvolvendo velozmente. As pessoas vão perdendo o hábito das conversas

sentadas nas cadeiras, nas portas, ouvindo histórias diversas dos vizinhos e visitantes. A televisão (e agora o computador) afasta as pessoas, enlouquece-as no seu individualismo e as neurotizam com bombardeios de informações que as colocam dentro de uma gigantesca aldeia global. Assim, desaparece o dom de ouvir, desaparece a comunidade de ouvintes. Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. Ninguém mais rala a macaxeira, a mandioca, o coco ou o milho enquanto conversam e participam dos acontecimentos coletivamente. O grande narrador tem sempre suas raízes no povo, principalmente nas camadas artesanais.

É muito importante a figura do narrador dentro do contexto histórico se avaliarmos que o historiador possui infinitas possibilidades de interpretação da história quando pesquisa os fatos sobre o ponto de vista do narrador. É sabido que não existe uma verdade única oficial sobre um determinado fato. Existem versões. Não se pode dizer que um fato pode ser comprovado como verdadeiro por ter sua fonte num documento escrito. Um exemplo prático disso é a forma como a **BÍBLIA** é interpretada por diversas correntes religiosas e diversos povos com suas culturas diferentes. Todas as espécies de fontes possuem informações verdadeiras e mentirosas. Assim, qualquer interpretação apresenta nova versão sobre um fato, sempre tentando aproximar-se da verdade que nunca é soberana.

ARTE POPULAR E ARTESANATO

ANDRÉ LUIZ NAKAMURA
DEPARTAMENTO DE FOLCLORE – OLÍMPIA/SP

Típico exemplo para a denominada “universalidade do folclore” é o artesanato, especialmente o produzido a partir do barro, cuja efetivação é praticamente a mesma em qualquer ponto do planeta em que se encontre a matéria-prima necessária para tanto.

Sendo assim, pode-se constatar que os fatos, ações, manifestações e fenômenos folclóricos apresentam a mesma essência, em todos os povos, ainda que praticados com outras configurações.

Entre os antigos egípcios já se encontravam peças artesanais de cerâmica, vidro e tecidos. Os sumerianos distinguiram-se como grandes artífices no trabalho com metal e no cultivo de pedras preciosas. Os gregos eram entusiásticos cultores do trabalho artesanal, produzindo com esmero belíssimas taças de prata com imagens em relevo. Os primitivos habitantes das futuras terras “brasileiras” eram também versados no trabalho com cerâmica, haja vista as iguacabas por eles manufaturadas, assim como outros objetos que utilizavam para guardar água e mantimentos. A chegada do colonizador a estas terras, juntamente com os escravos africanos e com os imigrantes, somando-se à já

mencionada criatividade dos índios, tornou o nosso artesanato opulento e maravilhante.

IMPORTÂNCIA DO ARTESANATO

Digno de nota, sem dúvida, é a grande demanda de mão-de-obra que o artesanato enseja, o que pode representar mais uma alternativa para se enfrentar a crise de desemprego que atinge os países em desenvolvimento, como o Brasil. Aliás, o Ministério do Trabalho e outros órgãos, como o SEBRAE, vêm dedicando especial atenção ao tema, desenvolvendo um intenso trabalho de fomento dessa atividade.

Na mesma esteira, outro aspecto que vale ressaltar diz respeito à importância do artesanato como também um dos fatores de propulsão do desenvolvimento do turismo, segmento que evolui cada vez mais, pois um número cada vez maior de pessoas viaja em busca de crescer culturalmente.

Sobre a importância do artesanato, é oportuno o escólio de Saul Martins (em “Arte e Artesanato Folclóricos”):

“Sempre haverá trabalhos que escapam à mecanização, exigem habilidade manual, sendo o artesão insubstituível; o artesanato estimula

o turismo, constitui opção de lazer e saída para focos de produção ou comercialização artesanais; o trabalho manual é um passatempo útil e agradável, mesmo a quem possua máquinas, preenche-lhe o tempo ocioso, dá satisfação, tranqüiliza a mente, é uma atividade recreativa”.

ARTE POPULAR E ARTE ERUDITA

Tomando-se o vocábulo arte no seu mais comum sentido de “expressão de um ideal de beleza nas obras humanas” (Dic. Larousse Cultural), poderíamos dividi-la entre popular e erudita? Temos diversas razões para dizer que não. Tanto uma obra do Rodin como a de algum santeiro sem fama podem ser consideradas arte. Tal qual dissemos a respeito da literatura, no primeiro volume, a arte é uma só. O que se verifica nesses dois exemplos é uma diferença de grau de instrução entre os dois artistas. O primeiro teve maior oportunidade de instruir-se esmeradamente, enquanto o artista popular ou artesão não tiveram um ensinamento proveniente da cultura erudita. No domínio dessa cultura _ ao contrário do que ocorre na seara da cultura popular _ verificam-se trabalhos artísticos produzidos por pessoas que obtiveram instrução

específica em arte e que realizam suas obras a partir de suas convicções estéticas.

ARTE POPULAR E ARTESANATO

Há folcloristas que procuram estabelecer teoricamente uma distinção entre “arte popular” e “artesanato”.

Segundo uma das principais diferenças apontadas, o artesão produz em série, visando ao aspecto utilitário de seu trabalho; o artista popular tem motivação estética, ou, em outras palavras, busca despertar a admiração pela beleza e criatividade de sua obra.

Algumas distinções apresentadas por estudiosos do assunto são inclusive contraditórias.

Para Waldemar Valente (“Folclore Brasileiro – Pernambuco”), por exemplo, a “arte popular” se basearia em temas populares, mas pertenceria ao domínio de pessoas eruditas ou semi-eruditas, enquanto “artesanato” seria produção não erudita, ou seja, sem aprendizado dirigido em escola ou fábrica especializada.

Já na lição de Luiz Gonzaga de Mello, “a arte popular estaria circunscrita ao domínio do folclórico, ao passo que o artesanato estaria mais próximo do domínio da cultura de massa”, (“Antropologia Cultural”, p. 512, 4ª edição, Ed. Vozes).

Ambos os autores, no entanto, reconhecem a dificuldade de se distinguir arte popular e artesanato.

Seja como for, não nos preocuparemos com muitas minúcias, tendo em vista, principalmente, o predominante conceito de folclore na atualidade, segundo o qual cultura popular e folclore se equivalem.

ARTESANATO

Saul Martins o define como “o tratamento que as criaturas mais simples dos agrupamentos humanos dão à matéria bruta, visando a um fim utilitário, comercial, artístico, recreativo, o que for”.

Artesanato folclórico é toda produção de objetos ornamentais ou utilitários, realizada sem o auxílio de equipamentos motorizados, por quem não detém, para tanto, conhecimento adquirido em escola ou fábrica especializada, ou seja, o **artesão**. Trata-se de um aprendizado que se adquire sem um ensino “dirigido”; de um trabalho desenvolvido espontaneamente, ou transmitido tradicionalmente.

O trabalho artesanal pressupõe a manufatura, a confecção manual das peças.

Não chega a descaracterizá-lo, no entanto, o uso de instrumentos rudimentares, movidos à mão, ou por meio de pedal, a exemplo da máquina de fiar.

Trata-se de um trabalho doméstico ou caseiro, realizado, no mais das vezes, no ambiente residencial do artesão, às vezes com a ajuda de seus familiares.

A matéria-prima que se emprega é a mais diversa: barro, palha, madeira, couro, penas, osso, sementes, linhas, fios, etc.

Predomina-se o uso, naturalmente, de material mais acessível e disponível na região em que se situa o artesão, visto que este, em sua produção, estará também refletindo seu vínculo com o modo de pensar, sentir, agir e reagir da comunidade do meio em que vive. Por exemplo, nas áreas litorâneas, usam-se inclusive conchas de moluscos e crustáceos.

A funcionalidade, que também caracteriza as manifestações folclóricas, está evidentemente

presente nas obras artesanais, que podem ter destinação utilitária (panelas, bolsas, redes, etc.); ornamental (pessoal ou doméstica, como presilhas de cabelo ou esculturas decorativas como bonecos, ou miniaturas de barcos, jangadas, etc.); religiosas (imagens de santos), recreativas (piões, caminhões de madeira), entre outras.

É realmente muito ampla a dimensão do artesanato. Vejamos mais alguns exemplos:

_ a partir do couro: sapatos, cintos, arreios, peças de vaqueiros;
_ de fibra e de palha: esteiras, cestas, chapéus;
_ madeira: carrancas, talhas;
_ tecelagem: tapetes, redes, etc.;
_ cerâmica artesanal: louças, panelas, alguidares, vasos, e outras riquíssimas variedades da cerâmica.

A cerâmica marajoara é a principal imagem que nos vem quando se fala no artesanato da região norte do Brasil. Mas nessa região, além da cerâmica marajoara, outras se destacam, como a dos Vales do Tocantins, além de uma ampla produção artesanal com plumas, confeccionando-se, com elas, colares e vestimentas, sem falar nas máscaras ou carrancas de atributos místicos, dos indígenas, mas que também se distinguem por seu valor artístico.

A região nordestina prima pela riqueza e vastidão de seu artesanato. As rendas e bordados nordestinos se notabilizaram até internacionalmente. O primor dos produtos manufaturados com couro no Nordeste é, sem dúvida, impressionante. A imagem dos vaqueiros dessa região é inconfundível. Outras representativas imagens do artesanato nordestino são as cestas de palha, as esculturas feitas com cacos de tartaruga, e, entre muitas outras, aquelas ilustradas no interior de garrafas com areia colorida. No Nordeste, aliás, muitas

famílias encontram seu ganha-pão no artesanato, seja utilitário, seja ornamental.

A região centro-oeste do Brasil também se destaca pela forte influência indígena em seu artesanato. Barcas, canoas e remos dos índios carajás são produtos de grande importância artística e cultural. Do mesmo modo, a cerâmica utilitária e ornamental dos índios tapirapés, produzida a partir do barro, adicionado a carvão, e, dentre outros, a partir de cera de abelha. Verifica-se, ainda, nessa região, tecelagem.

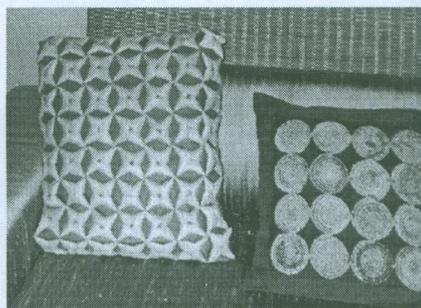
Na região Sudeste, a mais populosa e economicamente importante do país, especialmente em São Paulo, verifica-se, em decorrência da migração, uma confluência das mais diversas modalidades de artesanato encontradas em outros rincões do Brasil. Destaque em Minas Gerais para a utilização da pedra-sabão e do cobre e latão, principalmente em Ouro Preto, e, no Rio de Janeiro, para o crochê. “Essencialmente fluminenses são as redes de dormir tecidas com barbante de sacaria”, nos informa Cásia Frade (in “Folclore Brasileiro – Rio de Janeiro”).

Na mais fria região brasileira, o Sul, também se nota um diversificado artesanato, a exemplo das demais regiões (cerâmica, objetos de madeira, rendas, artigos de couros e lãs, etc.). Atenção especial para os trançados, que por toda essa região podem ser encontrados, produzidos a partir de vime, bambu, taquara, palha ou raiz de imbé.

TRANÇADO ESTRELA

Em Olímpia, por ocasião do Festival do Folclore, onde se reúnem artesãos de todas as regiões do país,

um diversificado artesanato se verifica entre os olímpenses que se dedicam a essa atividade.



Merece destaque o “Trançado Estrela”, desenvolvido a partir da palha do milho.

Trabalhos expostos no Museu de História e Folclore “Maria Olímpia” chamaram a atenção da artesã olímpense Geralda das Neves Singh, Lalá, que o retomou, tendo sido acompanhada por outros artesãos.

Trata-se de “um trançado firme e original que tem uma leve semelhança com a dobradura em papel japonês (o origami), e peça a peça é montada, manualmente, na forma do ‘Lego’ (aquele famoso brinquedo pedagógico)”, explica o Dr. Francisco José das Neves.

Aplicações para as peças assim produzidas não faltam. “Variam entre utensílios domésticos, pessoais e decorativos”, acrescenta Francisco

(Anuário do 38.º Festival do Folclore).



Roberto Mauro dos Santos, coordenador do Núcleo de Artesanato do SEBRAE/SP, no início do ano passado, interessou-se pelo trabalho, e desde então, com o apoio do mencionado órgão, o Trançado Estrela produzido pelos artesãos olímpenses vem sendo apresentado em exposições no Brasil e no exterior, a exemplo do 1.º Encontro Nacional de Artesanato, Cuiabá, Mato Grosso, em dezembro de 2001, da 1.ª Mostra de Artesanato do SEBRAE, denominada “Arte que Vale”, em julho do ano passado; do “Revelando São Paulo”, no Parque da Água Branca, na capital em setembro de 2002; da Feira Internacional de Milão, Itália, em maio de 2002, e da Biofach (Feira Internacional de Produtos Orgânicos), Nuremberg, Alemanha.



MÊS DE AGOSTO

MÊS DO FOLCLORE

LAURA DELLA MÔNICA*

Titular das Cadeiras de Folclore da Pontifícia Universidade Católica de Campinas e da Faculdade de Pedagogia e Ciências Humanas de Santos. Membro de Entidades Culturais de Folclore do Brasil e do Exterior.

Mês de agosto

Considerado, pelos brasileiros, como mês do Folclore, e o Brasil, nesse período, mostra ao mundo seus usos e costumes, suas tradições, suas aculturações através dos tempos.

O passado

O Brasil-menino de Cassiano Ricardo havia rabiscado no seu caderno de figuras a história do seu destino. A história das figuras que na manhã-indígena assistiram à missa rezada pelos marinheiros e ouviram o canto dos orixás. A história das figuras que mais tarde deram lugar aos gigantes e que nas noites cheias de estrelas, nas madrugadas sem fim calçando botas de sete-léguas, rasgando caminhos, casaram-se com outras figuras que aqui vieram para, mais tarde, constituírem o Brasil-gigante,

As ladainhas cantadas pelos jesuítas eram ouvidas pelos indígenas que passaram a interpretá-las a seu modo. As festas começaram a se realizar em épocas certas e variáveis. Os homens bravios, com suas

famílias, foram se unindo, sentindo a necessidade de cantar e contar as estórias de outras plagas.

As mulheres mostravam, nas suas canastras de baús, as coisas bonitas que haviam trazido e a gente daqui passou a olhar, a sentir e a usar. Tudo foi se misturando, modificando, apocopando, aculturando...

Precursores

Estudiosos começam a observar que a história do Gigante era muito importante e que devia ser relembrada e mostrada a todos. Falam de Gandavo, Anchieta, das cartas de Caminha e se deliciam com as estórias contadas por eles.

Comentam Debret e se lembram de Bento Teixeira Leite, Guilherme Piso. Então, Basílio de Magalhães conta como era a uiaira e toda a sua descendência que proliferou rapidamente por todo Brasil. Silvio Romero comenta as noites de cateretês com sapateado e palmeado e as modas-de-viola.

Criação da palavra

Os Estados já constituídos

começam a enviar para o mundo os seus contos, cantos e ritmos, seus estudos e pesquisas. O nome desses estudos era muito variável; confundia muita gente, mas afinal ficou sendo Folklore, lembrando a carta que William J. Thoms, a 22 de agosto de 1846, enviara à Revista "The Atheneum" para explicar a sabedoria popular, as maneiras de sentir e pensar que ele investigara nas regiões da velha Irlanda, onde permaneceu tanto tempo. Assim, o "Folk-lore" passou a ser o nome de estudo do que o povo fazia, sentia, na sua comunidade, de maneira espontânea.

Continuadores

Veio uma plêiade de estudiosos que modificou a maneira de contar as estórias do nosso Brasil, através da boca do povo: Mario de Andrade, Renato Almeida e Tarsila. Logo, a seguir, Joaquim Ribeiro, Cecília Meireles, Luís da Câmara Cascudo, Aires da Mata Machado, Mário Ipiranga, Alceu M. Araújo. Hélio Damante, Rossini Tavares de Lima, Oswald de Andrade Filho, Hildegardes Vianna, Veríssimo de Melo, Osvaldo Cabral e tantos

outros que foram se reunindo em grupos, para a pesquisa de campo. Quando abrimos os olhos estávamos envolvidos no mesmo meio e não pudemos mais sair.

Nesse tempo cria-se a Carta Magna de Folclore Brasileiro, documento onde se encontram os princípios fundamentais e as normas de trabalho a respeito do Folclore no Brasil.

Aconteceu em São Paulo

Muitos países aqui vieram para ver o Brasil de perto, saber direito das manifestações de danças, folguedos, superstições e credices, literatura popular, brinquedos, vestimentas, comidas e tantas outras coisas. Do encontro (I.º Congresso Internacional de Folclore, 1954) resultou uma série de modificações a respeito do estudo do Folclore no Brasil.

Outros Países

Portugal começa a estudar através de Gastão Bittencourt, Jorge Dias, Pires de Lima o que havia de comum entre nós. A França, Inglaterra, Espanha, publicam obras contando o que havia de parecido. E os países sul-americanos, nossos vizinhos de fronteiras, ficam sabendo que ainda eram nossos irmãos.

Conceituação do Fato Folclórico

A conceituação do fato folclórico começa a preocupar os seus interessadas. Folclore é a cultura espontânea e também a ciência que estuda essa cultura. Eis a definição aprovada no Congresso Internacional de Folclore: "Considera-se fato folclórico toda

maneira de sentir, pensar e agir, que constitui uma expressão de experiência peculiar de vida de qualquer coletividade humana, integrada numa sociedade civilizada". Esse conceito permanece ainda no Brasil.

Fato Folclórico

O Folclore é elemento vivo de cultura, quer na esfera espiritual, quer material, portanto, fator na soma de valores da existência humana. É preciso acrescentar que os fatos folclóricos não se apresentam apenas como anonimato ou tradicionais. Muitos cantadores de modas-de-violão, repentistas, dançadores de cateretês, reisados, folias de reis, moçambiques, congadas e outras manifestações folclóricas são nossos conhecidos e amigos.

As figureiras do vale do Paraíba ou as poteiras de Apiaí, poderão ser visitadas, a qualquer hora, em suas casas. O fato folclórico é elemento dinâmico da cultura, não é estático. Modifica-se, transforma-se de região em região, de acordo com o meio. De aceitação coletiva, não perdendo seu caráter, seu valor, sua espontaneidade, sua autenticidade.

O Impacto

A moda de se imitar o que era original veio dar uma confusão aos estudiosos menos avisados. Ninguém mais sabia o que era folclórico, o que era popular. Novamente a Comissão Nacional de Folclore que regia, no Rio de Janeiro, as demais Comissões Estaduais se preocupa com isso, insiste nas realizações de congressos que tratam de dissipar dúvidas, de conjugar

pensamentos, de orientar os caminhos da pesquisa. Cria-se a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro (1958), no Ministério da Educação e Cultura.

Nesse mesmo ano, todo o acervo do Centro de Pesquisas Folclóricas "Mário de Andrade" criado no velho e querido casarão da Avenida São João, 269, passou para a Associação Brasileira de Folclore, que mantém, no Ibirapuera, o Museu de Artes e Técnicas Populares.

As Etnias

O estudo das maneiras de sentir e pensar dos povos levou os folcloristas a fazer estudos das regiões geo-históricas. Diegues Júnior apresenta o problema dos alienígenas no período colonial: do francês, espanhol, holandês e judeu, da sua permanência, das modificações que causaram no fato folclórico já existente; da vinda dos italianos, alemães e ingleses. Das modificações em toda arte, o artesanato, quer nas cestarias, cerâmicas, instrumentos de trabalho, agricultura, lendas e contos, no nosso idioma. Mais tarde, poloneses, japoneses... um mundo inteiro dentro do Gigante, a dar e receber, a modificar e modificar-se em benefício de um país melhor. E, cada um deles, desde o princípio, se alimentava de uma porção de coisas que se tornaram, depois, receitas culinárias e específicas das regiões.

Folclore e História

O professor tem na História um campo enorme de aproveitamento folclórico. "Tanto o historiador como o folclorista devem

recolher seus elementos de estudo no povo, no que o povo faz, cria e constrói e que, através da transmissão herdada ou recebida, se vai prolongando pelo tempo. O que a História grava é o que o folclore registra: os fatos da vida coletiva, suas expressões de cultura, a descrição ou observação do que o povo faz. A vida humana a ambos interessa, e ambos procuram traduzir com fidelidade o que há de expressão nos fenômenos registrados” (Diegues Júnior).

Folclore e Educação

Lourenço Filho estudou tanto o problema: falou da importância do Folclore na Língua Materna, Geografia Humana, História, Arte Popular e Música. Falou, ainda, dos centros de formação do ensino médio da escola de formação pedagógica, onde o Folclore deveria ser estudado, ou ser tratado com carinho. No relatório da UNESCO sobre o assunto, apresentado no Congresso Internacional de Folclore, o problema também foi levantado: a função educacional não está apenas em preservar aquelas culturas populares, como herança do passado, mas em realizar um trabalho de base, que “consista em impedir seja a cultura tradicional não está apenas em preservar aquelas culturas populares, como herança do passado, mas em realizar um trabalho de base, que “consista em impedir seja a cultura tradicional inutilmente sacrificada por novos elementos, que poderão não ter nada de comparável a oferecer, e a estimular as técnicas e a sabedoria que cada uma dessas culturas pode oferecer ao mundo”.

É necessário preparar o professor para saber aproveitar o que há de útil, e saber afastar os fatos

folclóricos que prejudicam o plano educacional, como aproveitamento imediato. Todos os fatos são pesquisados, mas os aproveitados devem ser bem selecionados. Libertar a alma infantil das práticas inconvenientes e prejudiciais, chamadas por Renato de “pesos mortos na cultura”. Mas, para isso voltamos a dizer, deve o professor estar preparado para não criar maiores problemas, e, desta vez, psicológicos, na alma da criança ou do adolescente.

A Pedagogia Folclórica, escreveu Ismael Moya, “tem um objetivo central que é o de fazer com que a criança siga o ritmo espiritual do seu povo e lhe alcance a emoção do tradicional, com as vantagens de caráter nacional, científico e estético”. Mário de Andrade: “nada melhor que as tradições para retemperar a saúde de nossa alma brasileira”. Pestalozzi, Freebel, Gustavo Doret, Michelet sempre afirmaram, recomendando nas suas realizações pedagógicas, científicas e culturais, o valor do cancionista à educação, ao amor à pátria, à “tomada” da sua personalidade, a integração à região, enfim à própria comunidade.

Dentre os estudiosos, alguns se interessaram pelo Folclore na Geografia, na História, nas Artes Plásticas, como Osvald de Andrade e Cássio M. Boy, na medicina, como Dr. Silvio Maroni, na Psicologia, como Carvalho Neto, na Zoologia e Botânica, como Karol Lenko, enfim em cada disciplina curricular. Malba Tahan chegou a estudar o folclore na Matemática, dando subsídios importantíssimos a respeito durante o Congresso de Matemáticos.

Folclore e Literatura

Quanto à literatura, meus

Deus! Toda a existência do Brasil menino, todo o resultado do Brasil-Gigante, estão dentro da literatura, seja de cordel, popular ou erudita. Desde os primeiros contadores de história do nosso Brasil, até os últimos romancistas, vamos encontrar o retrato vivo de um Brasil de penas e penachos, da costa, mousselines das arábias; colchas de teares e retalhos, flores de papel crepom e de seda, presépios e lapinhas; monjolos fúnebres e de trabalho. De expressões características, remédios caseiros, de tipos de construção de casa. De lendas como as do Cerro do Jarau ou do pico do Jaraguá; de Corcovado ou da lagoa do Abaeté. Das carrancas do rio São Francisco ao mercado do Ver-o-peso; do encontro das águas das pororocas do rio-mar. Das ainda intrincadas florestas amazônicas às caatingas dos Nordeste até os pampas; do canto do sabiá, do pixoxó, do curió. Dos usos e costumes dos vaqueiros cantadores ou dos tropeiros; das noites enlustradas com serenatas ou das fogueiras de São João. Das danças e folguedos, das festas religioso-populares, dos candomblés e das oferendas. Isto tudo você vai encontrar numa literatura de Osvaldo Orico, Jorge Amado, Barbosa Lessa, Simões Lopes, Sílvio Júlio, Alípio Goulart, Hernani Donato, Amadeu Amaral, Luís da Câmara Cascudo, Ruth Guimarães, Edson Carneiro, Afonso de Freitas e Guimarães Rosa.

Folclore e Teatro

A divulgação do período medieval, através do teatro de marionetes, títeres, mamulengos e João-redondo ainda persiste no Brasil e você vai encontrar no

Nordeste a maior sobrevivência. Mas não pára aí o teatro; a representação continua nos folguedos populares do bumba-meu-boi, das folias de reis, das congadas e congos, dos maracatus, das marujadas e nas coreografias. Até nos circos do seu bairro. A luta entre mouros e cristãos ainda se vê e se ouve nas Cavalhadas de Franca, de Alegrete e Pirinópolis, ou mesmo nas congadas de São Francisco, bairro de São Sebastião. O aproveitamento folclórico no teatro de hoje está bem demonstrado nas peças de Suassuna, como o Auto da compadecida, O Santo e a Porca, Auto de João da Cruz.

Folclore e Música

A cadeira de Folclore, que somente era ministrada nas escolas superiores de música, através da insistência da Comissão Paulista de Folclore, passou a fazer parte do "currículo" de todos os conservatórios musicais fiscalizados pelo Governo do Estado. Vitória! Vitória!

A música folclórica sempre foi bem aproveitada por eruditos como Villa-Lobos, Mignone, José Siqueira Guerra Peixe, Luís Cosme, Nepomuceno, Alexandre Levi Guarnieri. Mais tarde, compositores populares começaram a fazer suas músicas com temas folclóricos como Heckel Tavares e nos tempos atuais, Chico Buarque, Vandré, Mário Albanese.

A Divulgação

Um dia, um bom baiano começou a cantar na Bahia de outrora, e falou das 365 igrejas, dos

cantos dos orixás, das festas, vestimentas e quitutes.

Ressou por todo o Brasil. Cada Estado queria contar também o que tinha. E o Maranhão, flor dos azulejos, dos bumbas, das estórias que os holandeses deixaram e que foram interpretadas à brasileira. Mas toda a Amazônia gritou bem alto: Foi Boto, Sinhá! E não se esqueceu o canto do uirapuru... Os caboclinhos e os maracatus saíram às ruas do Recife, dando um alô de suas influências índio-afro-lusitanas. Mas não ficou por aí. Os Tapuias saíram de Goiás, dançando, sem parar.

Anoiteceu. Vimos lá no Sul a velinha acesa para Negrinho do Pastoreio. O gaúcho contando as estórias dos pampas, deliciando-se com o chimarrão.

Santa Catarina bradou: Nossas rendeiras são parentes das rendeiras do Ceará, você quer ver? E o boi que era de mamão e depois de pano é também parente do boi surumin e de outros bois.

Minas Gerais mostra todo o belo artesanato em fibras e fios. O barqueiro que saiu da ilha de Marajó viu tudo o que havia nas praias brasileiras..., comeu moqueca de peixe, sarapatel de tartaruga e veio margeando até chegar em São Paulo, no Guarujá, onde na praia do Tombo, foi fandangar com os caícaras.

E nós, daqui, na simplicidade mostramos a ele que o folguedo Guerreiros das Alagoas hoje é Reisada de Alfredo Marcondes; que o Boi do Norte foi Boizinho de Ubatuba e de Pindamonhangaba. O Moçambique está em pleno vigor em todo o vale do Paraíba. O cateretê resiste ao tempo por todo Estado de São Paulo, principalmente no Vale do

Rio Grande. E ainda mais que, todas as lendas das matas, rios e lagos, montanhas também sobrevivem adaptadas à nossa região. O canto da criança, criança que brinca de ciranda, ciranda que os adultos, de mãos dadas cantam em uníssono o mesmo hino: Brasil, eu te amo!

Folclore e Turismo

Falava-se muito no nascimento do Turismo no Brasil. Era ele esperado a qualquer instante. Depois o Turismo deu seus primeiros vagidos. A Carta Magna do Folclore Brasileiro mencionou a necessidade dos entendimentos com os órgãos de Turismo, mas viviam separados. Era preciso um entendimento. Ambos queriam a mesma coisa, mas não falavam a mesma linguagem.

Alguns encontros aqui, ali, sempre com pequenos resultados positivos.

Cria-se, pelo Decreto n.º 56.747, em 1965, o Dia do Folclore em todo o território nacional; em 1957, pelo Decreto 48.310, o mês do Folclore deve ser comemorado em todo o Estado de São Paulo. Um salto para o futuro brilhante do Folclore e do Turismo. Agora é mais fácil falar no binômio Turismo-Folclore em benefício da cultura, em benefício do próprio País.

O Folclore estreita os laços humanos, porque na sua simplicidade apresenta traços comuns de toda a humanidade.

* Texto publicado no Anuário do 11º Festival do Folclore, que reproduzimos em homenagem a essa grande folclorista (*in memoriam*), Cidadã Honorária olímpense.

A VIOLA NAS TROVAS

JOSÉ SANT'ANNA*

DEPARTAMENTO DE FOLCLORE - OLÍMPIA/SP

A viola é muito popular entre nossos caipiras. Foi introduzida no Brasil pelos portugueses. Hoje, apesar de ser grandemente industrializada, a viola sempre foi feita à mão e ainda há curiosos que a fabricam, pois à mão são preferidas pelos violeiros.

A viola é um cordofônio feito de madeira. Compõe-se de uma caixa sonora e uma haste chamada de braço. É dividida em muitas partes.

A viola paulista tem 10 cordas (5 cordas duplas), mas existe viola de 12 e até 14 cordas. Há diversos tamanhos de viola, pois já pudemos apreciar 8 tamanhos diferentes

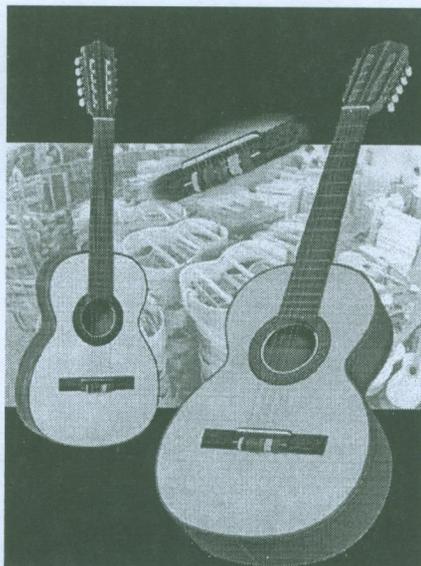
Empregam-se as madeiras guaiuvira, jacarandá, sassafrás, cedro e pinho na confecção de violás.

Segundo os bons violeiros há 25 tipos de afinações e todas com nomes especiais.

A viola é um dos mais belos instrumentos musicais. É obrigatória nas duplas de violeiros e nos grupos de danças e folguedos folclóricos, pela magnífica sonoridade. É guardada pelo dono com todo zelo e carinho, porque viola bem tocada dá muita alegria às pessoas.

As quadrinhas sobre **viola** não poderiam estar ausentes em nosso trabalho.

Viola de pinho
De cordas de aço,
Chora bem sentida
Preso em meu braço.



Eu fui pra roça
Com muié e fio,
Guardei minha **viola**
No paio de mio.

A **viola** de dez cordas
Também sabe querer bem,
Quando ela me vê chorando,
Chora comigo também.

Viola, minha viola,
Seu corpo tem forma de esse,
Seu coração de madeira
Também suspira e padece.

Viola, minha viola,
Cavalete de marfim,
No braço, desta viola,
Vou no céu e torno a vim.

Variante:

Minha **viola** é de pinho,
Também de jacarandá,
Quem toca nesta viola,
Vai no céu e torna vortá.

Viola, minha viola,
Cavalete de canela,
Ela chora nos meus braços
E eu choro nos braços dela.

Minha **viola** conhece
O que eu tenho passado,
Muitas noites de tristeza
Ela me tem consolado.

Minha **viola** de pinho
Guarda o meu tormento,
Hoje nada me consola,
Minha vida é um sofrimento.

Minha **viola** de pinho
Diferente de meu bem,
Eu choro no braço dela
E a viola chora também.

Minha **viola** de pinho,
Feita do pau de pinheiro,
A viola me distrai,
Baralho me dá dinheiro.

Minha **viola** tem alma
Como eu também quer bem,
Cada soluço que eu dou
Ela soluça também.

Minha **viola** sofrida,
Chora sem consolação,
Se ela que é madeira chora
Que fará meu coração?

Variante:

Chora **viola** e sanfona
Chora triste o violão,
Tu que é madeira chora,
Que dirá meu coração!

Chora **viola** em meu peito
Dessa triste solidão,
Eu também vivo cantando
Pra alegrar meu coração.

Chora **viola** sentida
No peito de quem padece,
Só minha viola sabe
Que coração não esquece.

A **viola** companheira
Alegra o meu coração,
É planta da natureza
Em forma de uma canção.

A **viola** é de madeira,
Suas cordas são de aço;
Ela chora e suspira
Apoiada nos meus braços.

Aprendi tocá **viola**
Sempre fui um campeão,
Toco viola co' os dedos
Seguindo meu coração.

Minha amiga **viola**
Não tem alma, nem é gente,
Mas esta viola sabe
O que meu coração sente.

Minha **viola** de pinho
Pra tudo tu tens de dar:
Uns cantam para divertir
Outros, para não chorar.

Com minha bela **viola!**
Canto uma linda canção:
Alegro os meus amigos
Defendendo o meu sertão.

Não chore minha **viola!**
O poeta assim falô:
Enquanto existir viola,
Existirá cantadô.

A minha velha **viola**
Feita de pau de pinheiro
É minha eterna lembrança
Do meu tempo de violeiro.

O gemido da **viola**
Faz meu peito emudecê,
Vejo a lua se escondendo
E eu me lembro de você.

Me enciumo da **viola**
Ninguém nela põe a mão,
Ela conhece os segredos
Do meu triste coração.

Nos braços desta **viola**,
No correr da pontuação,
Vou dizer a quem pertence
O meu pobre coração.

Vou fazer nesta viola
Uma cruz toda florida,
Vou levar junto ao altar
Da Senhora Aparecida.

A coisa de que mais gosto
Viola bem afinada,
Um carro de boi cantando,
Puxando carga pesada.

Quando pisei neste mundo
Foi co' a viola na mão,
Tocando o meu choradinho,
Cantando numa função.

Eu escrevi o teu nome
No braço desta **viola**,
Escrevi num coração
Um coração que te adora.

No braseiro da queimada
A cinza voa co' o vento,
A **viola** apaixonada
Vai chorando o seu lamento.

Uma festa terminando,
Apagando uma fogueira
A **viola** e a saudade
São as minhas companheiras.

A roça é meu serviço,
O trabalho é minha vida,
A **viola** me disfarça
Minha vida entristecida.

Durante toda a semana
Trabalho na pagodeira,
Toco **viola** e canto
De segunda a sexta-feira.

Embora seja de pinho,
Viola tem coração,
Minha **viola** conhece
A minha paixão.

Quando é de tardezinha
Fica triste o meu ranchinho,
Então eu toco a **viola**
Para não ficar sozinho.

No dia de São Gonçalo
Nasci e fui batizado,
Na cintura da **viola**
Fiquei muito afamado.
Me lembro daquele tempo
Que tão alegre eu vivia,
Tocando a minha **viola**
De tristeza eu não sofria.

Vi uma morena trigueira
Fiz um verso no embaraço,
Quando toquei na **viola**,
Ela caiu no meu braço.

Eu vou morrendo sozinho
Por não querer mais ninguém,
A minha triste **viola**
Morre comigo também.

Para acabar co' as tristezas
Que me vêm no pensamento,
Pego na **viola** e canto
Modinhas que eu mesmo invento.

Quando eu largar de cantar
Já co' a voz enfraquecida
Vou deixar como lembrança
Minha **viola** sofrida.

Quem me vê sempre cantando,
Pensará que eu não trabalho:
Tenho os dedos calejados
Da **viola** e do trabalho.

O senhor me dá licença
Pra canta neste salão
Com seu chapéu na cabeça,
Minha **viola** na mão.

Nasci para ser **violeiro**
Não canto por profissão,
Eu nasci só pra cantar
O valor do meu torrão.

Quem canta seu mal espanta
Assim a alegria vem,
Mas pra espantar todo mal,
Toque **viola** também.

Amanhã é dia santo,
Dia de Nossa Senhora;
Quem tem roupa vai à missa,
Quem não tem toca **viola**.

* Texto publicado no Anuário do 34.º
Festival do Folclore

DIZERES EM CAMINHÕES

ANDRÉ LUIZ NAKAMURA
DEPARTAMENTO DE FOLCLORE – OLÍMPIA/SP

Ou “dísticos”, “escritos”, “lemas”... de caminhão; ou ainda “linguagem de motorista”, “sabedoria de chofer”, ou “inscrições em caminhões”, entre outros, são as mensagens escritas nos pára-choques ou outras partes dos veículos sem os quais, dizem, o Brasil pararia.

Não se sabe onde nem quando elas apareceram. Há quem diga que é genuinamente brasileiro esse costume de se escrever frases nos pára-choques (ou outras áreas) dos caminhões.

Com mensagens breves, fáceis de memorizar, esses pára-choques conduzem pelas estradas a filosofia dos caminhoneiros, constituindo “uma literatura folclórica, com linguagem própria”, segundo o Prof. José Sant’anna (Anuário do 18º Festival do Folclore). Às vezes neles se verifica o uso de ditados populares, e até de antiprovérbios (exemplo: “Devagar se vai longe. Rápido também, só que mais depressa”, que se opõe ao provérbio “Devagar se vai ao longe”).

Os dísticos distraem, mesmo que durante fração de segundo, os motoristas de veículos de passeio que se enfadam, quando em trânsito lento, atrás de um caminhão, sem poder ultrapassá-lo. Mas, dependendo da frase, podem irritar ainda mais os motoristas de carros: “Tá com pressa? Saísse mais cedo” ou “Tá com pressa? Passa por cima”.

Bom humor, poesia, sátiras,

protestos, demonstrações de saudade, de otimismo, de tristeza, de esperança, de alegria, de fé religiosa, enfim, de tudo se encontra nesses fragmentos da sabedoria dos caminhoneiros e das muitas histórias que eles têm para contar.

_ Feliz foi Adão que não teve sogra nem caminhão.

_ As mulheres perdidas são as mais procuradas.

_ Moro na estrada, visito meu lar.

_ Se ferradura desse sorte, burro não puxava carroça.

_ A vida é dura pra quem é mole.

_ Se a morte for descanso, prefiro viver cansado.

_ Na estrada da vida, passado é contramão.

_ Na cabine cabem muitas; no coração, uma só.

_ Não tenho tudo que amo, mas amo tudo que tenho.

_ Se amar for pecado, jamais serei perdoado.

_ Marido de mulher feia detesta feriado.

_ A mulher é como música; só faz sucesso enquanto nova.

_ Mulher é como táxi, um larga, outro pega.

_ Na estrada da vida não há acostamento.

_ O casamento vem a cavalo; o arrendimento, na garupa.

_ Na subida tu me aperta, na descida nós acerta.

_ Quem tem olho gordo, usa colírio diet.

_ Rouba dos ricos e dá aos pobres... Além de ladrão, é veado.



_ Mulher de amigo meu é que nem cebola: Eu como, mesmo chorando.

_ Viúva é como lenha; chora, mas pega fogo.

_ Não sou dono do mundo, mas sou filho do dono.

_ A vida de solteiro é vazia, mas a de casado enche.

_ Mulher é como estrada; sendo boa, é perigosa.

_ Nosso amor virou cinzas depois de saber que seu passado era fogo.

_ Mulher é como laranja, em qualquer lugar se arranja.

- _ Preguiça é descansar antes de estar cansado.
- _ Deus é a luz do meu caminho.
- _ Vitamina de chofer é carinho de mulher.
- _ Saiba ir para poder voltar.
- _ Mesmo que a vida seja triste, quero envelhecer sorrindo.
- _ Os velhos dão bons conselhos porque não podem mais dar maus exemplos.
- _ Dinheiro e mulher bonita, só vejo na mão dos outros.
- _ Na estrada da vida não há retorno.
- _ Vivo todo arranhado, mas não largo da minha gata.
- _ Se tá com pressa, por que não veio mais cedo?
- _ Viajo porque preciso, volto porque te amo.
- _ Dirijo com cuidado para não deixar chorando quem me espera sorrindo.
- _ Eu dirijo, Deus me guia.
- _ Pobre só come frango quando joga de goleiro.
- _ Tem amigos que são como o sol: só aprecem em tempo bom.
- _ No fim dá tudo certo. Se ainda não deu certo é porque não chegou ao fim.
- _ Batida, só de pinga com limão.
- _ Pobre só entra em banco pra pagar conta.
- _ Mais perigoso do que cavalo na estrada é um burro no volante.
- _ É bom ser importante, mas é muito mais importante ser bom.
- _ Seja paciente na estrada para não ser paciente em hospital.
- _ Pobre só sai do aperto quando desce do ônibus.
- _ Por causa da pressa é que a mosca nasceu sem osso.
- _ Tá com pressa? Passa por cima.
- _ Se o mundo fosse bom, o dono moraria nele.
- _ Deus pôde fazer o mundo em 6 dias porque não tinha ninguém perguntando quando ia ficar pronto.
- Sai da frente que estou sem breque.
- Tudo que é bom na vida ou faz mal ou é pecado.
- Se andar fosse bom, carteiro nunca morria.
- Rico saca; pobre saqueia; político sacaneia.
- No baralho da vida encontrei apenas uma dama.
- Mulher feia é igual ventania, só quebra galho.
- Envievei e casei com a cunhada para economizar sogra.
- Turbinado no pé, reduzido no mé, carona só muié.
- Os últimos serão os primeiros e os do meio sempre serão os do meio.
- É mais fácil fazer uma menina do que consertar uma mulher.
- Amor de mulher é REAL.
- Segredo entre três, só matando dois.
- Há males que vêm para o mal.
- _ O homem que se vende não vale o que recebe.
- Mulher é que nem lençol: da cama para o tanque, do tanque para a cama.
- O cachorro só é o melhor amigo do homem porque não sabe o que é dinheiro.
- Se eu tivesse estudado não estaria aqui
- Mulher feia é igual jiló, pouca gente come.
- Visitas sempre dão prazer. Se não na chegada, na saída.
- Como é triste a vida do homem que tem a vida envolvida com mulher da vida.
- Quem gosta de mulher feia é salão de beleza.
- Lenha verde e mulher véia, chora, mas pega fogo.
- Cana na roça é pinga; pinga na cidade é cana.
- Hoje tem que ser só uma rapidinha porque o frete é precível.
- Rico acompanha procissão, o pobre persegue o santo.
- Se correr, o guarda multa; se parar, o banco toma.
- Se barba fosse respeito, bode não tinha chifre.
- Se tamanho fosse documento o elefante era dono do circo.
- A única mulher que andou na linha o trem pegou.
- A mulher foi feita da costela... imagine se fosse do filé?
- Estepe e mulher é sempre bom ter de reserva.
- Beijo não mata a fome mas abre o apetite.
- Existo porque insisto.
- Se casamento fosse bom não existia divórcio.
- Nas curvas do teu corpo capotei meu coração.

- Beijo de mulher casada sempre tem gosto de chumbo.
- _ Mulher é igual cachaça. No começo é bom, mas depois só dá dor de cabeça.
- Pobre só enche a barriga quando morre afogado.
- 80ção, 20 buscar, 100 Choro!
- Adoro as rosas, mas prefiro as trepadeiras.
- Mulher de amigo é que nem muro alto. É perigoso, mas eu trepo.
- Estou rezando 1/3 para encontrar 1/2 para te levar para 1/4 e fazer do teu pai 1/9.
- Se casamento fosse estrada, eu só andava no acostamento.
- À noite, todas as pardas são gatas.
- Estrada ruim é que nem mulé boa, cheia de curvas e surpresas.
- _ Seja legal com seus filhos. São eles que vão escolher seu asilo.
- _ Não há melhor momento do que hoje para deixar para amanhã o que você não vai fazer nunca.
- _ Sexo grátis, amor a combinar.
- _ Se o amor é cego, o negócio é apalpar.
- _ Se sua mulher pedir mais liberdade, compre uma corda mais comprida.
- _ Tudo na vida muda, até a surda muda!
- _ Para evitar filhos, transe com a cunhada: só nascem sobrinhos.
- _ Não mando minha sogra para o inferno porque tenho pena do diabo.
- _ Mulher é igual circo. Debaixo do pano é que está o espetáculo.
- _ 99% da beleza feminina sai com água e sabão.
- _ Mulher feia vale pôr duas, porque o marido sempre tem outra.
- _ Paquere todas as mulheres mas conserve a sua direita.
- _ Meu pensamento continua onde a minissaia termina
- _ Mulher desquitada e cana de engenho só deixam bagaço.
- _ Mulher e fotografia só se revelam no escuro.
- _ Mulher de beira de estrada é como circo: só tem armação.
- _ A cal é virgem porque só lida com brocha.
- _ Mulher e árvore só dão galho.
- _ Quando o nosso amor virar cinzas, lembre-se que eu mandei brasa.
- _ Marido de mulher feia sempre acorda assustado.
- _ Televisão de pobre é o buraco da fechadura.
- _ Mulher feia e cheque sem fundo, protesto.
- _ Mulher e pipoca é só dar uns pulinhos que cai logo na boca do povo.
- _ Mulher é igual relógio: depois do primeiro defeito, nunca mais anda direito.
- _ Estrada reta e mulher sem curva só dão sono.
- _ O Rico pega o carro e sai. O pobre sai e o carro pega.
- _ Da cabeça de um juiz e da bunda de um nenê, nunca se sabe o que vai sair.
- _ Discurso deve ser igual a vestido de mulher, quanto mais curto melhor.
- _ Filho de rico é Playboy, de pobre é office-boy.
- _ Fruta de pobre é cana.
- _ Galinha velha dá bom caldo, mas são as frangas novas que fazem o Galo cantar.
- _ Otimista é um pessimista mal informado.
- _ Pobre só vai para frente quando tropeça.
- _ Prefiro ser um bêbado conhecido, do que um alcoólatra anônimo.
- _ Quem se curva aos opressores, mostra a bunda aos oprimidos.
- _ Se casamento fosse bom não precisava de testemunhas.
- _ 80 ção! 20 ver! 100 você não sei viver!
- _ A diferença entre um credor e um devedor é que o primeiro tem uma memória muito melhor!
- _ A terra é virgem porque a minhoca é mole.
- _ O casamento é a sepultura do amor!
- _ Quando a galinha é boa, o pinto cresce!
- _ Se você CD eu te dou o meu K7.
- _ 70 me passar, passe 100 atrapa-lhar.
- _ Mulher deixa o rico sem dinheiro e o pobre sem vergonha.
- _ Na subida, paciência; na descida, dá licença.
- _ A saudade é uma louca que insiste em viver no passado.
- _ A morte viaja clandestina no trem da vida.
- _ No casamento, meu bem. Na separação, meus bens.
- _ Casamento simplifica as noites e complica os dias!

_ Te dou 1000 vestidos, para você me dar 100 calcinha...

_ Descida é igual a corpo de mulher, eu só deslizo...

_ 60 num bar, 70 sair 100 pagar, aí mando a polícia 20 buscar.

_ A calúnia é como carvão: quando não queima, suja.

_ A felicidade não é um destino onde chegamos, mas, sim, uma maneira de viajar.

_ A vida não é um dom... é um empréstimo.

_ Aqui jaz a minha sogra que viveu enchendo o saco, não tendo mais o que encher, veio encher esse buraco.

_ Aqui jaz a minha sogra: descanso em paz!

_ Até as flores dependem da sorte. Umam enfeitam a vida, outras enfeitam a morte.

_ Bom mesmo é ser mulher, porque chora sem ter razão, mijá sem por a mão e trepa sem ter tesão.

_ Cada escola que se abre é uma cadeia que se fecha.

_ Caminhão: sonho de criança e realidade de maluco.

_ Campo de concentração é o melhor regime: não há ninguém gordinho.

_ Carro a álcool... você ainda vai tentar vender um.

_ Mulher é igual bife, quanto mais batida, mais macia fica.

_ Casamento é igual a circo. Você é equilibrista, domador, mágico ou palhaço.

_ Casamento não é bom, isso é fato verdadeiro. Pois o diabo não se casou e Jesus morreu solteiro.

_ Casei-me com Maria, mas viajo com Mercedes.

_ Chifre é igual dentadura: demora mas você acostuma.

_ Costurar é para modista; permanença na sua faixa.

_ Deus cura, o médico manda a conta.

_ Diga sempre a verdade a sua mulher, mesmo que tenha que mentir um pouco.

_ Dinheiro de pobre parece sabão; quando pega, escorrega da mão.

_ Direito tem quem direito anda.

_ Dizem que dinheiro é coisa do diabo; mas se quiser ver o diabo, ande sem dinheiro.

_ Sou tão humilde, mas tão humilde, que me orgulho de minha humildade.

_ Sogra e ponta de arado só prestam debaixo da terra.

_ Sogra é como cerveja gelada, só é boa gelada e rodeada de amigos.

_ Passarinho que anda com morcego dorme de ponta-cabeça.

_ Pobre só come carne quando morde a língua.

_ A beleza está à flor da pele, mas a feiúra vai até o osso.

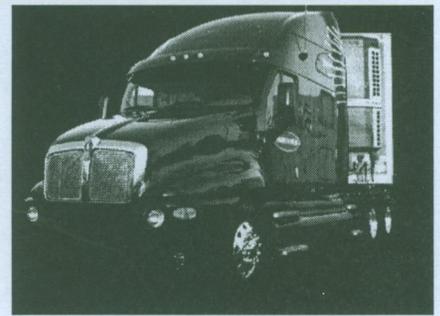
_ Ame o que é feio, porque a feiúra só aumenta.

_ Chifre não existe. isso é coisa que puseram na sua cabeça.

_ Macho que é macho não engole sapo, come perereca.

_ Eu sempre me importei com a beleza interior da mulher, uma vez dentro...beleza!

_ Alegria de poste é estar no mato sem cachorro.



_ Eduque as crianças e não será preciso punir os homens.

_ Em casa minha mulher é o governo; minha sogra, o ministro da defesa e eu o ministro da despesa.

_ Em casa que mulher manda até o galo canta fino.

_ Em poço que tem piranha macaco bebe água de canudinho.

_ Escreveu, não leu? Então é burro.

_ Eu sou U 1000 D.

_ Farol alto na cara é como mulher gritando no ouvido.

_ Mulher de estrada e freio de mão...só na emergência.

_ Homem é como basculante: quando velho, não levanta mais.

_ Mulher é como índio: pinta-se quando quer briga.

_ Não sou detetive mas só ando na pista.

_ Não sou notícia ruim, mas ando muito depressa.

_ Não sou orquestra, mas vivo no concerto.

_ Nas curvas da vida, entre devagar.

_ O bom não é ser importante: o importante é ser bom.

_ O prazer dá o que a sabedoria promete.

_ Para que um olho não invejasse o outro, Deus colocou o nariz no meio.

- _ Pobre é igual a disco de embreagem: quanto mais trabalha, mais liso fica.
- _ Por que ficar de braços cruzados se o maior homem morreu de braços abertos.
- _ Prefiro ser um pai quadrado do que ver minha filha redonda.
- _ Quando teu indicador aponta para teu irmão há sempre três dedos apontados para ti.
- _ Quem ama a rosa suporta os espinhos.
- _ Quem anda apressado passa por cima do que precisa.
- _ Quem inventou o trabalho não tinha o que fazer.
- _ Rico tem veia poética: pobre tem varizes.
- _ Seja dono de sua boca para não ser escravo de suas palavras.
- _ Ser canhoto é fácil; difícil é ser direito.
- _ Um falso amigo é um inimigo secreto.
- _ Você prefere duas mulheres ou uma mulher e 1/4?
- _ Sogro rico é porco gordo, só dá lucro depois de morto.
- _ Sou um eu a procura de um tu para sermos nós.
- _ Sou pobre e feliz: uma das duas é mentira.
- _ Tentei enganar o diabo, ele nem percebeu; fui enganar a mulher, o enganado fui eu!
- _ Mulher é como lona de freio: só é boa encostada.
- _ Mulher é como toalha; quanto mais enxuta, melhor.
- _ Mulher é igual alça de caixão: quando um larga vem outro e põe a mão.
- _ Palpite, só na loteria.
- _ Não pise em alguém quando estiver subindo; pode encontrar quando estiver descendo.
- _ Acredita em reencarnação? Me dê R\$ 5.000,00 e eu lhe pago na próxima.
- _ FIAT: Família de Italianos Atrapalhando o Trânsito.
- _ Um exemplo de solidão é ter manteiga e não ter pão!
- _ Beleza é profunda, a feiura se vê logo.
- _ Hoje vi chorando quem um dia ria de mim.
- _ A vida é cruel desde cedo - por isso inventaram o despertador.
- _ Tropece em seu orgulho e caia nos meus braços.
- _ Dinheiro não traz felicidade, mas quando ele acaba leva ela embora!
- _ Eu não acredito em bruxas - elas mentem muito!
- _ A luz no fim do túnel pode ser a de um trem vindo em sentido contrário.
- _ Faça mesmo chorando o que você prometeu sorrindo.
- _ Quem cala consente - ou é mudo.
- _ Nunca tive problemas com drogas - só com a Polícia!
- _ Desta vez votem nas putas. Os filhos delas não resolvem nada!
- _ O Brasil está em nossas mãos, e não adianta lavar!
- _ Quem planta maconha colhe cana.
- _ O trabalho em equipe permite colocar a culpa no outro.
- _ FIAT = Fui Idiota, Agora é Tarde.
- _ Não existem estranhos - apenas amigos que ainda não se conhecem!
- _ No avião, o medo é passageiro!
- _ Até um idiota passa por sábio quando fica calado.
- _ O Brasil não tem imagem no exterior - tem retrato falado!
- _ A esperança e a sogra são sempre as últimas a morrer!
- _ Devagar se vai longe. Rápido também, só que mais depressa!
- _ Mulher pequena é o ideal: dos males, o menor.
- _ Não durma no ponto, principalmente se for em Brasília!
- _ 1º de Abril. Dia nacional do político brasileiro.
- _ Champanhe de pobre é Sonrisal.
- _ A mulher do nosso amigo é como bota de quartel: também marcha.
- _ Crianças no banco traseiro causam acidentes. Acidentes no banco traseiro causam crianças.
- _ Depois da tempestade... o trânsito pára!
- _ Devagar... se chega atrasado.
- _ Devo, não pago, nego enquanto puder.
- _ Mulher é igual chuchu. Quando passa a cerca, o vizinho come.
- _ É dando que se ganha má fama.
- _ Levantei pensando em você, não almocei pensando em você, não dormi porque estava com fome.
- _ O salário-mínimo deveria se chamar gorjeta máxima.
- _ Quando um não quer... o outro insiste!
- _ Se os homens são todos iguais, por que as mulheres escolhem tanto?
- _ Mulher é igual agulha. Volta e meia, perde a linha.
- _ Sou realista, por isso não enfrento a realidade.
- _ Viva cada dia como se fosse o último... um dia você acerta.

SETE CAUSOS DO DIABO

FRANCISCO GABRIEL JUNQUEIRA MACHIONE
DEPARTAMENTO DE FOLCLORE - OLÍMPIA/SP

O diabo, visto em nossa cultura, é o mesmo diabo europeu: assustador, simulador, e sempre pronto, através de enganos e tentações, de promessas de riquezas e poder, a levar o homem à perdição e ao pecado. Ele pode se transformar em bode, porco, mosca ou morcego. Nos desafios, os cantadores sempre vencem o demônio, porque cantam canções de força maior, como exorcismo, a exemplo de ladainhas, ofícios de Nossa Senhora, *Magnificat*.

O demônio brasileiro é, portanto, a personificação da maldade, constante tentação para o mal, inverso do bem, o contrário do direito. No interior, o diabo leva vários apelidos, entre outros, de: cão, pé preto, bode, capa verde, capa preta, seu sete, gato preto, malino, maligno, tihoso, capeta, maioral, dianho. E esta lista seguiria por várias páginas, se tentássemos completá-la.

O diabo negro, magro, chifruado, com rabo, é ainda o tradicional. O diabo europeu não pode tomar a forma de animais abençoados: boi, jumento, ovelha, galo, ligados ao nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo. Foge dos cruzeiros, sinal da cruz, água benta. Prefere conversar com seus devotos, à meia-noite, nas encruzilhadas. As histórias do diabo, tentações e logros, diz Câmara Cascudo, são na mais alta percentagem, vindas de Portugal,



variantes e adaptações ocorridas aqui quanto aos costumes. Felizmente, na literatura, o diabo é sempre ou quase personagem logrado.

Existem várias interpretações sobre a etimologia da palavra: uns lembram a possibilidade de ser uma corruptela de *Dianus* (Janus) ou *Diana* (Jana). Alguns alegam ser a palavra oriunda do galaico *diañu* ou do grego *diabolus*, vertido para o latim, *diabolum* (caluniador).

Outros dizem ser a palavra derivada de *Dea*, convertida a *Deabus* (dos deuses) e que a Igreja Católica impregnou o personagem, dando-lhe o cunho infernal, o que primitivamente significava provindo do sobrenatural.

Capeta seria a elisão das duas palavras capa preta. A palavra demônio, no politeísmo grego, tanto significava entidade protetora como maléfica.

Mas o nosso diabo, tanto urbano como sertanejo, adaptado aqui, ganhou modos, jeito e fisionomia típicas. Assim, em tantas histórias colhidas em nossa região, constatamos ser o cavalo o animal preferido do diabo. A mula, também faz parte de seus pertences. Todos os animais no Brasil podem personificar o diabo, sem exceção. Isso contraria a tradição européia, mormente a portuguesa. O diabo brasileiro é muito mais poderoso e versátil que o seu antepassado europeu, trazido para o Novo Mundo.

Apenas nos limitaremos a narrar algumas aventuras e histórias dele no norte paulista, na época do ciclo pecuário.

Américo Viriato

Américo Viriato, morador em Barretos/SP, foi um renomado contador de causos. Peão da época das comitivas, trançador, buzineiro, berranteiro, homem dos sete instrumentos nas lides de gado, no tempo que tocar viola, versejar e laçar uma rês tresmalhada pelo cerradão encoivarado, fechado de moitas gigantescas de gravatás e arranha-gatos, era parte do ofício da

faina diária dos peões campeiros.

Um de seus causos versando sobre o “coisa ruim”, ambientado em frege, é o do “Baile dos Três Sustos”.

Baile dos Três Sustos ou Goiaca do Vira-Mundo

O “Bico do Pavão”, em Barretos/SP, era um bairro alegre do mulhério, esquadro dos bolsos enricados dos peões, riqueza efêmera, de entrada e saída tão transitória quanto o espírito nômade, aventureiro, daqueles homens. Ganhavam mundão de dinheiro comendo poeira nos estradões, encaixados em lombo de montaria, tangendo boiadões de milhares de cabeças; nas águas, encharcados até os ossos na friagem ininterrupta das longas chuvaradas repetidas na constância das invernadas do tempo.

Mas eram assim mesmo. Ganhavam para gastar. Muitos, neste ambiente de agrestia, de gestos desabridos a qualquer momento, morriam por querelas de somenos, brigas bobas, sem pé nem cabeça. A maioria só partia quando o peso das algibeiras mostrava leveza de pluma, e sem vintém, nem carinho de ninguém. Voltavam então ao desafio do trabalho áspero, das canseiras a trote de mula ou burro, estrolejando guasca, estropeando a couro e a grito as extensas manadas de reses à sua responsabilidade e de seus companheiros.

A coisa aconteceu numa casa de pensão de damas, num recanteado de esquina, perto da Igreja do Rosário, lá pelos entrados dos anos vinte do século passado. Lá enguardava vida, recém-chegada de sua terra, uma moça goiana, vistosa e envergada como ela só. Ela gostava, quando a freguesia se esmorecia nos ânimos, de pontear viola, ensimesmada na saudade de

onde viera e sua predileção era dar nos dedos uma boa coçada nas cordas, numa tangência dolorosa nas lembranças, ou um bom repinicado. Mas o que encantava e se fazia encantar era quando executava Sarandi. A dança de roda formava os pares firmes cada um no seu posto. O perigo era o “ladrão” de dança. Este cavalheiro postado no meio da roda tocava as damas alheias. Começava a dança, a quadrinha cantada, o fecho de dois versos e a troca de pares. A goiana era um fenômeno no dedilhado, rasqueado, nas coçadas rápidas nas cordas da viola ou nos ponteios dolentes, lânguidos. Tocava como ninguém.

Uma noite botou gente na sala grande, encheu os cantos, armou a animação. A coisa foi “prô o zaís traís” ainda mais que a peonada da comitiva do Tunin Osório estava de chegança das tangências abaladas de mais de mês pelos confins dos sertões mineiros.

Pagamento recebido, dinheirama à beça. Os homens, depois de instalados nas pensões baratas, costaneiras da Estação da Estrada de Ferro, bem banhados, cabelo e barba sumidos, tosados e raspados pela perícia dos barbeiros das imediações, agora estavam prontos para os entreveros da noite e da fome da carne.

Chegaram em peloto, um magotão de dúzia, papeando alto para espantar acanhamento. Refestelaram-se na sala, enfiados em conversa, proezas e cervejas. Mulherada disposta, cada uma tratando de ser selecionada por alguém no ganha pão da vida difícil. A goiana, violando animada o festejo do sarandi. Roda formada e vai animação para quem tem!

Então, chegou um cavalheiro bem apessoado, tralha de roupa

esmerada, terno preto de alpaca boa, chapéu copa alta, sapatos, tudo entoando na mesma cor. Só a camisa branca destacava-se de todo o conjunto, cortada ao meio, por um gravatão mais vermelho que sangue esvaído na hora. A capa enorme, que chegou portando, pendurou, num gancho do porta-chapéu, no canto. Só não abriu mão do chapéu. Continuou com ele na cabeça. Pediu bebida, na sala menor. Bebericou um goles de cerveja, mandou vir mais algumas garrafas de permeio e, pródigo, ofereceu copos cheios aos mais próximos.

Mandou trazer a quem quisesse mais. O homem estava fornido nos bolsos de notas graúdas. Depois, na segunda rodada da música, que com sua chegada havia sido interrompida, recomeçou. O homem, instado, aceitou convite. Topou entrar na roda como “ladrão”. A viola tiniu, os pares começaram o movimento do rodeio. A goiana cantou:

*Eu dançando o sarandi
Vamos todos sarandá
Vamos dar a meia volta
Meia volta vamos dar,
E no fim da meia volta
Os cavaieros trocam o par*

Quando começou a seqüência de troca, foi um susto e um arrepio geral. O homem do chapéu saltou do canto da sala para o outro como se gigantescas molas tivesse nos pés. Aquilo não foi pulo, foi vôo de passarinho domesticado com salto de gato preto agourento. Tomou a dama do Tônimo Criôlo. Depois disso ficou com a moça até o raiar do dia. Não houve ladrão melhor que conseguisse sarandá a troca. O chapeludo parecia que tinha azougue no corpo e foguete nos pés.

A partir daí, toda sexta-feira

o sujeito virou freguês obrigatório da casa da dona Mariquinha. Sempre a mesma coisa. Entrava de “ladrão”, vazava para onde queria no vôo, pegava dama escolhida, apartada e dançava noitão, madrugada, sem cansar. Todo mundo, com as pernas estouradas, desânimo por canseira e o homem firme, a boca espichada de banda um sorriso, às vezes, um “Quá, Quá, Quá”, engrolado de gargalhada de garganta ensebada de saburro de fumo.

A coisa andou assim, até o dia em que o Zé Simplício, sanfoneiro velho, mais erado ainda na experiência e malícia da vida, caboclo viajado pelos tantos cantos do interior, lembrou-se de um fato semelhante acontecido muitos anos antes numa currutela mineira. Conversou com dona Mariquinha. Assuntou o troço, recebeu aceite na opinião. Na sexta-feira seguinte, o sarandi estava estrugido de animação. Iam começar a dança. O estranho enchapelado, como sempre, estava pagando pinga, cerveja, risadeando, botando banca de abonado, na sua simpatia farturenta.

Retiniu a viola, os pares se agruparam, verso vai, verso vem, veio a hora da troca. A dama escolhida pelo estranho, como todas as outras, estava preparada para ser roubada. Quando o homem viu o crucifixo em seu pescoço, desviou o olhar, fitou outra, entortou a cara, tentou mais uma e sempre quando olhava no colo da dama, lá estava preso ao pescoço por uma correntinha, o crucifixo. Viu de vez a armadilha sagrada, impossível de vencer, em que caíra.

Num grito medonho, lancinante, explodiu num estrondo que abalou o quarteirão inteiro, deixando no ar uma catanga de enxofre nauseabunda, penetrante. Era ele mesmo, o capeta, que

desaparecera no estouro. Todo mundo ficou abalado, principalmente as mulheres, que ele escolhera nos bailes anteriores, para o aconchego da dança e o rela-rela dos abraços.

Passadas semanas, a coisa perdeu lembrança, esquecimento esmaeceu o temor. Os protagonistas, cada um, envolvido em seus próprios problemas, não pensavam mais no acontecido. A vida continuou seu curso. Uma sexta-feira, noite escura, chegou lá na casa um sujeitão magruço, varapau de bom tamanho, pele cor de cabaça, de tom amarelo empoeirado. Pagou bebida para todo mundo, agradou a mulherada, entrou no sarandi e aconteceu a mesmíssima coisa.

O homem era doutro rebolado. Pulava saltos de muitos metros, pescava dama de outro canto da sala e deixava a homaiada de cara de banda. Viu os crucifixos das moças e até beijou um deles em sinal de respeito. Dona Mariquinha não perdeu tempo. Foi cedinho à casa de Sá Barbina, negra velha tinhosa, benzedeira e rezadeira. No relance dos olhos conhecia traição, lealdade dos homens, como farejava patranhas de coisas do outro mundo.

Explicado o fato, o acontecido anterior, Sá Barbina vaticinou tintim por tintim o que achava e garantiu: - esse aí - falou - num é capeta nem demônio, não. Num tem medo de crucifis, é certo qui é assombrado. Até gosta dais cruís, pédi proteção a Nosso Sinhô Jesus Cristo. O jeito é botá um doente na sala. Isso vai fazê ele vortá de arripio d’onde veio.

Dona Mariquinha atendeu a instrução. Fez tudinho o recomendado. Arranjou um velhinho, Seu Isaías, que vivia acamado, botou ele numa poltrona grande e ele refestelado no seu lugar, ela no seu canto, esperaram o resultado. Nem bem a noite

escoreceu as sombras, o visitante esperado chegou. Bebericou, bateu papo, proseou com fartura. Depois o sarandi começou animado. O tal estava chibante, vendendo alegria por todos pêlos do corpo. De repente, deu de cara com o velhinho de cara encovada, boca murcha, olhinhos remelentos. Não deu outra: saiu desesperado xingando: - “Cês me aprontaram. Só assombro são. Num assombro doente.” E a assombrado, descoberta, desmascarada sua identidade, foi-se embora aos urros.

Depois disso a paz voltou na zona do “Bico do Pavão”. Mas, passado um mês, eis que aparece na casa de Dona Mariquinha, justo quando a goiana enroscava a viola nos braços e começava a cantoria, um moço bastante simpático. Bonito, pele muito clara, terno talhado impecável, cara e maneiras de fidalgo, educadíssimo. Pediu licença, pois queria também dançar. Colocado de “ladrão”, pois o rosário de pares já a esta altura estava formado, foi um arraso na incumbência do posto. Parecia um morcego, nos saltos, no pega-dama. Deixou a sala inteira abestalhada. Ele não saltava. Flutuava igual beija-flor, caçando o doce da planta. Dançou até madrugada agonizar. Antes da claridade chegar, e espantar as sombras, pediu licença e foi-se embora. O povaréu presente borrou nas calças de medo. Já assustados com a visita do maligno, da assombrado, estavam apavorados com tudo que fosse suspeito. Mas, coisa engraçada: a pedido de dona Mariquinha, e porque gostava, o velhinho doente, Seu Isaías, estava na sala aquela noite. Passou a gostar desde então de visitar com carinho de vovô as meninas e se sentia orgulhoso com o serviço que prestava expulsando a assombrado.

As moças todas estavam de crucifixos no pescoço. Ninguém largava mais da proteção da cruz.

Bom, pensou dona Mariquinha, então não é nem uma coisa nem outra. Se não é capeta e nem assombração o que é então? Na manhã, ainda cedo, atravessou a rua e foi até a igreja do Rosário, ali pertinho, se orientar com o vigário. Ela era dona de pensão duvidosa, mulher dama, mas era temente a Deus, e como era! E, sobretudo, muito respeitosa com a figura do padre.

Foi, contou-lhe toda a seqüência do fato assustador e, do religioso, ouviu uma competente instrução: - não é do Demônio, não tem medo de cruz. Não é assombração, não teme doente. É uma alma perdida, um espírito de alguém muito jovem que morreu repentinamente e ainda não se conscientizou disso.

- Mas... padre, gaguejou Dona Mariquinha, o senhor também acredita que espírito pode voltar.

- Minha filha - o clérigo completou seu pensamento: - tudo é possível neste mundo de Deus. Estou apenas imaginando. Faça o seguinte: - deixe o homem dançar. Mas não se esqueça: Antes dele chegar, feche todas as portas e janelas. Só deixe aberta a porta de entrada. Ah, ia me esquecendo, feche também as cortinas, depois deixe a coisa ir em frente. Façam o baile varar noite e amanhecer o dia. Quando o sol sair, só então abram as portas e janelas. Deixem o sol fazer a parte dele.

Assim o padre mandou, assim fizeram a recomenda. Baile correu animado, sala cheia, comida à vontade, bebida escorrendo farta. O moço bonito chegou, agradou, topou dançar, fez suas estrepolias. Portas e janelas cerradas, cortinados também. Calorão danado de forte.

Calor de sufoco. Mas todo mundo agüentou sem reclamar. Era o único jeito de desvendar este terceiro mistério naquela casa. Quando o dia clareou o sarandi ia ainda animado, o moço nem notara a passagem do tempo. Então Dona Mariquinha acenou para dois empregados uma ordem. Quando a luz entrou por todos os cantos, viram a roupa do cavaleiro vigiado dançando sozinha, sem ninguém dentro. A dama, sem par, deu um grito e desmaiou de susto. Um peão mais corajoso gritou-lhe: - ô amigo, cê perdeu a cor, tá transparente, mais varado que vidro de vidraça e garrafa de pinga vazia. O moço olhou para as mãos, viu nada, olhou para o espelho ao canto, na parede, viu só o terno, balançando oco, mais vazio e sem utilidade que bolso de pobre. No instante seguinte todos os presentes, viram as roupas caírem, sem sustentação no assoalho. O fantasma tinha ido embora. A luz do sol espantou-o de vez, conforme orientara o padre.

Américo Viriato (Amércão) contava que estava lá naquele dia. Peão de peito aberto e costas largas, medo para ele era coisa de chibungo, nunca tivera, nem sabia o seu significado. Quando contava a estória arrepiava-se: - cruiz credo sô, o homem sumiu como some fumaça de cigarro, e não me contaram não, eu vi. Vi c'esses oio que vão murchá no caxão...

Amércão puxava fumaça no pamonhão engordado de fumo, ponta do pito braseando vivo e só depois de um tempo cismando no aconchego das tragadas, falava: - cabô nada!

E continuava: "Uma noite o frege forte e a goianona, ponteando corda mais ligeira que escoiceado de égua nova, fazendo a viola gemer mais que suspiro no peito de quem qué bem, quando de repente, todo

mundo viu...

Todo mundo viu, atrás da goiana um sombrão. Depois sumiu. Dona Mariquinha ficou assustando um troço esquisito: quando a goiana tocava, dava uma danada duma sapituca de arrasta-pé, em todo mundo, requebra corpo, ninguém parava de dançá, mesmo querendo... coisa estranha era aquela.

A dona da casa encheu o saco de tantas "traficâncias e ingrongas" de coisa d'outro mundo. Uma manhãzinha atravessou a rua e foi novamente à igreja trocar um dedo de papo com o vigário. O padre escutou, ficou impressionado. Resolveu dar um pulo até a casa da dona Mariquinha.

Foi. Mas qual o quê?! Quando chegaram na pensão, que nada e cadê da goiana. As outras mulheres contaram que ela havia arrumado a trouxa e ido embora na garupa de uma mula mais preta que carvão do inferno. O desconhecido que montava o animal, da cara e roupa que vestia, ninguém se lembrava.

- Vai vê que o medo fez o esquecimento".

E Amércão gargalhava, no começo, como um chuvisco tamborilando telhado, depois um som de cascata forte saltando de garganta até virar estrondo de cachoeira, deixando quem estivesse ali perto, meio surdo.

Quando a gente perguntava o que achava que seria a tal goiana, ele aumentava a dose de mistério, dizendo, olhando de rabo de olho para os lados, como que com medo de ser ouvido: - sei lá, no mundo tem coisa que nem Deus sabe explicar.

E continuava roletando o pito grosso com a língua e dentes, mascando o tarugão de fumo com a parcimônia de um boi velho indolente.

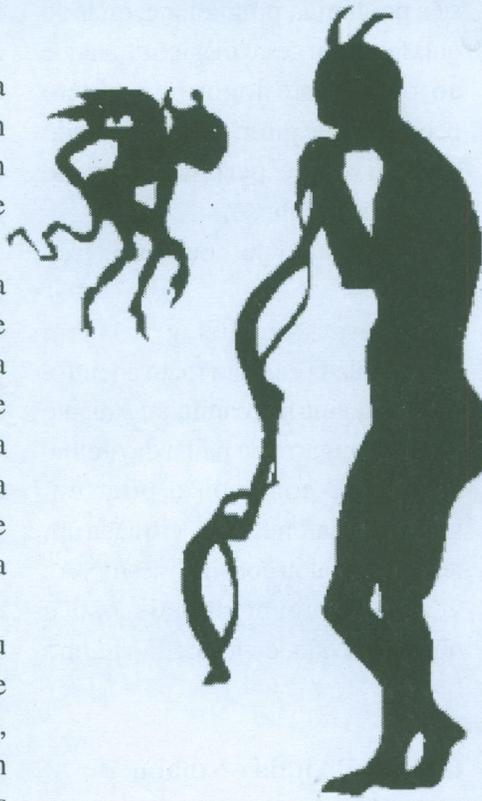
O cavalo do diabo

Era um cavalão preto, lindo, a cor até alumiaava no sol, tralhado com arreata preciosa, chapeada e em botões de prata de lei, sola de primeira.

Esse cavalo, o diabo havia furtado ainda potro, ensinara-lhe todas as habilidades dignas de uma boa montaria e agora fazia uso dele como tentação para testar a dignidade humana. Deixou-o à beira de uma estrada, solto. Fez-se invisível e ficou à espreita, de tocaia para ver o que sucederia.

A primeira pessoa que passou por ali foi um bêbado. Bêbado e mendigo. Olhou, olhou o animal, estupendo, inveja para qualquer um sonhar possuidor, pensou. Depois decidiu-se: o cavalo está sozinho, mas não pego ele não. Pobre como sou, o primeiro que me vê montado nele vai gritar que sou ladrão. Depois encachado como estou, qual dos cinco cavalos que estou vendo é o verdadeiro? Disse isso e foi embora, vencendo a tentação pelo bom senso. O diabo ficou bravo na sua invisibilidade. Passou pouco depois uma lavadeira, com uma enorme trouxa na cabeça, de roupas. Desviou do cavalo, nem prestou atenção e foi cumprir sua obrigação na beira do córrego.

Passou depois um homem rico, muito bem vestido, num cavalo branco. Pensou: este cavalo está perdido. Vou pegá-lo. Se o dono aparecer, devolvo-o, e ainda cobro pasto. Se não, vai ficando na minha fazenda, mais um para o meu plantel. Desceu do seu cavalo e montou no cavalo preto. Este pulou como um danando, o homem acabou caindo num gravatazeiro e machucou-se todo. O seu cavalo branco, por sua vez, apavorou-se e deixou-o a pé todo rasgado e machucado. O



capeta rolou de tanto rir onde estava escondido.

Veio depois uma velhinha magrinha, apoiada numa bengala, com um menino. Era uma respeitada e conhecida benzedeira que morava ali perto. Pressentindo a presença do maligno naquele animal, fez o sinal da cruz, orou com fervor, esconjurou-o. O cavalo ficou quieto, o diabo enfiou-se no mato com medo das orações. O menino olhou o belo animal, admirou-o e disse: - um dia vou montar um destes cavalos de raça. A velha acrescentou precavida: louvado seja Nosso Sinhô Jesus Cristo.

O diabo, cansado, mais tarde, pegou seu cavalo e foi-se embora, por muitos longos anos, nunca mais voltou ali. Vinte e um anos depois ($3 \times 7 = 21$) o capeta repetiu a mesma armadilha, no mesmo lugar daquela estrada. Deixou o cavalo arreado no caminho e ficou à espreita, invisível. O mendigo bêbado não apareceu. Este a pinga havia matado. A lavadeira, velhinha em casa, já não mais saía por causa do reumatismo

adquirido de tanto lavar roupa. Suas mãos estavam deformadas pela artrite. O homem rico, com suas falcatruas, malandrags, ficou pobre e morreu desgostoso. A velhinha benzedeira já há muito havia entregue sua santa alma a Deus.

Muito tempo depois, vinha um peão numa mula estropiada, muito velha, cansada que mal sustinha o cavaleiro. O capeta fez-se visível. Apresentou seu cavalão bem trabalhado ao peão. Desafiou-o a montá-lo. Propôs nada em troca. Apenas se não caísse, o cavalo seria seu. O peão desarreou a mula velha, soltou-a no pasto, tanta certeza tinha que dominaria o cavalo do diabo. Cabresteou-o, desarreou-o, botou seu arreio velho, depois montou-o. O cavalo ficou dócil, calmo, obedecendo as rédeas e o mando que o cavalheiro lhe impunha. O capeta, estupefacto, perguntou ao peão: - como conseguiu montar no meu cavalo, o cavalo do diabo?

O peão respondeu rindo, rindo muito. Você encontrou aqui uma lavadeira há 21 anos, ela é minha mãe. Mulher corajosa criou todos os filhos. Depois você encontrou um rico ganancioso. Ele viu o cavalo, cobiçou-o e acabou machucado. Caiu na sua tentação. Era patrão de minha família. Acabou quebrado, falido e contou a estória para minha avó. Depois veio uma velhinha. Você não conseguiu nada com ela. Sabe por quê? Porque ela tinha dentro do seu coração uma arma invencível, um fogo sagrado que até você treme de medo diante dele: a fé. Foi minha avó que me ensinou o poder da crença em Deus. Era benzedeira e rezadeira das boas. Seu cavalo dominei, graças à minha coragem e minhas orações. Em seguida, o moço esporeou o cavalo e foi seguindo caminho. O capeta, muito confuso, gritou-lhe: - mas você se esqueceu de mencionar

um, daquele dia, há 21 anos atrás: o bêbado.

O moço estacou o cavalo, virou-se novamente para trás e encarou o demônio: - você acha que um, daquele dia, foi esquecido? Vamos contar: a velha, a lavadeira, o menino com a velha e o bêbado. Você acha que um, daquele dia, foi esquecido? Vamos recontar: a velha, a lavadeira, o menino com a velha e o bêbado.

_ O menino e o bêbado eu havia me esquecido, falou o diabo.

_ O bêbado que não quis roubar o seu cavalo encapetado, era meu pai. Morreu bebendo. Você salvou sua alma, sem querer, botando tentação naquele dia. Ele resistiu à tentação, não furtou, e por isso morreu no vício, mas morreu com Deus. E me contou a tentação.

_ Mas, ainda falta um, falou pensando em voz alta, o diabo desconfiado.

_ Quem?

_ O menino. O menino que estava com a velha benzedeira?

_ Aquele menino era eu – respondeu o peão sorrindo. Com minha avó aprendi que para vencer o mal só tendo muita fé em Deus e nos Santos Protetores. Para montá seu cavalo estou protegido com o Santo Manto de Nossa Senhora Aparecida, protetora dos cavaleiros. Invoquei proteção para São Sebastião, Santo dos Peões. Por isso o cavalo não pulou. Agora é meu.

_ Mas você não tem medo nenhum de mim? – o capeta perguntou.

_ Tenho nada. E sabe por quê? Porque sou peão. Sou gente dos três idos.

_ O quê? Três idos? – o diabo perguntou: - que é isto?

_ As três coisas que todo peão tem - respondeu o cavaleiro, numa gargalhada gostosa: atrevido, destemido e sabido. O Diabo danou-

se a praguejar, praguejar e, quando quis fazer um gesto mágico de ataque ao outro; este jogou um objeto pequeno, que girou no ar, foi caindo e encaixou-se perfeitamente no pescoço do tinho.

_ Vê se tira do pescoço este terço bento.

O capeta saiu aos gritos em desembalada carreira mato adentro. O peão seguiu seu caminho. Adiante tirou um cigarro de palha da orelha, acendeu e começou a pitar em saborosas baforadas: - vício cada um tem o seu, falou consigo mesmo. Às vezes, coragem demais não é qualidade não, é vício. Êta vizinho bão.

O Peão d'Ajuda e o diabo

Existe uma lenda no norte paulista, de um peão que caçoava de São Pedro em dia de tempestade. Foi morto por um raio e sua sina eterna é acudir estouro de boiadas, sob qualquer circunstância. Muitas estórias nasceram deste personagem lendário, do ciclo da pecuária do norte paulista. Chamado por uns como Peão do Raio, por outros como Peão d'Ajuda, Peão Amigo, Peão de São Pedro, Peão da Providência.

Toda vez que ocorria um estouro de gado nos corredores boiadeiros, os peões invocavam-no para socorrê-lo e garantiam que o socorro invisível vinha e os que nele acreditavam, viam-no. Para isso bastava ter fé. Muitas vezes, nessas ocasiões, o Peão de São Pedro, lutou contra diabo e sua mula, que tentavam de todo jeito e modo, por todas as artimanhas botar o gado a perder caminho, em debandadas loucas, durante as grandes jornadas.

Esta é uma de suas estórias:

Um homem vinha pela estrada que punha termo na entrada da

fazenda "Quebra Cuia". Parecia cansado. Boca da noite, já escurecia os contornos das coisas, as sombras alongavam-se, cresciam, e a escuridão prenunciava chegada e, com ela, seus mistérios.

De quando em quando, a mula resfolegava, pachorrenta, o cavaleiro parecia acordar nos pensamentos distraídos, bambeava as rédeas, coçava nas esporas, o vazio de seus flancos. Ela, cutilada, entendia e obedecia. O cavaleiro era velho, rosto murcho, qual fruta refogada ao sol, pele macilenta, olhar perdido na lonjura do sem-fim, além da luz dos olhos. Arreata boa ele vinha encimado. Um cutiano Lazzarino chapeado à alpaca na fronteira e cós, pelegão encorpado, felpudo, engrossado na badana de pele de mateiro, macio como veludo. Freio bom "água-choca", rédeas espinhentas, trançadas à crina, chapéu de abão e copa larga, preto, baixado na testa.

Passava no estradão a boiada de Chico Juca. Mais de duas mil cabeças. Cabeceira gorda de rachar, boiada mais que boa, caixuda no cálculo de dezoito arrobas estimada a beijo e olhar experiente do dono. Na avaliação de gado no peso, o homem tinha balança na vista.

O gado foi passando lento. Peonada empurrando a gadaria, estugando com jeito, seccionadas as talhas de cerca de duzentas cabeças cada uma, divisão bem feita, estabelecida para melhor controle das reses. Berranteiro, por vezes, levantava bocal do chifre semi-espiralado, reunido em seções com braçadeiras de chifre e couro, enroscado no corpo, pendente a correia forte e soltava o canto sonolento, gemido longo de chamada e atendimento que a boiada toda escutava e obedecia.

Uma chavinha de miudeza

começava a cair na calmaria do tempo enfuscado. Depois, apertou um pouco. De chuvisco, veio a pancada forte. De repente, uma faísca zimbrou num traço fulgente vívido. O baque do raio e o estrondo do trovão vieram quase simultâneos.

Um dos peões ponteiros caiu no embaraço, um boi fumaça desembestou, estourou a cerca e alongou-se no cerrado sujo. Todo gado, pêlo arrepiado pela friagem da água caída, molhado, começou a inquietar-se. O boi fumaça, alongado, adentrou na mataria, num desespero inabalável. Outro peão emendou caminho atrás, tentando lançá-lo, mas a rês sumiu no abrigo do capoeirão intrincado.

Foi a conta. Pela primeira talha, depois na próxima e assim sucessivamente, correu um assombro, coisa de medo e decisão, sensação intuitiva de seguir a tresmalhada. Nesse momento cruzou o meio da boiada uma mula preta zurrando, montado por um peão metido num capotão mais escuro que a noite, estralando longa jibóia de couro trançado.

A besta e seu condutor aos urros e estralos de chicote esparramaram os bois ante os peões atônitos. E o estouro da boiada avalanchou num estrondo, num trepidar forte, surdo, poderoso, de milhares de cascos à busca de uma vazão de rumo incerto, irresistível. E acometeram a cerca já vazada. Alargaram a brecha, derrubaram mais paus, arrebutaram lances de arame farpado, rasgando couro, grampos soltando na pressão da força reunida, titânica, da passagem do gado desesperado. Já estava escuro. Já houvera atraso na chegada ao pouso. Agora o desastre. Ninguém viu direito o autor da confusão. Só Zé Maria, que ponteava em adiantado da boiada viu

passar a mula, o peão e agora estralando a guasca longa, como uma serpente maldita, botava em desnorteio a boiada inteira, traçava rumo incerto para as reses ensandecidas.

“_ Gado enloucado só quebra vontade quando pára no inferno”, resmungava Tião Leréia, tentando rebater os magotes de bois revolteando aos pinchos e saltos. E seguiam no lusco-fusco, entrechocando corpos, espremendo-se, comprimidos, torturando carnes, se espreado pelas veredas do mato em longas estrias vivas, sempre infrenes, no desassossego da corrida.

A escuridão chegava. Tião Martelo ouviu o grito. Ele foi o primeiro a ouvi-lo. Depois, ressoando forte, másculo, reboou por toda a extensão do desastre. Meia boiada já estava perdida, enrustida no cerradão, nessas alturas. E o grito começava, como um gemido gutural e agourento ia crescendo, crescendo até às semelhanças de um estrondar de tempestade chegando. E começou a correr aqui e ali um peão estranho gritando ajuda a São Pedro, rezando a todos os santos dos domínios celestes.

Enquanto rezava, o laço a mão direita, enrodilhado agitava, rebatia caminho de alguns bois aqui, tangia outros ali, comboiava de volta mais outros acolá. Tião Martelo ouviu e Zé Leréia também, quando o peão do laço passou perto do peão da mula preta e gritou-lhe: - Vai daqui em nome de Deus, “tinioso”, sem eira, nem morada. Com Deus e todos os Santos te esconjuro e sua montaria dos infernos. Tião Martelo garantia que das ventas da mula saíam tufos de fumaça e fogo. No terceiro grito do Peão do Laço, o Peão da Mula Preta, explodiu num ribombo, cheirando a enxofre.

Daquele momento em diante, tudo se acalmou. A peonada, galvanizada pelo exemplo do estranho, rezando fervorosa por todos os santos padroeiros, carregou rápida pelos flancos do gado, agora dócil, norteou seu retorno gradativo e com poucos gritos, chocoalhar de pico de ferrão, estralados de piola, restabeleceram gradativamente o controle da situação.

Naquela balbúrdia de poeira, sons atropelados, ouviam-se claramente brados de alguém que sabia como lidar com a força maligna que se infiltrara no ambiente. Eram ordens e apelos que a boiada parecia entender. Por Nosso Sinhô... por Nossa Senhora.. por São Pedro.

O Toninho Comissário lembrou-se da lenda e gritou: - acode Pedrão do Raio, acode Peão de São Pedro, acode Peão Abençoado...

O gado rebatido, atacado por todos os cantos pelos homens da comitiva, uns de ferrões, outros de jibóias estraladeiras, na guasca e no pontaço, pedindo auxílio aos céus e aos seus padroeiros, foram acertando o retorno do gado na estrada, endireitando o seu rumo, apadrinhando os mais rebeldes pelos cantos.

Lá na ponta, o berranteiro desabafou suas notas de bonomia acalmando os últimos bois ressabiados.

_ Quem, quem se enfiou no meio do gado e aprontou aquela quizumba toda, fez o gado estourar? – perguntou Tonin, chefe da peonada.

_ Já se viu o disgramento naquela mula preta, botou toda aquela confusão pra nós – emendou o João Lacraia. Mas também quem foi que botou o lazarento pra correr e refestelou a gadaria toda de volta aos eixos, comboiando a bicharada toda de volta?, completou,

questionando.

Luís Mineiro veio, emparelhou sua mula pêlo-de-rato no burro ruão do patrão, suspirou fundo e criou coragem na fala: - foi o Pedrão do Raio, Sô Tonin. Foi ele. Pode me chamá de loroteiro, mas eu vi. Ah! Se vi. Vi mesmo! Foi o Pedro, o Peão d' Ajuda, que socorre comitiva em dificuldade.

_ Foi ele mesmo - João Lacraia se achegava e concordou - é só rogá prêle logo na estourada dos bois que ajuda vem...

_ Eu até concordo - Toninho comissário, sorrindo, confirmou a versão dos dois.

Mais dois peões se juntaram ao grupo: Zé Paulo e Ronqueira: - eu vi o home chuchá fogo na cara de muito boi. Ele e aquela excomungada da sua mula. Foi ele que botô a confusão toda em riba de nós - falou o primeiro.

A boiada agora recanteada, apascentara-se nos ânimos.

_ Foi ele, foi ele - Zé Mário chegou sem chapéu, perdido ainda na emoção do gado escapado, e dizia, gaguejando, com cara espantada, sem cor, apenas com o suor e a poeira, dando-lhe um tom de cara cozida.

_ Foi ele... passei pertinho do burrão dele, cabocô esperto, chegô in antes, só pra ajudá a gente. E botô pra longe o capeta e sua mula que veio fazê a desgraça - Zé Mineiro falou fazendo o sinal da cruz.

O comissário da comitiva tirou o chapelão da cabeça, secou o suor que embicava testa abaixo com o lenço vermelho de bolinhas brancas e, pensativo, agradeceu: "Pedrão Amigo, Peão do Raio, Peão d' Ajuda, Peão da Sina, Peão de Deus, Peão de São Pedro, Peão da Providência - sei lá como chamar esse santo. Só ofereço de coração para você em agradecimento, esta

oração, e obrigado por nos salvar na justa hora de necessidade. Deus te dê descanso, amigo e colega santificado, louvado seja. Louvado seja. Os peões, à roda, em coro, endossaram a recomenda. O resto dos homens já iam adiantados na estrada, boiada refeita, seguindo como um cordão vivo a sinuosidade do estradão boiadeiro, unidos como um único ser gigantesco, obediente à caminho do seu destino.

Bem para trás, um vulto, em sua montaria, contemplava o céu, e as estrelas, que iam uma a uma acendendo novas luzes na imensidão. O estradão deserto, empoeirado, deixava uma réstia de mistério e prodígio na recordação daqueles homens. E eles iam lembrar disso, para sempre.

Arma do capeta

Um homem ia andando por uma estrada. Numa curva, onde o caminho bifurcava em outros, numa grande encruzilhada, ele encontrou com um capeta, todo de branco. Desconfiado, o homem apresentou-se. Perguntou se ele era realmente um capeta.

_ Sou um capeta, sim, senhor, respondeu o personagem parado na encruzilhada.

_ Mas, vestido de branco? - o homem duvidou - Que eu saiba capeta gosta de cores vermelha e preta. Vermelho do fogo, preta das desgraças. E você aí todo de branco, dizendo ser o diabo.

_ Claro, respondeu o capeta. Todo mundo me imagina de preto, chifres e fogo. Agora meu disfarce é usar roupa branca, soltar hálito gelado pela boca e ser bonzinho. No lugar do espeto, uso uma boa carabina. Cortei os chifres, uso-os como guampos para beber água.

_ Ah... então você ainda

gosta de fazer o mal aos outros, gosta de ferir, de matar...

_ Que nada! Minha arma - para um capeta que se preza - é encantada. Só atira flores, doces, comida para quem tem fome, remédios para os doentes, alegria para os infelizes. Vai fazendo, por onde passa, todo mundo feliz.

_ Então você regenerou-se, renegou o mal e agora abraçou o bem.

O homem, admirado, aplaudiu-o, cumprimentado-o e dando-lhe parabéns. E o capeta daquele dia em diante cumpriu o que prometeu. Saiu pelo mundo disparando com sua arma, bondade por todo lado. O resultado foi que a vida sem luta, sem esforço, sem empenho, acabou virando coisa cansativa, enfadonha, insossa.

Mas, antes de prosseguirmos, um lembrete: o homem que ia na estrada era Jesus, e, desconfiado das patranhas do capeta, estava a observá-lo. Toda a humanidade, de tantas regalias, facilidades, já começava a enjoar da vida. Uma onde de suicídios monstruosos dos insatisfeitos espalhou-se como fogo na palha seca, por todo planeta.

Jesus então resolveu intervir. Falou ao capeta: _ o que você ganha com isso, vendo tanto suicídio e desgraças?

O diabo, gargalhando, respondeu, sem saber a verdadeira identidade de seu interlocutor: - onde há completa felicidade há completo enfado; onde o homem não luta, a vida vira inferno. Portanto, fazendo isso, transferi meu reino para a terra. O inferno já está plantado entre os homens.

Jesus, num gesto, identificou-se e ordenou-lhe que parasse com sua obra criminosa. O capeta quis reagir, mas estava paralisado ante o supremo poder do filho de Deus.

Entendeu com quem estava falando. Foi obrigado a parar de distribuir facilidades enganosas ao mundo e o homem voltou a ganhar o seu pão de cada dia com o suor de seu rosto.

Foi bem a tempo, pois, se isso não acontecesse, toda a vida na terra seria inferno, sem tirar nem pôr nadinha, nadinha, pois o que vale a vida sem esforço, sem o valor da luta pela sobrevivência?

O Cavalo do Assombro (peão que montasse seria rei do mundo)

Nos velhos tempos em que as estradas boiadeiras riscavam o antigo município de Barretos, vindas de Mato Grosso, Goiás e Triângulo Mineiro, nas centenas de pousos que pontilhavam as margens daquelas artérias condutoras da grande riqueza que fez de Barretos a capital do gado, sempre havia tempo nos momentos de descanso para a peonada, à roda do fogo, comer bem, pontear a viola, chorar as sanfonas e, principalmente, estabelecer sempre uma boa animada roda de causos.

Entre a peonada, havia alguns que se destacavam em lembrar, ao lume do fogo, no calor das conversas, evocar lendas, mitos e estórias, muitas delas tenebrosas, de fim trágico e de amores perdidos, outras maravilhosas.

Uma das lendas mais divulgadas naquele tempo entre a peonada era o caso do Cavalo do Assombro. Diziam ser um animal branco, brilhante, de crinas prateadas que refulgiam à luz da lua. Mas era só alguém dele se aproximar, algum incauto tentar apanhá-lo, laçá-lo, era castigado cruelmente por sua ousadia.

O peão, extasiado por sua beleza, laçava-o. Ele permanecia quieto, deixava-se que se lhe

colocasse o cabresto, deixava-se arrear, mansamente. Peão montava. Aí o bicho se transformava. O cavalo tinha o dom de crescer. Peão em cima, cavalo aumentando de tamanho, freio e rédeas arrebentavam. Arreio, barrigueira, sobrecincha estouravam. Peão em cima. E o cavalo esticando as pernas, a cabeça, o corpo inteiro em tamanho descomunal.

Se o peão agüentasse, começavam seus pulos quilométricos. Pulava, rinchando um ronco de tempestade mais agourenta que noite escura. Muitos peões caíam despencados e morriam na queda. Os que agüentavam no lombo do bicho nunca mais foram vistos. Dizia-se que era o cavalo de São Jorge que morava na lua e vinha, de vez em quando, até cá, procurar cavaleiros para devorar. Ia comê-los lá em sua morada.

Era chamado temerariamente pelos peões de “Cavalo do Assombro”, pois quem não se assombraria com animal daquele? Outros chamavam-no cavalo de São Jorge, animal que só aquele santo dominava e que a outros seres humanos devorava na sua ferocidade.

Por isso, quando uma estrela cadente era vista, diziam os peões, que era o cavalo de São Jorge passando, indo ou vindo, e todo cuidado era pouco, e só uma oração a seu dono, fazia o animal acalmar-se em sua malvadeza:

Meu São Jorge, santo forte
Mande embora seu cavalo
Que o assombro que ele faz
Me dá medo e abalo

Cavalinho, cavalo
Cavalo forte de assombro
A Deus, peço proteção
Fico longe do seu lombo

Não houve peão algum a se manter nele montado e conseguir voltar para contar sua experiência extraordinária.

Os que escaparam, dizia-se, ficaram cegos pelo fulgor de sua imagem, outros mutilados, pela queda das alturas.

O calango da sorte

Um homem, no tempo em que pouca comida havia, achou um calango. Este era o capeta disfarçado de bicho. Estava com fome. Ia matar o bichinho para comê-lo. O calango, sabido, advertiu-o: _ Se devorar-me terá uma grande desgraça, pois quem come lagartixa, emagrece, seca e acaba morrendo. Eu sou parente delas.

O homem lembrou-se de há muito tempo atrás ter visto um cachorro que morreu seco por ter comido lagartixa. O calango continuou: _ Se você me poupar, lhe mostro num buraco uma pepita de ouro puro, enorme. Alguém a escondeu ali. Mesmo lá no fundo do buraco, o sol bate em um dos seus lados e brilha tanto quanto o sol. O homem, com o calango preso na mão, foi até onde havia o buraco. Olhou e viu lá dentro o ouro brilhando no fundo, numa refulgência estonteante.

O calango lhe disse: - não menti. Tá lá sua fortuna. Você não me comeu, em troca vai ficar rico. É só meter a mão no buraco e pegar o ouro que alguém deixou lá. O homem, ávido de cobiça, ajoelhou-se, meteu o braço no buraco e zás... levou uma picada de uma enorme caninana que descansava lá dentro. Enrodilhada ali, em sua morada, suas escamas douradas reverberavam ao sol qual peça de ouro puro. Daí resultou o engano fatal.

O homem levou a mão na garganta, a cara já inchada com a picada mortal, mas ainda teve consciência em ouvir o calango dizer cínico: _nem tudo que reluz é ouro. Se eu não mentisse, agora estaria no seu bucho. Agora você vai virar comida de urubu e eu tô vivinho da silva. Mais vale uma mentira que salva, que uma verdade que mata.

E saiu correndo pelo chão, falando para si mesmo: _casca de caninana, de longe é ouro para os olhos. E sumiu na imensidão do cerrado, esperando pela alma do morto, que logo mais estaria nas suas garras.

Os capetas pretos

Havia um bando de capetas jovens conversando numa entronca de uma encruzilhada na virada da meia-noite. Chegou o capeta, o Lúcifer de todos os reinos do mal. Um dos capetas estava preocupado. Perguntou para Lúcifer: _senhor, sabemos que somos anjos decaídos, que um dia perdemos o direito ao céu e fomos jogados no inferno. O senhor, que era o rei da luz, hoje é exatamente o contrário da claridade. É o símbolo do negrume da noite, e nas horas mortas que a escuridão domina, é que o momento de sua força, e o poder de suas maldades.

Lúcifer respondeu ao discípulo duvidado: _ Isso é apenas nas aparências. Aparências, meu caro súdito, é que os homens apreciam e caem nas tentações. Não fossem as aparências, o engodo do pode ser e não o é, o falso que parece verdadeiro, nossa missão de perturbar o sossego e a harmonia do mundo, estaria perdida. É justamente nisso o gosto de nossa vitória: a simulação. Veja bem: abandonei minhas vestes de luz, porque chamavam muito a atenção. A cor

preta é a ausência da luz. Onde não há luz, as sombras escondem melhor nossas atividades demoníacas. No negrume da noite, é quando a gente se espalha e deixa a maldade rolar à solta, botando dúvidas, desgraças e desequilíbrios nas vidas humanas.

Um outro diabo, curioso, perguntou: _ Então, mestre, é só à noite que temos força, poder, para desviar a humanidade do bom caminho?

Lúcifer, numa gargalhada estrondosa, que tremeu a terra e rachou uma montanha perto, falou: _ Qual o quê? Vocês são inocentes ainda, diabinhos jovens sobre nosso poder. Vocês ignoram que passada a noite, despimos nós, diabos mais velhos, de nossas roupas pretas e aí acontece o melhor: ficamos transparentes. A luz que emitimos é tamanha que ficamos invisíveis. Então, à luz do dia, invisíveis aos olhos dos homens e dos bichos, somos senhores para promover toda espécie de patifaria e maldade no mundo. Por isso, acho, acrescentou Lúcifer, que de dia somos até mais poderosos, pois, sem sermos vistos, praticamos toda a sorte de agravos contra a natureza, contra os homens e os animais, sem sermos notados.

Ali, pertinho, havia um grupo de lenhadores portugueses, cortando madeira. Logo que viram os diabinhos chegarem, pararam o trabalho, não foram vistos e puderam escutar a conversa toda, a chegada de Lúcifer e sua enorme arenga sobre suas artimanhas para os males do mundo. Os portugueses, lenhadores, à medida que derrubavam as árvores, marcavam a sinete as toras, numerando-as. Usavam piche, pois, a marcação a fogo trazia o perigo de incêndio na mata. Cada um levava um balde cheio de piche. Não pensaram duas vezes. Com a coragem no corpo e a fé no

coração, coisas que todos os portugueses têm de sobra, avançaram de surpresa sobre o grupo de diabinhos, com o Lúcifer sentado no meio. Cada um jogou sua lata de piche num dos demônios e uma lata inteira em Lúcifer que ficou mais preto que um pau encarvoado. Os diabos, lambrecados, saíram dali às carreiras, sem saberem donde havia saído aquela chusma de loucos, emporcalhando-os, com aquela substância viscosa e fétida.

Lá longe passaram os diabos pichados na frente de um bando de urubus. Um dos urubus comentou: _ Nossa gente está ficando crescida. Olha o tamanho destes aí correndo. Mais adiante cruzaram com um bando de bugios. O bugio chefe da capela gritou: _ Onde vocês perderam os pêlos? É a primeira vez que vejo macaco despelado.

A capetada nem respondeu e continuou correndo, tropeçando, caindo, grudando no corpo folhas, trombando em árvores, grudando pedaços de cascas, até que, sem querer, eles acabaram chegando ao mesmo lugar de onde haviam saído: o piche endureceu e ficaram cheios de folhas e cascas, parecendo árvores esquisitas.

Os lenhadores portugueses, vendo aquele arvoredo inusitado, resolveram derrubá-lo. E baixaram os machados na capetada endurecida. Cortaram tudo e fizeram um monte. Os diabos, quietos, agüentaram firmes. Os lenhadores, à noitinha, foram embora.

Aí foi um trabalho para os diabos se recomporem, cada um encontrar seus braços, cada qual se ajeitar com suas pernas e grudá-las nos corpos novamente. Eles não reagiram aos lenhadores, porque cada português, religioso como todos eles são, tinha no pescoço seu santinho padroeiro e uma pequena

cruz.

Isso imobilizou os capetas.

A noite caiu. Deus, na sua infinita bondade, condeu-se dos pobres diabos que tinham passado maus momentos, naquela ocasião. Um raio caiu do céu, abriu uma enorme brecha na terra, e toda a diabada afundou, de volta às profundezas dos infernos.

Lá embaixo, o fogo derreteu o piche e todos juraram nunca mais subir à superfície e nem enfrentar portugueses, gente destemida e fervorosa que nem diabo teme.

Uma montanha, duas grutas

Havia uma montanha muito alta, majestosa, de paredes abruptas, escarpas íngremes. Um dos seus lados, porém, era de queda suave, uma mata verdejante, de declive harmônico.

Ali, a montanha escondia o seu segredo. No meio das frondes daquela floresta luxuriante havia uma entrada de uma magnífica caverna. Mas esta caverna possuía um enigma. Tudo que nela entrava nunca mais dela saía. Do lado oposto da montanha, onde o escarpado era mais acentuado, e os paredões alcantilados desciam a prumo, mal dissimulada aparecia outra caverna. Nesta, outro mistério fazia daquela abertura motivo das mais desconstruídas conjecturas.

Mas uma coisa era certa e inexorável naquela montanha: os desígnios daquelas duas entradas da gruta. Quem entrasse na primeira sumia e a segunda entrada soltava, às vezes, sons maviosos e odores diferenciados.

Um dia, um diabo chegou à entrada da primeira gruta. Sem titubear, cômico de seus poderes, transpôs o umbral da entrada e

mergulhou no silêncio e escuridão da mesma. Outros diabos presenciaram seu ato temerário. E, curiosos, ficaram por ali esperando seu retorno.

Mas o primeiro diabo não voltou mais. No outro dia, revoando o outro lado escarpado da montanha, os outros diabos se espantaram.

Encontraram a segunda entrada da montanha. E não foram menores seus espantos quando emergiu da entrada a figura de um anjo resplandecente na pureza, asas alvas como neve, de beleza indescritível.

Extasiados, chegaram mais perto. E ouviram sair da boca do anjo a voz do primeiro diabo, o que havia entrado na abertura da montanha, no dia anterior, dizendo: _ Estão tão espantados... parece que nunca viram a cara de um diabo?

E com suas vestes imaculadas ele olhava os outros diabos sem nada entender. Só o demônio mais velho, o mais sábio de todos, no meio do grupo, entendeu o mistério e falou: _ esta montanha é feita à semelhança de um ser vivo. Tem boca que se alimenta e escoadouro que dejeta. Devora quem nela entra e assimila seus conhecimentos. Depois rejeita o que não lhe interessa. Sempre foi assim. Ontem ela engoliu um diabo, hoje excretou-o transformado em anjo. Qual a razão disso? Vocês não sabem? Pois vou lhes dizer uma verdade tão velha quanto a eternidade: é que em um anjo, bem lá dentro do seu íntimo, habita um enorme demônio e, dentro de cada demônio, bem no fundo de sua



natureza, dorme um anjo puro, completo e sem mácula. A montanha apenas recicla um contrário dentro do outro. Porque a própria essência deste mundo é a relatividade. Nada é absoluto na Terra. O resto não sei porque é mistério que só Deus sabe.

Os outros capetas concordaram e a chusma de seres infernais foram tentar doutrinar o anjo recém-nascido para transformá-lo novamente num "bom diabo". Só o tempo responderia pelo sim ou pelo não o resultado daquela experiência.

Nota

A linguagem desta última estória foi readaptada, pois algumas expressões originais, na sua simplicidade e rudeza, por certo, chocaria os leitores, principalmente, as de cunho chulo. Por isso tomamos esta liberdade, certos de que agimos bem.

P.S.:

Quem contou sete n'achou,
Oito causos foi a conta,
Causos de diabo em conta...
Na conta sempr'ele apronta!

FOLCLORE DO AMOR E DO CASAMENTO

ROSELI APARECIDA TINELI
DEPARTAMENTO DE FOLCLORE - OLÍMPIA/SP

O amor é o tema favorito dos poetas de todas as épocas. É ele a inspiração das frases mais apaixonadas e dos mais vibrantes sentimentos. Também os escritores fazem do amor a fonte de suas narrativas e de seus romances: não há história que tenha êxito, sem um interesse romântico e poucas novelas existem que não terminem bem – pelo casamento do herói e da heroína – clímax do capítulo final. O amor é a varinha mágica, com a qual os escritores de todos os credos e de todas as nacionalidades despertam os mais ternos sentimentos e aspirações.

Como disse Byron “aqueles que a alegria uniu, precisam dividi-la: a felicidade nasceu gêmea”.

De acordo com Sir Richard Steele, “o amor é uma espécie de simpatia em almas que foram feitas uma para a outra”.

Um clássico, Ovídio, disse: “o amor é a fonte perene de temores”.

A invenção do amor

Não admira que os gregos tivessem uma palavra para designar quase tudo: eles inventaram quase tudo. Ou, em todo caso, um grande quantidade de coisas que têm sido importantes para a civilização ocidental, a partir de então: a teoria dos átomos e os princípios da

pontuação; o processo democrático e as metafísicas e as formas do drama; a terminologia científica e o amor para com o banho – e algumas das mais antigas piadas do mundo, como, por exemplo:

O barbeiro tagarela: Como devo eu cortar-lhe o cabelo, senhor?

O Rei Arquelau, da Macedônia: Em silêncio.

E isso não foi tudo: eles inventaram o amor, dando-lhe dois nomes – o de **eros** (amor carnal) e o de **ágape** (amor espiritual) – e elaborando, a respeito dos dois, tanto a teoria como a prática.

Desde então, o amor nunca mais se despiu da sua indumentária grega. Cupido (Eros) e as suas flechas constituem um conceito grego. Safo concebeu toda uma sintomatologia formal da saudade amorosa e da paixão, à qual tem aderido, fielmente, todos os amantes, no decorrer de muitos séculos. O amor platônico – essa expressão por muito tempo discutida e maravilhosamente mal aplicada – se originou com as tentativas do próprio Platão no sentido de estruturar metafísicas incorpóreas, com base nos desejos da carne. E todo um conjunto de contos familiares de amor emergiu das fontes gregas – Odisseu e Penélope, Dáfnis e Cloe.

A literatura dos primeiros tempos consistiu, principalmente, em

histórias heróicas, em diatribes políticas, em hinos religiosos, em inquirições filosóficas, e coisas parecidas; contudo, a partir da Idade de Ouro (de cerca de 480 até o ano 299 antes de Cristo), ela tornou-se progressivamente diluída com a mistura cada vez maior das líricas de amor, dos lamentos amorosos e dos romances prolongados que se concluíam ou em bem-aventurança ou em desgraça. Em alguns desses romances – e até mesmo nos mais breves dos epigramas – os sentimentos de amor conseguiam, ocasionalmente, revestir-se de uma qualidade inteiramente desconhecida aos povos primitivos que precederam o florescer da cultura ateniense:

Minha alma estava nos meus lábios, quando beijei Agatão;

Ela subiu a eles (pobre alma!) ansiosa por passar para ele.

Ainda assim, a despeito de todos os seus aspectos familiares, o amor, na Grécia clássica, era peculiarmente, e até desconcertadamente, diverso, no seu caráter, dos conceitos de amor posteriores, e também das concepções ocidentais contemporâneas. Porque o amor era considerado, tanto como o é agora, uma finalidade da vida, enobrecedora, transfiguradora, e sim um passatempo divertido, uma distração, ou, por vezes, uma aflição enviada pelos deuses. E as suas

expressões sinceras eram proferidas, não por homens e mulheres jovens que se desejassem reciprocamente, como pares de um conúbio sexual, e sim por homens casados que faziam serenatas a cortesãs, bem como por homossexuais cortejando a criatura do seu próprio sexo.

Os atenienses admiravam a sabedoria, é verdade; mas admiravam ainda mais a beleza física, mesmo quando não se fizesse acompanhar de sabedoria alguma. No reino do amor, dava-se exatamente o mesmo: estudavam-no, discutiam a seu respeito, exaltavam-lhe os prazeres e lamentavam os seus sofrimentos – mas, no fundo, era capazes de senti-lo somente para com as prostitutas e para com os pederastas.

O casamento punha a jovem como que à luz da ribalta durante um dia. Realizavam-se o banho ritual, o cuidadoso ato de se vestirem as roupas nupciais, e uma cerimônia, em casa dela, a que se seguia um banquete e uma libação. À tardinha, o noivo colocava a noiva no carro nupcial, e conduzia-a à sua casa, através das ruas, enquanto que flautistas e harpistas tocavam música, e que os parentes e os convidados formavam uma procissão alegre. Em sua casa, o novo marido carregava a nova esposa para dentro da câmara nupcial e fechava a porta. Do lado de fora os convidados cantavam **epithalamia**, isto é, epitalâmios, ou hinos de casamento, cujo tema central era o de que o novo marido devia cuidar dos seus deveres e não cair no sono. Na manhã seguinte, quando a noiva tirava seus véus, apresentando-se aos seus novos parentes, o seu momento de glória estava concluído. Daí por diante, raramente ela se misturaria com os amigos de seu marido; também raramente sairia para a rua, a não ser

acompanhada por servidores; e nunca mais seria objeto de homenagem, nem de canto, até o dia de sua morte.

Quando Fídias concebeu a estátua de Afrodite, em Élis, dedicada ao casamento, ele fê-la com um pé sobre a carapaça de uma tartaruga – escreveu Plutarco – para significar que uma mulher virtuosa permanecia no interior de sua casa e se mantinha quieta.

Depois de instituir barreiras contra o amor no âmbito do casamento, os homens gregos acharam desagradável o estado de casado. Era um estado dispendioso, incômodo, constituindo, ademais, embaraço à liberdade pessoal. Contudo, o casamento era inevitável: o homem precisava de uma dona de casa e era dever ele, para com o Estado e a Religião, ter progênie.

Já desde o século sexto antes de Cristo, o grande legislador, Salomão, tomara em consideração, muito a sério, uma lei – e, ao que asseguram algumas fontes, aprovou-a – que tornava o casamento compulsório. E isso porque o casamento se fizera tão impopular, que o Estado se sentiu em perigo. Medidas semelhantes foram tomadas em consideração, vezes e vezes seguidas, na escala em que o problema se foi agravando; e, na Atenas de Péricles, a lei efetivamente especificava que somente os homens casados podiam tornar-se oradores ou generais. Muitos homens adiavam o casamento tanto quanto possível, e davam esse passo apenas quando já não ousavam mais contornar a emergência.

É de encontro a esse panorama que a gente deve julgar os freqüentes ataques ofensivos contra as esposas e contra o casamento, na literatura de criação daquela era.

A repulsa predominante contra o casamento, constituía apenas parte

da repulsa geral contra tudo quanto se referia à mulher e ao seu mundo. O antifeminismo geral grego começava no quarto dos pimpolhos, onde as crianças travessas eram ameaçadas com demônios – tendo todos os demônios forma de mulher. Quando as crianças cresciam, passavam a ouvir lendas como a de Pandora, fonte de todos os males humanos, e como a de Helena, causa da terrível Guerra de Tróia. Com efeito, constituía lugar comum do pensamento grego o de que havia sempre uma mulher por trás de todas as guerras.

O que era, entretanto, que as mulheres gregas realmente sentiam? Amavam elas os respectivos esposos, ou os odiavam, ou, ainda, apenas os toleravam em atmosfera de tédio? Infelizmente, na guerra dos sexos, como em outras guerras, a História é escrita pelos vitoriosos; não há livro sobre o amor, escrito por esposas gregas.

Na sociedade selvagem dos tempos homéricos, a posição da mulher era diferente da que acabamos de relatar, da sociedade da Idade de Ouro. A *Ilíada* e a *Odisséia* não fazem referência alguma a seclusões extremas, como as que existiam na época de Péricles; as mulheres naqueles poemas épicos, com freqüência exercem considerável influência seja sobre seus homens, seja sobre o curso da história. Algumas são apresentadas como arquétipos da fidelidade e da lealdade. Penélope, que esperou durante vinte anos de infelicidade, pelo regresso de Odisséu, e que continuamente manteve longe de si uma horda de admiradores, é a própria encarnação da fidelidade da esposa.

Certas outras lendas antigas apresentam mulheres sob luz favorável: as histórias de Alceste, de Polixema, de Ifigênia, e de outras,

focalizam heroínas que não somente são admiráveis, mas que também agem com muito maior liberdade e iniciativa do que as mulheres gregas de épocas posteriores.

O mundo que Homero retratou existiu entre os anos 1300 e 1100 antes de Cristo. As mulheres eram as preparadoras de alimentos, confeccionadoras de roupas, criadoras de prole, enfermeiras dos doentes, e muita coisa mais. Não admira, pois, que elas possam bem ter sido mais ativas, mais expeditas e mais importantes do que as suas descendentes de seiscentos anos mais tarde; a seclusão – e a misoginia intelectual – só apareceria com a formação de uma sociedade suficientemente rica, capaz, por isso, de suprimir, da mulher, a maior parte das suas funções vitais, e de induzi-la ao ser quase que de todo inútil.

Luís da Câmara Cascudo, em “Dicionário do Folclore Brasileiro” comenta que as superstições e prognósticos ligados ao casamento proliferam no mundo em alta percentagem. Os santos casamenteiros, Santo Antônio, São João, São Gonçalo, Nossa Senhora de Lurdes e da Conceição, têm muitas adivinhações para que o devoto pressinta o futuro amoroso.

Pensamentos mordazes sobre o casamento

1. A melhor base para um casamento é um mútuo desentendimento.

2. Um pouco de sinceridade é perigoso e muito é decididamente funesto.

3. O Livro da Vida começa com um homem e uma mulher no jardim e termina com as Revelações.

4. Depois do homem veio a mulher e depois disso ela tem vindo sempre atrás dele.

5. Mais vale ser belo que bom,

mas é melhor ser bom que feio.

6. O homem foi feito quando a natureza não era mais que uma simples aprendiz; mas a mulher, quando ela já estava bem senhora de sua arte.

7. Um ardil inocente, um sorriso radioso, primavera; uma conversa alegre, um passeio agradável com ela; uma pequena dúvida, um capricho; um feliz engano, um beijo roubado, que delícia! Depois falar com mamãe, consultar papai – “com muito gosto” - e então terá toda a vida para se arrepender desse gesto impensado.

A linguagem dos lenços

Entre as várias maneiras de se enamorar sem se ter que recorrer à palavra, a linguagem dos lenços tem um lugar proeminente, pois é muito simples e depende de um artigo comum usados por todas as mulheres e por todos os homens em geral. A chave dos sistemas é dada a seguir:

Passado pelos lábios – desejo travar conhecimento

Passado pelos olhos – perdão

Segurado pelo centro – você está muito apressado

Atirado ao chão – seremos amigos.

Torcido entre as mãos – indiferença.

Passado pela face – eu o amo.

Esfregado entre as mãos – eu o odeio.

Encostado à face direita – sim.

Encostado à face esquerda – não.

Torcido na mão esquerda – quero me livrar de você.

Torcido na mão direita – amo a outro.

Dobrado – quero falar com você.

Passado pela testa – estamos sendo vigiados.

Sobre o ombro – siga-me.

Lados opostos nas duas mãos – espere-me.

Colocado na orelha direita – você mudou.

Encostado aos olhos – você é cruel.

Enrolado ao indicador – sou comprometida.

Enrolado ao altar – sou casada.

Posto no bolso – por ora, nada mais.

A linguagem dos selos

Um modo bem mais interessante de revelar os sentimentos é a colocação diversa dos selos numa carta. O código é divertido, mas muito incômodo para os funcionários do Correio. O que se segue é o método mais conhecido:

De cabeça para baixo no canto esquerdo – Eu o amo.

Atravessado no mesmo canto – Meu coração pertence a outro.

Colocado direito – Adeus, querido.

De cabeça para baixo no canto direito – Não me escreva mais.

Ao alto no canto – Sim.

Embaixo, no centro – Não.

Atravessado, para o lado direito – Você me ama?

Para o lado esquerdo – Eu o odeio

No canto superior, à direita – Desejo sua amizade.

No canto inferior, à esquerda – Aceite meu amor.

Idem, de cabeça para baixo – Sou comprometida.

Idem, no ângulo direito – Desejo vê-lo.

Na margem direita, no centro – Escreva imediatamente.

Origem do anel nupcial

Várias explicações foram dadas quanto à relação do anel com

o casamento. Parece que os judeus, em tempos anteriores a Cristo, usaram anéis nupciais. Diz-se que assim como o ato de entregar a alguém o anel de sinete era uma prova de confiança, o marido, quando dava o anel à esposa, mostrava que a admitia na sua confiança. Outra explicação é a de que a forma do anel simboliza a eternidade e a constância, alegando-se que a mão esquerda foi escolhida para mostrar a submissão da mulher ao marido.

Na Ilha de Man, o anel nupcial foi primeiro usado como um instrumento de tortura. Cyril Davenport no seu livro "Jotas", observa que nessa ilha, existia um costume, de acordo com o qual, uma moça solteira, que tivesse sido ofendida por um homem, podia levá-lo a julgamento e, se provasse a sua culpa, seriam entregues a ela uma espada, uma corda e um anel. Com a espada ela poderia cortar-lhe a cabeça; com a corda, enforcá-lo e, com o anel, poderia casar-se com ele. Diz a tradição que o último castigo era invariavelmente infligido.

O anel nupcial era considerado um anátema pelos primitivos "puritanos" que consideravam o adorno pessoal, como uma das muitas armadilhas de Satanás. No serviço religioso da velha Inglaterra, era costume o noivo colocar o anel no polegar da noiva, dizendo "em nome do Pai", depois no dedo seguinte, dizendo "do Filho", no médio, dizendo "e do Espírito Santo" e, finalmente, no anular, com a palavra "Amém".

O anel era deixado nesse dedo, porque diz "uma veia parte daí para o coração". No casamento moderno o anel é colocado simplesmente no anular, subtendendo-se a invocação à Santíssima Trindade.

Aforismas do amor

O amor tudo conquista e por isso nos submetemos a ele (Virgílio).

O amor é o céu e o céu é o amor (Scott).

O amor que só se alimenta de beleza tem a vida curta e está sujeito a febres intermitentes (Erasmus).

O amor é a fusão de dois em um – felicidade suprema – D. E. Frederick.

Um namorado é como o caçador; se a caça é obtida sem muita dificuldade ele não lhe dá valor (Mead).

Não somos nós que escolhemos o amor; é o destino (Dryden).

A suprema felicidade da vida é a convicção de que somos amados (Victor Hugo).

Um enamorado é um homem que em sua ânsia de possuir alguém, perdeu-se a si mesmo (Bulwer).

O amor agasalha mais que um casaco. Ele é alimento e roupa para nós (Bulwer).

O amor, a única doença incurável (Pope).

O verdadeiro amor não poderá ser atingido pela maldade, como as flores não são destruídas pelas chuvas periódicas (Sir P. Sidney).

A amizade muitas vezes acaba em amor (Colton).

A alma feminina vive do amor (Mrs Sigourney).

Há no coração da mulher, um tão profundo poço de amor, que a idade não poderá fazê-lo secar (Bulwer).

Nas brigas de namorados, o que mais ama está sempre disposto a reconhecer-se se culpado (Scott).

A harmonia universal é o amor universal (Cowper).

A linguagem das luvas

Mordendo as pontas – Quero livrar-me de você, quanto antes.

Segurando-as enroladas na mão direita – Não.

Puxando-a até o meio com a mão esquerda – Indiferença.

Deixando-as cair – sim.

Dobrando-as cuidadosamente – Livre-se de quem os está acompanhando.

Segurando-as com as pontas para baixo – Quero ser apresentada.

Segurando-as com a mão direita – Fique calmo.

Segurando-as com a mão esquerda – Estou satisfeita.

Mão esquerda enluvada, com o polegar exposto – Beije-me.

Batendo com elas na mão – Estou aborrecida.

Idem, no ombro – Siga-me.

Encostando-as ao queixo – Amo a outro.

Balançando-as delicadamente – Sou comprometida.

Virando-as pelo avesso – Odeio-o.

Enrolando-as nos dedos – Cuidado, estamos sendo vigiados.

Usando-as como leque – Apresente-me à pessoa que o acompanha.

Amores célebres

Os amores célebres são sempre interessantes. O grande

Napoleão, numa carta a Josefina, disse que sua vida era um perpétuo pesadelo, porque não havia recebido uma só carta dela durante toda uma semana. Laurence Sterne dedicou um grande amor a Elizabeth Lumley e lhe escreveu cartas cheias de “amor eterno” e “paixão imortal”. Ele “caiu em prantos”, diversas vezes, “só devido à sua indiferença”. Hazlitt apaixonou-se pela filha de sua senhoria e escreveu-lhe maravilhosas cartas sobre “suas maneiras gentis, cativantes”. Swift cortejou duas mulheres ao mesmo tempo, brincando de esconde-esconde com elas. Sir Walter Scott teve muitos aborrecimentos com Charlotte Carpenter, uma escocesa teimosa e prática, que não estava lá muito satisfeita de o noivo escrever tanto. Augustus Frederick, o filho de George III, apaixonou-se por uma Miss Augusta Murray e escreveu-lhe uma carta tão violenta, na qual dizia “até o dia em me casar com você, não comerei nada”, que ela se viu forçada a casar-se para lhe salvar a vida. Robert Burns foi um namorador inveterado e censurava-se dizendo: “Oh, que louco sou no amor! Que extraordinário esbanjador de afeição!”, o que não era nada mais que a pura expressão da verdade. Byron é conhecido geralmente como o perfeito amoroso e sua paixão pela condessa Guiccioli tem algo de clássica. Ele lhe escreveu: “Eu a amo e você me ama e isso afinal já é um consolo”. Mozart também tomou-se de paixão por Constanze Weber ainda muito jovem. Ele a descreveu como a “mais amorável, a mais meiga, a mais inteligente, a mais linda”, das irmãs Weber. Porém, mais tarde ele a censurou pela sua “familiaridade indevida” para com um homem, acrescentando que “nenhuma moça honesta teria permitido tal coisa”. Beethoven também recebeu flechadas de Cupido, mais de uma

vez e, sendo recusado ou desprezado por uma mulher, declarou que elas eram todas uns “monstros”.

Costumes matrimoniais interessantes

Os judeus quebram a taça na qual o noivo e a noiva beberam, querendo com isso mostrar quão fugaz é a vida.

Entre os primitivos anglosaxões, o noivo e a noiva quedavam-se sob um véu ou um pedaço quadrado de qualquer fazenda, mantido por quatro homens altos acima de suas cabeças. A finalidade era encobrir os rubores da noiva dos olhares curiosos. Mas se ela fosse viúva, o véu – véu protetor, como era chamado – não era considerado necessário.

Era também costume enviar uma varinha ao namorado recusado ou desiludido, que algumas vezes ia acompanhada de um lenço e de um frasco de sais. O lenço servia para enxugar-lhe as lágrimas e os sais para prevenir algum desmaio ante a visão da amada noiva de outro.

Uma velha superstição dizia que se a filha mais moça se casasse antes das mais velhas, estas deveriam dançar sem sapatos, no dia do casamento, ou não conseguiriam namorados.

Na Inglaterra, o noivo, acompanhado de músicos e de amigos, vai à casa da noiva e reclama a futura esposa. Os parentes desta trazem, respectivamente, um velho, uma criança e algumas vezes uma criança de colo. Ele os recusa a todos e finalmente a noiva aparece ricamente vestida e ambos se dirigem para a igreja.

Os amigos belgas davam ao sacerdote durante a cerimônia um anel e um par de luvas escarlates, contendo inúmeras peças de prata.

O sacerdote entregava as luvas ao noivo, que por sua vez dava-as à noiva, no momento em que suas mãos eram postas sobre as dela, deixando-as em seu poder no fim da cerimônia.

Antigamente, considerava-se de mau agouro a noiva não chorar no dia do casamento e, quando sucedia ela não ter temperamento emotivo, usava-se mostarda ou cebola, para produzir o efeito desejado, pois, não importando a maneira pela qual fossem provocadas, as lágrimas traziam sorte.

A cor do vestido da noiva é, agora, o branco, em quase todos os países. Mas, nos tempos antigos usou-se o amarelo, azul ou rosa e também muitas vezes um vermelho vivo. Na China, eram usados gansos selvagens. Eram considerados de bom agouro, para a felicidade no casamento, e assim, o noivo chinês presenteia a noiva com um casal dessas aves, que é atado a ambos, durante a cerimônia. Se elas brigam ou tentam libertar-se, é sinal de desentendimentos e infelicidade.

O traje da noiva num antigo casamento armênio é assim descrito: “A gola e o peitilho do seu vestido eram inteiramente cobertos de ricas pinturas de flores azuis; suas sobancelhas tinham sido pintadas de preto, as pontas dos dedos e as unhas de alaranjado vivo. Em cada mão ela trazia valiosos anéis de pedras preciosas e, em torno do pescoço, um colar de belíssimas turquesas. A saia era da fina seda, o corpete e as longas calças de uma cor mais viva”.

Havia antigamente um velho costume que consistia em entrelaçarem-se folhagens, flores e trepadeiras, desde a porta da casa da noiva, até a igreja. Um poema escrito em 1615 diz:

Todos saúdem o Himeneu e

seu dia glorioso,

Tragam flores, moças e
pensem que dia virá

Em que isso será feito para
vós.

Guirlandas de flores usadas nos
casamentos têm origem mais
remota. Entre os romanos, a noiva
colocava uma coroa de flores na
cabeça e usava uma pele de carneiro
em volta da cintura, amarrada com
um forte nó, que o noivo devia
desfazer.

A filosofia dos provérbios

Com unanimidade digna de
nota, todos os provérbios e
epigramas satirizaram as mulheres, o
amor e o casamento e há uma
preponderância de ditos mordazes
sobre os agradáveis. É verdade que
a maioria acha o ditado ferino mais
interessante que aquele que traz um
elogio, porém, a verdade sempre
vence, especialmente tratando-se de
provérbios, que, se falsos, não têm
vida muito longa. Se assim é, a
experiência geral da humanidade em
matéria de amor e casamento, deve
ter sido decepcionante e temos que
dar razão aos que satirizam a metade
feminina da humanidade, quando
observamos a quantidade
esmagadora de provérbios que falam
da mania de tagarelice das mulheres.
Não se deve esperar que os homens
deixem de amar ou de se casar,
porque os provérbios criticam as
mulheres e menosprezam o
casamento.

Vejamos alguns:

As mulheres, a sorte e o outro
favorecem os tolos.

Dezenove não de uma mulher
são meio sim.

O casamento é fácil, o trabalho
doméstico é árduo.

Os solteiros sorriem, os
casados riem, mas com a alma em
pedaços.

O amor faz o céu mais
luminoso e a vida menos escura aos
olhos sofredores.

Uma palavra de amor para uma
mulher é tão doce, como ambrosia
num vaso dourado.

Há corações que devem se
zelosamente guardados o que os
tornará mais fortes e dignos de
mulher.

A sorte e as mulheres, feitas
para serem dominadas, curvam-se
ao denodo e à audácia.

O amor à verdade, um alto
senso do dever e delicadeza de
maneiras, são essenciais na harmonia
do lar.

Como descobrir as duas primeiras letras do futuro marido ou da futura mulher

Pegue uma pequena Bíblia e
uma chave dessas antigas, de argola,
abra a Bíblia nos Cânticos de
Salomão, capítulo 8, versos 6 e 7,
colocando a extremidade da chave
sobre esses dois versos, deixando
a sua argola a uns dois centímetros
da extremidade superior do livro.
Então feche este último, apertando-
o com uma liga, de modo que a chave
não possa sair do lugar.

A pessoa que deseja saber
o nome do futuro marido ou da futura
mulher, levanta a Bíblia colocando o
dedo médio da mão direita dentro
da argola da chave e a outra pessoa
deve fazer o mesmo, do outro lado
da argola, repetindo os seguintes
versos, depois que a primeira disse
o alfabeto, uma letra de cada vez,
repetindo-as. É preciso notar que
você deve mencionar que nome quer
saber, o de batismo ou o sobrenome.

Tome cuidado em segurar
firmemente a Bíblia e quando chegar
a letra procurada, o livro rodará sob
seu dedo e essa será portanto a
primeira letra do nome do futuro
esposo.

Cânticos de Salomão, VIII, 6, 7

“Põe-se como selo sobre o
teu coração, como selo sobre o
braço, porque o amor é forte como
a morte e duro como a sepultura o
ciúme; as suas obras brasas,
labaredas do Senhor.

“As muitas águas não
puderam extinguir a caridade nem os
rios terão força para afogar: se o
homem der todas as riquezas pelo
amor, ele as desprezará como se não
tivera dado nada”.

Como saber se vai se casar em breve

Tome uma fava de ervilha
verde, contendo exatamente 9 grãos.
Pendure-a na porta e observe a
primeira pessoa que entra por ela,
que não seja da família, nem do seu
sexo. Se for algum solteiro, você se
casará na certa esse ano.

Para uma moça saber se se casará em breve

Tome uma fava de ervilha
verde contendo exatamente nove
grãos e pendure-a na porta de um
apartamento ou na da entrada, sem que
ninguém saiba que o fez. Vigie então
a porta para observar quem passa
por ela. Se for um solteirão ou
qualquer rapaz solteiro, você
positivamente se casará antes de
terminar a colheita das ervilhas. Se
for uma mulher, você ainda terá mais
um ano de suspiros. Se for um
homem casado, tome cuidado e não
permita muitas liberdades a seu
namorado, ou se arrependerá das
consequências.

OLÍMPIA

ROTHSCHILD MATHIAS NETTO* Museu de História e Folclore "Maria Olímpia" Departamento de História

Na época das grandes divisões de terras, em todo o município da vila de Espírito Santo de Barretos, foi que chegaram os engenheiros Robert John Reid e William Leatherbarrow, a chamado do agrimensor Jesuíno da Silva Melo.

O Dr. Reid, escocês, formado em Engenharia Civil, passa por ter sido entusiasta do Direito, com enorme admiração pelo jurista norte-americano Elihu Root. Seria uma das razões que o aproximaram do Dr. Antonio Olímpio Rodrigues Vieira, cearense, que viera de Passos, Minas, para ocupar o cargo de Promotor Público na comarca.

Os laços de amizade que ligavam o engenheiro ao promotor e à sua esposa, D. Maria Isoleta, mais se estreitaram com o convite ao moço estrangeiro para padrinho da menina Maria Olímpia, filha única do casal, nascida em São Paulo, a 2 de fevereiro de 1897. Batizada pela tia D. Mariana Arantes e pelo Dr. Robert John Reid, veio "com menos de quarenta dias" para Barretos, que ainda não tivera o nome assim abreviado, mas fora elevado à categoria de cidade, em 8 de janeiro.

Naquele ano, Antônio Marcolino Osório de Sousa e Joaquim Alves Franco (Quinzote), que haviam adquirido os direitos de antigos posseiros, confiaram a divisão da fazenda Olhos D'Água a Jesuíno da Silva Melo, posteriormente substituído pelo Dr. Roberto John Reid.

Somente, em 21 de junho de

1900, teve lugar "a primeira diligência especial para a instalação dos trabalhos divisórios" da fazenda que, a despeito de sua área descomunal, se achava em estado de quase completa decadência. Apenas algumas famílias, ilhadas, vindas nos últimos anos, não eram atingidas pelo marasmo e pela desesperança gerais. O velho casarão, em ruínas – O Taperão – que o engenheiro Reid encontrou, à esquerda do córrego e o cemitério, coberto de mato, a que muitos trilhos conduziam, na margem direita, eram a prova mais aterradora das precárias condições em que viviam os moradores das cercanias. Houve quem atribuisse aos "netos dos velhos sertanejos, nascidos e criados no mato" o aspecto desolador e a devastação das terras, do rio Grande até abaixo dos córregos Olhos d'Água e Palmeiras, mas não seria justo omitir que boa parcela de culpa cabia às administrações municipais. Barretos, distante dois dias a cavalo daquela parte de seu território, deixava-a em total desamparo e abandono.

Algo aconteceria para arrancar a gente sertaneja da sombria situação. A divisão da fazenda Olhos d'Água, realizada por um homem culto e dinâmico, como o engenheiro Reid, haveria de tornar-se uma iniciativa de elevado alcance, com duradouras e benéficas conseqüências sociais e outras, ensejada pela evolução dos acontecimentos políticos de Barretos, na época. Vejamos.

Depois da cisão das hostes do P.R.P, o deputado Silvestre Lima (dissidente), regressou de São Paulo, em 17 de novembro de 1901 e recebeu a maior demonstração de apreço que jamais os barretenses haviam prestado a um político local.

No entanto, dias depois, a sociedade de Barretos estava "lamentavelmente agitada e dividida". O Partido Republicano, que era único, cindira-se em duas alas: os *dissidentes* (Antonio Marcolino Osório de Sousa, Silvestre de Lima, João Simplício de Macedo, João Machado de Barros e outros) e os *governistas*, que formavam a União Conservadora. Como do Diretório do P.R.P. (governista) se retiraram José Eduardo de Oliveira (Zeca Vigilato) e Eliseu Ferreira de Menezes, as rédeas da comissão diretora municipal do partido (governista), passaram às mãos de Olavo de Carvalho e outros amigos do Promotor Público, Dr. Antônio Olímpio Rodrigues Vieira. Este, segundo os rumores que corriam pela cidade, partira para São Paulo, a convite do governo estadual. No dia 8 de dezembro (1901), O *Sertanejo*, única folha local criada e dirigida por Silvestre de Lima, informava: "Está confirmado o boato. O Dr. Antônio Olímpio é o diretor da política governista". Contrário à Dissidência consolidara-se a União Conservadora.

Realizadas as eleições de 16 de dezembro (1901) para a

escolha de vereadores e juizes de paz, os dissidentes saíram vitoriosos. Os governistas nada puderam fazer contra políticos experientes e verdadeiramente prestigiosos. Porém, dias depois as eleições “foram declaradas nulas”.

A primeira experiência política do Dr. Antonio Olímpio não chegou a preocupar os adversários. É que não deixara transparecer o homem sagaz, o político hábil que viria a ser. Quem muito confiava nas suas qualidades extraordinárias e no seu futuro político era o engenheiro Reid. Desde que o amigo e compadre ingressara na política partidária, vinha pensando na criação de um povoado, nas margens do córrego, onde – como vimos – “procedia à divisão da fazenda Olhos d’Água”.

Segundo as informações orais, o Dr. Antonio Olímpio ouviu entusiasmado a exposição do engenheiro, comprometendo-se a auxiliá-lo, quando se firmasse como líder político ou tivesse em mão o leme da administração municipal. Na ocasião, o Cel. Antonio Ferreira de Melo Nogueira deu ao Dr. Reid toda a orientação sobre o sistema de patrimônio, que ele próprio usara ao ajudar na fundação de São Bom Jesus de Avandava, origem de Monte Azul, onde tinha fazenda, administrada pelo filho Francisco de Melo Nogueira. Do Cel. Jesuíno da Silva Melo recebeu o maior estímulo. Também ele tencionava construir uma ponte sobre o rio Grande, que de certo traria desenvolvimento e o progresso ao empobrecido noroeste do município.

Decidido a pôr em prática o plano que idealizara, procurou, em primeiro lugar, a família Miguel dos Santos que freqüentemente visitava, desde que começara os trabalhos divisórios da fazenda. Todos eram realmente seus amigos.

“Presenteador incorrigível”, consta até que sempre trazia pequenos mimos para D. Maria Generosa de Jesus, mãe de Manuel, Joaquim, Antonio, Francisco e José Miguel dos Santos, bem como de Carolina e Ana Joaquina de Jesus. Estes, por seu turno, muito confiavam no Dr. Reid.

Com pessoas assim, tão íntimas e amigas não precisou de muitos rodeios. Falou-lhes da sua intenção de fundar um *comércio*, como se dizia, que pudesse desenvolver-se e, com o tempo, trazer os benefícios do progresso, do conforto e segurança das famílias que ali fossem residir. Todos concordaram com a idéia. Joaquim Miguel dos Santos não foi só o primeiro a prometer doar as terras para a formação do patrimônio, como atendeu ao pedido do engenheiro Reid, para acompanhá-lo, sempre que fosse falar com os outros condôminos da fazenda, pois alguns eram bravos, de trato difícil e obstinados.

Mas enquanto o Dr. Reid prosseguia no seu serviço de agrimensura e se empenhava em persuadir algumas pessoas, ansiava por ver o amigo e compadre firmar-se politicamente. Embora acreditasse na capacidade do Dr. Antônio Olímpio, houve uma ocasião que temeu pelo seu destino político.

Com a anulação das eleições de 16 de dezembro, permaneceu a Câmara antiga. Assim, a partir de 8 de janeiro de 1902, o Dr. Pedro Paulo, que exercera o cargo de intendente, em todo o triênio anterior, continuou no posto interinamente e o Cel. Silvestre Lima, na presidência da edilidade, conquanto ainda não houvesse renunciado à cadeira de deputado.

Em fevereiro, as paixões políticas deixaram os barretenses mais divididos ainda. Os dissidentes

tinham-se desinteressado da eleição para deputados estaduais do dia 12. O Dr. Antônio Olímpio já reassumira a Promotoria, deixando aparentemente o campo livre para os adversários. A oportunidade pareceu excelente para que José Eduardo de Oliveira (Zeca Vigilato) e Almeida Pinto – dois ex-companheiros de lutas do Cel. Silvestre – elegeassem, na primeira quinzena do mês, um novo Diretório.

Em 1º de março, os dissidentes, mais uma vez, não participaram da eleição, em que Rodrigues Alves e Silvano Brandão foram eleitos, respectivamente, presidente e vice-presidente da República. No dia 13, Silvestre de Lima renunciou à cadeira de deputado, no Congresso Estadual e em 14, a Comissão Diretora do P.R.P., em São Paulo, reconheceu o Diretório chefiado por Zeca Vigilato e Almeida Pinto.

No mês seguinte, a cidade teve ocasião de assistir a mais uma demonstração de apreço a um chefe político: “O Cel. Zeca Vigilato, chegando em abril da capital, recebe animada manifestação de seus correligionários, com banda de música, vivas, foguetório, que continuaram em casa do Cel. Almeida Pinto, seu companheiro do novo Diretório” - segundo Osório Rocha.

Imediatamente, o Dr. Antônio Olímpio, deixando o major José Machado de Barros, à frente da Promotoria, partiu apressadamente para a capital do Estado (*O Sertanejo* nº 105, de 20 de abril de 1902). Foi ao encontro do Dr. Bernardino de Campos, que no mês seguinte seria eleito para substituir Rodrigues Alves. Regressou a Barretos com todos os trunfos e certo de que levaria os seus partidários à vitória nas próximas eleições municipais. Era uma questão

de tempo... Essas notícias animadoras chegadas à fazenda Olhos d'Água fizeram com que os moradores das vizinhanças, tomados de entusiasmo, se reunissem para erguer, em 3 de maio de 1902, o cruzeiro de fundação, feito na fazenda de José Bento de Miranda. O engenheiro Reid, porém, explicou na ocasião que somente depois de uma viagem que faria ao sul de Minas e após as eleições municipais, poderia, com a cooperação dos condôminos, criar o povoado.

A situação política de Barretos tornou-se, então, *sui generis*: os dissidentes tinham o governo municipal; Zeca Vigilato e Almeida Pinto dominavam o Diretório e o Dr. Antonio Olímpio contava com o apoio do Dr. Bernardino de Campos, eleito em 21 de maio (1902), Presidente do Estado de São Paulo.

As mudanças começaram a ocorrer, com a renúncia do Dr. Pedro Paulo de Sousa Nogueira, intendente municipal, em 12 de julho (1902). Até que se procedesse à eleição do novo intendente, o Cel. Silvestre assumiu o cargo interinamente “de acordo com o Regimento Interno da Câmara”.

Em 1º de agosto, a Câmara elegeu para a intendência municipal, o vereador Joaquim Dias da Cunha, que tomou posse imediatamente. No mesmo dia, Zeca Vigilato renunciou ao cargo de vereador e, em meado do mês, Almeida Pinto, deixando a sua agradável residência da *Chácara dos Bambus*, transferiu-se temporariamente, com a família, para Frutal.

Com o afastamento de Zeca Vigilato e a mudança de Almeida Pinto _ os dois chefes do Diretório _ ficou o caminho aberto para o Dr. Antônio Olímpio. Fora uma “questão de tempo”.

A ocasião pareceu propícia ao Dr. Reid para ir ao sul de Minas

Gerais. Dias depois, partiu para Caldas, aonde fora à procura de parentes de condôminos de Olhos d'Água, que lá residiam. Regressou a Barretos em setembro, em companhia do seu patrício Guilherme Leatherbarrow.

Por essa época, os barretenses já haviam apelidado as facções políticas locais, de modo pitoresco: os *dissidentes*, adeptos de Antônio Marcolino Osório de Sousa e Silvestre de Lima, eram os *araras*; os *governistas*, correligionários do Dr. Antônio Olímpio, os *pica-paus*.

Em 26 de janeiro de 1903, sem o comparecimento dos *araras* de Silvestre de Lima, realizaram-se as eleições municipais tão esperadas, pois as de 16 de dezembro de 1901, tinham sido anuladas. Obviamente, os *pica-paus* do Dr. Antônio Olímpio foram os vitoriosos. Com o triunfo olimpista, a Câmara Municipal elegeu: presidente, Cel. Antônio Ferreira de Melo Gonçalves; secretário, Rafael da Silva Brandão; intendente, Domiciano Alves Ferreira.

Com o Dr. Antônio Olímpio vencedor do pleito municipal, estavam criadas as condições para que o Dr. Reid fundasse o povoado, com os condôminos da fazenda. O engenheiro tudo fez para que esse acontecimento coincidisse com o dia do aniversário de sua afilhadinha, Maria Olímpia (2 de fevereiro). Entretanto, não foi possível. Mas em 2 de março de 1903, os condôminos compareceram ao cartório do tabelião Francisco de Almeida Silveiras para doar os 100 (cem) alqueires de terras para a constituição do patrimônio. Estava, finalmente, fundado São Batista do Olhos d'Água.

O Dr. Antônio Olímpio tinha um modo muito peculiar de surpreender os adversários, com a notícia inesperada, de uma iniciativa qualquer, de ampla repercussão.

Assim, dias depois da criação do povoado, os barretenses ficaram sabendo, de repente, de importante conquista do chefe *pica-pau*: “No dia 15, com seu número 154, O *Sertanejo* toma rumo diverso, isto é, passa a ter como redator-chefe Tarciso Filadelfo, e a defender os interesses do Partido Republicano chefiado por seu cunhado Dr. Antônio Olímpio” _ escreveu Osório Rocha. Apossando-se do jornal do seu adversário, preparava-se para candidatar-se a representante de Barretos, no Congresso Estadual. Realmente, em 1º de dezembro (1903), conseguiu eleger-se deputado estadual.

Muito esperava São João dos Olhos d'Água do chefe político e novo representante, no Congresso. Mesmo antes do registro de escritura de doação do povoado, em 9 de julho de 1903, já iam surgindo casas, segundo o alinhamento, pois o Dr. Reid já traçara a sua planta. Nesta, ele reservou para si “oito datas de terreno foreiro”, onde ficava em casa de morada, sólida e rústica habitação de madeira que mandara construir, anos antes, a fim de que servisse de “casa da aposentadoria” para hospedar o juiz, o escrivão, os advogados, os peritos e outros auxiliares da justiça, por ocasião das diligências. Por outro lado, a Câmara, dominada pelos *pica-paus*, vinha tomando medidas para acelerar o desenvolvimento do lugarejo: mandou abrir, com auxílio de seus moradores, a “estrada nova”, ligando-o a Barretos, depois de atravessar Passa-Tempo (depois Itambé e, hoje, Ibitu); transferiu para ele, em 1º de Março (1904), a escola masculina provisória, regida por Francisco de Matos, de Baguaçu; transferiu também protestos dos habitantes daquela localidade e fez a abertura em 20 de junho (1904) da Avenida 15 de Novembro (atual Av. Waldemar Lopes Ferraz). Daí o

progresso imediato do arraial, como noticiou O *Sertanejo*, de 27 de março de 1904. O jornal traz inúmeras informações sobre a povoação batizada no dia 20, com o nome de Vila Olímpia, numa festa presidida pelos “abastados fazendeiros Medeiros, Miranda e outros”. Vejamos alguns trechos copiados textualmente:

Villa Olympia

“Não podia ser melhor e mais bonitinha a festa de São João dos Olhos d’Água, no dia 20 de março”.

“O que era, há poucos mezes, esse lugar? Nada: e agora está adeantando-se duma maneira assombrosa, devido especialmente aos esforços do inteligente Engenheiro Dr. Roberto John Reid, que trabalha sem descanso pelo progresso comercial, industrial e civil daquele sympatico arraial, que já está suscitando as justas invejas das povoações circumvisinhas?”

“O zelo do senhor Dr. R. Reid está valiosamente secundado pelo nosso ilustre Deputado, Dr. Antonio Olympio, que não deixa um só instante de dar provas de particular dedicação e amizade (bem merecidas) à povoação de S. João dos Olhos d’Água.

“Foi com esse nome tão bonito de Villa Olympia que o nosso D.D. Coadjutor P. Ernesto Urbani... baptizou aquelle arraial...”

Após o batismo do lugarejo, a Comissão “encarregada da construção da Igreja de São João” (Manoel Soares de Medeiros, Miguel Antônio dos Reis, Joaquim Miguel dos Santos e Joaquim Antônio Assis) incumbiu João Vieira do Vale de dirigir o serviço dos trabalhadores escolhidos para levantá-la (José de Castro Pena, Pedro José dos Santos, João

Arruda, Sebastião José Gonçalves e um operário conhecido por José Pedreiro), mas no final da construção, para rebocá-la, foi pedida a colaboração de todos os vizinhos.

A capela ficou pronta em meado de 1905: “Era de taipa ou pau-a-pique, coberta de sapé sob o qual havia um forro de pano de algodão infestado. No fundo do altar, à guisa de reposteiro, havia uma ampla cortina que ia do teto até o chão e que servia para dar um ‘certo que’ de luxo e de beleza aos olhos de quem vinha e via a imagem do Santo Padroeiro” _ segundo a descrição de R. Sales.

Convém ressaltar que a partir dessa época, O *Sertanejo* em todas as notícias sobre o lugar; a Câmara Municipal em várias ocasiões e o povo de Barretos, sempre, somente empregavam a denominação *Vila Olímpia*, enquanto na própria povoação nascente, ora ainda a chamavam de São João dos Olhos d’Água, ora de Vila Olímpia. Este, portanto, já vinha se tornando o nome consagrado pelo uso, quando o deputado Antônio Olímpio apresentou em 26 de julho de 1904, o projeto criando o Distrito de Vila Olímpia, em atenção ao pedido do engenheiro Reid, que quis, assim, homenagear a afilhadinha Maria Olímpia.

II

Em janeiro de 1905, o deputado Antônio Olímpio deixou o Congresso para eleger-se intendente municipal e, em 2 de janeiro de 1906, com a mudança do título de intendente, tornou-se o primeiro *Prefeito* do município de Barretos.

Nesse mesmo ano, o lançamento do primeiro número do *Correio de Barretos*, em 30 de agosto, marcou o retorno do Cel.

Silvestre de Lima à atividade política.

A volta da figura carismática do chefe *arara*, à luta partidária, não deixava de ser preocupante, mas o fim do ano traria ao seu adversário notícia das mais compensadoras: em 18 de dezembro (1906), o presidente do Estado de São Paulo, Dr. Jorge Tibiriçá, por força da Lei nº 1035, criou o Distrito de Paz, cuja sede recebeu, no dia seguinte, o predicamento de vila, com a denominação de *Vila Olímpia*.

O ano de 1907 começou carregado de maus presságios. A inusitada efervescência política aumentava a cada dia. Tal foi a agitação, na época, que o Dr. Antônio Olímpio não pôde sequer instalar o Distrito de Paz de Vila Olímpia. Para aumentar as preocupações do prefeito e chefe *pica-pau*, formou-se uma dissidência, em seu partido, à qual aderiu a maioria dos pecuaristas, razão por que a facção independente organizada ficou conhecida por “partido queijeiro”. Abandonando por vários companheiros, apreensivo com as ciladas da política, devia temer pelo seu futuro. De fato, em 14 de dezembro (1907), nas eleições municipais para vereadores e juizes de paz, a vitória dos *araras* do Cel. Silvestre de Lima foi esmagadora.

Em janeiro de 1908, uma vez eleito pela Câmara para a Prefeitura Municipal, o Cel. Silvestre de Lima nomeou Ismael Telasco de Miranda e João Batista Soares de Medeiros, respectivamente, subprefeito e subdelegado de polícia de Vila Olímpia e tomou providências para a instalação do Distrito de Paz. Este foi instalado no dia 10 daqueles mês, às 13 horas. O cartório ficava localizado numa casa de um dos cantos da Praça da Matriz. Era juiz de paz Emídio de

Maceno (Emídio Brás) e escrivão Eleasar de Menezes.

A instalação do distrito de Paz de Vila Olímpia teve a mais alta significação para os seus habitantes. Não só pelo serviço que o cartório prestava à comunidade, senão pelo entusiasmo que trouxe aos vilolimpienses. Mesmo receoso de omissões imperdoáveis, arriscamos a citar: Francisco de Melo Nogueira, Narciso Bertolino, os Mirandas, Eleasar de Menezes (até 1911), José Soares de Medeiros e os irmãos, José Clemêncio da Silva, João Aidar e seus primos, Miguel Salím e seus irmãos, Leonardo Posella Segundo... os quais muito contribuíram para o desenvolvimento do distrito. Nesse tempo, entre os estrangeiros predominavam, na zona urbana, os sírios, no comércio; e na zona rural, os espanhóis, que se dedicavam à pecuária e ao plantio de cereais, principalmente, arroz.

A inauguração, em 25 de maio de 1909, do prolongamento de E. de F. Paulista até Barretos provocou a maior alegria em todos os seus moradores, do mesmo modo que o avanço dos trilhos da São Paulo-Goiás rumo a Monte Azul vinha enchendo de esperança os vilolimpienses. A partir de 15 de novembro, o *Vila Olímpia*, pequeno jornal dirigido por Eduardo de Oliveira, passou a levar para além das fronteiras do distrito e do município, notícias da existência de uma região de terras férteis, ricos mananciais, abundantes madeiras de lei e vastos campos verdejantes. No ano de 1910, iniciou-se o plantio de cafeeiros e começaram a chegar, atraídas pela propaganda, famílias italianas, principalmente de Sertãozinho, que iriam cooperar decisivamente para transformar o antigo Sertão dos Olhos d'Água num dos maiores centros de produção de café, além de desenvolver consideravelmente a pecuária,

atividade que sempre existiu ali. Foi também o ano da instalação da Paróquia, em 13 de março e em que o Cap. Francisco de Melo Nogueira ingressou ativamente na política, elegendo-se vereador, em 30 de outubro, pelo partido *pica-pau*.

A Vila Olímpia, com a expansão da lavoura cafeeira, entrou numa fase de acelerado desenvolvimento. Foi o que atraiu o farmacêutico Manoel Inocêncio Marcondes de Andrade, que aqui instalou a tradicional Farmácia Marcondes. Em 1914, o filho Mário Vieira Marcondes, estudante de Direito, em São Paulo, vindo convalescer de grave enfermidade, na casa paterna, enamorou-se da senhorinha Maria Olímpia que _ como vimos _ era filha do Dr. Antônio Olímpio. Em 11 de julho de 1916, o casamento de Mário e Maria Olímpia foi um acontecimento social de rara repercussão. Casado, abriu escritório de advocacia, em Vila Olímpia, com o sogro e Leonardo Posella Segundo, que fazia serviços de agrimensura, embora fosse adversário político de ambos. Mário Marcondes logo mergulhou nas lutas partidárias, sempre com o seu companheiro, já então coronel Francisco de Melo Nogueira.

Entrementes, houve na política paulista inesperada reviravolta. Na convenção do P.R.P. a 7 de novembro de 1915. Cincinato Brafa declarou que o nome Altino Arantes não tinha prestígio suficiente para unir os paulistas. Pediu o adiamento da convenção para que o outro nome pudesse surgir. A proposta de adiamento, uma vez em votação, só foi apoiada pelos antigos dissidentes. Estava aberta a segunda dissidência. Os antigos dissidentes abandonaram o plenário da convenção. A candidatura Altino Arantes, foi, assim, aprovada por 72 votos a 1.

Em Barretos, o Cel.

Silvestre de Lima também era um antigo dissidente (isto é, de 1901). Foi o motivo por que o Dr. Antônio Olímpio foi chamado para formar o Diretório do partido. Criou-se, desse modo, uma situação de constrangimento para o prestigioso chefe *arara*: detinha em suas mãos o governo municipal, mas o adversário dominava o Diretório.

Por isso, a campanha para as eleições municipais de 30 de outubro de 1916 foi de todas a mais apaixonante, áspera e aguerrida.

Realizadas as eleições, os dois partidos usaram os mais condenáveis estratégias para vencer, porém, a vitória pendeu para os correligionários do chefe *arara*.

Ainda assim, o Dr. Antônio Olímpio, casado com D. Maria Isoleta _ também uma Arantes, continuou prestigiado pelo presidente do Estado de São Paulo e conseguiu o que mais desejava no momento, que era a autonomia no distrito. Desse modo, a 7 de dezembro de 1917, com o território desmembrado do de Barretos, a Lei nº 1571, criou o Município de Olímpia e concedeu à sede municipal foros de cidade.

No dia 21 de janeiro de 1918 circulou pela primeira vez *A Cidade de Olímpia*, de propriedade de Fidélino Pinheiro e cujos redatores eram Mário Marcondes e Lino Vieira.

Naquele mesmo ano, a 7 de abril foi instalado o Município, ocasião em que a Câmara escolheu para prefeito, Mário Vieira Marcondes.

Ainda no governo Altino Arantes foi criada a Comarca, pela Lei nº 1689, de 19 de dezembro de 1919. A sua instalação ocorreu em 9 de fevereiro de 1920.

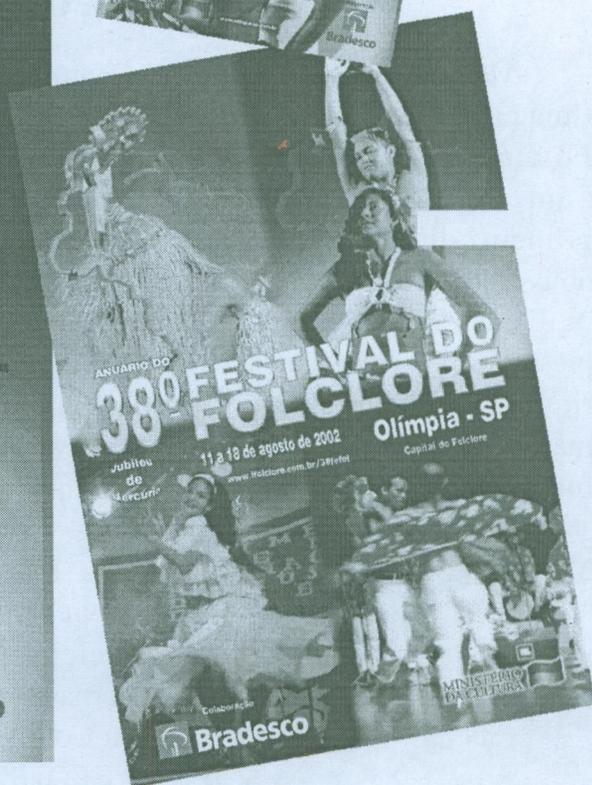
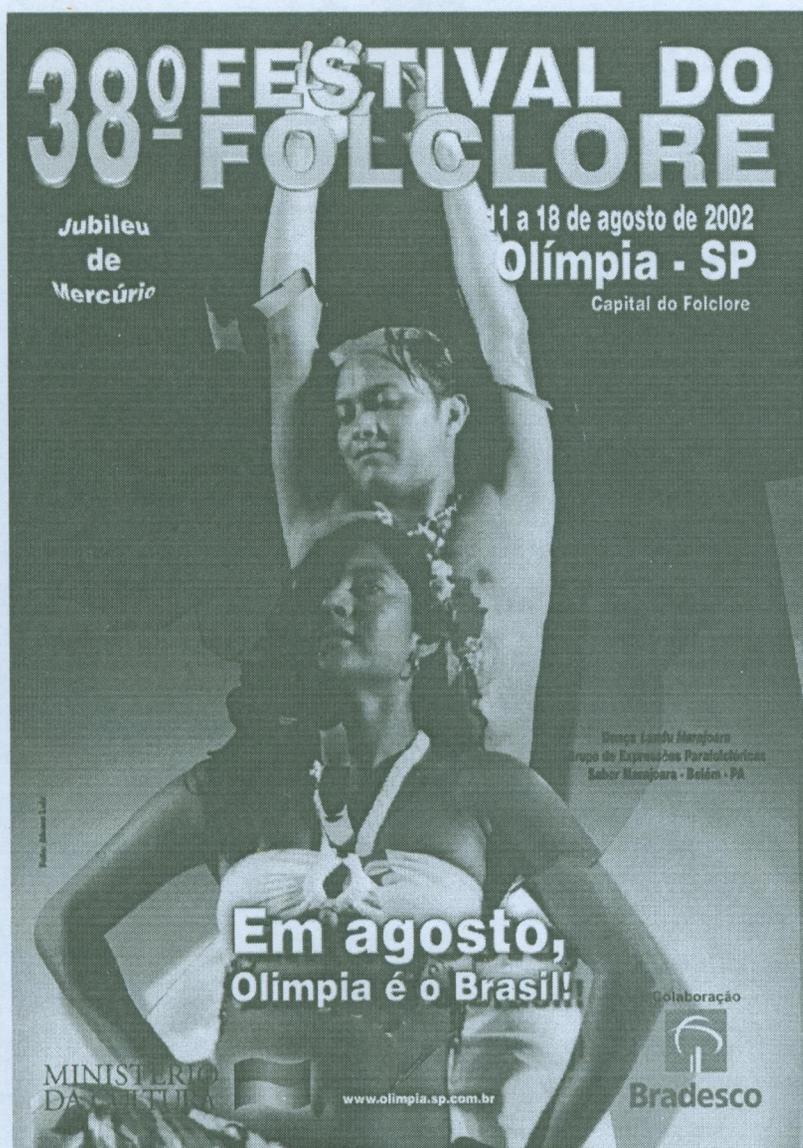
* Texto publicado no Anuário do 21.º Festival do Folclore de Olímpia/SP, que consideramos oportuno reproduzir tendo em vista o Centenário de Olímpia, que celebramos neste ano.

PANORAMA FOLCLÓRICO

O 38.º FESTIVAL DO FOLCLORE

ANDRÉ LUIZ NAKAMURA
DEPARTAMENTO DE FOLCLORE - OLÍMPIA/SP

CARTAZ, PROGRAMA-CONVITE E ANUÁRIO DO 38.º FEFOL



O Grupo de Expressões Parafolclóricas “Sabor Marajoara”, de Belém do Pará, dos mais queridos dos olimpienses, foi o cartaz do 38.º Festival do Folclore de Olímpia, do qual participa ininterruptamente

desde sua criação, em 1996.

No Programa-Convite e no Cartaz, a imagem principal consiste na evocação da “Lundu Marajoara”, a mais sensual das nossas danças populares.

Na capa do Anuário, a partir do alto, à direita, no sentido horário, “Lundu Marajoara”, “Dança das Pretinhas D’Angola do Umarizá” e “Dança dos Sete Orixás”.

MISSA DOS VIOLEIROS

A Missa dos Violeiros foi realizada no sábado que antecedeu o início do 38.º Festival do Folclore, no dia 10 de agosto de 2002, às 19 horas, na Igreja Matriz de São João Batista, um dos cartões postais da Capital do Folclore.

Celebrou-a o Monsenhor Antonio Santcliments, com a colaboração do Grupo de Liturgia da referida igreja.

Essa missa vem se destacando em meio à programação da nossa festa maior pela ampla participação dos olimpienses. A igreja ficou lotada.

A União dos Violeiros da Paróquia de São João Batista, mais uma vez, apresentou-se belis-

simamente. Sua devoção se expressa de modo encantador na plangência das violas e em seu cantar emocionado.

Também participaram da Missa, fazendo breves apresentações, o Terno de Congada “Chapéu de Fitas”, o grupo São Gonçalo, o GODAP – Grupo Olimpiense de Danças Parafolclóricas “Cidade Menina Moça” (todos de Olímpia/SP), Grupo Parafolclórico da Escola de Dança da Fundação Cultural do Estado da Bahia, de Salvador/BA, e o Grupo Parafolclórico “Elizabete Freire”, de Sertânia/PE.



LANÇAMENTO DO ANUÁRIO DO 38.º FESTIVAL DO FOLCLORE

Mais uma vez, no Pavilhão Cultural da Praça das Atividades Folclóricas “Prof. José Sant’anna”, na manhã do primeiro dia do 38º FEFOL, houve o lançamento do Anuário de Folclore, o de número 32, prestigiosa publicação contendo riquíssimo material sobre as mais diversas manifestações do folclore brasileiro.

O Anuário é editado pelo Museu de História e Folclore “Maria Olímpia”, com impressão e acabamento da



Centrograf, de Olímpia/SP.

O patrocinador do Anuário é o Bradesco, banco que se distingue por investir também em cultura. É o grande colaborador na divulgação literária do Festival do Folclore de Olímpia há vinte e dois anos.

Estiveram presentes no mencionado lançamento o Prefeito Municipal, Dr. Luiz Fernando Carneiro, o presidente da Comissão Executiva do 38º FEFOL, Dr. Luiz Martin Junqueira, a Coordenadora Geral do Setor de Folclore de Olímpia/SP, Prof.ª Maria Aparecida de Araújo Manzolli, o Diretor Executivo e de Edição do



Anuário, Dr. André Luiz Nakamura, que esteve autografando exemplares, juntamente com o Prof. José Carlos Rossato e Clarismundo Sant’anna, autores de artigos publicados no Anuário.

Representando o BRADESCO, compareceu o gerente da agência local do patrocinador do Anuário do 38º FEFOL, Sr. Luiz Fernando dos Santos.

31.º CAMPEONATO DO TRUCO

Evento reuniu mais de 60 duplas

Na barraca da Cidade Mirim e Vicentinos, na Praça das Atividades Folclóricas "Prof. José Sant'anna", a partir das 10 horas, 63 duplas participaram do 31.º Campeonato do Truco. A maioria delas pertence à Associação dos Truqueiros de Olímpia. Outras vieram de Severínia/SP, de Sertãozinho/SP e da capital do Estado.

O evento teve o apoio da Prefeitura Municipal de Olímpia, da Associação de Pais e Esportistas de Olímpia – APEO e da Associação dos Truqueiros de Olímpia.

A disputa, sempre acirrada e ruidosa, iniciou-se às 10h30, após discurso do Dr. Luiz Fernando Carneiro, Prefeito Municipal.

As cinco primeiras colocações ficaram com as seguintes duplas, classificadas para o Campeonato Paulista de Truco:



1.º lugar - João Oliveira Filho (João Neguinho) e Nilto César Stefanini (Feinho);

2.º lugar – Oriel Nicolau de Lima e João Marcelo Alves de Oliveira (Vulcão);

3.º lugar – Carlos Alberto Vieira (Jacaré) e Vagner Carlos Barbosa;

4.º lugar – Pedro Alves Santana (Pedrinho) e André Luiz da Costa Pereira.

5.º lugar – Geraldo Ferreira Júnior e Francisco Assis de Brito.

O torneio teve a coordenação de Marcelo Henrique da Silva, Marco Antonio Neves e Maurício Martins da Silva.

29.º CAMPEONATO DE MALHA



Outra forte disputa foi travada no 29.º Campeonato de Malha, realizado no dia 11 de agosto de 2002, no Ginásio de Esportes "Olinto Zambom". Teve seu início por volta das 14 horas, sob a coordenação de Alcides Daroz, grande aficcionado e cultivador dessa modalidade esportiva popular.

Eis as duplas que obtiveram as três primeiras colocações, premiados com troféus (ouro, prata e bronze, respectivamente):

_ 1.º lugar - Anezio Borges e João Antônio Torres da Silva;

_ 2.º lugar – Osmar Morassuti Pinto e Daniel Rodrigues da Silva;

_ 3.º lugar – Alcidez Daroz e João Lopes Lourenço.

A todos os participantes foram entregues certificados.

CICLO DE PALESTRAS E MINIFESTIVAL DO FOLCLORE

No Pavilhão Cultural, na Praça das Atividades Folclóricas "Prof. José Sant'anna", de 12 a 16 de agosto de 2002, realizou-se mais um Ciclo de Palestras sobre folclore, pela manhã, das 8h às 11h, e o Minifestival do Folclore, durante a tarde, das 14h às 17h.

O ciclo de palestras, uma feliz iniciativa da Comissão Organizadora do Festival do Folclore, destina-se a estudantes do ensino médio e a interessados no assunto e tem por objetivo a ampliação de seus conhecimentos sobre folclore, preparando-os para um melhor discernimento das manifestações folclóricas presentes na nossa festa maior.

No Minifestival se faz uma apropriada seleção das atividades desenvolvidas no palanque oficial do



FEFOL visando a uma apresentação mais didática para um público específico (infanto-juvenil).

Foram feitas breves preleções de folcloristas e de diretores de grupos folclóricos e parafolclóricos presentes no festival, com ampla participação desses grupos, que,

além de apresentarem suas danças e folguedos, tecem comentários sobre o histórico dessas, bem como de seus trajes e instrumentos, ensinam alguns passos e muito mais.

A Prof.^a Maria Aparecida de Araújo Manzolli coordenou ambos os eventos.

OFICINA E GINCANA DE BRINQUEDOS INFANTIS

De 12 a 16 de agosto de 2002, a partir das 14 horas, na Arena Cultural da Praça das Atividades Folclóricas realizou-se a 37.^a etapa da Gincana de Brinquedos Tradicionais Infantis, com grande participação das crianças, cerca de 150, por dia, de 7 a 14 anos, divididas por faixa etária. Os três primeiros colocados em cada modalidade lúdica receberam medalhas, respectivamente, de ouro, prata e bronze. Várias são as brincadeiras: corrida-de-três-pernas, corrida-do-saco, corrida-do-ovo-na-colher, pôr-o-rabo-no-burro, pião, papagaios, bitos, etc.

Coordenaram o evento os

professores Paulo Alberto Fonseca, Katicilene Aparecida de Souza, Iracema T. Ducatti Bassetto e Angelina Maria Pítton Coletto, com a colaboração de normalistas da Escola Capitão Narciso Bertolino.

Pela manhã, entre 9 e 11 horas, nos mesmos dias e em supletivo vínculo com a Gincana, realizou-se uma Oficina de Brinquedos Tradicionais Infantis, no Pavilhão Cultural, em que as crianças confeccionaram brinquedos como estilingue, pipa, entre outros, supervisionados por professores das unidades escolares olímpicas, sob a coordenação da Secretaria Municipal de Educação.



13.º SALÃO DE PINTURA E ARTES

No Pavilhão Cultural instalado na Praça das Atividades Folclóricas “Prof. José Sant’anna” teve lugar o 13.º Salão de Pintura e Artes “Alvacir Ribeiro de Souza”, em que estiveram expostos, para apreciação e comercialização, as obras com motivo folclórico que participaram do tradicional concurso realizado na semana que precede o Festival do Folclore, pela AOLC – Associação Olimpiense de Cultura “Zecca Scura”. A coordenação esteve a cargo de Janete Haitar.

Eis os ganhadores:

Na modalidade “Pintura Moderna”

Prêmio Aquisição – “Congada” – Romeu Ângelo Tamelini (Olímpia/SP); Grande Troféu Ouro – “Tempos Modernos” – Aparecido Gomes (São José do Rio Preto/SP); Médio Troféu Ouro – “Procissão” – Luiz Antonio Lucas (Araraquara/SP) – Grande Troféu Prata – “Lua Cheia” – Rosa Maria Alves da Silva (Bauru/SP); Médio Troféu Prata – “Brincar de Aprender” – Arthur H. V. Souza (São José do Rio Preto/SP); Pequeno Troféu Prata – “Corda dos Fiéis” – Dines M. de Oliveira Bertolino (Olímpia/SP); Grande Troféu Bronze – “Festa Junina” – Lucylaine A. Costa (Araraquara/SP); Médio Troféu Bronze – “Colheita de Café” – Marlene Pagotto (Olímpia/SP); Pequeno Troféu Bronze – “Brasil Folclore” – Maria Aparecida Ribeiro P. Martins

(Ribeirão Preto/SP).



Pintura Acadêmica

Prêmio Aquisição – “Fogão de Lenha” – José Luiz Franco (Olímpia/SP); Grande Troféu Ouro – “Obras Folclóricas” – Márcia Cristina C. Correa (São José do Rio Preto/SP); Médio Troféu Ouro – “Puxador do Ponto” – Meire Carabely (São José do Rio Preto/SP); Pequeno Troféu Ouro – “Bastião e Marungo” – Edna C. Camargo Fernandes (São José do Rio Preto/SP); Grande Troféu Prata – “Noite de Lua Cheia” – Domingas Nira de Assunção Silvério – Olímpia/SP); Médio Troféu Prata – “Amanhecer na Roça” – Rafael Biagioni (Olímpia/SP); Pequeno Troféu Prata – “Casinha de Sapé” – Iraide Quinália Oblonczyk (Olímpia/SP) – Grande Troféu Bronze – “Festa Junina” – Maria Alice Foganholi (Olímpia/SP); Médio Troféu Bronze – “Plantação de Café” – Ilza Mara Godoy T. Braga (São José do Rio Preto/SP); Pequeno Troféu Bronze – “Trabalhando na Terra” – Norma Bastos Matta (Olímpia/SP); Destaque Visual – “Restauração II” – Aparecido

Gomês (São José do Rio Preto/SP); Menção Honrosa – “Pantanal Mato Grosso” – Maria de Lurdes Alessi (Olímpia/SP); Troféu Zecca Scura – “Bumba-meu-boi” – Sonia M. Baleiro Canheo (Monte Aprazível/SP)

Escultura

Prêmio Aquisição – “Lampião Rei do Cangaço” – Maria Aparecida de Carvalho Konkowski; Troféu Ouro – “Criador e Criatura” – Devanil Luís Poe; Troféu Prata – “Torso em Movimento” – Lucia de Fátima Zangirolami Souza; Troféu Bronze – “Pré-conceito” – Luiz Antonio Arantes; Destaque Visual – “Vitória Régia” – Carlos Eduardo Finotti; Menção Honrosa – “Máscara Indígena” – Maria Aparecida C. Konkowski.

Artesanato

Prêmio Aquisição – “Palhaço de Santos Reis” – Nilza Maria Vezzi Almodóvar; Troféu Ouro – “Lampião” – Rosângela aparecida Marques; Troféu Prata – “Carro-de-boi” – Domingos Fernandes Arantes; Troféu Bronze – “Galinha” – GERALDA das Neves Singh; Troféu Originalidade – “Carroça” – Domingos Fernandes Arantes; Troféu Destaque Visual – “Abajur” – Equipe Trançado Estrela; Troféu SEBRAE – “Bolsa” – Maria Hilda dos Santos Rugai; Folclore Troféu Brasil – “Caiapó” – Zilda Maria Vezzi Almodóvar.

ARTESANATO

No 38.º Festival do Folclore realizou-se também, durante todos os dias do evento, no Pavilhão Cultural da Praça das Atividades Folclóricas, uma grande feira do artesanato da qual participaram artesãos oriundos dos mais diversos rincões brasileiros, em mais de cinquenta estandes. Cerca de oitenta artesãos olimpienses participaram dessa feira.

A Coordenação da Feira é de Rosali Gobato Ducati, com o decisivo apoio do SEBRAE/SP.



ABERTURA/APRESENTAÇÕES NO PALCO

Recorde de público em todas as noites do festival

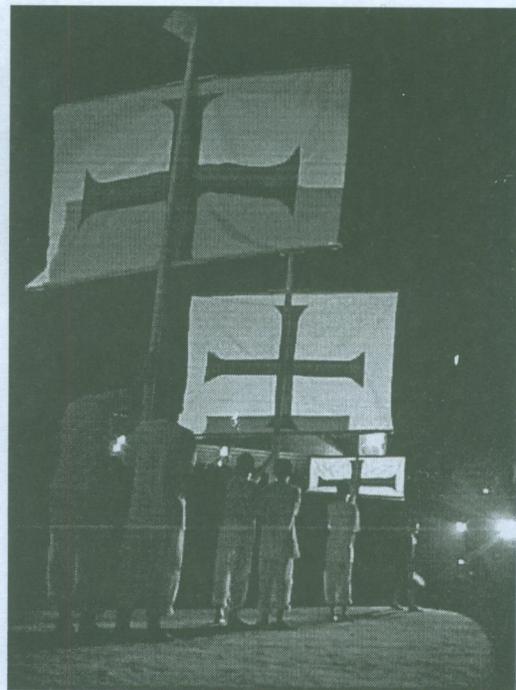
Após a cerimônia de hasteamento das bandeiras, no dia 11 de Agosto de 2002, às 19 horas, por autoridades locais e integrantes da Comissão Executiva do FEFOL, e os discursos oficiais do Dr. Luiz Fernando Carneiro, Prefeito Municipal, de Dr. Luiz Martin Junqueira, Presidente da Comissão Executiva do 38º FEFOL, e da Profª Maria Aparecida de Araújo Manzolli, Coordenadora Geral do Setor de Folclore em Olímpia/SP, passou-se ao espetáculo de abertura da 38.ª edição da nossa festa maior realizado pelos professores e alunos da Escola “Dalva Vieira Ítavo”, de Olímpia/SP, em que se retrataram aspectos históricos e folclóricos do Brasil, com a participação de centenas de crianças, culminando com um belíssimo espetáculo pirotécnico, acompanhado de músicas folclóricas.

Em seguida, houve um desfile pela Arena de todos os grupos folclóricos e parafolclóricos que se apresentariam no primeiro dia do festival, partindo das escadas da arquibancada, e a participação da Orquestra Paulistana de Viola Caipira, de São Paulo/SP (formada por alunos da Universidade Livre de Música, sob orientação e regência do Maestro Rui Tomeze).

Logo após, apresentaram-se o Coral dos Meninos Cantores de Olímpia e os seguintes grupos “São Gonçalo”, Olímpia/SP; GODAP – Grupo Olimpiense de Danças Parafolclóricas “Cidade Menina Moça”, Olímpia/SP; Transart - Balé Folclórico de Alagoas, Maceió/AL; Grupo Parafolclórico da Escola de Dança da Fundação Cultural do Estado da Bahia, Salvador/BA; Grupo Parafolclórico “Elisabete Freire”, Sertânia/PE; Grupo Matogrossense de Projeção Folclórica “Chalana”, de Cáceres/MT; Reisado de Zabelê/PB; Grupo Parafolclórico “Jacoca”, de Conde/PB _ todos estes últimos (exceto os grupos olimpienses) inéditos no Festival do Folclore de Olímpia/SP _ “Parafusos” e “Taieiras”, Lagarto/SE; Grupo de Expressões Parafolclóricas “Sabor Marajoara”, Belém/PA.

Nos dias que se seguiram, especialmente na segunda-feira, dia 12/08/2002, na terça-feira, dia 13/08/2002, e na quarta-feira, dia 14/08/2002, em que o público muito se reduzia em comparação com a noite de abertura e da de quinta-feira em diante, o número de espectadores na Arena Cultural “Profª Maria Aparecida de Araújo Manzolli” foi surpreendente. Acreditamos que tal se deveu aos grupos inéditos que se estavam apresentando.

Os grupos folclóricos e parafolclóricos, de 12 a 17 de agosto, a partir das 20 horas, revezaram-se no palco da Praça das Atividades Folclóricas “Prof. José Sant’anna”:



12/08/2002 – Segunda-feira:

Companhia de Reis “Viajantes de Belém”, Olímpia/SP; Reisado de Zabelê/PB; Grupo Parafolclórico da Escola de Dança da Fundação Cultural do Estado da Bahia, Salvador/BA; Grupo Parafolclórico “Jacoca”, de Conde/PB; Grupo “Eremim”, Osasco/SP; Centro de Tradições Gaúchas “Rancho Velho”, Caxias do Sul/RS (também inédito no FEFOL); Grupo Matogrossense de Projeção Folclórica “Chalana”, de Cáceres/MT; Grupo de Expressões Parafolclóricas “Sabor Marajoara”, Belém/PA.

13/08/2002 – Terça-feira:

GODAP – Grupo Olimpiense de Danças Parafolclóricas “Cidade Menina Moça”, Olímpia/

SP; Grupo “Eremim”, Osasco/SP; “Parafusos” e “Taieiras”, Lagarto/SE; Centro de Tradições Gaúchas “Rancho Velho”, Caxias do Sul/RS; “Transart” - Balé Folclórico de Alagoas, Maceió/AL; “Boi de Palha”, São Luís/MA.

14/08/2002 - Quarta-feira:

Grupo “São Gonçalo”, Olímpia/SP; “Boi de Palha”, São Luís/MA; Estudantes das escolas olimpienses “Santo Seno” e “Silva Melo”; Grupo Parafolclórico “Elizabete Freire”, Sertânia/PE; Grupo Parafolclórico “Terra da Luz”, Fortaleza/CE; “Boi de Palha”, São Luís/MA; Grupo Parafolclórico “Flor da Serra”, Chã-Preta/AL; Grupo Parafolclórico da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN; Grupo Parafolclórico “Jacoca”, Conde/PB.

15/08/2002 - Quinta-feira:

Companhia de Reis “Magos do Oriente”, Olímpia/SP; Reisado de Zabelê/PB; Grupo de Capoeira “Raízes de Olímpia”; GODAP – Grupo Olimpiense de Danças Parafolclóricas “Cidade Menina Moça”, Olímpia/SP; “Catira Feminina”, Bagaçu, Olímpia/SP; Grupo Matogrossense de Projeção Folclórica “Chalana”, Cáceres/MT; Grupo Parafolclórico “Jacoca”, Conde/PB; “Parafusos”, Lagarto/SE; Grupo Parafolclórico “Flor da Serra”, Chã-Preta/AL; Grupo Parafolclórico da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN; “Boi de Palha”, São Luís/MA; Grupo Parafolclórico da Escola de Dança da Fundação Cultural do Estado da Bahia, Salvador/BA.

16/08/2002 - Sexta-feira:

“Boi de Mamão”, Florianópolis/SC; Grupo “Capela Nova”, Betim/MG; Terno de Congada “Chapéu de Fitas”, Olímpia/SP; Balé Folclórico de Alagoas – Grupo “Transart”, Maceió/AL; Grupo de Expressões Parafolclóricas “Sabor Marajoara”, Belém/PA; Grupo Parafolclórico “Flor da Serra”, Chã-Preta/AL; Grupo Parafolclórico da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN; “Boi de Palha”, São Luís/MA; Grupo Matogrossense de Projeção Folclórica “Chalana”, Cáceres/MT; Grupo Parafolclórico da Escola de Dança da Fundação Cultural do Estado da Bahia, Salvador/BA; Grupo Parafolclórico “Terra da Luz”, Fortaleza/CE; C.T.G. “Rancho Velho”, Caxias do Sul/RS; QUAQT – Quadrilha do Arraiá de Santa Terezinha – QUAQT – Brasília-DF.

17/08/2002 – Sábado:

Terno de Congada Sainha, Uberlândia/MG; Terno de Moçambique de Lorena/SP; Caiapós, São José do Rio Pardo/SP; “Boi de Mamão”, Florianópolis/SC; Fandangos de Capela do Alto e Capão Bonito/SP; “Caboclinhos”, Guarujá/SP; Grupo Parafolclórico “Terra da Luz”, Fortaleza/CE; “Parafusos”, Lagarto/SE; “Caiapós”, Campestre/MG; Congada “Chambá”, São Sebastião do Paraíso/MG; “Samba-lenço”, Mauá/SP; Folia de Reis de Itaú de Minas/MG; Reisado Sergipano, Guarujá/SP; Quadrilha “Arraiá do Pega-fogo”, Belo Horizonte/MG; “Boi de Mamão”, Florianópolis/SC; GODAP – Grupo Olimpiense de Danças Parafolclóricas “Cidade Menina Moça”, Olímpia/SP; Grupo “Transart” – Balé Folclórico de Alagoas, Maceió/AL; QUAQT – Quadrilha do Arraiá de

Santa Terezinha – QUAQT – Brasília-DF; Grupo “Cheiro de Mate”, Capão Bonito/SP; CTG “Rancho Velho”, Caxias do Sul/RS; Grupo Parafolclórico “Jacoca”, Conde/PB; Grupo Matogrossense de Projeção Folclórica “Chalana”, Cáceres/MT; Grupo Parafolclórico da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN; Grupo de Expressões Parafolclóricas “Sabor Marajoara”, Belém/PA.

18/08/2002 – Domingo:

Após o desfile, o ponto máximo do festival, realizado no período da tarde, apresentaram-se os grupos parafolclóricos “Elisabete Freire” (Sertânia/PB); “Jacoca” (Conde/PB); “Boi de Palha”, (São Luís/MA) E “Sabor Marajoara” (Belém/PA).



APRESENTAÇÕES NO PALCO



Grupo de Danças "Raízes de Olímpia" - SP



Grupo Parafolclórico "Terra da Luz" (Fortaleza - CE)



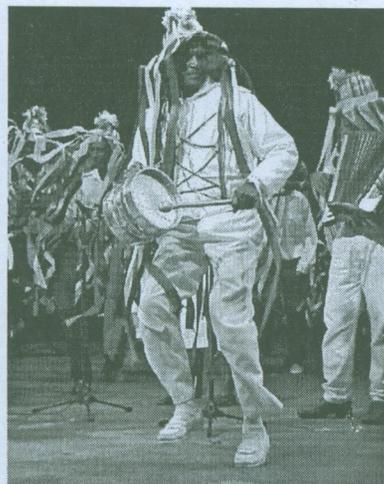
GODAP - Grupo Olimpiense de Danças Parafolclóricas



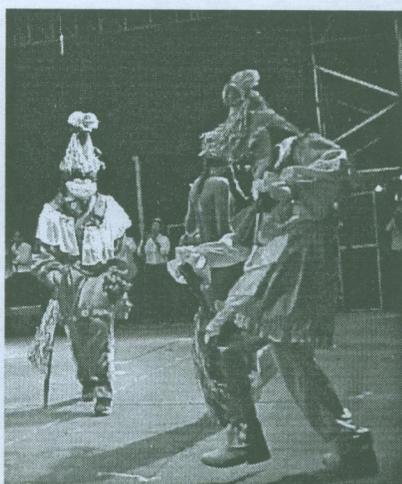
Grupo Parafolclórico da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Natal - RN)



"Catira Feminina" de Bagaçu, Olímpia - SP



Congada "Chapéu de Fitas" (Olímpia - SP)



Cia. de Reis "Magos do Oriente" (Olímpia - SP)



Grupo "Sabor Marajoara" (Belém - PA)

GRUPOS INÉDITOS NO 38.º FEFOL



Grupo Parafolclórico da Escola de Dança da Fundação Cultural do Estado da Bahia (Salvador - BA)



Balé Folclórico de Alagoas - Grupo "Transart" (Maceió - AL)



Grupo Matogrossense de Projeção Folclórica "Chalana" (Cáceres - MT)



Grupo Parafolclórico "Elizabete Freire" (Sertânia - PE)



Reisado de Zabelê - PB



Grupo de Danças Folclóricas "Jacoca"
* (Conde - PB)



Grupo "Flor da Serra" (Chã Preta - AL)



CTG "Rancho Velho" (Caxias do Sul - RS)



Grupo Parafolclórico "Eremim" (Osasco - SP)

GRUPOS FOLCLÓRICOS E PARAFOLCLÓRICOS QUE PARTICIPARAM DO 38.º FEFOL

DO SUDESTE: Grupo Folclórico Campinense, Campinas – SP; Terno de Moçambique de São Benedito, Lorena – SP; Grupo do Extremo Norte, Bebedouro – SP; Divino Espírito Santo, Guaraci – SP; Cia. de Reis "Presépio Vivo", Bebedouro – SP, Catira "Espora de Prata", Barretos – SP; Terno de Congada "Marinheiros de Franca", Franca – SP; Congada Três Colinas, Franca – SP; Reisado Sergipano e Bumba Meu Boi, Guarujá – SP; União Folclorista "São Benedito do Belém", Taubaté – SP; Caiapós, São José do Rio Pardo – SP; Congada de Sainha "Irmãos Paiva", Santo Antônio da Alegria – SP; Samba Lenço, Mauá – SP; Ternos de Congo "Santa Efigênia" e "Os Marinheiros" e Cia. de Santos Reis "Unidos dos Marinheiros", Itaú de Minas – SP; Fandango de Tamanco de Ribeirão Grande, Ribeirão Grande – SP; Cordão Folclórico Tatuense, Tatuí – SP; Grupo de Catira "Tradição Brasileira", Pirangi – SP; Grupo de Catira Feminina, Bagaçu – SP; Grupo de Fandango de Tamanco "Cuitelo", Capão Bonito – SP; Cia. de Reis "Viajantes do Belém", Olímpia – SP; Terno de Congada "Chapéu de Fitas", Olímpia – SP; Cia. de Reis "Lapinha de Belém", Olímpia – SP; Cia. de Reis Magos do Oriente, Olímpia – SP; Associação de Capoeira "Raízes de Olímpia", Olímpia – SP; GODAP – Grupo Olimpiense de Danças Parafolclóricas "Cidade Menina Moça", Olímpia – SP; São Gonçalo, Olímpia – SP; Grupo Folclórico e Religioso Moçambique São Benedito, Guaratinguetá – SP; Grupo de Danças Típicas Gaúchas "Cheiro de Mate", Capão Bonito – SP; Moçambique Princesa Izabel, Uberlândia – MG;

Eustáquio Marques, Terno de Congo Sainha, Uberlândia – MG; Grêmio Recreativo Arraial do Pega Fogo, Belo Horizonte – MG; Caiapós, Campestre – MG; Congada "Estrela do Sul", Nova Rezende – MG; Terno de Congo "Chambá", São Sebastião do Paraíso – MG; Moçambique Diamante, São Sebastião do Paraíso – MG; Terno de Congo "Caçulas do Paraíso", São Sebastião do Paraíso – MG; Cia. de Danças Folclóricas Capela Nova, Betim – MG; Congo "Camisa Verde e Branco", Uberlândia – MG; Terno de Congo "Angola", São Sebastião do Paraíso – MG. **DO SUL:** CTG. "Rancho Velho", Caxias do Sul – RS; Sociedade Folclórica Unidos do Pantanal, Florianópolis – SC. **DO NORDESTE:** Grupo Parafolclórico da Escola de Dança da Fundação Cultural do Estado da Bahia, Salvador – BA; Parafusos - Taieiras – Samba de Coco – Terno de Zabumba, Lagarto – SE; Balé Folclórico de Alagoas – "Grupo Transart", Maceió – AL; Grupo de Expressões Parafolclóricas e Folclóricas "Flor da Serra", Chã Preta – AL; Grupo Folclórico "Elizabeth Freire", Sertânia – PE; Grupo de Danças Folclóricas "Jacoca", Conde – PB; Grpo Parafolclórico "Terra da Luz", Fortaleza – CE; Grupo Parafolclórico da Universidade Federal do Rio Grande Norte, Natal – RN; "Boi de Palha", São Luiz – MA. **DO CENTRO-OESTE:** Grupo Artístico-Cultural e Meio-ambientalista "Chalana", Cáceres – MT; Quadrilha do Arraiá de Santa Terezinha – QUAST, Brasília – DF. **DO NORTE:** Grupo de Expressões Parafolclóricas "Sabor Marajoara", Belém – PA.

DESFILÉ - PONTO MÁXIMO DO FESTIVAL DO FOLCLORE DE OLÍMPIA

O desfile, com todos os grupos que participaram da 38.ª edição da nossa festa maior iniciou-se por volta das quinze horas, partindo da Avenida do Estudante e percorrendo as Avenidas Andrade e Silva e Menina Moça, até a Praça das Atividades Folclóricas "Prof. José Sant'anna", por cujas barracas e avenidas os grupos folclóricos e parafolclóricos também desfilaram, passando ainda em torno da arena e defronte do palco, dispersando-se, após, nos bastidores. Mais uma vez foi grandioso espetáculo o desfile dos grupos pela Praça das Atividades Folclóricas "Prof. José Sant'anna", que ficou totalmente lotada.



União Folclorista
"São Benedito
do Belém"
(Taubaté - SP)



Cia. de Reis "Extremo Norte"
(Bebedouro - SP)



Cia. de Reis "Os Viajantes de Belém" (Olímpia - SP)



Grupo Folclórico Campinense (Campinas - SP)



"Caiapós" (São José do Rio Pardo - SP)



Grupo de Catira "Tradição Brasileira"
(Pirangi - SP)



“Fandango Cuitelo” (Capão Bonito - SP)



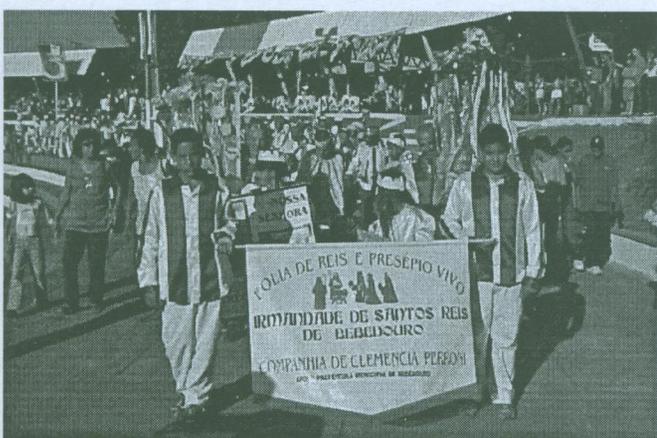
Cia. de Reis “Lapinha de Belém” (Olímpia - SP)



Congada “Três Colinas” (Franca - SP)



Congada “Xambá” (São Sebastião do Paraíso - MG)



Cia. de Reis “Presépio Vivo” (Bebedouro - SP)



Grupo “São Gonçalo” (Olímpia - SP)



Terno de Congo “Angola” (São Sebastião do Paraíso - MG)



“Cordão de Bichos” (Tatuí - SP)



“Parafusos” (Lagarto - SE)



“Reisado” (Zabelê - PB)



“Taieiras” (Lagarto - SE)



“Samba-lenço” (Mauá - SP)



“Reisado Sergipano” (Guarujá - SP)



Moçambique São Benedito (Lorena - SP)



Moçambique São Benedito (Guaratinguetá - SP)



Arena da Praça das Atividades Folclóricas

ÓRGÃOS PÚBLICOS PATROCINAM GRUPOS PARA O 38.º FEFOL

Governadores, Prefeitos, Parlamentares, Reitores de Universidades e outros colaboradores viabilizam a presença de grupos folclóricos e parafolclóricos no 38.º FEFOL

Tendo em vista a entrada franca para o Festival do Folclore de Olímpia/SP _ “é uma festa do povo para o povo”, como dizia o grande idealizador do festival, Prof. José Sant’anna _ a Comissão Executiva do evento enfrenta grandes adversidades de natureza econômica, pois a única renda provém da locação de espaços da Praça de Atividades Folclóricas e grande parte desta se destina, principalmente, à alimentação e hospedagem dos componentes dos muitos grupos aqui presentes. Sendo assim, recorreremos a brasileiros que amam e valorizam a cultura pátria.

Muitos deles nos atendem e entram conosco nessa empreitada cultural, viabilizando as despesas referentes à viagem, para a Capital do Folclore, de grupos folclóricos e de projeção folclórica provenientes de seus Estados.

Em nome de todos os olimpienses, a Comissão Executiva do 38.º Festival do Folclore registra seus mais veementes e efusivos agradecimentos:

_ à Prefeita de Maceió/AL, **Kátia Born**;

_ ao Prefeito de Cáceres/MT, **Túlio Aurélio de Campos Fontes**, ao Secretário Municipal de Educação e Cultura de Cáceres/MT **Celso Fanaia Teixeira**, ao Secretário Municipal do Meio Ambiente e Turismo de Cáceres/MT, **Cláudio Palma Dias** e ao Reitor da UNEMAT - Universidade do Estado de Mato Grosso, **Arno Rider**;

_ ao Secretário de Cultura e Turismo do Estado da Bahia, **Paulo Renato Dantas Gaudenzi**, e à Diretora da Escola de Dança da Fundação Cultural do Estado da Bahia, **Simone Najjar Gusmão**;

_ ao Prefeito de Serra Talhada/PE, **Geni Pereira**, ao Deputado Estadual **Henrique Queiroz** e a **Everaldo Cardoso**, Vereador de Sertânia/PE;

_ ao Reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, **Ótom Anselmo de Oliveira**;

_ ao Deputado Federal, pelo Ceará, **Marcelo Teixeira**;

_ ao Chefe da Casa Civil do Governo do Estado do Pará, **Sérgio Maneschy**, ao Presidente da PARATUR, **Adenauer Góes**, a **Marcos Antônio Marques** e a **Moisés e Sílvia** da Pororoca Produções;

_ ao Senador **Efraim Moraes**, pelo Estado da Paraíba e ao Prefeito de Zabelê/PB, **Lucivaldo Vaz Henrique**;

_ ao Prefeito de Conde/PB, **Temístocles de Almeida Ribeiro**, ao Secretário Municipal de Educação de Conde/PB, **Everaldo Lucena da Costa**, e à Secretária Municipal de Cultura de Conde/PB, **Iracema Figueiredo Lucena** (tivemos a honra e a alegria de recebê-los no 38.º FEFOL), extensivos a Agnaldo Azevedo, da Empresa Transportes Boa Viagem e Vlademir Neiva, da Editora Grafset, empresas de João Pessoa/PB ;

_ ao Governador de Alagoas,

Ronaldo Lessa, ao Prefeito de Chã Preta/AL, **Audálio Holanda** e ao Deputado Estadual **Isnaldo Bulhões**;

_ ao Prefeito de São Luís/MA, **Tadeu Palácio** e ao Presidente da Fundação Municipal de Cultura de São Luís, **Nelson Brito**,

que, respectivamente, possibilitaram a participação, no 38.º FEFOL, dos grupos: Balé Folclórico de Alagoas – Grupo Transart, de Maceió/AL; Grupo Matogrossense de Projeção Folclórica “Chalana”, de Cáceres/MT; Grupo Parafolclórico da Escola de Dança da Fundação Cultural do Estado da Bahia, Salvador/BA; Grupo Parafolclórico “Elisabete Freire”, de Sertânia/PE; Grupo Parafolclórico da Universidade do Rio Grande do Norte, de Natal/RN; Grupo Parafolclórico “Terra da Luz”, de Fortaleza/CE; Grupo de Expressões Parafolclóricas “Sabor Marajoara”; Reisado de Zabelê/PB; Grupo Parafolclórico “Jacoca”, de Conde/PB; Grupo Parafolclórico “Flor da Serra”, de Chã Preta/AL e “Boi de Palha”, de São Luís/MA.

A todos essas denodadas pessoas, que demonstram seu verdadeiro amor pela cultura brasileira, e que se orgulham de ver seus Estados representados no maior encontro de grupos folclóricos e parafolclóricos do Brasil, envidando seus esforços para isso, a Comissão Executiva do FEFOL reitera sua gratidão, formulando-lhes votos de saúde, paz e de um sempre crescente sucesso.

6.º FESTIVAL INTERNACIONAL DE FOLCLORE

A 6.ª etapa do Festival Internacional de Folclore de Olímpia – FIFOL foi realizada, com grande sucesso, de 20 a 27 de abril do ano em curso, na Praça das Atividades Folclóricas “Prof. José Sant’anna”, com a participação de grupos folclóricos e parafolclóricos de outras nações (fotos), indicados pelo CIOFF (Conseil International des Organizations de Festivals de Folklore et D’Arts Traditionnels). O Brasil foi representado pelo GODAP.

É oportuno lembrar que a origem desse evento está ligada a um convite feito pela Delegada Oficial do CIOFF - Brasil ao Prof. José Sant’anna para participar de um Festival Internacional em Laguna, Espanha, incumbindo-o de designar um grupo que nele representasse o Brasil. O escolhido foi o GODAP – Grupo Olimpiense de Danças Parafolclóricas “Cidade Menina-Moça”.

Desde então, Sant’anna passou a ser membro do CIOFF, juntamente com o grupo, adquirindo o direito de realizar em Olímpia Festivais CIOFF – o hoje já consagrado Festival Internacional de Folclore de Olímpia,

à frente do qual está a empreendedora e dinâmica, Prof.ª Maria Aparecida de Araújo Manzolli, Coordenadora do Geral do Setor de Folclore de Olímpia - SP.

O 6.º FIFOL, sem dúvida, a exemplo de suas edições anteriores, promoveu com êxito mais um festivo intercâmbio cultural de nações em Olímpia, Capital do Folclore.



Grupo “Cuicacalli” - México



Grupo de Danças “El Torreon” - Espanha



Grupo Folclórico “Sbandietori dei Rioni di Cori”
Itália



Grupo de Danças “Sun & Stone” - Grécia



Grupo Olimpiense de Danças Parafolclóricas
“Cidade Menina Moça” - GODAP - Brasil

GODAP no Festival Internacional do Chile

Ercídio Manzolli - Secretário CIOFF, Seção São Paulo



Convidados pelo CIOFF (Conseil International dês Organizations de Festivals de Folklore et D'Arts Traditionales) do Chile, o GODAP - Grupo Olimpense de Danças Parafolclóricas "Cidade Menina moça" mais uma vez foi representar o Brasil em terras estrangeiras.

Assim, no dia 07 de Janeiro de 2003 embarcamos pelas Companhias Aéreas VARIG e TAM com destino ao Chile.

A viagem não foi longa nem cansativa como as outras, e, quando ainda estávamos na expectativa, eis que nossos olhares começaram a contemplar a Cordilheira dos Andes, de beleza indescritível, principalmente pelo brilho da neve que como um espelho de cristal nos encantou.

Depois de alguns minutos, já desembarcávamos no Aeroporto de Santiago, bastante grande e moderno.

Fomos recepcionados pela delegada CIOFF do Chile, Sra. Eugenia Cirano, que, depois de saudar-nos, levou-nos até o Hotel *Vitória Simpson*, bem no centro da cidade, onde ficamos alojados durante as programações.

Conforme a programação, o Festival Internacional do Chile foi realizado em apenas dois dias, na capital, pois, diferentemente de Olímpia, onde temos local

apropriado, nesse país não o há, a exemplo de outros festivais em que estivemos.

O local escolhido foi o "Centro Cultural La Cúpula", Teatro de grande luxo, construído pela municipalidade de Santiago em convênio com órgãos

internacionais de cultura, que, num grande esforço, visaram dotar a cidade de um especializado centro para eventos.

Esse Teatro tem capacidade para mil pessoas, confortavelmente instaladas. É dotado de uma excelente qualidade acústica e iluminação, cujo projeto, elaborado na Europa, em forma circular, permite uma visão panorâmica espetacular para os assistentes, em qualquer lugar que estejam sentados. O material empregado na construção é alumínio e material vinílico com projeto arquitetônico utilizado pela NASA "Agência Espacial Norte Americana".

Ele está localizado no interior do "Parque O Higgins" onde grande parte da população, velhos, jovens e crianças, passam o dia junto à natureza desfrutando dos mais diversos tipos de ocupação e divertimentos.

Tivemos a oportunidade de sermos recebidos pela Sr^a Dagna Sanches, mui digna diretora do Centro Cultural Dianova, um dos responsáveis pelo funcionamento do Teatro que se constitui num orgulho nacional do Chile.

Nesse local magnífico realizou-se a abertura do Festival, no dia 10 de janeiro do ano em curso, com a apresentação do Ballet Folclórico Nacional "Bafona", o qual empolgou os presentes com uma

apresentação magnífica dos componentes num espetáculo de muita arte e beleza.

A apresentação seguinte foi do grupo Folclórico "Manurere", de origem indígena.

O Brasil, por meio do GODAP, foi o ponto alto das apresentações, deixando a todos os presentes uma amostra do que é o Brasil, sua cultura, sua raça e suas danças.

No dia seguinte (11/01/2003) no mesmo local, continuando o festival, apresentaram-se os grupos: Conjunto folclórico "Cantares de Mi Terra"; Conjunto folclórico "Chamal"; Conjunto folclórico "Manurere".

No encerramento, mais uma vez o folclore do Brasil através do GODAP, da nossa querida Olímpia.

Como não poderia deixar de ser, foi uma apresentação de alto nível, que contagiou os presentes, que, no encerramento, se levantaram e vieram cumprimentar e abraçar os componentes.

Como vemos, Olímpia, que é Brasil, mais uma vez dignificou a cultura brasileira pelo espetáculo apresentado, e, como sempre, quando é chamada para representar nossa pátria, o faz com muita dignidade e alegria.

No dia 12, o GODAP viajou para a cidade de BUIN, interior do Chile, onde, juntamente com outros dois grupos folclóricos de lá, deliraram a população com grandes espetáculos. As autoridades se fizeram presentes e se uniram aos munícipes na praça pública para assistirem, aplaudirem e homenagearem os grupos presentes.

No encerramento, muitos foram aqueles que com lágrimas de

gradidão abraçaram os dançarinos, os músicos e dirigentes, desejando-lhes muita sorte e felicidades.

APRESENTAÇÕES DO GODAP

**Departamento Cultural,
Recreação e Recursos Humanos
do Grupo Santander - Chile.**

Continuando as apresentações do GODAP no Festival Internacional do Chile nos dias 13, 14 e 15/01/2003, comparecemos para seis apresentações nos almoços festivos de confraternização dos diretores e funcionários do Banco Santander, que tem ótimo relacionamento nas esferas econômica e cultural no Chile.

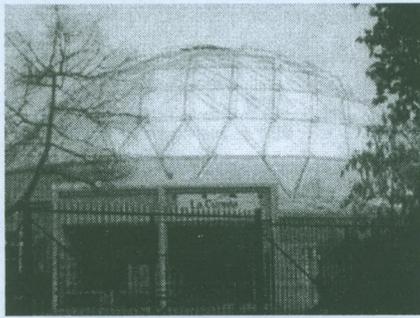
O Banco Santander mantém um departamento cultural muito atuante, à semelhança do nosso "Sesc-Senac", também bastante atuante no Brasil, dedica uma verba de U\$ 1.500.000 (um milhão e quinhentos mil dólares) anuais nos programas de cultura, recreação, recursos humanos, visando ao bem estar social para os trabalhadores, funcionários do banco, extensivo a todos os familiares. Assim, diariamente os associados dispõem de teatros, de campos para futebol, basquetebol, voleibol, tênis e piscinas para a prática da natação.

Para a cultura, afirmou-nos o Sr. Raúl Trujilio Devia, principal diretor e nosso anfitrião, no que diz respeito a dança e folclore, o banco utiliza uma verba anual de U\$350.000 mil dólares, que lhes permite manter uma parceria de assistência e manutenção para cinco grupos de danças.

Assim, o GODAP abrilhantou o almoço e a recreação para mais de 4.000 funcionários em três locais diferentes com apresentações de 40 minutos, às 13 horas e às 14:30 horas.

Percebemos a alegria entre os

presentes destacando-se entre eles



Teatro La Cúpula - Centro Cultural Dianova

presidentes, gerentes e chefias em geral.

Todos, enquanto se alimentavam na mais perfeita ordem, puderam conhecer um pouco da cultura brasileira por meio dos brilhantes representantes do GODAP.

No último dia das apresentações depois de calorosos aplausos, alguns diretores se apresentaram para entregar a todos os integrantes do grupo brasileiro um mimo como recordação por nossa passagem pelo Chile, e principalmente por conhecermos as atividades do Grupo Santander.

Porém, o presente de grande importância foi uma carta de agradecimento, bem como de reconhecimento do alto nível artístico do grupo, ressaltando a riqueza dos trajes, que, como afirmaram, era de muito bom gosto.

Essa carta, entregue à coordenadora do GODAP, delegada do CIOFF para todo o Estado de S. Paulo, a Prof.^a Maria Ap. de Araújo Manzolli, constitui-se um eloqüente documento, redigido por quem é um perfeito conhecedor do folclore de todo o mundo.

Pela beleza e elegância das palavras, estamos reproduzindo, para que todos os olímpenses possa conhecer o que lá fora se pensa e se fala de nosso folclore:

**"Dia 13/01 Feira indígena
de Artezania**

Á noite, precisamente as 19:30, o GODAP como convidado especial, participou da feira na sua parte de arte e cultura.

Foi muito agradável nossa participação neste evento organizado e dirigido por indígenas da cidade de Santiago com apoio da municipalidade e demais autoridades.

Com muita felicidade percebemos que a comunidade indígena vive na mais absoluta ordem junto às diferentes camadas sociais participando das mais diferentes atividades,, comerciais, culturais e educacionais.

Assim eles têm escolas de diferentes graduações podendo ser notada as vendas de livros de literatura, ciência, esporte e até mesmo dicionários de diferentes dialetos de tribos diferentes. Falam com muito desembaraço e ao assistirem as apresentações de palco aplaudiram com muita alegria demonstrando conhecimento do assunto.

As apresentações dos artistas e cantores ídolos são saudadas e acompanhadas com uma vibração e entusiasmo contagiante.

O GODAP que se apresentou por mais uma hora e meia e foi muito aplaudido por mais de 600 pessoas que no transcorrer das apresentações se misturaram com os brasileiros e juntos dançaram e gritavam muito.

Os índios chilenos são felizes pois não tem preconceito, sabem seus valores e privilégios mas conhecem a responsabilidade para o progresso da nação que só será possível quando cada um cumprir seu dever.

Aos índios do Chile nossos aplausos e a esperança de que nossos índios um dia também

desfrutem de harmonia e felicidade como vimos no Chile....”

Chile, País dos Andes, da cultura e de muitas frutas

O Chile é um país fascinante no qual se nota um verdadeiro milagre da natureza. É o país mais comprido do Continente, com 4.329 quilômetros de longitude “norte-sul”, com uma largura “Leste-Oeste” muito estreita, com a média de 177 quilômetros. Sua economia é estável e tem na política uma longa trajetória democrática.

Seus habitantes são bastantes religiosos, com uma frequência grande às igrejas, notando-se uma grande participação tanto de homens como mulheres.

Curiosamente, fascinou-nos saber que num mesmo território convivem harmoniosamente: terras, montanhas, mares, lagos e rios, dando aos visitantes uma sensação fantástica.

A aridez no norte, onde dificilmente chove, leva-nos a concluir que a população vive numa verdadeira demonstração de heroísmo pelo amor a terra.

Destaca-se o Deserto de Atacama, uma longa costa de praias solitárias que na sua maior parte é habitada por Indígenas de cultura ainda ancestral.

A economia, porém, é baseada na extração de minérios destacando-se o cobre como sua maior fonte. Em suas belezas naturais, destaca-se o deserto florido que se converte em um espetáculo formado por flores que crescem teimosamente em solos duros e áridos.

No extremo sul, pelo contrário, vê-se um cenário gelado que, juntando-se com as montanhas e rio, constitui-se num paraíso para

os amantes da vida natural, proporcionando ao país grandes fontes de recursos através do turismo, especialmente aos amantes dos esportes radicais, pessoas sedentas por desafios causadores de grande quantidade de adrenalina nas aventuras realizadas.

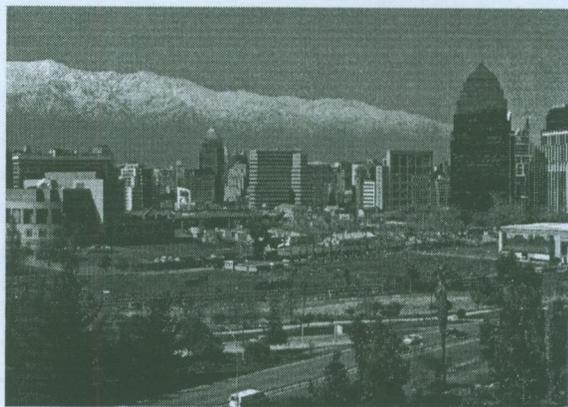
A capital do Chile, Santiago, foi fundada em 1541 pelo capitão espanhol “Pedro de Valdivia” ao lado do rio Mapocho em pleno vale central. Situa-se aos pés da cordilheira dos Andes, a 543 metros sobre o nível do mar. Sua população, de 5.000.000 (cinco milhões) de habitantes, representa um terço da população do país.

Nas últimas décadas tem havido uma aceleração na construção de edifícios modernos que se chocam com construções do princípio do século XX passado em bairros tradicionais...

A cidade dispõe de uma rede hoteleira de primeiro nível, excelentes restaurantes, bancos modernos e muitas agência de turismo com excelentes serviços a disposição dos visitantes, que se apresentam em grande número.

Santiago está no coração das maiores regiões vinícolas do Chile, destacando-se pelo menos 4 Vales com 8 tipos de uvas diferentes. A região goza de um clima ideal para a produção vinícola, pois suas terras de origem vulcânicas, bem regadas por chuvas intensas, com alto grau de radiações solares, aliado à grande variação da temperatura o que contribui para promover uma potente produção de açúcares; daí a doçura de suas frutas...

O hotel onde ficamos alojados



ficava junto à Praça Itália, bastante ornamentada com flores de muitas espécies, algumas desconhecidas de nós brasileiros, mas de rara beleza e formas.

Passeios e Turismo pelo Chile

Vinha Del Mar e Valparaíso

São duas cidades geminadas do Chile.

A cidade balneária de **Vinha Del Mar** está localizada a 120 quilômetros da capital Santiago, conhecida como cidade “jardim”, por estar rodeada por amplas áreas verdes com muitas flores e vegetações as mais diversas.

Cidade turística, tem suas atividades intensificadas nas temporadas. Seu centro comercial é bem organizado, com pontos de reuniões nos cafés e com muita área para conversação junto às confeitarias centrais. A municipalidade mantém a exploração de um cassino bastante freqüentado.

Destacam-se como pontos

turísticos o Relógio das Flores, avenida San Martin, e, principalmente, as praias, destacando entre elas – Acapulco- El Sol, Las Salinas, Renaca e Cochoa. A cidade possui um Mirador panorâmico onde a cidade pode ser melhor observada.

Unida à cidade de Vinha Del Mar, está Valparaíso, cidade banhada pelo mar, mas quem em vez de praias constitui-se um grande porto com um movimento bastante intenso, podendo-se notar um grande número de navios atracados, bem como um grande número de embarcações menores na baía. Suas ruas são bem planejadas, com traçados de arquitetura moderna onde paisagem se confundem ao fundo com as montanhas dos Andes que se avistam.

Em Valparaíso fica localizado o edifício do congresso do Chile tornando-se já há algum tempo o centro político do país. Na cidade encontramos no bairro de La Sebastiana a casa que pertenceu ao poeta Pablo Neruda que se destacou entre os maiores do mundo.

Na praça Santomaior encontra-se o monumento aos heróis de Iquique. Ali existe lojas onde esta a disposição para vendas postais e artigos de artesanato.

Cordilheira dos Andes e o Vale Nevado

O Chile é mundialmente conhecido como o país dos Andes. Daí sua população ser chamada de Andina.

A cordilheira dos Andes tem seu pico mais alto aos 6.600 metros ao nível do mar. Sua paisagem semiárida observada através os caminhos serpenteados por onde se faz a escalada no meio de neves eternas que modulam o visual.

Através da estrada bem

cuidada, pode-se ver as montanhas cobertas por minérios, principalmente o cobre visto abundantemente pela cor marrom esverdeada. Notam-se aqui e ali usinas pequenas e algumas maiores de extração e preparação do minério de onde são transportados para a Siderúrgica e para exportação para os mais diferentes países, como a maior fonte de renda do Chile.

Ao atingirmos os 1.200 metros de altitude fizemos uma parada para observarmos uma maravilhosa vista do Vale de Santiago.

Avistamos, manadas de animais, e fomos informados tratar-se de “cavalos selvagens” que ali vivem e reproduzem, sendo que alguns são amansados quando levados para centros de adestramento.

Algumas casas de campo são visitadas, cada uma procurando ser mais luxuosa do que a outra, dando àqueles que apreciam a natureza o orgulho de uma melhor vida alpina.

Na experiência da subida, vêem-se também maravilhosos bosques, formação de geleiras, lagos e rios torrentosos que descem apressadamente pelas montanhas...

O **Vale Nevado** para onde fomos é o mais importante centro de esqui do país. Fica nos 3.200 metros de altura e é dotado de confortáveis hotéis modernos, restaurantes e lojas.

Nas cordilheiras erguem-se condomínios de luxo, especialmente para a época do inverno.

É preciso coragem e muita força de vontade para subir por excelentes pistas mais ou menos 600 metros para atingir os pontos mais altos.

Além desse centro de esqui, existem outros famosos – Farelônes – Laparva e Colorado.

Quando chegamos ao “Vale Nevado” a temperatura marcava 6

graus e tivemos que comprar agasalhos.

O trajeto seguinte do qual já falamos, em direção às geleiras, tinha que ser feito a pé e, para nossa surpresa, 15 pessoas enfrentaram o desafio. A aventura fazia parte.

Nós subimos mais de 400 metros e, quando faltavam apenas 200 metros, desistimos, pois tal aventura tínhamos experimentado nos Montes Alpes na França.

Embora todos demonstrassem bastante cansaço, deram as mãos e junto partiram rumo ao ponto final, o que foi glorioso.

O frio estava aumentando, e a neve caindo, escurecia o ambiente e o céu começava a desaparecer.

Aproveitamos um jeep que passava e juntamente com fiscais que trabalhavam no escritório descemos até o acampamento, onde aguardamos com certa ansiedade os aventureiros do GODAP, muitos dos quais pela primeira vez subiram ao extremo norte das montanhas, onde o espetáculo da neve cristalina foi deslumbrante. Quando, finalmente, depois de quase uma hora de espera, chegaram, ficamos aliviados, pois estamos outra vez juntos...

Neste momento o termômetro marcava 0 grau e foi com muita felicidade que comemoraram.

Com muita alegria, descemos a serra e depois de quase duas horas estávamos em Santiago.

Nos Andes central, concentram-se ainda dezenas de montanha cujo pico ultrapassa 5.000 metros de altura, e alguns excedem aos 6.000 sobre o nível do mar; destacando-se com 7.021 metros o Pico Aconcágua o mais alto das Américas.

Foi esse o nosso último passeio e aventura no Chile, e já estamos com saudades.

NOTICIÁRIO ATINENTE AO FOLCLORE

JOSÉ CARLOS ROSSATO

Nos últimos meses surgiram fatos que podem interessar aos aficionados pelo Folclore. Entre eles, eis algumas informações:

FOLIAS

Em comemoração aos cinco séculos do “descobrimento” do nosso País, Dércio Marques (fone 11 485-1519 e celular 9999-6874) promoveu a gravação de um CD com 25 faixas, que foi batizado com a denominação **Folias do Brasil**. O empreendimento contou com o valioso patrocínio do Banco Santos, realização LUMEN e chegou a nós graças à gentileza de Geny Alberini. É mais um registro. No entanto, infelizmente, peca pela ausência de indispensáveis informações de praxe, que a situação requer: nomes dos grupos folclóricos, locais e denominações de cada faixa. De qualquer forma, a peça veio avolumar o acervo do gênero. É uma homenagem também à Folia do Divino (Espírito Santo), o que é mais raro no nosso meio, pelo menos até o presente momento, no tocante aos registros fonográficos, especialmente nesta área paulista.

TERRA DO FOLCLORE

O Boletim de nº 117, setembro de 2002, ano VIII, do Clube dos Escritores, Piracicaba (SP), estampou a nota, de nossa lavra, intitulada **Olímpia, Terra do Folclore**. Trata-se de concisa exposição de fatos, desde a instalação do município de Barretos (1980), do qual Olímpia surgiu, até observações mais recentes,

passando pela elevação a município (1917). A partir da segunda metade do século XX, a ímpar figura do talentoso líder, o professor José Sant’anna (e sua equipe) transformaram Olímpia na **Capital do Folclore Brasileiro**. O Festival nacional alcançou a 38.^a edição no ano passado. Há seis anos teve início o Festival Internacional do Folclore, em edições consecutivas.

FOLCLORE PAULISTA

A Prof.^a Dra. Rose Marie Reis Agrifoglio, presidente da Comissão Gaúcha de Folclore, enviou-nos o primeiro volume da **Série Folclore e Etnias: Etnia Luso-Açoriana**. Recordar-se que os açorianos (habitantes do arquipélago luso de Açores) foram os povoadores do mais meridional Estado da nossa federação. A apresentação é da Comissão Gaúcha de Folclore.

A coordenadora do projeto, a musicóloga Rose Marie, contou com valiosíssimas participações de estudiosos da cultura gaúcha para edificar a obra que teve início com o poema **Sul-Açoriano** (Paulo Elias Daniel). Bem estruturados os capítulos: **A Colonização Açoriana no Rio Grande do Sul** (Harry Rodrigues Bellomo), **Ritos Comuns ao Rio Grande do Sul e Açores** (Lílian Argentina Braga Marques), **Festa do Divino** (Paula Simon Ribeiro), **Folclore Musical do Espírito Santo: Folia do Divino em Osório** (Reginaldo Gil Braga), **O Pezinho – Nos Açores e no Rio Grande do Sul** (Rose Marie Reis Agrifoglio), **Legado Açoriano no Rio Grande do Sul** (Lézia Maria

Cardoso de Figueiredo e Getúlio Xavier Osório), **Similaridades de Brincadeiras Infantis no Meio Familiar Açoriano e Gaúcho** (Liane Rose Reis Garcia Bayard das Neves Germano), **Similitudes e Diferenças Entre a Pesca Artesanal no Arquipélago dos Açores e no Litoral Sul-Rio-Grandense** (Sonia Teresinha Siqueira Campos e Lílian Argentina Braga Marques) e, finalmente, **Carreira de Bois na Talha** (Lílian Argentina Braga Marques, Rose Marie Reis Agrifoglio e Sona Teresinha Siqueira Campos). A publicação com 135 páginas é bem ilustrada, apresentando quadros, fotos coloridas, muitos pentagramas e referências bibliográficas.

FOLCLORE DOS INSETOS

O presidente da Sociedade Brasileira de Estudos do Cangaço, o pesquisador Paulo Medeiros Gastão, honrou-nos com um livro de 44 páginas, deveras atrativo. Trata-se da obra do pesquisador Hitoshi Nomura, também amigo, porém residente na “Cidade das Andorinhas”.

Os Animais no Folclore: Aracnídeos e Miriápodes foi editado por duas instituições sérias, bem conceituadas e conhecidas dos adeptos das Humanidades: a **Fundação Guimarães Duque e a Fundação Vingt um Rosado**, ambas de Mossoró (RN). É o volume 1237, série “C”, da Coleção Mossoroense; saiu do prelo em agosto de 2001.

Após breve introdução, o Autor descreve em termos atrativos

o palpitante assunto. Depois de breves e interessantes adendos, acerca dos dois compartimentos, o primeiro englobando aranhas, escorpiões (e semelhantes), carrapatos, ácaros e outros insetos da classe; a outra, a dos miriapodos (seres de vários pares de pernas).

Na publicação está bem evidenciado o levantamento de adágios, credices, lendas, estórias, o aproveitamento de certas classes na alimentação popular e na medicina do povo, expressões calcadas em substanciosa bibliografia dos dois últimos séculos. Vale a pena conferir: A edição do livro foi patrocinada pelo Governo do Estado do Rio Grande do Norte, Secretaria de Estudo da Educação, da Cultura e dos Desportos.

ESTÓRIAS PARAIBANAS

O folclorólogo Altimar (de Alencar) Pimentel, radicado em João Pessoa (PB), enviou-nos a citada obra, editada em 2001, pela Thesaurus Editora de Brasília Ltda. Após interessante introdução, indispensável à compreensão do livro, onde expõe a maior contadora de estórias do mundo. Somente Luzia Teresa narrou para o citado pesquisador 242 estórias do povo, superando os pioneiros no gênero, os irmãos Grimm (alemães) que recolheram de vários informantes duas centenas de contos do povo. O nonagenário Félix Colluccio, amigo argentino, guardião da cultura do povo latino-americano, deixou observações, tal qual o estudioso do romanceiro Bráulio do Nascimento (vice-presidente da Comissão Nacional de Folclore) e observações (nas “orelhas”) de Veríssimo de Melo, de saudosa memória. O número um desse título, lançado em 1995, pela mesma Editora, enfaixou

outras 64 estórias. O dois deu continuidade até a estória de número 103. Outros três volumes completarão a obra de extremo valor para memória do nosso povo.

Complementando, o amigo Altimar enviou dois opúsculos: **Diálogos de Nuestra América** (palestra proferida na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em 1999) e **De Corpo Inteiro** (discurso pronunciado ao receber o título de Cidadão Paraibano, em 2001). Ambos os simpáticos textos são dignos de apreciação.

NOSSA GENTE

A consagrada revista **Seleções** (setembro 2001), editada por **Reader's Digest** em 19 idiomas, com mais de 25 milhões de exemplares mensalmente em inglês (EUA, Austrália, África do Sul, Canadá, Nova Zelândia, Índia e países asiáticos); português (Brasil e Portugal); espanhol (América Latina e Espanha); suco; filandês; dinamarquês; francês (Bélgica,



Em frente à estação ferroviária desativada de Olímpia, interior de São Paulo, duas jovens de um grupo folclórico atraem o olhar do fotógrafo. O colorido das fantasias e o sorriso das dançarinas dão vida à antiga locomotiva.

Canadá, França e Suriname); norueguês; alemão (Alemanha e Suíça); italiano; holandês (Holanda e Bélgica); chinês; russo; húngaro; coreano; checo; eslovaco; polonês

e tailandês divulgou o Folclore olimpiense.

Na quarta capa, seção **Nossa Gente**, o fotógrafo Rogério Reis, mostra com sua objetiva (foto) parte de um prédio histórico e de máquina de “trem-de-ferro”, onde se lê:

“Em frente à estação ferroviária desativada de Olímpia, interior de São Paulo, duas jovens de um grupo folclórico atraem o olhar do fotógrafo. O colorido das fantasias e o sorriso das dançarinas dão vida à antiga locomotiva”.

Agradeço a atenção de Jamil Guarita, diretor-executivo daquela publicação. No entanto, infelizmente, houve um equívoco. O prédio mencionado é do **Museu de História e Folclore “Maria Olímpia”** (Olímpia - SP) e não a antiga estação ferroviária da capital do Folclore brasileiro. Lamenta-se. Entretanto, valeu a intenção pela pretensa cortesia do editor-chefe Sérgio Charlab. Volte e será muito bem recebido.

O aludido exemplar de **Seleções** chegou às minhas mãos através do amigo Pecê, ou melhor, Pedro Clóvis Nogueira Borges, antigo olimpiense, tradicionalista, adepto do folclore e da história regional. As duas jovens fotografadas são integrantes do **Grupo Parafolclórico da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal - RN**, que já participou de várias edições do Festival do Folclore de Olímpia.

CD É GRAVADO PELA ESTRELA DIVINA

A Companhia de Reis de Rio Preto Estrela Divina, comandada pelo Mestre Cristal (Mamédio Alexandre), lançou um “compact disc”. Esse grupo, criado em 1985, mas tendo todos os integrantes tradicionalizados nesse ramo, é

composto por dez integrantes, além da dupla de palhaços. Essa Folia (termo pouco usado e considerado ofensivo por muitos) situa-se no bairro Cecap, em São José do Rio Preto (SP).

Nunca é demais afirmar que as letras dessas dezessete páginas musicais baseiam-se na trajetória bíblica do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo. Olviamente, os títulos dessas canções deixam isso muito evidente. Eis alguns exemplos, como justificativa: **Anunciação do Anjo, A visita dos Magos, e Saudando o Presépio**, além de outros.

Parabéns à **Companhia de Reis Estrela Divina** e a todos os que colaboraram para a materialização da idéia, realizando o sonho dos seus componentes e de muitas outras pessoas.

FOLCLORE DE SERPENTES

Um livro de 240 páginas, incluindo a bibliografia e com algumas ilustrações, redigido por um zoólogo respeitabilíssimo está circulando pelas principais livrarias. Trata-se de **SERPENTES: LENDAS, MITOS, SUPERSTIÇÕES E CRENDICES**, de **LUIZ DINO VIZOTTO**. Conheci o professor Visotto há vários anos. Cheguei a fazer um curso de extensão, ministrado por ele. É excelente. No entanto, nunca poderia imaginar que um naturalista entraria um dia nesse universo. Não é, portanto, uma publicação de um folclorólogo, entretanto merece ser respeitada. Cumprimento o autor, nessa nova empreitada.

CURSO LIVRE DE FOLCLORE

A **FUNARTE** (Fundação Nacional de Arte), o Museu de Folclore Edison Carneiro, o Centro Nacional de Folclore e Cultura

Popular, e, ainda, o Departamento de Educação Artística da Faculdade de Educação da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, com o apoio do Ministério da Cultura, irmanados pelo mesmo ideal, promoveram outra edição do **Curso Livre de Folclore e Cultura Popular**. Objetivo: capacitar interessados no palpitante assunto.

O evento, tão aguardado pelos que, no ano anterior, participaram do curso que teve o mesmo nome, no entanto, com outras temáticas, desenvolvidas por outros docentes. Tal qual o anterior, o evento foi realizado no Auditório do Museu de Folclore Edison Carneiro, situado na rua do Catete, nº 179, na Cidade Maravilhosa. O período de realização estendeu de 15 a 27 de julho de 2002 (duas semanas). Os conferencistas, de elevado nível acadêmico, coordenados pela antropóloga Letícia Vianna, demonstraram renomada especialização. Alberto Vianna, demonstraram renomada especialização. Alberto Cipiniuk (do Instituto de Artes/UERJ) e Cláudia Márcia Ferreira (do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular – CNFCP/Funarte) assinaram os certificados do curso que abrangeu 86 (oitenta e seis) horas/aula.

Uma das etapas do curso foi um dia de campo, excursão do grupo, acompanhado pela instrutora Letícia Vianna. Visitamos o sítio do Nego, apelido de Geraldo Simplício, em Nova Friburgo, Estado do Rio. A propriedade agrícola desse baiano, situa-se às margens de uma estrada vicinal direcionada à rodovia pavimentada que liga Nova Friburgo à Teresópolis.

Nego, como gosta de ser chamado, é um exímio artesão. Conhecíamos artesãos de várias categorias. Uns em madeira, outros em frutas carnosas (melancia, melão, mamão, etc.), alguns em giz e em outros objetos. Mas em terreno, foi

o primeiro. Nego realiza os seus trabalhos com peculiar arte, nos barrancos próximos à casa onde reside. Esse baiano, que já foi camelô no Rio e em outras capitais, está contente com a atividade, desenvolvida por acaso, há treze anos ininterruptamente. Ele explicou o seu trabalho. Escolhe o barranco e com ferramentas simples: prego grande, faca, colher e outras, inicia a atividade, que é vagarosa. Molha o local, sempre que sentir necessidade. Depois de pronta, mesmo contando com a alta umidade da região, irriga com um regador a escultura. Cobre-a com sacos usados de juta. No período das secas, molha à medida das necessidades. Ela se veste de musgos que agradam os olhares de todos. Não há quem não se encanta com o trabalho executado pelas mãos do artista Nego. Segundo informou, a atividade desenvolvida, nasceu do acaso; posteriormente foi aperfeiçoada pelo próprio.

Eis dois flagrantes de objetiva, para ilustrar a sensibilidade do artesão Nego.



A Capital do Folclore brasileiro foi representada, no segundo ano consecutivo, pelo folclorista **José Carlos Rossato**, membro efetivo do Departamento de Folclore, do Museu de História e Folclore Maria Olímpia.

OLÍMPIA – UM FESTIVAL NO CAMINHO CERTO

Rogers Ayres

O Grupo Transart – Balé Folclórico de Alagoas – esteve participando da 38.^a edição do famoso Festival de Folclore de Olímpia, em agosto de 2002, pela primeira vez, depois de 26 anos de existência, e, finalmente, pôde constatar a grandiosidade desse evento brasileiro, que promove o grande intercâmbio do folclore nacional nessa hospitaleira cidade paulistana.

É impressionante como grupos populares, tradicionais, “de raiz”, cruzam intensivamente com grupos parafolclóricos, de projeção, estilizados, escolares, etc., nos palcos, nas ruas e no refeitório, durante toda a temporada do Festival, dando uma demonstração viva de convívio, democracia, sabedoria e solidariedade com todas aquelas pessoas apaixonadas e dedicadas à causa da nossa cultura popular, oriundas de todas as regiões do Brasil.

Trocamos idéias e convivemos com grandes grupos da região sul, central e norte do país e constatamos a grande força que os chamados parafolclóricos possuem, como grande laboratório de estudo, pesquisa, valorização e divulgação das nossas manifestações populares, conquistando uma nova fatia de adeptos, amantes e preservadores da nossa identidade cultural nacional.

Nossa primeira participação em Festivais fora do estado de Alagoas foi em agosto de 1995, quando fomos um dos grupos que representaram o Brasil no “IX Festival Internacional de Folclore do Brasil” na Praia Grande, em São Paulo, e a partir daí fomos convidados por diversas nações estrangeiras que ficaram encantadas com a riqueza do nosso folclore, mas optamos em aceitar o convite dos italianos e lá fomos nós! Em julho e agosto de 1996 e 1997, o Transart representou o Brasil nos principais Festivais Internacionais de Folclore da Itália, viajando por todo o país com uma delegação de 30 componentes, incluindo trio de sanfoneiros e coordenação.

Desde então, recebemos convites para apresentações na Grécia,

Polônia, EUA, Espanha, Portugal, México, Costa Rica, Paraguai, França, etc., mas com a disparada do dólar no Brasil, nossas viagens ficaram muito caras, e, então, partimos para novos Projetos nacionais iniciando nossa participação no “1.º Festival de Danças Folclóricas de Blumenau-SC”, em 1998, com grande sucesso. Logo depois, em 2000, já estávamos em grande *tournee* pelo sul do país, quando então participamos dos Festivais Internacionais de Folclore de Passo Fundo e Cruz Alta no Rio Grande do Sul, e também estivemos no “2.º Festival Nacional de Dança de Ponta Grossa – PR” e várias cidades daquele Estado, que nos receberam com muito carinho e nos deram grande destaque nos jornais.

Com diversas apresentações em eventos ligados à cultura e ao turismo, já estivemos em Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Aracajú, Recife, Caruaru, etc. Em todos os locais que andamos conseguimos promover uma grande alegria e euforia na platéia, que delira ao som do hino do “Guerreiro de Alagoas” no final do espetáculo “Folguedos Natalinos”. Isso é formidável!

Participando do “X Congresso Brasileiro de Folclore”, em junho do ano passado – 2002 – em São Luís do Maranhão, tive a grande oportunidade de fazer um grande intercâmbio com vários grupos do norte do país, e conhecer de perto grandes nomes de folcloristas, estudiosos, antropólogos e escritores que formam a constelação de 1.^a grandeza do cenário folclórico brasileiro. Percebi, que apesar da modernidade, ainda existem algumas correntes de pensamento, que pregam “a caça às bruxas” para aqueles que realizam um trabalho inovador, diferente, criativo dentro desse universo tão delicado.

É preciso lembrar que o fenômeno folclórico, assim como o fenômeno social, é totalmente dinâmico, e totalmente sujeito às interferências do progresso, da mídia, da moda, da política, de toda evolução pela qual a sociedade passa constantemente. Sendo assim, é impossível envolver nossos jovens estudantes dentro de um processo de congelamento ou

embalsamento das formas e conteúdos do “fazer folclórico”, criando neles uma consciência de que “as coisas da nossa gente e da nossa sabedoria popular” precisam ser preservadas e passadas para o futuro de forma “pesada”, “antiquada”, “complexa” e sempre referencial a signos que não fazem parte do nosso contexto cultural e social contemporâneo.

Mesmo assim, apesar da resistência “ao novo”, dos grandes tradicionalistas e conservadores, os parafolclóricos e de expressões populares se multiplicam velozmente em todo o país, envolvendo escolas, academias, centros comunitários, cooperativas, clubes, igrejas e povoados, que, através desses grupos, ainda contam para nós um pouco da história de sua terra, de sua gente e de seus modos de viver, de uma forma bela, rica e criativa, que vem conquistando o carinho e os aplausos de milhares de espectadores pelo mundo afora.

Nesse aspecto, Olímpia, depois de uma grande fase de conservação de fórmulas, regras, roteiros e linhas de espetáculos, agora se rejuvenesce e abre as portas para os mais variados e belos grupos espalhados pelo país, mostrando para os novos jovens que também “é um barato” estudar e interpretar os valores da cultura folclórica de sua terra. Olímpia atesta o valor que nossa juventude imprime nas nossas manifestações folclóricas, quando elas lhes são passadas de forma alegre, sedutora e valorizando muito a participação de cada um no processo. Quantos jovens seriam desviados do caminho das drogas, do álcool, do roubo e da marginalização, se tivessem oportunidades de – logo cedo – estarem com a mente ocupada, descobrindo novos valores da sua cultura, participando de grupos de interesses mútuos de consciência cultural e levantando sua auto-estima consideravelmente?

Obrigado, D. Cidinha, por ter assumido as rédeas desse gigantesco projeto de divulgação do folclore nacional, e continue firme no seu propósito de – não só valorizar e divulgar os grupos populares – mas também abrir as portas para que novos

grupo apareçam e apresentem suas propostas aos novos apreciadores dessa arte tão bela e, muitas vezes, tão esquecida. Obrigado pela apresentação do seu Grupo tão belo e tão didático para todos nós, apresentando todas as danças

pesquisadas no sul e sudeste, e outras regiões, com muita competência, riqueza e elegância. Olímpia continuando assim se rejuvenescerá sempre e se tornará imortal no panorama dos Festivais de Folclore do Brasil!

ROGERS AYRES

Professor de Folclore dos Cursos de Ed. Física e Teatro do Dep. De Artes da UFAL e criador do GRUPO TRANSART em Maceió – Alagoas.

SABOR MARAJOARA HOMENAGEIA OLÍMPIA

O “*Sabor Marajoara*” estará participando da festa maior de Olímpia, que é a comemoração do seu centenário. Mesmo com toda essa idade não deixa de ser uma “*Menina Moça*”. O grupo vem participando desde do seu 32.º FEFOL e nós agradecemos pelo carinho, calor humano, pela festa e apoio que os filhos dessa cidade vem dando ao mesmo.

Pela primeira vez que grupo chegou ao Festival, parecia que estávamos em casa, nunca poderíamos imaginar que um festival pudesse reunir tanta cultura, mas a maior conquista que o Sabor conseguiu, foi quando uma pessoa chegou até nós, com simplicidade, mas com um conhecimento tão vasto da cultura brasileira, e falou: “você são o grupo parafolclórico mais folclórico que eu já vi”...palavras do nosso ilustre e eterno *José Santa’Ana*. Essa foi a maior premiação que o grupo já recebeu. Em função dessas palavras é que o *Sabor Marajoara* chegou ser homenageado com a ilustração na capa do Anuário do 38.º FEFOL, onde concentra um dos maiores registros de informações culturais do nosso Brasil.

Com isso, somos gratos eternamente à cidade de Olímpia, e esse agradecimento se expressa em forma de música a toda população.

AQUARELA CULTURA

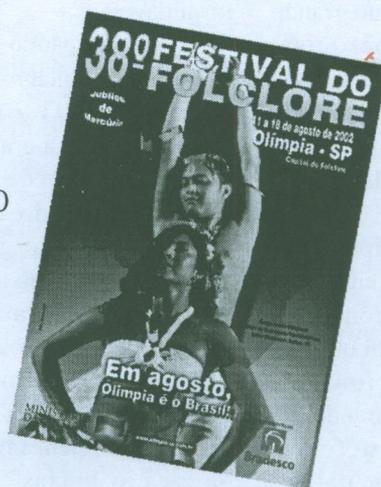
(Dimitri Cunha – E)

A E A E
 QUANTO ALEGRIA / PRO SABOR MARAJOARA
 C#7 F#m A E
 A NOSSA GENTE PAROARA / REVIVER TANTA EMOÇÃO
 A E A E
 MENINA MOÇA / REFAZENDO ESTA AQUARELA
 C#7 F#m A E
 VAI PINTANDO UMA SÓ TELA / COLORIDO O COROAÇÃO
 A E A E
 QUE MARAVILHA / REVIVER NA MESMA TRILHA
 C#7 F#m
 TANTA GENTE, VÁRIAS CRIAS
 A E A E
 DA CULTURA POPULAR / BUSCAR NAS DANÇAS
 A E
 TANTOS CONTOS MIL LEMBRANÇAS
 C#7 F#m A E
 ANIMANDO AS ESPERANÇAS DE UM BRASIL PARTICULAR

E NESTA FESTA, DO FOLCLORE DA CULTURA
 ESSE RIO É MINHA RUA / QUE VAI DESEGURAR NO MAR
 NO MAR DA VIDA, LIVRO ESCRITO EM LETRA DE OURO
 QUE SANTA’ANA FEZ TESOURO E NINGUÉM PODE ENTERRAR

Ricardo Amanajás
 G.E.P. Sabor Marajoara

MARIVALDO E ADRIANA AGRADECEM A COMISSÃO EXECUTIVA DO 38.º FEFOL



“Este foi o ano que marcou nossas vidas e é com grande orgulho que nos sentimos gratificados por conhecer e sentir o calor humano de todo o povo de Olímpia, gente esta que nos faz cantar, dançar e encantar com o nossos feitiço amazônico, tudo isso é muito pai d’égua e legal. Mais legal, sem dúvida, foi ter

sido o cartaz do 38.º FEFOL. Para nós, foi uma grande prova de que o folclore paraense encanta os olhos e os corações dos olimpienses.

Olímpia, hoje te mando um carinho feito pelas mãos da Mãe d’água, um abraço bem apertado, pela Matinta Perera e um beijo delicioso com “sabor marajoara”.

Dos seus: **Marivaldo Cardoso e Adriana Amanajás**”.

O COMTUR E O FESTIVAL DO FOLCLORE

Márcio José Ramos - Presidente do COMTUR

O **COMTUR** - Conselho Municipal do Turismo de Olímpia - SP foi oficializado em 15 de abril de 2002, durante a realização do 5.º Festival Internacional do Folclore. Entretanto, houve um longo caminho para que ele se concretizasse e se tornasse atuante até hoje.

Por determinação do Prefeito Municipal de Olímpia, Dr. Luiz Fernando Carneiro, a **PRODEM** – Progresso e Desenvolvimento Municipal de Olímpia, empresa pública fundada em 1979, teve a incumbência de cuidar do Desenvolvimento Econômico de Olímpia a partir do início de seu mandato em 1º de janeiro de 2001. E um dos principais pilares para que houvesse o desenvolvimento econômico foi o fomento ao turismo local.

Depois de feitos estudos iniciais, em maio de 2001 foi feita a primeira reunião com a comunidade olimpiense interessada no incentivo ao turismo local, sendo então lançada a primeira semente para o nascimento do **COMTUR**.

Em seguida foi o **SEBRAE São José do Rio Preto** o primeiro parceiro que surgiu, trazendo uma consultoria especializada, que nos acompanha até hoje. O primeiro grande resultado foi a realização de uma Oficina de Planejamento do Turismo em Olímpia, realizada em 30 de novembro de 2001, tendo como primeiro resultado a conclusão que Olímpia tinha como grande diferencial turístico a realização dos **Festivais do Folclore**, tendo o **COMTUR** a

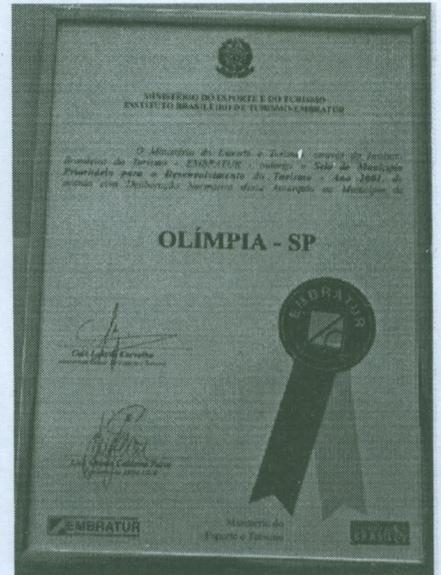
responsabilidade de atuar conjuntamente com a **Associação de Defesa do Folclore Brasileiro**, entidade responsável pelos Festivais.

O segundo grande resultado desta Oficina de Planejamento foi a formação de grupos de trabalho para o fomento do turismo em Olímpia, coordenados por Rosali Gobato Ducati, assessora na **PRODEM**, que dirigiu os trabalhos, culminando com a apresentação destes trabalhos em 23 de maio de 2002 no Clube Thermas dos Laranjais com a presença de aproximadamente 500 pessoas, demonstrando que o trabalho do **COMTUR** estava em sintonia com a comunidade, bem como havia interesse desta em participar destes trabalhos.

O artesanato olimpiense tem participado muito nesta caminhada do turismo. Já está aberta a Casa do Artesão desde 8 de março de 2002, com destaque para o **Trançado Estrela**, que se tornou um marco do artesanato local, sendo difundido não só nacionalmente, mas também fora de nosso país.

O Clube **Thermas dos Laranjais** tem sido o grande propulsor do turismo em Olímpia, já atraindo milhares de turistas durante todos estes anos. Em conjunto com outras atividades de lazer, como a pesca, o turismo rural, os eventos noturnos, sem dúvida teremos também o lazer para atrair o turista.

O que o **COMTUR** de Olímpia tem



Selo de Município Prioritário para o Desenvolvimento do Turismo outorgado a Olímpia pelo Ministério do Esporte e Turismo.

trabalhado é o tripé tão importante para o turismo: **a cultura, o artesanato e o lazer**. Junto com todos os nossos parceiros, esperamos continuar firme em nossa caminhada, sempre envolvidos com a população olimpiense, que em conjunto com os turistas que nos visitam, é a que mais participa desta atividade econômica.

Durante o **39.º Festival do Folclore de Olímpia** o **COMTUR** estará mais uma vez presente, ajudando nesta festa popular das mais importantes no calendário cultural de nosso país.

O SEBRAE-SP E O FEFOL

Mais uma vez juntos. Nossa parceria sedimentada ao longo dos últimos anos gerou excelentes frutos para o desenvolvimento de Olímpia e, também, para que pudéssemos cumprir com nossa missão: o apoio e a atuação contundente no desenvolvimento regional e local. Foram muitas ações realizadas com sucesso, conseqüência do comprometimento das lideranças locais.

Hoje, além das inúmeras atividades que ainda irão acontecer, mais uma vez participamos do tradicional e reconhecido Festival Nacional do Folclore.

Nem poderia ser diferente, pois sua importância transcende os benefícios no desenvolvimento do município, resgatando não só culturas e tradições, mas também a dignidade de cidadãos envolvidos e comprometidos com o evento, especialmente o grupo de artesãos do **Trançado Estrela**, expoente dentre os grupos de artesanato nos mais variados segmentos existentes em todo o Brasil, cada vez mais difundido e gerando emprego e renda, é para nós do **SEBRAE - SP** motivo de muita alegria e sentimento de dever cumprido.

Não temos dúvidas do sucesso de mais esta versão do Festival e, com certeza, estaremos presentes, prestigiando e participando de todas as atividades, fortalecendo ainda mais o relacionamento entre nossa instituição e a comunidade olimpiense e lideranças locais.

Vânia Pelegrini

Gerente do **SEBRAE - SP** E. R. São José do Rio Preto

A REALIZAÇÃO E O TEMPO

O tempo passa, as afinidades advindas de legítima parceria se solidificam e nem sempre nos damos conta das realizações e resultados conquistados. A participação do **SEBRAE-SP**, através do E. R. de São José do Rio Preto foi, nestes anos, comprometida e contundente mas, sobretudo, ética e coerente com as verdadeiras vocações do município.

Todas as ações desenvolvidas em conjunto com as mais diversas lideranças locais que, sem faccionismo ou outras atitudes de interesses pessoais, viabilizaram os princípios associativistas, onde todos, indistintamente, tiveram seus esforços direcionados para o desenvolvimento local e o resultado não poderia ser melhor. Prova disso é o grupo de artesãos do **Trançado Estrela** que, com o apoio do núcleo de artesanato do **SEBRAE-SP**, resgatou a técnica do trançado na palha de milho, cultura esquecida pelo tempo e hoje constitui-se em um dos mais importantes projetos de geração de emprego e renda que, já conhecido em todo o território nacional, está na iminência de firmar contratos com conceituadas e representativas empresas da nossa economia.

Como representante do **SEBRAE-SP**, E. R. de S. J. do Rio Preto no município de Olímpia, sinto-me orgulhosa e gratificada e agora, por ocasião de mais uma parceria na atual versão do tradicional Festival Nacional do Folclore, desejo crescente sucesso e reconhecimento, e que Olímpia, cada vez mais, conquiste posição de merecido destaque no cenário nacional e internacional.

Maria Auxiliadora Penha Jabur

Consultora **SEBRAE - SP** E. R. São José do Rio Preto

MUSEU DE HISTÓRIA E FOLCLORE "MARIA OLÍMPIA" COMEMORA 30 ANOS

Um dos cartões postais da nossa cidade, o Museu de História e Folclore "Maria Olímpia", antes de chegar a esse nome, era "itinerante", visto que suas primeiras peças foram inicialmente expostas em estabelecimentos comerciais e em unidades escolares, no final da década de 50.

O Prof. Rothschild Mathias Netto informa, no Anuário 14.º Festival do Folclore, que "o Prof. José Sant'anna, que começara a interessar-se pelo folclore em 1956, já no ano seguinte montava a primeira exposição ainda 'muito humilde' - como ele escreveu (...)"

O museu passou a existir de fato somente em agosto de 1973, quando o então prefeito Dr. Alfonso Lopes Ferraz providenciou-lhe casa própria, cedendo às instâncias do Professor José Sant'anna.

A existência oficial do Museu de História e Folclore "Maria Olímpia", assim denominado, deu-se mediante a lei nº 1274, de 18/4/1997, e de projeto de lei nº 1625/78, do vereador José Sant'anna, posteriormente convertido na lei nº 1358, de 5 de julho de 1978. Pelos Decretos nos. 1114, 115 e 1116, o então prefeito Álvaro Marreta Cassiano Ayso nomeou o professor José Sant'anna para o cargo de Diretor-Técnico do Museu; o professor Rothschild Mathias Netto, para o de chefe da Seção de História; e novamente Sant'anna, para o de chefe da Seção de Folclore.

O museu se instalou primeiramente no prédio onde antes havia funcionado a Delegacia de Ensino, na antiga avenida XV de novembro (hoje avenida Waldemar Lopes Ferraz), nº 1224, transferindo-se, algum tempo depois, em caráter provisório, para a Rua Floriano Peixoto, nº 1228, em que hoje funciona a agência local do INSS, até chegar ao Edifício Giosué Tonanni, na Rua David Oliveira, nº 420, endereço atual do museu.

É oportuno ressaltar que

durante o aludido interregno, o Prof. Victorio Sgorlon e sua esposa Lourice Arutin Sgorlon ofereceram seus inestimáveis préstimos no sentido de preservar o acervo até então coligido por Sant'anna.

Entretantes, ainda durante aquele "caráter provisório", quando da aquisição do já mencionado edifício pela municipalidade, o prédio se encontrava em condições muito precárias, depredado, abandonado por décadas, quase em ruínas, servindo de perigoso abrigo para errantes e famílias sem-teto. "Balança-mas-não-cai" era como a ele se referiam os olimpienses, que também o consideravam mal-assombrado. Contudo, para o objetivo visado procedeu-se a uma esmerada reforma, célere, minuciosa, que o deixou em perfeitas condições de uso, impecável.

É anedótico, outrossim, lembrar que nos primeiros anos, toda sorte de velharias imprestáveis era "doada" ao museu, até que se espalharam pela cidade alguns esclarecimentos do Prof. Sant'anna sobre quais seriam as peças apropriadas para a exposição.

Neste ano, o Museu de História e Folclore "Maria Olímpia", onde se pode encontrar um forte meio de aprendizagem da cultura folclórica brasileira, comemora no dia 13 de agosto, em meio ao Festival do Folclore, seus 30 anos de muito sucesso (jubileu de pérola), sendo considerado um dos mais completos do Brasil, cujo riquíssimo acervo remonta a cerca de 3000 peças, dentre indumentárias diversas (vestuários de Folias de Reis, Congadas, Reisados, Moçambique, etc.); flores de diversificado material, peças de barro, bambu, madeira, couro, ágata, toalhas com abrolhos, trabalhos em palha, crochê, pinturas pitorescas; instrumentos musicais; peças do tradicionalismo (pilão, esporas, luminárias, serras, etc.); biblioteca especializada e muito mais. A mais antiga e valiosa das peças fica na parte exterior do museu. Trata-se de uma



locomotiva ("Maria-fumaça") que de 1940 a 1950, aproximadamente, fez o elo entre Olímpia e o resto do Brasil, promovendo o desenvolvimento econômico da região.

A grande anfitriã é Maria Jesus de Miranda, Supervisora do Museu, grande e querida amiga, a cujos cuidados Sant'anna confiara, com toda tranquilidade, esse cartão postal de Olímpia (e de quem já tive a grande alegria de ter sido colega de trabalho, no próprio museu).

Como dissemos no Anuário do 34.º Festival do Folclore, a falta de estudos específicos de museologia nenhuma falta lhe faz, haja vista ser detentora de uma brilhante intuição e de um forte conhecimento empírico do folclore pátrio. Ela administra o museu com uma criatividade e uma competência jamais desconhecidas: arquiva, seleciona, ornamenta, corrige, recebe os visitantes, enfim, de tudo participa. Sua dedicação ao museu em muito transcende o que se poderia chamar de máxima eficiência de um funcionário no cumprimento de seus deveres; trata-se de uma verdadeira paixão pela cultura popular, pelo folclore brasileiro. Em suas mãos, o riquíssimo acervo do museu se enriquece ainda mais, crescendo visivelmente. Além do mais, a confiável simpatia que Maria inspira conquista, de imediato, a todos que visitam o museu.

Sendo assim, o Jubileu de Pérola do Museu de História e Folclore "Maria Olímpia", mais um motivo de orgulho para os olimpienses, há de ser comemorado com ampla efusão.

FABULOSOS FOLCLORISTAS

JOSÉ CARLOS ROSSATO

Muitos estudiosos da cultura espontânea merecem o reconhecimento pelo que fizeram em defesa da cultura folclórica. Precisam ser lembradas. É o mínimo que podemos fazer. Os pesquisadores mais jovens devem muito que chegaram a sete ou oito décadas, cedendo parte ao estudo do nosso povo. Eis alguns:

MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO BRILHANTE E FECUNDO FOLCLORISTA



Filho de Francisco Monteiro e Maria de Souza Monteiro, nasceu em Manaus no dia 23 de janeiro de 1909, na rua da Indústria n.º 41, Bairro do Tocos, hoje Nossa Senhora Aparecida. Casado com Ana dos Anjos Monteiro, tem quatro filhos. Dentre eles destacaremos a advogada Marita Socorro, por ser folclorista. Fez o curso primário no Grupo Escolar Cônego Azevedo e secundário no Ginásio Amazonense Pedro II em Manaus. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Amazonas.

VÍNCULOS FUNCIONAIS

Professor primário no Grupo Escolar Monsenhor Coutinho, de Santo Antônio de Borba, no rio Madeira, em 1934. Revisor e Secretário da Imprensa Oficial do Estado do Amazonas. Professor

efetivo no Colégio Estadual do Amazonas (aposentado). Ex-Professor de Técnica de Pesquisa Social na Escola de Serviço Social de Manaus. Ex-Professor, por contrato, de Antropologia Cultural da Escola de Enfermagem Ana Nery. Professor de Literatura Portuguesa e Brasileira na Universidade do Amazonas (aposentado). Ex-Pesquisador do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia. Ex-Conselheiro da Ordem dos Advogados do Brasil, Seção do Amazonas. Ex-membro do Conselho de Cultura do Estado do Amazonas. Ex-Presidente da Comissão de Limites Pará-Amazonas. Ex-Presidente do Serviço do Patrimônio Histórico, Artístico e Paisagístico do Amazonas. Atual membro do Conselho Consultativo de Cultura do Estado do Amazonas. Professor Honorário do Institut Humaniste de Paris, França. Professor honorário da Phylo-Bizantine University de Madrid, Espanha.

OUTRAS ATIVIDADES

Membro da Ordem dos Advogados do Brasil, Seção do Amazonas. Membro titular da Academia Amazonense de Letras. Membro titular do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas. Presidente de honra da

Comissão Amazonense de Folclore. Membro titular da Academia Amazonense de Letras Jurídicas. Membro correspondente do Instituto Geográfico e Histórico Brasileiro. Membro da Sociedade de Geografia de Lisboa. Sócio da National Geographic Society, Washington, USA. Sócio correspondente da The American Academy of Political and Social Science, Filadelfia, USA. Membro da The Folklore Society – University College, London, Inglaterra. Membro correspondente da Sociedad Folclorica de Mexico. Acadêmico de honra da Academia de Paestum, Salerno, Itália. Membro da Societé Dauphinoise d'Ethologie et d' Anthropologie de Grenoble. Membro do Centro Filosófico Arca Del Sur, Uruguai. Membro da Sociedad Peruana de Folklore, Cuzco, Peru. Presidente de Honra do Instituto de Cultura Americana, Argentina, Seção Brasileira. Acadêmico Correspondente da Academia Dominicana de La Historia, Santo Domingo. Membro da Academia Mexicana de Genealogia y Heráldica. Membro Honorário da Columbus Association Americana Friendship International Center, Trieste, Itália. Sócio Honorário da Biblioteca Partenopeia di Storia, Science, Lettera de Arti, Nápoles, Itália. Membro Correspondente da Asociacion Tucumana de Folklore,

Tucuman, Argentina. Membro do Instituto Argentino de Historia de Las Ideas, Buenos Ayres. Membro Correspondente da Asociacion Biosofica Universal, Roma, Itália. Membro do Círculo de la Unidad espiritual, Salto, Uruguai (Membro de Honra). Membro Efetivo da Associação de Brasileira de Folclore. Membro do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano. Membro do Instituto Genealógico Brasileiro. Membro do Centro Cultural Euclides da Cunha, Ponta Grossa, Paraná. Membro do Instituto do Ceará. Membro da Academia de Ciências Econômicas e Administrativas, Rio de Janeiro. Membro do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Membro do Instituto Histórico de Petrópolis. Membro Correspondente da Academia Paraense de Letras. Sócio correspondente da Sociedade Brasileira de Folclore, Natal, Rio Grande do Norte. Membro correspondente do Clube Internacional de Folclore, Natal, Rio Grande do Norte. Membro

correspondente do Instituto Histórico de Alagoas. Membro correspondente do Instituto Histórico do Rio Grande do Norte. Membro correspondente do Instituto Histórico de Sergipe. Membro correspondente da Academia Carioca de Letras, Rio de Janeiro. Membro correspondente da Academia de Letras do Paraná. Membro da Academia Brasileira de História, São Paulo. Membro correspondente do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo. Membro correspondente da Academia Paulistana de História. Membro Efetivo da Ordem Nacional dos Bandeirantes, São Paulo. Acadêmico correspondente da Academia Acreana de Letras. Detentor do Diploma de Honra da

Consulta Heráldica e Genealógica Internacional, Guanabara, Brasil. Coordenador do projeto para divulgação dos Contos Populares Brasileiros da Fundação Joaquim Nabuco, Recife, 1995. Consultor Cultural para a História da cidade, da Prefeitura Municipal de Manaus, 1990-91.

ENTIDADES HONORÍFICAS

Chevalier d'Honneur da Tres Auguste et Tres Ancien Ordre Imperial Bysantine de Constantin Le Grand, Madrid, Espanha. Légion des Volontiers du Sabg, administrador honorário durante a Segunda Grande Guerra Mundial, Paris. Comendador, grande colar com medalha e diploma, conferido pelo governo do Estado do Amazonas.

CONDECORAÇÕES RECEBIDAS

Medalha de Prata do Institut Humaniste de Paris (*honoris causae*). Medaille du Devoir avec Étoile d'Or do Institut Humaniste de Paris. Medalha de Ouro *honoris causae* da Imperial Philo Bysantine University de Madrid, Espanha. Medalha de Bronze da Cidade de Paris, com diploma e fita, por ocasião do aniversário (dois mil anos) da cidade. Medalha de Prata com diploma e roseta – Cidade de Manaus. Medalha do Mérito Estado do Amazonas, Grau de Oficial, conferida pelo governo do Estado do Amazonas, com diploma e roseta. Comendador, grande colar com medalha e diploma, conferido pelo governo do Estado do Amazonas. Grande colar do Instituto Geográfico e Histórico Brasileiro. Medalha de Ouro General Craveiro Lopes, Lisboa. Medalha, diploma e roseta do Instituto Vital Brasil, São

Paulo. Medalha, diploma e roseta do Instituto Nina Rodrigues, São Paulo. Diploma de Honra do primeiro Congresso Brasileiro de Medicina Militar, com medalha impressa simbólica, São Paulo. Medalha de Prata do Mérito Profissional, Manaus. Medalha Jubileu de Ouro da Academia Amazonense de Letras, Manaus. Medalha Cultural Paulino de Brito, conferida pelo governo do Estado do Pará. Medalha Teatro Amazonas, com inscrição pessoal, em reconhecimento do governo do Estado pelo trabalho de restauração do edifício, Manaus. Medalha do Décimo Aniversário do Conselho de Cultura do Pará. Medalha Vinte e Cinco Anos do Comando Militar da Amazônia, Manaus. Medalha de Ouro do Mérito, conferida pela Universidade do Amazonas. Medalha Tiradentes, com decreto, diploma, roseta e barreta, conferida pela Polícia Militar do Amazonas. Medalha Duque de Caxias, conferida pelo Comando Militar da Amazônia, Manaus. Medalha Cultural Professor Acilino de Leão, com diploma, conferida pelo Conselho Estadual de Cultura do Pará. Medalha de ouro comemorativa do centenário da Abolição da Escravatura do Amazonas, conferida pelo Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas. Medalha comemorativa da Administração do Prefeito Amazonino Mendes. Placa dourada Honra ao Mérito, conferida pela Superintendência da Zona Franca de Manaus. Medalha do Mérito Intelectual da Fundação Joaquim Nabuco. Placa comemorativa dos sessenta e quatro anos de vida intelectual, homenagem da Prefeitura de Manaus, Honra ao Mérito. Placa comemorativa do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), homenagem ao seu antigo

pesquisador. Placa de Prata com inscrição, Homenagem do festival Folclórico da Praça Quatorze de Janeiro, Manaus. Medalha de Prata "Honra ao Mérito", do Terceiro Festival Folclórico de Brasília.

PRÊMIOS RECEBIDOS

Prêmio Sílvio Romero de 1962, conferido pela Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, Rio de Janeiro. Prêmio Estelita Tapajós 1965, instituído pelo governo do Estado do Amazonas. Prêmio Estelita Tapajós 1966, instituído pelo governo do Estado do Amazonas. Melhor literato do ano, 1959, diploma conferido pelo jornal A GAZETA, Manaus. Viagem à Europa, bolsa de estudos para pesquisas históricas conferida pelo Gabinete Português de Leitura, Rio de Janeiro. Viagem à Europa, bolsa de estudos conferida pelo Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia. Diploma de Honra ao Mérito, por cooperação eficiente à pesquisa científica na Amazônia, conferido pelo Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, Manaus. Troféu Chave do Sucesso, conferido pelo programa da TV Baré, apresentado pela cronista Baby Rizzato, Manaus.

OBRAS PREMIADAS

"Alimentos preparados à base da mandioca" – prêmio Sílvio Romero de Folclore, 1962, concedido pela Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, Rio de Janeiro. "Roteiro do Folclore Amazônico (1.º tomo) – prêmio Estelita Tapajós, 1965, instituído pelo governo do Estado do Amazonas. "O Sacado" (Morfodinâmica fluvial) – prêmio Estelita Tapajós, 1966, instituído pelo governo do Estado do Amazonas.

TESES DEFENDIDAS E APROVADAS

"A Capitania de São José do Rio Negro", in IV Congresso de História Nacional, Rio de Janeiro, 1961. Aprovada com louvor e publicada nos Anais. "Da Influência Francesa na Cultura do Amazonas", tese apresentada ao Conselho Municipal de Paris, nas comemorações dos dois mil anos da cidade. "O papel do literato e do artista no progresso do Brasil". Comunicação apresentada ao Congresso de Alabama, EUA, em 1968 e publicada no volume dedicado ao Congresso, com separata em inglês. "A Criação popular nas Artes e nas Letras. Artesanato e Folclore", in Primeiro Fórum da Amazônia, Rio de Janeiro, 1963. "Da necessidade de Estruturação de Áreas Culturais no Amazonas", lida pelo autor no I Congresso Internacional de Folclore de Buenos Aires, 1960, aprovada e recomendada ao Governo do Amazonas. "Das Superstições e das Crenças", tese apresentada ao Congresso de Folclore de Fortaleza, Ceará, 1963. "Autos Populares: a Marujada", tese apresentada ao I Congresso Nacional de Folclore de Curitiba, Paraná. "Evolução do Município de Manaus", tese (única) apresentada na reunião dos Professores de História em Belém do Pará, 1967, como contribuição da Universidade do Amazonas.

CURSOS DE ESPECIALIZAÇÃO

Literatura portuguesa I e Literatura teórica I na Universidade Federal de Brasília, 1973. Curso de especialização na área da Filosofia, com trabalho apresentado sobre Jean Jacques Rousseau,

Universidade do Amazonas, Manaus, 1975.

OBRAS PUBLICADAS

Mais de cento e vinte títulos publicados, entre plaquetes, trabalhos em revistas e livros.

"Manuel Torto", conto amazônico. Revista Vitória Régia, Manaus, 1937.

"A musa heráldica de Raimundo Monteiro", ensaio. Revista A Selva, Manaus, 1938.

"O Aguadeiro". Manaus: Serviço de Estatística do Amazonas. (edição mimeografada), 1944.

"Introdução à História dos carros-de-bois no Amazonas", Manaus, (edição mimeografada). 1945.

"O Estado Social do Índio Brasileiro", conferência realizada em Porto Velho, no dia do índio, a convite do SPI, Manaus, 1946.

"In memoriam de Cid Lins" (ensaio literário). Manaus, 1946.

"Aspectos evolutivos da Língua Nacional" (ensaio crítico), Manaus, 1946.

"O Aguadeiro", 1.ª edição, ilustrado, Manaus, 1947.

"História das Ruas de Manaus". Jornal do Comércio, Manaus" e Jornal do Comércio, Manaus, 1948.

"Fundação de Manaus", 1.ª edição, Manaus, 1948.

"Elementos de Geografia Geral", 1.ª série, ciclo 1.º, Manaus, 1948.

"História dos Carros de Bois no Amazonas", Diário Oficial, Manaus, edição n.º 15.827, ano LV. 1948.

"Crônica da Cidade Velha". Revista Amazônica, vários números, Manaus, 1948.

"O espião do Rei" (crônica histórico-novelasca), Ilustrado,

Manaus, 1950.

“Elementos de Geografia Geral”, 2.ª série, ciclo 1.º Manaus, 1950.

“Elementos de Geografia Geral”, 2.ª edição, 2.ª série, ciclo 1.º, Manaus, 1950.

“Elementos de Geografia Geral”, 2.ª edição, 1.ª série, ciclo 1.º, Manaus, 1950.

“Folclore amazônico”, 1.ª série, Manaus, 1950.

“Quarta Orbis Pars (A Quarta parte do mundo) – Cristóvão Colombo”, Edição do I.G.H.A, Manaus, 1951.

“A Epopéia Lusíada na Amazônia” (comunicação). Revista da Sociedade de Geografia de Lisboa, ilustrado, Lisboa, Portugal, 1951.

“A Capitania de São José do Rio Negro”, In IX volume dos Anais do IV Congresso de História Nacional, Rio de Janeiro, 1951.

“O complexo gravidez – parto e suas conseqüências” (folclore amazônico), Manaus, 1952.

“Fundação de Manaus”, 2.ª edição, Manaus, 1952.

“Dabacuri” (comunicação), Revista OLTREMARE, Roma, Itália, ilustrado, 1952.

“Tesouro Enterrado”, Boletim de la Asociacion Tucumana de Folklore, Tucumán, República Argentina, n.º 29/30, Ano III, Vol. II. Set./Out., n.º 55/60, 1952.

“Rimas Infantiles. Folklore Amazônico” (comunicação), Revista TRADICION, Cuzco, Peru, 1953.

“A Capitania de São José do Rio Negro”, 2.ª edição, Manaus, (Tese de História Nacional, aprovada com louvor no 1.º Congresso Nacional no Rio de Janeiro), 1953.

“Aiuricáua” (comunicação), Revista OLTREMARE, Roma, Itália, 1954.

“Apuntes Históricos del

Município de Manaus”. Cuadernos de História Municipal e Institucional, La Habana, Cuba, n.º 10, 1954.

“São Vicente de Paula”. In: Palestra proferida na sede da Sociedade em julho, 1954.

“Elementos de Geografia Geral”, 3.ª edição (revista), 1.ª série, ciclo 1.º, Manaus, 1955.

“II Conte Ermanno Stradelli e gli Amazonici” (Comunicação), Revista OLTREMARE, Roma, Itália, 1955.

“Duas Danças Amazônicas” (Arara e Desfeiteira), Ilustrado, Manaus, 1955.

“Entre a lenda e o conceito”, Revista da Academia Amazonense de Letras, Manaus, n.º 4, dezembro, 1955.

“Os Ídolos” (Santos e Heróis) – Ensaio sobre a militância do Homem Revista da Academia Amazonense de Letras, Manaus, s/n, fevereiro, 1955.

“Memória sobre a cerâmica popular do Manaquiri”, Ilustrado, Rio de Janeiro: INPA, 1957.

“O regatão (Notícia histórica, primeira parte). Ilustrado. Manaus, 1957.

“Elementos de Geografia Geral”, 4.ª edição, 1.ª série, ciclo 1.º, Manaus, 1957.

“Geografia Geral”, 2.º ciclo (1.º clássico e científico), Manaus, 1958.

“Pour “voir” le Mimbáua (comunicação), Jornal TAPEJARA, Ponta Grossa, Paraná, 1958.

“Geografia Regional”, 2.ª série, Curso Colegial, Manaus, 1959.

“Geografia Geral”, 1.ª série, curso ginásial, 5.ª edição refundida e atualizada, Manaus, 1959.

“Cariamã”. Pubertatsritus der Tucano Indianer. Sonderdruck für Ethnologie, Bd. 85, Heft 1, Braunschweig. Hamburgo, Alemanha, 1960.

“Os falsos intérpretes da Amazônia”. Jornal “A Gazeta”, Manaus, vários números, 1960.

“Alimentos preparados à base da mandioca”. Revista Brasileira de Folclore, Rio de Janeiro, n.º 5, ilustrado. (Prêmio Silvio Romero de 1962), 1963.

“Jornal de Folclore”. Jornal “A Gazeta”, Manaus. 1963.

“O sacado” (Morfodinâmica fluvial). Ilustrado. Manaus: INPA (Prêmio Estelita Tapajós, do governo do Estado do Amazonas de 1966). 1964.

“Roteiro do folclore amazônico”, Ilustrado, Manaus, Tomo 1.º, (Prêmio Estelita Tapajós, do governo do Estado do Amazonas de 1965), 1964.

“Antropogeografia do guaraná”. Ilustrado. Manaus: INPA. 1965.

“Ceramografia amazônica”. Revista de Antropologia do Ceará, Fortaleza, n.º 5, ilustrado. 1965.

“Teatro Amazonas”, Ilustrado, Manaus, 1.º volume, 1965.

“Folclore da Maconha”, ilustrado, INPA, Rio de Janeiro, 1966.

“A Muhraida”, Jornal de Letras, n.º 193/194, maio, de 1966.

“Teatro Amazonas”, Ilustrado, Manaus, 2.º volume, 1966.

“Teatro Amazonas”, Ilustrado, Manaus, 3.º volume, 1966.

“A Catedral Metropolitana de Manaus”, Ilustrado, Manaus, 1968.

“The Influence of Intellectuals in the Evolution of Brazil” (Comunicação), Alabama, EUA, 1968.

“Roteiro histórico de Manaus” (História das ruas de Manaus), Jornal A Crítica, Manaus, (caderno especial), 1969.

“História do monumento da praça de São Sebastião”, Ilustrado, Manaus, 1972.

- “Teatro Amazonas”, Ilustrado, Manaus, (Série Turismo), 1972.
- “Comidas e bebidas regionais”, Ilustrado, Manaus, (Série Turismo), 1972.
- “Manaus: sua história”, Ilustrado, Manaus, (Série Turismo), 1972.
- “Danças dramáticas”, Ilustrado, Manaus, (Série Turismo), 1972.
- “Fundação de Manaus”, 3.^a edição, ilustrada. Rio de Janeiro: Conquista, 1972.
- “Elogio Histórico da Polícia Militar do Amazonas” (1837-1973) In Conferência, Manaus, 1973.
- “Roteiro do Folclore Amazônico”, Ilustrado, Manaus, 2.^o tomo, 1974.
- “Artesanato Popular”, Ilustrado, Manaus, (Série Turismo), 1974.
- “Fatos da literatura Amazonense”. Manaus: Universidade do Amazonas, 1976.
- “História da Cultura Amazonense”, Ilustrado, Manaus, 1.^o volume, 1977.
- “Fases da Literatura Amazonense”, Ilustrado, Manaus: Universidade do Amazonas, 1977.
- “O Aguadeiro”, 2.^a edição ilustrada, Manaus, (Edição comemorativa dos cinquenta anos de vida literária do autor), 1977.
- “Danças Folclóricas Singulares do Amazonas”, em parceria com Marita Socorro Monteiro ilustrado, edição Livornal, Manaus, 1979.
- “Capela do pobre diabo”. Manaus: Conselho Permanente de Defesa do Patrimônio Histórico do Estado do Amazonas, (Série Memória), 1980.
- “Síntese Histórica da Polícia Militar do Amazonas”. 2.^a edição ilustrada, Manaus, 1981.
- “Dona Ausente”, Manaus, (Poema ilustrado com desenhos originais de Amilde Pedrosa), Manaus, 1981.
- “História do monumento à Província do Amazonas”. Ilustrado, Manaus, 1981.
- “Elogio sentimental dos bichos amazônicos” (Entre a biologia e o folclore), poemas, Revista da Academia Amazonense de Letras, n.^o 19, Manaus, 1981.
- “Programa histórico – estético da igreja de São Sebastião”. Revista da Academia Amazonense de Letras, n.^o 29, Manaus, 1981.
- “Carros & Carroças de Bois”, Ilustrado, Manaus, (edição da União Brasileira de Escritores – seção do Amazonas), 1982.
- “Oratório e Rosário”, In Antologia do Folclore Brasileiro de Américo Pellegrini Filho, 1982.
- “Elogio Sentimental dos Bichos Amazônicos” (Entre a Biologia e o Folclore), poemas, separata da Revista da Academia Amazonense de Letras, Manaus, 1982.
- “Cultos de Santos & estas Profano-Religiosas”. Ilustrado, Manaus, Edição da SUFRAMA, 1983.
- Álbum Cartográfico dos Municípios do Estado do Amazonas, Manaus, Governo do Estado (colaboração nos Estudos Geográficos), 1983.
- “Gotas de Sangue”, poemas, Separata da Revista da Academia Amazonense de Letras, n.^o 20, Manaus, 1986.
- “Aspectos da Cultura Amazônica”, Separata da Revista do Conselho de Cultura do Amazonas, n.^o 1, Manaus, 1986.
- “Notas sobre a Imprensa Oficial do Estado do Amazonas”, Ilustrado, (Edição comemorativa do 90.^o aniversário da criação da Imprensa Oficial, Manaus), 1986.
- “Elogio do Lixo”. Artesanato Popular, Ilustrado, Manaus, 1986.
- “A presença do Índio na Cultura Amazonense”, Ilustrado, Manaus, (Edições Nheenquatiara), 1986.
- “Guerra Junqueiro e os conflitos pareados”, Revista da Academia Amazonense de Letras, Manaus, 1986.
- “Guerra Junqueiro e os conflitos pareados”. Ilustrado. Manaus. (Edições Nheenquatiara), 1986.
- “Sadoc Pereira, poeta satírico”. Manaus. (Edições Nheenquatiara), 1986.
- “A renúncia do dr. Fileto Pires Ferreira”, Ilustrado, Manaus, (Edições Nheenquatiara), 1986.
- “Dr. Adelino Cabral da Costa (escorço biográfico)”, Ilustrado, Manaus, (Edições Nheenquatiara), 1986.
- “Cinopopéia ou a vida airada de Mc Gregor II”, Ilustrado, Manaus, (Edições Nheenquatiara), 1986.
- “Teatro Amazonas”, Folha do Patrimônio n.^o 01, ilustrado, Manaus, (Edição resumida em comemoração aos 90 anos do Teatro Amazonas), 1986.
- “Um livro nocivo”. Ma forrêtu au bord du grand fleuve, Manaus, (Edições Nheenquatiara), 1986.
- “Plantas medicinais e suas virtudes”. Acta Amazônica, Manaus, INP, 18 (1-2), 357366. 1988.
- “História faceta de Manaus”, Jornal do Comércio e A Crítica, vários números, Manaus, 1988.
- “Teque-Teque, palita barata e outros tipos de mascates”. Manaus, Conselho Estadual de Defesa do Patrimônio Histórico e Artístico do Amazonas. (Série Memória n.^o 12).
- “Da capacidade ociosa do escravo forro às formas judicativas de contorná-la”, In Conferência proferida em Belém do Pará, no seminário pró abolição, 1988.
- “A ceia dos cozinheiros”,

comédia em verso, um ato, Manaus, (Edições Nheenquatiara), 1989.

“Memória sobre o Aéreo Clube do Amazonas”, Ilustrado, Manaus, 1989.

“Negritude & Modernidade”, Eduardo Gonçalves Ribeiro, Ilustrado, Manaus, 1989.

“História do Monumento da Praça de São Sebastião”, 2.ª edição ilustrado, Manaus, 1989.

“A expressão da verdade” (Dendrolatria), Jornal do Comércio, Caderno A Selva, 1991.

“Dois romances populares”, in Estudos de Folclore em homenagem a Manuel Diegues Júnior, 1991.

“Fundação de Manaus”, 4.ª edição, ilustrado e aumentado, São Paulo: Editora Metro Cúbico, 1995.

“Mocidade viril – 1930 – O motim ginásiano”, Ilustrado, Manaus, 1995.

“Cobra Grande” (Lenda-Mito), Ilustrado, São Paulo: Editora Hamburg, 1996.

“Teatro Amazonas”. Ilustrado, Manaus: SEBRAE. 4.º volume, 1997.

“Dalila,” mimeografado, Folclore regional, Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 1997.

“O Tigreiro”, Ilustrado, Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 1997.

“Gotas de Sangue”, Segunda tiragem da Academia Amazonense de Letras, Manaus, 1997.

“Fatos da Literatura Amazonense”, 2.ª edição ilustrado, Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 1998.

“História da Cultura Amazonense”, Ilustrado, Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2.º volume, 1998.

“Roteiro Histórico de Manaus”, Ilustrado, Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 1.º

e 2.º volumes, 1998.

“O Atravessador”, Ilustrado, Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 1999.

“História da Igreja de São Sebastião”, Ilustrado, Manaus, 1999.

“Elementos folclóricos na poética de Antônio Nobre”, Manaus, 1999.

“História do Monumento à Província”, 2.ª edição ilustrado, Manaus, Editora da Universidade do Amazonas, 1999.

“A Capela do Pobre Diabo”, Manaus, Secretaria de Estado da Cultura e Turismo, Série Memória 1, 1999.

“Teque-Teque, Palita Barata e outros tipos de mascates”, Manaus, Secretaria de Estado da Cultura e Turismo, Série Memória 10, 1999.

“A Capitania de São José do Rio Negro”, 3.ª edição, ilustrado, Manaus: Valer Editora, 2000.

“Veículos (individuais) utilizados em Manaus nos séculos XVI a XIX”, Manaus. Secretaria de estado da Cultura e Turismo, Série Memória 32, 2000.

“Teatro Amazonas” (I), Manaus. Secretaria de Estado da Cultura e Turismo. Série Memória 36.2000.

“Teatro Amazonas” (II). Manaus. Secretaria de Estado da Cultura e Turismo, Série Memória 37, 2000.

“Teatro Amazonas” (III), Manaus, Secretaria de Estado da Cultura e Turismo, Série Memória 38, 2000.

“Teatro Amazonas”(IV), Manaus, Secretaria de Estado da Cultura e Turismo, Série Memória 39, 2000.

“Iurupari e seus princípios”, Manaus, Editora da Universidade do Amazonas, 2001.

TEATRO

Alvorada redentora. Episódio da Revolução de 1835, pela autonomia do Amazonas. Representado ao ar livre na Avenida de Eduardo Ribeiro, em 1951, pelo grupo dramático de Américo Alvarez.

NOVELA

A noite do passado. Novela posta no ar em 1950 pela Rádio Baré com seu “cast” chefiado por Josafá Pires.

ROMANCE POLICIAL

O mistério do solar Maglione. Publicado em capítulos no jornal A Gazeta Manaus.

DISCO

Incelências. Disco animado pela cantora Ely Camargo. Edições Paulinas, 1983. São Paulo.

COLABORAÇÃO EM TRABALHOS DE ALTO NÍVEL CULTURAL, A CONVITE.

Comunicação no trabalho do professor doutor Henrique Wassén, do Museu de Goteborg, Suécia, publicado posteriormente sob o título “The use of some specific kinds of South American Indian snuff and related paraphernalia”, na série Etnologiska Studier n.º 12, do Etnografiska Musset, Suécia, 1965.

Convidado pelo Acadêmico Aurélio Buarque de Holanda Ferreira para colaborar no Dicionário Prosódico com subsídios léxicos absolutamente amazônicos e ainda não dicionarizados.

Correções e acréscimos no mapa oficial do Estado do Amazonas, publicado pela Secretaria

de Educação e Cultura na administração governamental de Danilo de Matos Areosa.

Temas de Geografia e História, publicados no Álbum Cartográfico dos Municípios do Estado do Amazonas, na administração Paulo Pinto Nery.

“O Homem da Borracha”. Roteiro para a película do mesmo título, produzida pelo cineasta amazonense Flávio Bittencourt.

Incelências, motivos folclóricos do Estado do Amazonas, gravados em LP, pelas Edições Paulinas, São Paulo, na série Cantigas do Povo, Água da Fonte, s/d e na voz da cantora Ely Camargo.

Convidado pela Associação Comercial do Amazonas para elaborar sua história, levantando farto subsídio que seria depois aproveitado em volume alusivo, sem indicação do autor, 1981.

Convidado pela Universidade do Rio de Janeiro para elaborar receitas de comidas amazonenses, para a UNESCO, 1989.

PALESTRAS E CONFERÊNCIAS FORA DO ESTADO

Conferencista convidado para o Primeiro Fórum da Amazônia, realizado no Rio de Janeiro, 1963, promovido pelo jornalista amazonense Áureo Nonato. Conferencista convidado pela Universidade de Brasília para falar sobre folclore do Amazonas, Brasília, 1967.

Conferencista convidado pela Coordenadoria do Patrimônio Cultural, Ciência e Tecnologia de São Paulo, a fim de tomar parte nos Seminários sobre Folclore, três anos seguidos.

Conferencista convidado pela Secretaria de Turismo do Rio Grande do Sul, a fim de proferir palestra em

Santo Ângelo, sobre folclore amazonense, 1971.

Conferencista convidado pela Universidade do Pará para proferir palestra sobre os temas “Literatura Popular e Influência Francesa na Cultura da Amazônia”, em Belém, 1973.

Conferencista convidado pelo Conselho Estadual de Cultura do Pará, para falar sobre a personalidade de Ferreira de Castro, Belém, 1980.

Membro conferencista convidado pela 36.^a Reunião da Sociedade para o Progresso da Ciência, reunido em Belém do Pará, 1983.

Conferencista convidado para abrir o Encontro de Pesquisadores de Botânica, no Hotel Tropical, com o tema “Plantas Medicinais Mágicas”, Manaus, 1984.

Conferência pronunciada na sede da Associação Brasileira de Imprensa, sob o tema “Aspectos da Cultura Amazônica”, Rio de Janeiro, 1985.

Conferencista convidado pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico para falar sobre folclore amazônico, Manaus, 1987.

Conferencista convidado para o Seminário sobre a Abolição da Escravatura, em Belém, 1988.

ATIVIDADES JORNALÍSTICAS

Ex-sócio da Associação de Imprensa do Amazonas. Membro da Ordem dos Velhos Jornalistas, Rio de Janeiro. Exerceu a profissão a partir de 1927 no jornalzinho de combate Alvorada, de propriedade e direção de Jaci Zany Reis, quando ainda aluno do Ginásio Amazonense Pedro II, onde dirigia os pasquins manuscritos Abrolhos e Arco-Íris, depois o mensário impresso O Estudante. Detido duas vezes na

polícia civil por causa daquele primeiro jornal e a Voz do Operário, seria igualmente como redator dos jornais de combate Correio de Manaus e 12 de Agosto. Trabalhou no Jornal do Comércio, duas fases, O Jornal, Correio de Manaus, A Crítica. Foi redator-revisor do Diário Oficial. Secretário da Imprensa, Biblioteca e Arquivo Público do Estado. Dirigiu a revista Vitória Régia.

Publicou vários contos amazônicos nas revistas cariocas “O Malho”, “Fon-fon”, “Fru-fru” e em jornais de Manaus e de Petrópolis, entre 1937 e 1940.

Escreveu nos jornais de Manaus por mais de 70 anos, além de revistas nacionais e estrangeiras.

OUTRAS ATIVIDADES INTELECTUAIS

Contratado pela Secretaria de Educação e Cultura para ministrar cursos de história e folclore amazonense, material difundido pela TV Educativa do Amazonas em 1971 e que ainda circula pelo Brasil, apresentado por outras TVs. Contratado para ministrar curso de Cultura Popular Amazônica pelo Centro de Pesquisas Sócio-Econômicas da Universidade do Amazonas, 1971. Realizou várias palestras sobre Folclore Amazônico para TV Educativa do Estado. Realizou várias palestras sobre Amazonense em escolas da rede pública e particular. Concedeu inúmeras entrevistas para as TVs. Do Brasil e do mundo sobre os temas: história, folclore e literatura do Amazonas. Participou de inúmeros Congressos de Geografia, Folclore, Literatura e História.

PALAVRAS FINAIS

Há três anos conheci Marita

Socorro Monteiro. A amizade foi solidificada. Conversamos muito sobre o progenitor dela, aprendendo. O amazonense Geraldo dos Anjos também passou para o nosso círculo de amizade. Desse triângulo, nasceu a nossa idéia que foi materializada nesta biografia que deve ser valiosa para os folcloristas interessados nos estudiosos do populário brasileiro.

SÃO MAIS DE 91 ANOS DE VIDA

Nascido na Fazenda São João, município de Nioaque, (MS), em 1.º/06/1912, dos pais Francisco (cuiabano) e Ernestina (gaúcha).

Destacou-se já que entrou para o grupo escolar, em redação e na representação teatral. Foi um guri xereta e posteriormente um jovem trabalhador. Casou-se com Henriqueta (1938). Com a criação do Território Federal de Ponta Porã (1943) foi nomeado Diretor da Repartição de Terras e continuou a escrever para os jornais. Exerceu outras atividades econômicas. Atuou em jornais, trabalhou em rádios e chegou à televisão. “Como folclorista possui mais de 1 000 trabalhos com aproximadamente 2 000 ilustrações (traço vivo e bico de pena) desenvolvendo temas de Mato Grosso e em especial de Mato Grosso do Sul”, lembra Elpídio Reis na obra *Os 13 Pontos de Hélio Serejo*. Foi homenageado pela Rádio Tupi (RJ), no Programa *Coisas e Aspectos do Folclore Nacional*. Também apresentou o trabalho *A Mulher no Folclore*, na mesma emissora. Colaborou com a Sociedade Mexicana de Folclore. Cooperou com o Departamento de Difusão e Cultura do Paraguai, acerca da vida ervateira e do peão paraguaio (inclusive aspectos folclóricos). Com a lenda “Por que o jaburu é triste” foi incluído no

Dicionário Internacional de Lendas, editado na Grã-Bretanha.

Exímio regionalista, deixou laivos da cultura espontânea do povo em diversos dos sessenta livros publicados. Eis o rol: *Tribos Revoltadas* – novela íncola (1935) *Carreteiro da Minha Terra* (1936). *Modismo do Sul de Mato Grosso* (1937). *3 Contos* (1938). *4 Contos* (1939). *Homens de Aço – A Seita de Aço. A Seita nos Ervais de Mato Grosso* (1946). *Ronda Sertaneja* (1949). *Rincão dos Xucros* (1950). *Prosa Rude* (1952). *Canto Caboclo* (1958). *O Homem Mau de Nioaque* (1959). *Poesia Matogrossense* (1960). *Buenas Chamigo* (1960). *De Galpão em Galpão* (1962). *Versos da Madrugada* (1969). *Carta de Presidente Venceslau ao Cumpadre Ansérmo* (1970). *Prosa Xucra* (1971). *Pialo Bagual* (1971). *Vento Brabo* (1971). *Discursos de Posse* (1973). *Rodeio da Saudade* (1974). *Vida de Erval* (1975). *Contas do meu Rosário* (1975). *Zé Fornalha* (1976). *Abusões de Mato Grosso e de Outras Terras* (1976). *Campeiro da Minha Terra* (1978). *Fogo de Angico* (1978). *7 Contos e uma Potoca* (1978). *Lendas da Erva-Mate* (1978). *Pelas Orilhas da Fronteira* (1981). *Lobisomem* (1982). *Palanques da Terra Nativa* (1983). *Mãe Preta* (1983). *Nioaque – Um Pouco de sua História. Ciclo da Erva-Mate em Mato Grosso do Sul – 1883-1947* (1984). *Cará – Erva-Mate, Riqueza Nativa* (1985). *Rodeio de Emoções* (1985). *O Tererê que me inspira* (1986). *Os Heróis da Erva* (1987). *Paisagem Sertaneja* (1988). *Nhá Chaló* (1988). *Pialando no Mar* (1989). *Balaio de Bugre I* (1990). *Cará Ervateiro* (1990). *Astúrio Marteiro – um exemplo de Homem* (1990). *Sismório – O Gringo Bochinheiro e Bandido* (1991). *Gratidão de Caboclo* (1991). *Vivência Ervateira*

(1991). *No Mundo Bruto da Erva-Mate* (1991). *Lendas do Estado de Mato Grosso do Sul* (1991). *Dórico – um bravo lutador* (1992). *Balaio de Bugre II* (1992). *Balaio de Bugre III* (1992). *Balaio de Bugre – Edição Especial* (1992). *Ronda do Entardecer* (1995). *Contos Crioulos* (1998). *2 Contos: Zé Fumaça & Chopito* (1999). *Samburá do Folclore – vol. 1* (2001). *Samburá do Folclore – vol. 2* (2002). *Meus Bisnetos* (2002). *Ainda, coma graça do Criador, continua em atividades. Que maravilha!...*

Esse simpático nonagenário pertence a várias instituições culturais. Eis algumas: Sociedade do Folclore, Recife (PE); Cultura de Paissandu, República do Uruguai; Sociedade de Pesquisa Campechana, Porto Alegre (RS); Sociedade de Pesquisa Folclórica, Lisboa, Portugal; Centro de Cultura Folclórica, Assunção, Paraguai; e outras. É patrono da cadeira n.º 22 do Instituto Histórico e Geográfico do Estado de Mato Grosso do Sul.

O nome desse Homem é marcado pela sua humildade, pureza de espírito e benevolente coração. Esse monumento foi citado em diversas obras: *Antologia Ilustrada do Folclore Brasileiro*, volume dedicado a Goiás e Mato Grosso, com supervisão de Afonso Schmidt; *Dicionário de Palavrões e Termos Afins*, Mário Souto Maior; *Dicionário de folcloristas brasileiros*, idem; além de outras. Recebeu prêmios e honrarias pela vida intelectual: *Catulo Matogrossense* (por sugestão do ínclito Rubens de Mendonça, da Academia Matogrossense de Letras); *Cidadão Epitaciano* (pela Câmara Municipal de Presidente Epitácio); *Mestre das Tradições Campeiras* (concedido pela Academia Paraense de Letras); *Criador de Almas Crioulas* (outorgado pelo Centro

Piracicabano de Folclore); e outros. Várias manifestações de apreço ele foi alvo nos estados de São Paulo e de Mato Grosso do Sul. Esse “Cidadão Benemérito Venceslauense” é meu ídolo. Finalmente, está comprovado em relação a Hélio Serejo que efeitos duradouros derivam de ações constantes e graduais. Que o exemplo de vida que tem demonstrado sirva para as novas gerações...Que o edificador do universo lhe dê muitos e muitos anos de vida e com a fibra que possui...

As oitentas primaveras que brilham e reluzem

Dedicada em todos os empreendimentos, Marina de Andrade Marconi, nasceu em São José da Bela Vista (SP), urbe vizinha de Franca, aos 11 de março de 1923.

Cursou, em nível superior, na Faculdade de Música, São Paulo: Canto Orfeônico (1 954-55), Piano (1 957-58) e Canto (1 957-58); na Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras, Franca, Instituto Isolado da USP (atual UNESP), História (1965-69); na Faculdade de Música, São Paulo, Educação Artística (1975-76); na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ituverava (1976-77), Pedagogia; na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras – Batatais (1997), Supervisão Escolar; e na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras – Ituverava (1979), Estudos Sociais.

Em nível de pós-graduação, cursou na Fundação Escola de Sociologia e Política - Escola Pós-Graduada de Ciências Sociais – São Paulo (1970-71), em nível de Mestrado, doze créditos de 32

horas-aulas cada. Em nível de Doutorado, na mesma Instituição (1971-73), seis créditos de 32 horas cada.

Atividades pedagógicas

Na rede oficial do ensino paulista, desde 1956, em Patrocínio Paulista, passando por Miguelópolis, Batatais, Cristais Paulista, Franca (4 unidades), lecionando Canto Orfeônico, Música, Educação Musical, Educação Artística, História e Estudos Sociais. Atuou também no magistério particular francano: Orfeão, Música e Canto Orfeônico.

No magistério superior de graduação atuou na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Franca: Antropologia, Sociologia Geral e Pré-História (1970-82). No particular, lecionou na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Ituverava: Antropologia Cultural (1972-73) e Folclore (1977); e na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, de Batatais: Sociologia Geral (1973-80) e História da Educação (1976-80).

Cursos de Extensão ministrados: Educação Musical e Folclore (Delegacia de Ensino, Franca, nov 1969), Iniciação Artística (Delegacia de Ensino, Franca, abr 1970), Educação Artística – Expressão Musical e Folclore (Delegacia de Ensino, Franca, mai 1970), Educação Artística – Expressão Musical e Folclore (Delegacia de Ensino, Franca, jun 1970). Educação Artística – Som, Ritmo e Recreação (Escola Particular Pequeno Polegar, Franca, nov 1973). A Educação Musical na Escola de 1.º Grau (Delegacia de Ensino, Franca, jul 1974), Folclore (Prefeitura Municipal e Delegacia de Ensino,

Franca, ago 1974), A Importância da Cultura Popular Brasileira (Prefeitura Municipal e Conservatório Musical, São Joaquim da Barra, ago 1976), Contribuição do Folclore ao Ensino de 1.º e 2.º Graus (Delegacia Regional de Cultura e Delegacia de Ensino, Bauru, jul 1977), Folclore como Fator de Motivação na Escola de 1.º e 2.º Graus (Prefeitura Municipal e Delegacia de Ensino, São Carlos, ago 1977), Importância do Folclore nas Escolas de 1.º e 2.º Graus (Delegacia de Ensino, Casa Branca, e EESG, Mococa, ago 1978), Contribuição do Folclore ao Ensino de 1.º e 2.º Graus (Prefeitura Municipal de Patrocínio Paulista de Ensino, Franca, ago 1978), e Aspectos da Cultura na Educação (Escola Particular Pequeno Polegar e Delegacia de Ensino, Franca, jul 1979).

Livros publicados (especializados): Folclore do Café. São Paulo, Conselho de Artes e Ciências Humanas, 1976. Garimpos e Garimpeiros em Patrocínio Paulista. São Paulo, Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978. Brinquedos Cantados e Danças do Brasil. São Paulo, Ricordi, 1978. Achegas ao Estudo do Artesanato de Colchas. Franca, Diário da Franca, 1981. Artesanato Masculino. Franca, UNESP, 1991. Linguagem. Franca, UNESP, 1991. Folclore I. Franca, UNESP, 1992. Folclore II. Franca, UNESP, 1993. Folclore III. Franca, UNESP, 1993. Sem contar a co-participação O trabalho Temporário, em São Paulo no ABC é no Rio de Janeiro, São Paulo, ASSERTEM, 1977. Didáticos: Cantos Escolares. São Paulo, Bandeirantes, 1957. Metodologia

Científica: para o Curso de Direito. São Paulo, Atlas, 2000. Em co-participação: Sociologia Geral. São Paulo, Atlas, 1977, com Lakatos, E.M.; Metodologia Científica. São Paulo, Atlas, 1982, idem. Técnicas de Pesquisa. São Paulo, Atlas, 1982, idem. Metodologia do Trabalho Científico. São Paulo, Atlas, 1983, idem. Fundamentos de Metodologia Científica. São Paulo, Atlas, 1984, idem. Sociologia Geral: Leituras, Seminários e Tópicos para Discussão. São Paulo, Atlas, 1985, idem. Com Presotto, Z.M.N. Antropologia: uma Introdução. São Paulo, Atlas, 1985. Artigos publicados em revistas especializadas: Lundu baiano – desafio coreográfico. Revista Brasileira de Folclore. Rio de Janeiro, Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1963, S. Dança dos Velhos em Franca. RBF.RJ, CDFB, 1964, 8/10. Cavalhada da Franca. RBF. RJ, CDFB, 1968, 20. A Dança da Cana Verde. Boletim de História e Ciências Correlatas. Franca, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1968, 2. Cercas e Porteiros no Nordeste Paulista. Painel. Ituverava, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1974, 1. Referências a Trabalhos Publicados: Japur, Jamile. Cozinha Tradicional Paulista. São Paulo, Folc-Promoções, 1963. Bruno, Ernani da Silva, org. São Paulo: Terra e Povo. Porto Alegre, Globo, 1967. Lima, Rossini Tavares de. Folclore das Festas Cíclicas. São Paulo, Vitale, 1971. Nascimento, Bráulio do. Bibliografia do Folclore Brasileiro. Rio de Janeiro, Divisão de Publicações e Divulgação do MEC, 1971.

Entre as muitas, destacam-se: Serviços de extensão à comunidade

(atividades não-acadêmicas).

Colaboração com o jornal Comércio da Franca com a seção Folclore, sem contar outras, 1956-68. Direção do Festival Folclórico da Franca, 1960. Colaboração com o Museu de Arqueologia e Artes Populares de Paranaguá – coleta e aquisição de peças. Franca, 1961. Colaboração com a Comissão Paraense de Folclore. Registro de músicas e danças do Festival Internacional de Folclore, Curitiba, 1966. Direção do Festival Folclórico de Franca, 1968. Colaboração com o Museu de Arqueologia e Artes Populares de Paranaguá – montagem de sala de tecelagem doméstica, 1969. Colaboração com o Museu de Arqueologia e Artes Populares de Paranaguá – levantamento da cavalhada de Guarapuava, 1970. Colaboração com o Museu de Artes e Técnicas Populares (Associação Brasileira de Folclore) – aquisição de peças e montagem do estande de tecelagem doméstica, São Paulo, 1972. Colaboração com o Museu de Artes e Técnicas Populares, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, coleta, aquisição e montagem, Franca, 1972. Coordenação, organização e apoio na realização da Cavalhada da Franca – Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Governo do Estado e Prefeitura Municipal, Franca, 1975. Organização e coordenação dos festejos natalinos e Festival de Folias de Reis – Secretaria da Cultura, Ciências e Tecnologia do Governo do Estado e Prefeitura Municipal, Franca, 1975. Organização e coordenação do Festival Folclórico da Franca. Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo e Prefeitura Municipal, Franca,

1976. Organização e coordenação de Presépio de Natal e Festival de Folias de Reis – Secretaria da Cultura, Ciências e Tecnologia do Governo do Estado e Instituto de História e Serviço Social – UNESP, Franca, dez. 1977. Colaboração com o jornal Diário da Franca. Redação das seções semanais – Folclore e Mosaicos, 1973/83. Orientação e colaboração com o Clube Hípico e Folclórico da Cavalhada da Franca – organização e divulgação da Cavalhada nas cidades de Olímpia e Franca, ago 1981. Colaboração com a EEPSP João de Faria. Organização das festividades do mês do Folclore, Cristais Paulista, ago 1982.

A pesquisadora Marina, nossa antiga conhecida, continua cedendo o brilho de sua inteligência e demonstrando tenacidade invulgar não só ao Museu de História, como às outras instituições culturais da cidade das três colinas, como outras comunas vizinhas.

É oportuno lembrar que esta personagem tem a objetividade do cientista social encarnada na sutileza da sensibilidade humana que ela sempre demonstrou em tudo que realizou como pesquisadora e mestra.

OITO DÉCADAS DE LUZ

Lílian Argentina Braga Marques, filha do casal Ernesto Heitor e Elena Renaud, veio ao mundo em 30/04/1922, na capital do Rio Grande do Sul. Profunda conhecedora da cultura do seu Estado, professora, pesquisadora de Folclore é admirada em todos os recantos da Pátria. São traços marcantes, além da competência e da inteligência, a marcante humildade patente no caráter e a personalidade

marcante dessa gaúcha. Como educadora atuou como supervisora em escolas públicas estaduais, imprimindo na comunidade escolar ação constante no processo sócio cultural.

Entre 1969 e 70 participou na Escoa Gaúcha de Folclore da Secretaria de Educação de cursos da disciplina que domina, cujo coordenador foi Carlos Galvão Krels. Entre aqueles anos ela conheceu muitas pessoas que atuam nessa área de pesquisa nos últimos tempos. Estudou no Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, obtendo os títulos: Folclore e Turismo, bem como Folclore e Educação. Na mesma Instituição concluiu Educação Artística.

Participou, em Açores (1991) do curso de Administradores de Folclore, ministrando algumas disciplinas relacionadas com a cultura açoriana no seu Estado.

Com a monografia O Pescador Artesanal no Sul, recebeu o Prêmio Sívio Romero (1973). Posteriormente essa obra foi editada pela Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, da Funarte.

Foi distinguida com o Troféu Pioneiro, outorgado pelo Centro de Tradições Gaúchas, por relevantes serviços ao tradicionalismo gaúcho. No referido Centro, o 35, atuou em inúmeras atividades, chegando a Conselheira do Movimento Tradicionalista Gaúcha.

Convém destacar que todas as comunicações que ela apresentou aos eventos não foram só tradicionalista Gaúcha.

Convém destacar que todas as comunicações que ela apresentou aos eventos não foram só tradicionalistas, mas embasados em

suas pesquisas de campo.

A Câmara Municipal de Tramandaí (RS) outorgou-lhe a Comenda Seival. O Centro de Tradições Gaúchas (CTG) Laço Velho, de Bento Gonçalves, concedeu-lhe o Troféu Destaque de Pesquisa. A Prefeitura de Osório (RS) entregou-lhe o título "Louvor por serviços prestados à cultura do município". Recebeu, ainda, várias outras, não menos significativos.

O diretor-técnico do Instituto Gaúcho de Tradições e Folclore, folclorista Paixão Cortes (1980) integrou-a em sua equipe. Distinguindo-se em pesquisas de campo, palestras e comissões. Assumiu, quatro anos a coordenação do Setor de Pesquisa do Instituto, a convite da diretora técnica do IGTF (1983/86), Rose Marie Reis Garcia. Teve fantástico desempenho na função, onde aposentou.

Atendendo inúmeros convites de Centros de Tradição Gaúchas (os CTGs), Escolas, Prefeituras, Sociedades e outras Instituições, ministrou cursos de Folclore aplicado à educação, ao turismo e ao Tradicionalismo, sempre sendo foco significativo público; Sempre demonstrando posicionamento firme e seguro nas suas convicções. Jamais teve que conflitar com opositores.

Nas últimas quatro décadas participou não só no seu Estado natal, como em outras unidades federativas brasileiras e no Exterior de variados eventos: Congressos, Encontros, Seminários, Simpósios e congêneres. Na releitura da Carta do Folclore, efetuada no decurso do 8.º Congresso Brasileiro de Folclore (1985), na capital baiana, juntamente com a amiga Rose Marie Reis Garcia, foi marcada a presença gaúcha para nortear as ações

culturais em estudos folclóricos.

Autora de variada obra, algumas em co-autoria, onde se destacam: 1- Brincadeiras Cantadas; 2- Jogos e passeios cantados (em co-autoria com a colega Rose Marie), de grande valor pedagógico, a ponto da obra ser adquirida pelo MEC (Ministério da Educação) para ser distribuído nas escolas do ensino fundamental; Rio Grande do Sul – aspectos do folclore (em co-autoria com Paula Simon Ribeiro, Rogério Fossari Sanchotene e Sônia Siqueira Campos). Publicou, ainda, variados artigos em revistas especializadas e em livros.

Durante o período de reestruturação da Comissão Gaúcha de Folclore foi presidente interina. Posteriormente, foi confirmada no cargo da segunda fase, onde teve brilhante atuação (1992-97), regularizando-a para integrá-la à Comissão Nacional de Folclore. Em cooperação com o Departamento de Música do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1995-96), ministrou o curso Auxiliar de Pesquisa de Folclore (180 horas-aula), objetivando capacitação. Diversos egressos desse curso, com o passar do tempo, passaram a integrar a Comissão.

Por ocasião do cinquentenário da Comissão Gaúcha de Folclore (1998) recebeu a Comenda Dante de Laytano, como homenagem.

Passou a ser Presidente de Honra da Comissão, no Dia do Folclore, no ano de dois mil. Sem nenhuma dúvida, uma homenagem merecida a quem continua agindo em benefício da cultura espontânea do povo.

OBITUÁRIO FOLCLÓRICO

JOSÉ CARLOS ROSSATO

O tempo passa. As pessoas também; vão para outra dimensão. Nós ficamos com a saudade e as obras que elas legaram à sociedade.

A pesquisa folclórica nacional tem perdido valiosos inquiridores. Que o Criador continue zelando deles. Eis alguns que deixaram melancolia em nós:

UMA VIDA DEDICADA À CULTURA, NÃO SÓ A FOLCLÓRICA

Filho de pais italianos procedentes da Calábria, nasceu em Porto Alegre (RS), em 23/03/1908. Casou-se com Ilha (falecida em 73) e, em segunda edição, com a portuguesa Teresa (falecida em 77).

Formado em Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, foi escolhido Personalidade do Ano, por três vezes. Integrou o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, desde 1933. Presidiu a secção do Rio Grande da Associação de Professores Superiores de História, o Instituto Cultural Norte-Americano Brasileiro, o Instituto Cultural Uruguaio-Brasileiro, a Comissão Estadual de História, III Congresso de História, I Seminário de Sociologia, IV Congresso Brasileiro de Folclore, III Semana Nacional de Folclore, todos em Porto Alegre. Participou de inúmeras assembléias científicas no País e no estrangeiro, tais como Americanista, Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, Simposium de Antropologia, Encontro de Intelectuais, Simposium de Estudo Nipo-Brasileiros, todos em S. Paulo. Integrou o Congresso Açorino (em Florianópolis), Congresso Comemorativo da Restauração Pernambucana (em

Recife), ale assembléias intelectuais, em Paranaguá, Belo Horizonte, João Pessoa, Natal, Vitória, Fortaleza, Belém, Santos e outras. Esteve em Olímpia e participou do 1º Simpósio Nacional Sobre Folclore (1986), quando iniciou a nossa amizade, alimentada pela troca de missivas.

No Rio, entre diversas atividades: Colóquio sobre a relação entre os países da América Latina e da África, no Ministério das Relações Exteriores e Assembléias dos Comitês da UNESCO (Organização das Nações Unidas para Educação, Ciências e Cultura), no Brasil.

Relator da Comissão Prêmio Nacional de Folclore e do Conselho Técnico da Comissão Brasileira de Defesa do Folclore e representante da diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional do Ministério da Educação, Seminário Latino-Americano para o ensino Universitário de Ciências Sociais no Itamarati, além de outros. Em Porto Alegre participou, em Porto Alegre, Congresso de Dialetoлогия, do negro, de geografia, e outros.

Entre as inúmeras atividades e funções que exerceu, destacam-se: diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Pontifícia

Universidade Católica do Rio Grande do Sul, do diário Zero Hora (Porto Alegre) da Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, da Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (UFRS), do Museu de Castilhos, do Arquivo Histórico do Estado, e vários outros.

Professor de História da Civilização Brasileira no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas e Chefe do Departamento de História, ambos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e professor de História da América Latina, e de Folclore da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, da qual por três lustros presidente do Departamento de História Geral da Faculdade de Filosofia Nossa Senhora da Conceição do Seminário Maior de Viamão, e titular da cadeira de História do Brasil da Universidade Federal de Caxias do Sul. Lecionou Português, Literatura, Etnologia e outras. Foi docente de língua portuguesa nos colégios Rosário, Anchieta e Júlio de Castilhos.

Esteve na África, Europa (percorrendo também Açores e Madeira), América Latina e América do Norte. Percorreu quase todas as

idades do seu Estado natal. Visitou muitas cidades nas diversas regiões brasileiras.

Sócio Honorário do Instituto Histórico Brasileiro, Aliança Francesa, Instituto Histórico de São Paulo, Casa do Poeta, Sociedade Brasileira de Folclore e outros. Sócio efetivo e correspondente que quase cinquenta instituições culturais.

Publicou grande variedade de crônicas, livros, monografias, teses e memórias. Colaborou com jornais. Exerceu vários cargos públicos. Foi juiz de direito, promotor público, consultor jurídico, além de ocupar outros cargos e funções. Pronunciou conferências no exterior e no País. Editou vários livros. Entre eles: **O**

Linguajar do Gaúcho Brasileiro; A Cozinha Gaúcha; e Folclore do Rio Grande do Sul. Câmara Cascudó afirmou: “Não esquecer que Dante de Laytano nos legou uma bibliografia com ovente de autenticidade e riqueza.” Prosseguiu:... um pensador e que trata folclore com a amplitude que lhe deram os mestres e os clássicos.”

Foi citado por muitos autores consagrados. Só para ilustrar: Viana Moog, Paixão Côrtes e Zeno Cardoso Nunes.

Dirigiu por 43 anos a Seção Rio Grande do Sul, atualmente chamada Comissão Gaúcha de Folclore, da Comissão Nacional de Folclore. Em sua homenagem, foi

instituída a Comenda Dante de Laitano, a ser outorgada aos intelectuais ligados à pesquisa, ensino e divulgação do Folclore. Ao deixar a presidência executiva da Comissão Gaúcha de Folclore, passou a Presidente de Honra. Mesmo assim, continuou as atividades da nova fase, com a Lílian Argentina Braga Marques, com o mesmo carinho e dedicação até falecer, em fevereiro/2001, na cidade em que nasceu.

Reconhece-se a dificuldade de se referir à vasta contribuição dele à cultura nacional, além de folclorólogo carismático. Mesmo assim, eis o folclorista em conciso.

O PATATIVA SILENCIOU

Antônio Gonçalves da Silva, conhecido pela alcunha de Patativa do Assaré, é expoente da poesia popular brasileira. Nasceu em Assaré, em 05/03/1909. Patativa, por analogia ao pássaro mais canoro da área de Cariri; e Assaré, o nome de sua terra natal, pequeno núcleo urbano da região meridional cearense.

Perdeu um olho aos quatro anos; aos oito, ficou órfão de pai. Seguiu a profissão do progenitor, cuidando do roçado. A improvisação de rimas no cordel começa aos dezessete anos, quando esse lavrador passou a se apresentar em festinhas criando versos. Aventurou-se e ficou quatro meses na capital do Pará, mas não resistiu e a saudade o remeteu à terra natal. Casou-se com Belinha (1936), com quem

viveu 56 anos.

A temática dos versos de Patativa baseava-se na seca, que era o grande e grave problema, onde vivia. Valorizava o sertão e a cultura popular. Não poupava a responsabilidade do governo. Nem assim deixava de lado o bom humor, contando estórias pitorescas de vida sertaneja. A política foi outro tema da obra desse gênio da poesia do povo. Durante o regime militar, condenava os acontecimentos, o que lhe rendeu perseguições. Alguns políticos inescrupulosos aproveitavam do Patativa, visando obter dividendos eleitorais.

O primeiro livro do poeta Patativa do Assaré foi **Inspiração Nordestina** (1956). Pouco estudou, mas Luiz Gonzaga (1912-1989) ao presenciar o vate recitar o

poema “**Triste Partida**”, decidiu musicá-lo (1964). Com isso, tornou-se conhecido nacionalmente. Eis o início dessa página musical:

“O carro corre no topo da serra/
oiando pra terra/
seu berço, seu lá/
aquele nortista partido de pena/
e longe inda acena/
adeus, Ceará!”

Quase surdo e meio cego, andava com dificuldades, por ter sofrido um acidente. Não saía mais de casa, nos últimos tempos, nem estava recebendo visitas, como outrora. Antes de chegar a esse estágio, enquanto lúcido, versejava às pessoas que insistiam em vê-lo.

O Criador o chamou aos 93 anos, em oito de julho de 2002, na casa onde vivia, abrindo uma lastimável lacuna, no seio da poesia popular brasileira.

PRATA DA CASA DEIXOU SAUDADES

Ele iniciou o aprendizado das primeiras letras no Colégio Olímpia. Ao ser aprovado para o terceiro ano, transferiu-se para o Grupo Escolar “Dona Anita Costa”, onde concluiu o curso primário.

Prestou exames de admissão e adentrou ao curso ginásial no Colégio Olímpia. Foi brilhante. Ao encerra-lo teve duas opções: Técnico em Contabilidade (conforme seu progenitor pretendia) e o Magistério. Preferiu o último, cursando-o no Colégio Estadual “Capitão Narciso Bertolino”. Até a conclusão do conhecido Normal (curso de formação para professores primários) estudou somente nas escolas olimpienses. Quem tinha o prazer de ensinar, não parou. Sonhava com outras aspirações. Apaixonado pela música tornou-se professor no Conservatório Musical “Etelvina Ramos”, em São José do Rio Preto, concluindo os cursos: clássico e popular de piano.

Vendendo a força de seu trabalho ao Colégio de Contabilidade, em Olímpia. Ancioso pela intelectualidade, presta vestibular. Aprovado, sempre com altos méritos, entra no curso de Letras na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José do Rio Preto, Instituto Isolado da Universidade de São Paulo (posteriormente transformado em Campus da UNESP – Universidade Estadual Paulista) cursou francês e língua

portuguesa, graduando-se professor secundário. Ampliava às oportunidades para quem gostava de ensinar. Passou a lecionar em outras unidades escolares.

Concursado (1980), tornou-se professor efetivo da EEPG “Capitão Narciso Bertolino”. Concomitante ao magistério freqüentava, sem prejuízos, o curso de Mestrado em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira. Concluiu-o (1984). Apresentou a dissertação “Poesia Indianista, de Gonçalves Dias”, para uma rigorosa banca examinadora constituída por renovados professores uspianos. Com a mesma determinação, o professor-mestre preparou-se para a defesa de tese. Alcançou o título de “Doutor em Letras”, no final da década de oitenta.

Adepto do Folclore, colaborava com o Fefol (Festival do Folclore), orientava os alunos nesses Folclorística.

Fervoso cristão, regente de coral e organista dos mais competentes. Com belíssima e veludada voz, fiel seguidor dos seus princípios religiosos, era admirado até pelos seus concorrentes. O seu nome repercutia além deste Município, marcando presença em Bebedouro, Cajobi, Guaraci e Severínia. As pessoas que o conheciam contaram-nos contaram-nos, acerca dele, comoventes “causos”, sendo algumas dessas estórias

chistosas, humorísticas, espirituosas e divertidas. Isso não causa espanto para quem o conheceu. Sempre bem humorado com a vida que ele amava como poucos.

Música, estudos, magistério e a extrema vontade de bem servir o próximo convergiam na vida do mestre. Colaborador, realizava pesquisas de campo acerca da cultura espontânea olimpiense. Em decorrência desses levantamentos, redigiu alguns ensaios que foram entregues para a publicação no nosso Anuário.

Infelizmente, em agosto mês do Folclore – de 1990, adoeceu-se. O estado de saúde agravou-se, paulatinamente. E, finalmente, em 07/04/91, deixou o nosso convívio. Faleceu, prematuramente, uma das pessoas mais intelectualizadas da nossa geração. O consolo é que chegou a hora e Deus fez o melhor.

A Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo analisou o projeto de lei nº 580/91, aposentado pelo nobre parlamentar. Uebe Rezeck. Aprovou-° E a unidade escolar da rede pública paulista, localizada no Jardim Leonor, na cidade “Menina-Moça”, recebeu o nome de uma das personalidades que mais lutou para a cultura e a educação do povo olimpiense: “Prof. Maurício César Alves Pereira”. A sua ausência é sentida.

OUTRO AMIGO DE OLÍMPIA FOI CHAMADO PELO CRIADOR

Nascido em seis de maio de 1919, em Bom Jesus dos Perdões (SP). Como o pai era jornalista, desde cedo direcionou-se para esse setor. Diplomou-se pelo tradicional Caetano de Campos (1936), mas ficou pouco tempo no magistério. Foi trabalhar no jornal O Operário, seminário editado no Brás. Entrou para Estadão (1940). Ingressou no funcionalismo público estadual (1943), como redator, cargo que exerceu até a aposentadoria (1991). Elegeu-se para breve mandato de vereador em São Paulo (1955), pois o ano seguinte foi convidado para editar a seção de Política do jornal O Estado de S. Paulo. Deixou o cargo (1959) por ética, para ser assistente particular do governador Carvalho Pinto. Lecionou História das Religiões na Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero.

Funcionário da Prefeitura de São Paulo, em função de suas opiniões políticas foi perseguido em administração tão diferentes como a

de Jânio Quadros e Luiza Erundina, que o demitiu (1989), após cumprir treze anos como assistente-técnico de divulgação.

Foi sócio titular do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, membro da Academia Paulista de História, da Academia Paulista de Jornalismo e da Comissão Paulista de Folclore. Foi o autor da proposta que tornou agosto o mês do Folclore. Criou a expressão “civilização caipira” para definir a sociedade estável que surgiu em São Paulo, após o surto do bandeirismo. Homem de posições claras e objetivas:

“Os verdadeiros folcloristas são os que podem realizar um trabalho de campo, mediante vivência com o povo. O resto é mera sociologia”.

Como historiador, dedicou-se sobretudo aos fatos do nosso Estado, incluindo alguns personagens. Publicou cinco livros e centenas de artigos sobre religião,

folclore e história. Teve intensa participação no Sindicato dos Jornalistas no Estado de São Paulo e na Federação Nacional dos Jornalistas.

Entre outras condecorações, recebeu a Ordem do Mérito Literário, gênero jornalístico, do PEN Center de São Paulo, e a Medalha Aluísio de Almeida, do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba.

Mesmo aposentado, continuou colaborando com o Estadão.

Era amigo do Prof. Sant’anna. A partir do 1º Simpósio Nacional Sobre (1986) realizado em Olímpia, nasceu a amizade de Hélio Damante comigo.

Tido como um dos pioneiros dos folclóricos no nosso Estado, faleceu em Atibaia, aos 83 anos, em primeiro de dezembro de 2002. Foi sepultado na sua terra natal, Bom Jesus dos Perdões, que tanto amou.

MORRER, SE FOR PRECISO; MATAR, NUNCA

O autor dessa lapidar frase não está mais no nosso mundo. Nasceu em Santa Cruz do Rio Pardo (SP) a 12/01/1914. Foi o derradeiro grande seguidor do Marechal Cândido Rondon (1865-1958). Após a morte dos pais, foi passar uma temporada na capital do Estado. Fica fascinado com o labor, o heroísmo, a coragem e a missão de servir do seu ídolo. O nome dele é **Orlando Vilas Boas** que abandonou, no início da década de quarenta, do século passado, o

emprego numa empresa de petróleo. Segundo à risca o pensamento rondoniano, avança pelo interior do País (1941). Com os irmãos mais velhos, Cláudio e Leonardo, integra-se, em Minas, à Expedição Roncador Xingu (1943). O outro mano, também mais velho. Álvaro sempre manteve-se na retaguarda. Foram 24 anos de expedição que resultou na criação de 35 cidades e do grande sonho, a criação do Parque Indígena de Xingu (26 mil km² e abriga, na atualidade, seis mil índios, divididos

em 16 etnias e com seis idiomas), no governo Jânio Quadros (1961).

Casou-se com Mariana (1969), enfermeira do Parque Nacional de Xingu, com quem teve dois filhos.

Orlando e Cláudio são indicados para o prêmio Nobel da Paz, por duas vezes, pelo trabalho desenvolvido na comunidade indígena (1971 e 1975).

Após quase décadas embrenhado nas matas, volta para São Paulo (1973) e aprofunda sua

defesa política da causa indígena. Aposentado pela FUNAI (Fundação Nacional do Índio), continuou defendendo a causa indígena (1978). Anos mais tarde (1998), através de fax, o que magoou o sertanista, foi demitido da assessoria da presidência da FUNAI, provocando uma onda de crítica pelo País e até as escusas do presidente-sociólogo.

Passou mais da metade dos 86 anos que viveu entre os índios. Teve fundamental importância na Marcha para o Oeste, sempre com os irmãos.

Orlando chamado de Cacique Branco era conhecido e admirado em todo mundo habitado, como pouquíssimos brasileiros.

O desbravador do Brasil Central, pouco mais de dois anos antes de falecer, pronunciou uma conferência em São José do Rio Preto, quando o conheci. Entre outras frases anotadas, destacam-se:

“Precisamos salvar a outra humanidade, a indígena”.

“Os brancos poderiam aprender muito sobre convivência

apenas observando os índios”.

“Entre os índios, o velho é o dono da História, o homem é o dono da aldeia e a criança é a dona da vida”.

“Nunca senti solidão. Os rios, a mata e os índios formam a minha eterna companhia”.

Publicou doze livros – todos interessantes – e faleceu em 12/12/2002, em São Paulo, deixando exemplos de vida, de brasilidade, de cidadania, de fibra e de despreendimento para todos nós.

COLABORADORA DE SANT'ANNA FOI SERVIR AO SENHOR

Lourice Arutin Sgorlon, chegou ao mundo em Guaraci (SP), região de Olímpia, no dia 02/06/1921. Ainda criança, os pais Jorge e Madalena, no ano da Revolução Constitucionalista Paulista (1932) mudaram-se para a cidade Menina Moça. Nessa época, nas terras olimpienses, ela passa a conhecer uma pessoa, que mais tarde o destino escolheu para ser o seu namorado e posteriormente esposo. Após um estágio na futura **Capital do Folclore Brasileiro**, a família Arutin migrou para a capital deste Estado, então líder na produção cafeeira.

Bem mais tarde (1948), o jovem Victorio entra em contato com a família de Lourice, na Paulicéia Desvairada. Teve início o romance, que redundou em casamento (1950).

Muito prendada, Lourice fez seus estudos no então Colégio Olímpia. O Magistério foi cursado na então Escola Normal Livre Nossa Senhora da Conceição, do inesquecível dr. Neves Após a formatura, inicia as atividades profissionais, uma verdadeira peregrinação, absolutamente

comum. Lecionou em Olímpia, na Escola Estadual Capitão Narciso Bertolino; enfrentou, com galhardia, varias escolas do meio rural. Efetivou-se em Riolândia. Após alguns anos de efetivo exercício, retornou para Olímpia, onde permaneceu até a merecida aposentadoria, ao completar 37 anos de dedicação e amor ao magistério primário oficial do Estado.

Foi com o esposo proprietários do Colégio Comercial Olímpia, onde atuou como secretária, brilhantemente. Concomitantemente, mas também antes e depois, colaboradora eficiente do marido, que ao lado do líder José Sant'anna (1937-1999) constituiram o Museu de História e Folclore “Maria Olímpia” (1973). Mas não é só. Dava o seu quinhão às atividades folclóricas especialmente ao dinamismo dos Festivais que atingiu a atração de todas as regiões brasileiras.

A professora Lourice foi definida como “um monumento dentro do magistério de Olímpia e figura singular nas atividades folclóricas, cooperando a coleta de



peças originais para o Museu e em pesquisas de campo”.

Companheira de todas as horas do prof. Victorio por 52 anos, faleceu em 08/11/02, abrindo sentida e irreparável lacuna, nos meios culturais olimpienses, após 81 anos de dinâmica, mas paradoxal, tranqüila vida terrena.

Ao tomar conhecimento do falecimento, passei o telegrama com os dizeres:

Profundos sentimentos pela partida da Lourice, colaboradora do FEFOL e coletora de peças para o Museu.



PREFEITURA MUNICIPAL DE OLÍMPIA ESTADO DE SÃO PAULO

39º FESTIVAL DO FOLCLORE - JUBILEU DE CREPE

JUBILEU DE BRONZE DO BINÔMIO BRADESCO-FOLCLORE

O vocábulo crepe, na acepção de tecido negro usado por ocasião de luto, e, por extensão, de luto mesmo, não há de se aplicar ao Festival do Folclore de Olímpia graças também ao **Bradesco**, como bem registrou o criador da nossa festa maior, Prof. José Sant'anna, neste mesmo espaço, no Anuário do 32º FEFOL:

*"(...) antes que a alma sentisse frio e pensássemos na sombra do nada e nem nos reuníssemos em concertos de mágoa, de angústia, ou envolvêssemos, para sempre o **crepe** das saudades, o **Bradesco**, em bramas do mistério, que tudo transforma, deu-nos alento para prosseguir (...)".*

Comemoramos, nesta edição do Anuário, o **Jubileu de Bronze** da efetiva colaboração que nos últimos 22 anos o Festival do Folclore vem obtendo do **Bradesco** para esta publicação.

O **Bradesco** é banco brasileiro, que também investe em cultura, difundindo-a, preservando-a; fazendo-se, assim, merecedor do sucesso que conquistou.

Bradesco é cultura.

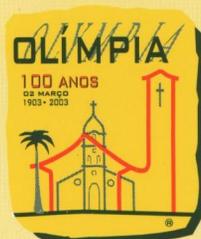
Mais uma vez, o preto de gratidão dos olimpienses, em cujo nome falamos, se registra neste Anuário, com a grande alegria que a riqueza da cultura popular brasileira nos proporciona.

Muito obrigado, **Bradesco**. Orgulhamo-nos de tê-lo conosco nessa grande empreitada cultural.

LUIZ FERNANDO CARNEIRO
Prefeito Municipal

LUIZ MARTIN JUNQUEIRA
Presidente da Comissão Executiva do 39º FEFOL

MARIA APARECIDA DE ARAÚJO MANZOLLI
Coordenadora Geral do Setor de Folclore





A magnitude e a diversidade étnica e cultural do Brasil, retratada, por amostragem, em um panorama fotográfico que bem ilustra a esplendorosa riqueza de criações e tradições que o nosso país ostenta, constituem o motivo da capa deste Anuário.

Sobre as cores da bandeira olímpense (vermelho, amarelo e negro), idealizada pelo Prof. José Sant'anna, exibem-se expressivos semblantes de componentes de grupos folclóricos e parafolclóricos, de diversos pontos do Brasil, que se apresentam na festa maior de Olímpia. São semblantes que, com efeito, estampam a variegada e múltipla face do povo brasileiro.

Dentre esses, encontram-se alguns rostos de membros de grupos olímpenses, que nos dão, assim, reiteradas mostras da incontestável vocação de Olímpia para um recrudescente núcleo de preservação, de celebração e de difusão do folclore pátrio.

No decorrer do Festival do Folclore, as mais diversas manifestações da cultura popular brasileira nele se fazem presentes, reunidas num só evento, no qual se celebra de maneira espetacular e apoteótica a opulência cultural do Brasil.

Colaboração:

 **Bradesco**

OLÍMPIA - SP
CAPITAL DO FOLCLORE